

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: ESTUDO DE CASO

Ana Catarina dos Santos Gbadinho

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Educação Social

Trabalho efetuado sob a orientação da Prof^ª Doutora Rute Cristina Correia da Rocha Monteiro e da Prof^ª Doutora Anabela Salvado Diogo.

2013

SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: ESTUDO DE CASO

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da lista de referências incluída.

Assinatura

Copyright Ana Catarina dos Santos Gabadinho

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Dedico este trabalho

aos meus queridos pais Maria Manuela Gabadinho e Eurico Manuel Gabadinho pela maior prova de amor que alguma vez me poderão ter dado, adotarem-me.

AGRADECIMENTOS

"Ninguém escapa ao sonho de voar,
de ultrapassar os limites do espaço de onde nasceu,
de ver novos lugares e novas gentes.

Mas saber ver em cada coisa, em cada pessoa,
aquele algo que a define como especial,
um objeto singular, um amigo, - é fundamental.

Navegar é preciso,
reconhecer o valor das coisas e das pessoas,
é mais preciso ainda"

(Saint-Exupéry, 2001).

Após o culminar desta importante etapa a nível pessoal e profissional e, apesar do carácter individual intrínseco a este trabalho, a sua concretização não seria de todo possível sem a colaboração, orientação, apoio e incentivo de várias pessoas. É, em parte, graças a elas, que têm estado sempre presentes, ajudando-me a tirar o melhor proveito desta fonte de enriquecimento quer profissional, quer pessoal auxiliando-me na procura do sucesso que esta dissertação ganhou forma. Pelo marco fundamental que deixaram na minha caminhada, quer direta ou indiretamente, não faria de todo sentido concluir esta dissertação sem lhes dedicar umas linhas sentidas onde expresso o meu sincero agradecimento. Assim, estas palavras de apreço e gratidão são dirigidas:

À **Professora Doutora Rute Monteiro** e à **Professora Doutora Anabela Diogo** pelo apoio, partilha do saber e pelas valiosas contribuições para o trabalho. Acima de tudo, obrigada por me continuarem a acompanhar nesta jornada e por estimularem o meu interesse pelo conhecimento e pela vida académica;

Ao **Professor Doutor António Fragoso de Almeida**, pelas bases e ferramentas que me cedeu e pelas orientações claras que permitiram que trilhasse o melhor caminho;

À Diretora da Universidade do Algarve para a Terceira Idade, **Dr.^a Hermínia Pinheiro**, que amavelmente me recebeu e, autorizou de imediato a realização desta investigação na sua instituição.

À **Maria** e ao **Manuel** que voluntariamente participaram neste estudo, pelo carinho, amabilidade, empenho, preocupação e entrega pessoal. Por que se sensibilizaram e enriqueceram esta dissertação a nível humano, do mesmo modo que se revelaram de capital e importância do ponto de vista científico;

Aos **colegas de mestrado**, companheiros na procura do saber e que sentem o trabalho dos demais como seu e que entendem esta caminhada como uma aprendizagem conjunta;

Aos amigos, **Soraia Niquice, Carlos Martins, Filipe Silva e Rute Gonçalves**, pois são vocês que me levantam quando fracasso, que me elevam quando ganho, que compreendem as minhas ausências, os meus receios, o meu reconhecimento e gratidão;

À **Daniela Ferreira**, que com o seu enorme talento contribuiu com as ilustrações que acompanham este trabalho de investigação;

Por fim, permitindo-me uma nota de cariz mais pessoal, o meu obrigada vai ainda para toda a minha **família**, pilar central da minha existência, à compreensão que demonstram, a todos os sacrifícios em meu nome sem nada cobrar, agradeço eternamente não só este sucesso como todos os que estão guardados para mim.

Uma vez mais, a todos o meu muito obrigada!

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	iii
ÍNDICE GERAL	v
ÍNDICE DOS GRÁFICOS	vii
ÍNDICE DOS QUADROS	viii
ÍNDICE DAS TABELAS.....	ix
ÍNDICE DAS FIGURAS	x
ÍNDICE DOS ANEXOS	xi
RESUMO	xii
ABSTRACT	xiii
1. Introdução.....	1
1.1. Problemática de investigação.....	2
1.2. Motivação.....	3
1.3. Organização da dissertação	3
Capítulo I. Enquadramento teórico.....	6
1. Perspetiva histórica do envelhecimento	6
2. O envelhecimento	10
2.2. Alterações comuns do envelhecimento	17
2.3. Crenças, mitos e estereótipos do envelhecimento	20
3. Sexualidade.....	23
3.1. Sexualidade na Terceira idade	29
3.2. Mudanças na função sexual com a idade.....	31
3.3. Fatores que influenciam a sexualidade na Terceira idade	33
3.3.1. Idade.....	33
3.3.2. Causas médicas	35
3.3.3. Causas psicossociais	35
3.4. Disfunções sexuais.....	37

3.4.1. Impacto das disfunções sexuais na Terceira idade	38
3.5. Tabus, mitos e preconceitos relativos à sexualidade na Terceira idade	40
Capítulo II. Metodologia de Investigação	42
2.1. Caracterização da investigação	42
2.2. Problema e objetivos da investigação	45
2.3. Método de investigação: Estudo de caso	45
2.4. Técnicas de pesquisa e de recolha de informação	48
Capítulo III. Resultados e análise interpretativa.....	57
3.1. Tabela de análise categorial das entrevistas da Maria e do Manuel	58
3.2. Quadros cronológicos de eventos da Maria e do Manuel.....	62
3.3. Biogramas da Maria e do Manuel.....	65
3.4. O caso da Maria	68
3.4.1 Análise interpretativa	81
3.5. O caso do Manuel	84
3.5.1. Análise interpretativa	94
Conclusões.....	98
Referências	102
ANEXOS	110

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico 3.1 - Biograma da Maria.....	65
Gráfico 3.2 - Biograma do Manuel.....	66
Gráfico 3.3 - Simultaneidade de biogramas da Maria e do Manuel	67

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 3.1 - Quadro cronológico de eventos da Maria	63
Quadro 3.2 - Quadro cronológico de eventos do Manuel.....	64

ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 3.1 - Tabela de análise categorial das entrevistas da Maria..... 59

Tabela 3.2 - Tabela de análise categorial das entrevistas do Manuel..... 61

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 3.1 - Ilustração da Maria com 9 meses.....	68
Figura 3.2 - Ilustração da Maria com 5 anos	69
Figura 3.3 - Ilustração da Teresa e Francisco, pais da Maria	71
Figura 3.4 - Ilustração da Maria e do Manuel em Solteiros	72
Figura 3.5 - Ilustração do Casamento da Maria e do Manuel.....	74
Figura 3.6 - Ilustração da Maria com os pais no dia do casamento.....	75
Figura 3.7 - Ilustração da Maria e do Manuel na atualidade	79
Figura 3.8 - Ilustração do Manuel com 1 ano.....	84
Figura 3.9 - Ilustração da 1ª Comunhão do Manuel aos 12 anos	85
Figura 3.10 - Ilustração da Deolinda, mãe do Manuel	87
Figura 3.11 - Ilustração do António, pai do Manuel	87
Figura 3.12 - Ilustração do Manuel com 20 anos	89
Figura 3.13 - Ilustração do Manuel com o filho ao colo	92

ÍNDICE DOS ANEXOS

ANEXO I- Declaração de consentimento informado.....	111
ANEXO II - Tabela de análise categorial do 1º guião de entrevista	112
ANEXO III - Guião de entrevista 1 da Maria e Manuel	113
ANEXO IV - Guião de entrevista 2 da Maria	116
ANEXO V - Guião de entrevista 3 da Maria	117
ANEXO VI - Guião de entrevista 4 da Maria	119
ANEXO VII - Guião de entrevista 2 do Manuel	120
ANEXO VIII - Guião de entrevista 3 do Manuel.....	121
ANEXO IX - Guião de entrevista 4 do Manuel	123
ANEXO X - Transcrição da 1º entrevista da Maria	124
ANEXO XI - Transcrição da 2º entrevista da Maria.....	149
ANEXO XII - Transcrição da 3ª entrevista da Maria.....	166
ANEXO XIII - Transcrição da 4ª entrevista da Maria	177
ANEXO XIV - Transcrição da 1º entrevista do Manuel	182
ANEXO XV - Transcrição da 2º entrevista do Manuel	201
ANEXO XVI - Transcrição da 3ª entrevista do Manuel	214
ANEXO XVII - Transcrição da 4ª entrevista do Manuel	224
ANEXO XVIII - Diários de campo	229

RESUMO

Esta investigação debruçou-se sobre o tema da Sexualidade na Terceira Idade: Estudo de Caso. É nossa intenção compreender melhor as questões relativas à sexualidade, em especial, à problemática associada à Terceira idade e, a partir daí, contribuir para alterar a visão de que a vida sexual ativa é uma prerrogativa dos jovens. Importa, por isso, desmistificar e esclarecer que a sexualidade desaparece com o envelhecimento. Compreender o processo de envelhecimento inerente à nossa humanidade é o primeiro passo, porquanto não deixamos de ser quem somos e como somos pelo facto de vivermos mais anos. Quem se encontra nesta fase da vida, Terceira idade precisa viver a sua vida e a sua sexualidade livremente e com dignidade. Reconhecendo a necessidade de melhor conhecer e esclarecer as questões da sexualidade na Terceira idade desenvolvemos o estudo aprofundado de dois casos, ambos com idades superiores a 65 anos. Foi nosso objetivo compreender como percebem e vivenciam a sexualidade e quais os fatores que interferem na vivência da mesma. As informações foram recolhidas através das conversas informais, das notas de campo e das entrevistas exploratórias. Depois das informações extraídas das entrevistas serem metodizadas resultaram, para cada caso, quadros cronológicos de eventos, biogramas e narrativas biográficas. Como a presente investigação recorre ao método: Estudo de caso, é fulcral apresentar uma análise interpretativa tendo como suporte as narrativas de cada sujeito.

Palavras-Chave: Envelhecimento, Terceira Idade, Sexualidade, Estudo de Caso.

ABSTRACT

This research focuses on the matter of Sexuality in Old Age: Study Case. It is our intention to understand better the issues related to Sexuality, particularly, the ones associated to old age and to contribute to change the perspective that an active sex life is a prerogative of young people. Therefore, it is important to demystify and to clarify that sexuality does not disappear with ageing. To understand the process of ageing inherent to our humanity is the first step to achieve this goal, since we do not stop being who we are or the way we are simply because our lives are longer. Those who find themselves at this stage of their lives, old age, need to live their lives and their sexuality freely and with dignity. Recognising the need to know and to explain better the issues of sexuality in old age, we developed an in depth study of two cases, both older than 65. It was our purpose to understand how both perceive and experience sexuality, as well as what the factors that interfere in this experience are. Information was gathered through informal conversations, field notes and exploratory interviews. The methodization of the information taken from the interviews resulted in chronological tables of events, biographic schemes and biographic narratives. As the current research uses the method of Case Study, it is crucial to present an interpretative analysis based on the narratives of each individual.

Keywords: Ageing; Old Age; Sexuality; Case Study.

1. Introdução

A problemática do envelhecimento constitui uma área de singular interesse na nossa sociedade, principalmente pela importância que tem vindo a assumir nos nossos dias e pelo longo caminho que ainda há a percorrer para melhor conhecer e compreender a real dimensão do processo de envelhecimento e dos fatores que lhes estão associados. Tendo por base o anteriormente exposto, envelhecer é uma realidade indubitável de cada organismo vivo. Um dos traços mais salientes da sociedade portuguesa atual, comum à generalidade dos países europeus, é o crescimento da população idosa. Neste sentido e, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (2011), em Portugal a proporção da população com 65 ou mais anos é, em 2011, de 19%. Este valor contrasta com os 8% verificados, em 1960, e com os 16% da década anterior. O índice de envelhecimento da população reflete também esta tendência. Em 2011, o índice de envelhecimento acentuou o predomínio da população idosa sobre a população jovem. Costa (1999) corrobora esta ideia afirmando que envelhecer há 50 anos atrás não constituía um problema na medida em que o envelhecimento era encarado como um fenómeno natural e que não só as pessoas que envelheciam não eram muitas, como o aproveitamento e imagem que a sociedade tinha da população que envelhece era diferente daquela que se tem atualmente. Posto isto, a sociedade, em geral, associa aos idosos conceitos erróneos como inatividade, doença, demência e assexualidade. Seguindo esta linha de pensamento Jacob (2006, p. 33) defende que "o idoso é visto de forma errada, como um ser que não possui interesse sexual e é incapaz de sentir qualquer estímulo sexual". Consolidando o que anteriormente foi apresentado, atualmente, o estudo da sexualidade na Terceira idade assume uma importância cada vez maior, não só devido ao aumento do número de idosos, como também pelo aumento da duração da vida que é cada vez maior, acima dos 80 anos. Estas duas razões levaram à tomada de consciência que a Terceira idade é um importante e longo período da vida do qual a sexualidade faz parte. Neste sentido, Mixão e Borges (2006, p.19) defendem que a sexualidade é parte integrante do ser humano e está presente em maior ou menor grau desde o nascimento até à morte e deve ser tida em conta no contexto de toda a vida do indivíduo, "como um processo contínuo que se modifica com o envelhecimento, com o assumir de novos papéis na vida, com a interação com outras pessoas e com o meio ambiente". Assim, Menezes, Rossi e Kude (2005) atestam que a atividade sexual é extremamente importante na velhice. Embora seja ponto assente que a sexualidade está presente desde

o nascimento até à velhice, a atividade sexual das pessoas nem sempre é igual durante vida. A forma como é vivenciada a sexualidade é que é diferente consoante a idade. Para Lopes (1993), na idade adulta a sexualidade é vivida de uma forma mais serena e tranquila do que na puberdade pois é tempo de consolidar desejos, orientações e parceiros. O mesmo autor destaca que na Terceira idade o desejo sexual não desaparece, apenas a menor vitalidade física do indivíduo o impede de ser tão ativo sexualmente. A frequência das atividades sexuais é menor e menos intensa, mas mais sensível.

1.1. Problemática de investigação

Este estudo está subordinado ao tema "Sexualidade na Terceira idade: Estudo de caso", enquadrando-se na dissertação de mestrado, do 2º ano, do Mestrado em Educação Social, da Universidade do Algarve.

Para a realização deste estudo foram recolhidas informações sobre a atualidade da temática, examinando diversas obras de referência. A revisão inicial da literatura permitiu familiarizar-nos com a pesquisa de documentos, enquanto que a revisão sistemática da literatura permitiu ir mais longe na análise, ordenação e na redação da informação.

O problema inerente à investigação foi formulado nos seguintes termos, *Como é vivenciada a sexualidade nos homens e nas mulheres com idade igual ou superior a 65 anos?* Considerando que o processo de envelhecimento encontra-se associado a um conjunto de alterações imutáveis e evolutivas, porém, distintas de indivíduo para indivíduo, com este trabalho de investigação propõe-se contribuir de alguma forma para um melhor conhecimento e compreensão da vivência e expressão da sexualidade da população idosa. Posto isto, com esta investigação pretende-se dar resposta às seguintes questões: (i) Como é a perceção de uma mulher e de um homem sobre a sua sexualidade? (ii) Como vivenciam a sua sexualidade? (iii) Quais os fatores que interferem na vivência da sexualidade?

1.2. Motivação

A pertinência deste estudo, por um lado, justifica-se pelas atuais mudanças da estrutura etária da população da generalidade das sociedades modernas¹. Por outro lado, os estudos sobre a sexualidade na Terceira idade são escassos e quase sempre se limitam a uma abordagem médico terapêutica que, sistematicamente, trata a questão da sexualidade na Terceira idade a partir de conceções de patologia associada a distúrbios fisiológicos e ignoram todo o complexo psico-sócio-cultural que participa, permeia e condiciona a realidade social e a vivência sexual dos idosos (Capodieci, 2000). Efetivamente, a evolução sócio demográfica faz do grupo dos indivíduos situados na Terceira idade um grupo cada vez mais significativo, pelo que urge compreender melhor as suas necessidades psicossociológicas, dando-se especial relevância, neste estudo, às suas práticas e vivências sexuais. Ao que anteriormente foi referido, Pereira (2007) citado por Valente (2008) adita que

os estudos sobre o sexo em idade avançada escasseiam, particularmente, em Portugal, embora estes não sejam obrigatórios para comprovarmos que o tema da sexualidade na Terceira idade ainda está envolto em diversos mitos . . . crenças, preconceitos e falsos estereótipos, sendo um dos mais prevalecentes e negativo, a ideia da velhice assexuada. (p. 4)

A escolha deste tema para a investigação prendeu-se não só com o que foi previamente apresentado mas também com o facto de ao longo do meu percurso académico, a temática da sexualidade e a realidade dos idosos ir despertando cada vez mais o meu interesse, conduzindo-me sempre que possível à realização de trabalhos nesse âmbito. Ao ingressar no Mestrado em Educação Social no ano de 2012 e ao preparar-me para a conceção da dissertação de mestrado, não me restaram dúvidas na escolha da temática e da população com que gostaria de desenvolver o meu trabalho de investigação.

1.3. Organização da dissertação

No que respeita à organização deste estudo, este é constituído por introdução na qual é feita uma apresentação geral ao tema e o corpo do trabalho que se divide em três

¹ Alterações significativas no número de nascimentos, na taxa de natalidade, na população ativa e, principalmente, no crescimento acentuado da população com 65 e mais anos de idade (Capodieci, 2000).

capítulos. O primeiro capítulo, Enquadramento teórico, divide-se em três pontos. No primeiro ponto percorre-se a história do envelhecimento, no segundo ponto, intitulado de envelhecimento, sob a ótica de diversos autores é apresentada uma evolução histórica do conceito, expõem-se as três componentes do processo de envelhecimento designadamente, a biológica, a social e a psicológica e os três conceitos ao qual se estende o processo de envelhecimento, cronológico, biológico e pessoal. Referente ao conceito cronológico, são ainda apresentados os quatro estágios do envelhecimento sendo eles, Primeira idade, Segunda idade, Terceira idade e Quarta idade. Ainda neste ponto são mostradas as diferentes idades que são atribuídas ao envelhecimento, cronológica, biológica, psicológica e social. Faz-se inclusivamente alusão às alterações comuns do envelhecimento, nomeadamente as alterações estruturais que ocorrem no ser humano sobretudo a nível metabólico e celular e, as alterações funcionais que passam pela redução das células, perda das reservas fisiológicas e conseqüente deterioração das funções. Por último, são expostas as crenças os mitos e os estereótipos mais frequentes e que estão associados ao envelhecimento.

No terceiro e último ponto, consagrado à temática da sexualidade, é apresentada uma evolução histórica da noção da sexualidade. Posteriormente, sob a perspetiva de diversos autores são apresentadas diversas definições de sexualidade e são ainda expostas as cinco dimensões da sexualidade, designadamente a biológica, a sensual, a psicológica, a erótica e a cultural.

Indo ao encontro da temática deste trabalho de investigação logo de seguida é feita referência à sexualidade na Terceira idade. Não obstante o progresso científico verificado nos últimos anos, a sexualidade continua a ser um tema reprimido pela sociedade em geral, pautado pela existência de mitos e preconceitos. Este posicionamento face à sexualidade leva a que as pessoas que se encontram na Terceira idade sejam maioritariamente vistas como seres assexuados. Insiste-se em acreditar que a atividade sexual desaparece com a idade, muito embora se trate de uma crença sem qualquer fundamento. Tanto nos homens como nas mulheres, os quatro estágios da resposta sexual, excitação, planalto, orgasmo e resolução, sofrem modificações com a idade. Embora ocorram diferenças individuais na intensidade e na duração da resposta sexual nas pessoas idosas, a expressão sexual regular para ambos os sexos é deveras importante na promoção da capacidade sexual e na manutenção da função sexual. Neste

ponto são ainda apresentados os fatores que influenciam a sexualidade na Terceira idade sendo eles, a idade (alterações biofisiológicas a que o processo de envelhecimento inevitavelmente conduz), as causas médicas (quadros clínicos que podem implicar níveis de perturbação sexual), as causas psicossociais (fatores psicossociais que condicionam a atividade sexual das pessoas que se encontram na Terceira idade), as disfunções sexuais, tendo como base as fases da resposta sexual e quais os impactos que estas disfunções acarretam tanto para o homem como para a mulher. São ainda expostos os tabus, os mitos e os preconceitos relativos à sexualidade na Terceira idade.

No Capítulo II - Metodologia de Investigação são mencionados os procedimentos metodológicos que suportaram a presente investigação. Primeiramente é feita uma abordagem teórica ao paradigma de investigação interpretativo e à investigação qualitativa, incidindo particularmente no Método: Estudo de caso. De seguida são apresentadas as técnicas de pesquisa e de recolha de informação utilizadas durante a investigação.

Por sua vez, no Capítulo III - Resultados e análise interpretativa apresentam-se os quadros cronológicos de eventos, os biogramas e as narrativas biográficas para cada caso. Não faria de todo sentido, concluir este trabalho de investigação sem antes tecer interpretações acerca dos momentos das suas narrativas que remetem para a temática da sexualidade.

Por último, apresentam-se as conclusões. Neste ponto são apresentados os objetivos que nos propusemos responder e o problema de investigação. São ainda expostas algumas limitações da investigação e sugere-se uma temática para uma futura investigação.

Capítulo I. Enquadramento teórico

1. Perspetiva histórica do envelhecimento

Na opinião de Costa (1999), há quarenta/cinquenta anos o envelhecimento era considerado um fenómeno natural, em que não eram muitas as pessoas que envelheciam, onde a sociedade de então tinha uma imagem face a essa população diferente da de hoje em dia. Por sua vez Agreda (1999) afirma, a propósito das atitudes que a sociedade adota face à velhice no correr da história, que

cada sociedade no seu contexto e momento histórico tem dado um papel à velhice, positiva ou negativamente, o qual depende do modelo do homem ideal que impera em cada momento, de forma a que os idosos às vezes têm sido rejeitados e outras vezes valorizados. (p. 25)

Neste sentido, Paúl e Fonseca (2005, p. 22) corroboram afirmando que "a leitura histórica sobre as representações dos idosos em vários tempos e contextos é diversificada, surgindo-nos imagens em que os idosos são respeitados e valorizados e outras em que são ridicularizados e alvos de chacota". A título de exemplo, nos antigos Impérios do Oriente, os idosos, bem como as crianças, foram os mais afetados em situação generalizada de ameaça à sobrevivência, deixados ao abandono e por vezes até mesmo alvo de geronticídio. Na Grécia Clássica, apesar de ser exaltado o valor heroico da força da juventude, os idosos ocuparam postos de destaque e funções sociais relevantes. O envelhecimento era considerado como algo inevitável, mas não um acontecimento nefasto desde que fosse evidente alguma autonomia (Araújo & Carvalho, 2005).

Para Phipps, Sands e Marek (2003), o processo de envelhecimento foi durante séculos rodeado de mistérios e mitos. Na antiga Grécia acreditava-se que o vigor da força da vida se esgotava, gradualmente, no processo normal de envelhecimento.

Enquanto tema de reflexão e de vivência pessoal, o envelhecimento também ocupou os filósofos clássicos. Para Platão (427-374 a.C.), o envelhecimento era a continuação natural da vida jovem e adulta, processo no qual os prazeres do espírito substituíam progressivamente os prazeres físicos. Paúl e Fonseca (2005, p. 22) acrescentam que "os

prazeres do espírito vão progressivamente substituindo os prazeres físicos, como se de uma libertação se tratasse". Platão vai mais longe e reclama para os idosos da Grécia o poder, que ficaria bem entregue face às virtudes e sabedoria acumuladas por estes elementos da sociedade. Já Aristóteles (384-322 a.C.) tem uma visão quase completamente antagónica à de Platão pois apreende a velhice como algo de intrinsecamente mau, diretamente ligado à doença, fonte de defeitos. Paúl e Fonseca (2005, p. 22) aditam que "a deterioração do corpo vai necessariamente a par com a do espírito. Uma acumulação de erros passados torna os velhos indecisos, desconfiados, egoístas, e incapazes de amar".

Por sua vez, na área da medicina grega, Hipócrates (460-377 a.C.) foi o primeiro a formular hipóteses médicas relativas às causas do envelhecimento. Este era encarado como uma perda de calor e humidade do corpo, um apagar da chama que se torna ténue e necessita de menos combustível, ou seja, de alimento. Assim, o envelhecimento era visto como um processo puramente natural, físico e irreversível. Não era considerado uma doença ainda que conduzisse à doença, devido à diminuição da resistência² (Paúl & Fonseca, 2005). Os mesmos autores acrescentam que os médicos para que o envelhecimento fosse bem sucedido recomendavam uma alimentação moderada e exercício físico, banhos quentes e consumo de vinho.

Referente à medicina romana, o médico Galeno (131-201), ainda que de origem grega, combina a teoria de Aristóteles com o método de observação de Hipócrates explicando o envelhecimento segundo a patologia humoral e psicológica. A este respeito Paúl e Fonseca (2005) descrevem o envelhecimento sob a ótica de Galeno da seguinte forma,

a velhice tem a ver com a progressiva desidratação do corpo que está na sua origem, progredindo sempre que até que a pele enruga, o corpo mingua, e os membros tornam-se débeis e pouco firmes. A velhice corresponde assim a um processo natural por que passam os tecidos, que são uma mistura húmida de sangue e sémen, desidratados pelo calor interior . . . é a secagem dos órgãos que primeiro transforma uma massa informe - o embrião - num ser. Posteriormente, quando o crescimento termina, os ossos secam e não crescem mais, os órgãos

² Para Paúl e Fonseca (2005, p. 22), as principais doenças dos idosos seriam "as dificuldades respiratórias, o catarro crónico e tosse, as dores nas articulações, a apoplexia (hemorragia cerebral), as vertigens, as insónias, as cólicas e a diminuição da visão e da audição".

tornam-se débeis e não funcionais, cumprindo o destino de todos os mortais, aos dar expressão aos gérmenes da morte que todas as criaturas possuem desde sempre. As causas externas que vão contra a natureza e causam doenças podem precipitar, mais ou menos, a morte, tornando-a diferente de indivíduo para indivíduo. (p. 23)

Conseqüentemente, por volta de 1500, surge um novo interesse nas temáticas da origem e do tratamento da velhice a fim de se alcançar a eterna juventude. Paúl e Fonseca (2005) asseveram que os resultados foram parcos face às esperanças humanistas na descoberta de como travar, ou pelo menos abrandar, os efeitos do envelhecimento. Ainda assim surge, por volta do século XVI um novo interesse na origem e no tratamento do envelhecimento. Cornaro (1470-1566) avança, como chave para a longevidade, algumas indicações sobre a higiene, moderação na alimentação e emoções, ainda que mescladas com astrologia e outras "bizarrias". Mais tarde Paracelso (1493-1541) compara a velhice à ferrugem que corrói e decompõe o metal e, para amainá-la prescreve uma alimentação equilibrada. Seguindo esta linha de pensamento, André du Laurens (1558-1609) conclui que o envelhecimento é consequência direta da acumulação de excrementos provenientes da alimentação. Para Santorium (1561-1636) o envelhecimento resulta da decomposição dos espíritos responsáveis pelas diferentes funções, cujos resíduos endurecem os tecidos impedindo a respiração insensível que conduz à morte das fibras. Bacon (1561-1626) também escreveu sobre o envelhecimento humano, procurando encontrar as suas causas e propondo formas de vencer a velhice, prologando a vida dos espíritos que governam o corpo, através de uma vida regrada em alimentação, exercício físico e emoções (Paúl & Fonseca, 2005). Posteriormente, Quetelet (1796-1874) equaciona pela primeira vez a importância dos fatores que regem o processo de nascimento, crescimento, e morte do ser humano, estudando aspetos empíricos como as covariações entre a idade, o sexo, a profissão e o meio ambiente (Paúl & Fonseca, 2005).

Já no século XX, em 1922, Stanley Hall publica o livro *Senescence: The second Half of Life*, observando o envelhecimento a partir do cruzamento dos saberes científicos da altura, em áreas tão distintas como a medicina, a anatomia ou a filosofia. Mais tarde, Jung, em 1933 defende a existência de uma evolução permanente da personalidade através de movimentos de transformação e continuidade. Ainda nos anos 30, Charlotte Buhler considera que a existência humana decorre ao longo de cinco fases, da qual a

velhice corresponde à última, como sendo a fase em que o indivíduo faz um balanço da vida passada e experimenta sentimentos de realização ou então de fracasso, consoante tenha conseguido alcançar ou não os objetivos mentalmente propostos (Fonseca, 2006). Porém, Vaillant (2002) acrescenta que na transição dos anos 30 para os 40, deu-se início ao estudo mais profundo sobre o desenvolvimento humano na idade adulta. Este estudo de cariz médico-psicológico, intitulado *Harvard Study of Adult Development*, consistia na análise de vários aspetos relacionados com a saúde, relações sociais e profissionais, personalidade, entre outros. Através desse estudo foi possível verificar a ocorrência de alterações internas decorrentes da maturação do ser humano e avaliar o impacto que os acontecimentos do século XX haviam provocado nas vidas dos indivíduos participantes do estudo.

Nos anos 50 e 60 verificou-se a necessidade de se olhar para a segunda metade da idade adulta, e para a velhice em particular, sob um ponto de vista dinâmico, relacionando etapas de desenvolvimento anteriores, nomeadamente através de alterações físicas, cognitivas, sociais e psicológicas. Este enfoque fez com que os estudos que habitualmente se encontravam centrados em fenómenos mentais como a percepção, a inteligência, recordações e personalidade fossem completados com inferências sobre as alterações verificadas no funcionamento individual, psicológico e social, não relacionadas diretamente com a idade cronológica mas com situações de transição e adaptação (Fonseca, 2006). Por conseguinte, Paúl e Fonseca (2005) descrevem que foi a partir da II Guerra Mundial que se verificou a necessidade de se obter mais conhecimento sobre os idosos, o processo de envelhecimento e as suas consequências sobre a condição de vida quotidiana, essencialmente devido ao aumento significativo da esperança média de vida e conseqüente envelhecimento da população. Considerando que os idosos constituíam um grupo específico, provido de uma crescente relevância estatística e social, consolida-se uma nova ciência, a Gerontologia³. Durante todo o século XX foram imensos os autores que contribuíram de forma decisiva para o desenvolvimento científico da Gerontologia nas suas diversas vertentes, particularmente, a Geropsicologia ou Gerontopsicologia.

³ Em 1903, Elie Metchnikoff, Prémio Nobel e professor do Instituto Pasteur de Paris, propôs uma nova ciência, a Gerontologia. Esta nova ciência visava o estudo científico dos idosos. Contudo, a consolidação da Gerontologia deu-se já depois da II Guerra Mundial tendo aparecido na América do Norte a *Society of Gerontology* e, em 1946, a primeira grande publicação periódica da área, o *Journal of Gerontology* (Paúl & Fonseca, 2005).

Sobre a década de 80, Gonçalves, Martín, Guedes, Cabral-Pinto e Fonseca (2006, p. 138) proferem que "a afirmação do paralelismo continuado entre desenvolvimento e envelhecimento, negando a sucessão destes processos, permitiu encarar as etapas tardias com otimismo, onde a deterioração já não era uma condição imperativa mas antes um acontecimento inevitável".

No que diz respeito ao século XX, Imaginário (2008) salienta que a afirmação dos idosos como um grupo populacional específico culminou no final do século XX com a realização do Ano Internacional dos Idosos organizado pelas Nações Unidas, constituindo para muitos países, incluindo Portugal, um marco de viragem da abordagem social e política a esta problemática.

2. O envelhecimento

“Envelhecer é o encontro com a vida, por mais paradoxal que se apresente,
é um encontro com nossa humanidade,
com valores relegados em prol da produtividade;
é a sabedoria desse corpo a ensinar, que nosso ritmo de vida mata
e que sobre a vida pouco sabemos”
(Bruhns, 1995, p. 76).

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2011, p. 22), "o envelhecimento populacional é, atualmente, um eminente fenómeno mundial. Isso significa um crescimento mais elevado da população idosa em relação aos demais grupos etários". O agravamento do envelhecimento da população tem vindo a ocorrer de forma generalizada em todo o território e deixou de ser um fenómeno localizado apenas no interior do país. Em 2011, o índice de envelhecimento da população agravou-se para 128 (102 em 2001), o que significa que por cada 100 jovens há 128 idosos.

Sobre o envelhecimento têm-se procurado respostas a questões acerca das mudanças que ocorrem, causas e consequências, e domínios passíveis de intervenção para retardar ou travar esse processo. Mas o que é o envelhecimento? Padilha (2007) defende que são vários os fatores que contribuem para este fenómeno universal e comum a todos os

seres. Contudo, a sua definição nem sempre é unânime, havendo muita discordância quanto à verdadeira natureza e dinâmica de todo o processo.

Na literatura é possível encontrar várias conceitualizações de envelhecimento. Para uma melhor compreensão deste processo torna-se necessária a apresentação de uma evolução do conceito.

Posto isto, Laganière (1987) citado por Berger (1995) defende que o envelhecimento foi durante muito tempo considerado como um fenómeno doentio relacionado com o desgaste do organismo e as sequelas das doenças de infância. O sinal mais evidente de envelhecimento é a diminuição de capacidade de adaptação do organismo face às alterações do ambiente.

A este respeito, Berger (1995), defende que ao contrário da doença, o processo de envelhecimento é um fenómeno normal e universal. As alterações causadas pelo envelhecimento desenvolvem-se a um ritmo diferente para cada pessoa e dependem de fatores externos como o estilo de vida, atividade, ambiente, e de fatores internos como a bagagem genética e o estado de saúde.

Segundo Vieira (1996, p. 52), o envelhecimento é o "fenómeno do processo de vida que, assim como a infância, a adolescência e a maturidade, é marcado por mudanças bio-psico-sociais específicas, associadas à passagem do tempo".

Para Fontaine (2000), o envelhecimento equivale ao conjunto de processos dinâmicos que ocorrem no organismo após a sua fase de desenvolvimento e que se relacionam com transformações morfológicas, fisiológicas, psicológicas e sociais consecutivas à ação do tempo.

Por sua vez, Silva e Barros (2002) defendem que o envelhecimento é um processo que, do ponto de vista fisiológico, não ocorre necessariamente em paralelo ao avanço da idade cronológica, apresentando consideravelmente variações individuais. Este processo surge acompanhado por uma série de modificações nos diferentes sistemas do organismo.

Franchi e Júnior (2005) consideram que o envelhecimento é um fenómeno fisiológico de comportamento social ou cronológico e que é um processo biossocial de regressão,

observável em todos os seres expressando-se na perda de capacidade ao longo da vida, devido à influência de diferentes variáveis, como genéticas, danos acumulados, estilo de vida, além de alterações psico-emocionais.

Na perspectiva de Teixeira (2006, p.1), o envelhecimento é "um fenómeno biológico, psicológico e social que atinge o ser humano na plenitude da sua existência, modifica a sua relação com o tempo, o seu relacionamento com o mundo e com a sua própria história."

Por último, Vicente (2008) atesta que o envelhecimento é um processo indutivo de várias mudanças no indivíduo, nomeadamente ao nível físico, mental e social e que estas mudanças tendem a afetar a expressão da sexualidade, na medida em que se torna necessário para a pessoa idosa redefinir objetivos, ou seja, reconhecer que está numa nova fase do ciclo vital.

Verificado um conjunto variado de definições de envelhecimento, constata-se que são vários os fatores que contribuem para este fenómeno universal e comum a todos os seres vivos. Em todos os conceitos é feita referência à ocorrência de alterações, a diferentes níveis, que conduzem ao inevitável processo de envelhecimento. Os vários conceitos de envelhecimento procuram de alguma forma determinar a idade a partir da qual se começa a envelhecer, embora não haja uma concordância, a nível mundial, de uma idade cronológica em que a pessoa passa a ser considerada idosa.

Note-se que o processo de envelhecimento é único, individual e heterogéneo, uma vez que depende da interação de fatores internos como o património genético e externos como o estilo de vida, educação, ambiente e condições sociais. São estas interações que explicam a diversidade e heterogeneidade do envelhecimento humano (Papaléo Netto, 2007).

Fontaine (2000) acrescenta que o processo de envelhecimento caracteriza-se por um conjunto de fenómenos dinâmicos que o organismo sofre e que provocam modificações biológicas e psicológicas.

Para Shroots e Birren (1980) citados por Fonseca (2006), o processo de envelhecimento divide-se em três componentes: uma componente biológica (senescência)⁴, uma componente social e uma componente psicológica.

De acordo com Fonseca (2006), o envelhecimento biológico é

um processo cujos efeitos são visíveis mas cujo mecanismo interno permanece, em grande medida, desconhecido, revestindo-se o seu estudo de uma especial complexidade do ponto de vista metodológico. A esperança de vida máxima para as diferentes espécies animais é determinada geneticamente e a diversidade dos efeitos genéticos individuais no envelhecimento torna pouco provável que fatores extrínsecos, como a alimentação ou a medicina, tenham efeitos dramáticos na esperança de vida das espécies. Tais fatores poderão, contudo, ter efeitos significativos ao nível dos indivíduos, pelo que a compreensão das determinantes fundamentais da senescência pode assumir grande importância na prevenção e no tratamento dos problemas associados à idade, como a degeneração dos tecidos, as demências ou o cancro. (p.56)

Por outras palavras, o envelhecimento biológico designa as transformações que ocorrem nos sistemas orgânicos e funcionais reduzindo a sua capacidade biológica de autorregulação diminuindo assim a probabilidade de sobrevivência (Padilha, 2007). A diminuição da densidade óssea, a flacidez da pele, a perda de cabelo e o surgimento de cabelos brancos, o decréscimo da massa muscular, a diminuição da tolerância à glicose, a diminuição da capacidade dos rins para eliminar toxinas e medicamentos, a diminuição da acuidade visual ou auditiva são algumas das modificações inerentes ao processo de envelhecimento (Cancela, 2007).

Relativamente à componente social do processo de envelhecimento, Fonseca (2006) sustenta que o envelhecimento social da população encontra-se marcado pela cultura e

⁴ Senescência é o processo natural do envelhecimento, o qual compromete progressivamente aspetos físicos e cognitivos (Cancela, 2007). O sinal mais evidente da senescência é um processo natural e não é sinónimo de senilidade, termo que designa uma degenerescência patológica, muitas vezes associada ao envelhecimento, mas que tem origem em disfunções orgânicas (Berger & Mailloux-Poirier, 1995). Para os mesmos autores, a senescência é "um processo multifatorial que arrasta uma deterioração fisiológica do organismo. É um fenómeno normal, universal, intimamente ligado ao processo de diferenciação e de crescimento" (p.125). Berger e Mailloux-Poirier (1995), acrescentam que o sinal mais evidente de senescência é a diminuição da capacidade de adaptação do organismo, face às alterações do meio ambiente, que se vai acentuando com a idade e com o aparecimento de doenças crónicas.

história de cada sociedade e refere-se ao desempenho de papéis sociais ajustados às expectativas da sociedade em que a pessoa se insere. Caracteriza-se pela mudança de papéis, implicando a perda de alguns (por exemplo, o de profissional) e o ganho de outros (nomeadamente, o de avós).

Por sua vez, a componente psicológica, segundo Fonseca (2006), refere-se à evolução dos processos cognitivos (como a inteligência, memória, aprendizagem, criatividade) e ao desenvolvimento de competências comportamentais e emocionais que permitam à pessoa ajustar-se às modificações que ocorrem com a idade. As alterações cognitivas situam-se entre o declínio ligeiro e o moderado (como por exemplo, ao nível da velocidade percetiva, da memória de trabalho ou da atenção complexa), havendo áreas em que o desempenho se mantém ou melhora (por exemplo, o fundo de conhecimentos ou o vocabulário). A principal característica do envelhecimento é, então, a variabilidade inter e intra-individual, pois existem padrões de envelhecimento distintos tanto entre pessoas com a mesma idade cronológica, como nas diversas funções de uma mesma pessoa (Padilha, 2007).

Para além das três componentes em que o processo de envelhecimento se divide, Costa (2005) alega que o envelhecimento se divide em três conceitos: cronológico, biológico e pessoal. De facto, uma das primeiras necessidades a ter em conta quando se pretende estudar o processo de envelhecimento é de carácter cronológico, sendo pertinente interrogar se será possível estabelecer uma idade a partir da qual a pessoa se torna idosa, dada a complexidade do fenómeno. Por uma questão de clarificação há necessidade de adotar uma das convenções existentes. Velasco (2006), seguindo os conceitos da Organização Mundial de Saúde (OMS), sustenta que o envelhecimento cronológico se classifica em quatro estágios, nomeadamente: a meia idade de 45 a 59 anos; o idoso de 60 a 74 anos; o ancião de 75 a 90 anos; e a velhice extrema de 90 anos em diante. Ainda assim, Costa (2011) afirma ser comum classificar-se o envelhecimento da seguinte forma:

Primeira Idade: que abrange do nascimento aos 28 anos, ou seja, o período de nossa formação física, moral, social e profissional, Segunda idade: aquela do desfrute da maturidade, dos 28 aos 56 anos; Terceira Idade, dos 56 aos 84 anos, denominada Outono da vida e Quarta Idade, a chamada idade da velhice, iniciada aos 84 anos. (p. 26)

Na realidade, existem diferentes formas de definir e conceituar a velhice. Uma delas é a definição preconizada pela Organização Mundial da Saúde, que é baseada na idade cronológica, na qual a definição de idoso inicia aos 65 anos nos países desenvolvidos e aos 60 anos nos países em desenvolvimento (Schneider & Irigari, 2008). Deste modo, o envelhecimento humano, cada vez mais, é compreendido como um processo influenciado por diversos fatores, como gênero, classe social, cultura, padrões de saúde individuais e coletivos da sociedade, entre outros (Schneider & Irigari, 2008).

A propósito desta dificuldade em definir o processo de envelhecimento com exatidão e de ser um processo complexo, Fernandes (2000) propõe a existência de diferentes idades: cronológica, biológica, psicológica e social.

A idade cronológica corresponde à idade oficial presente no bilhete de identidade, sendo determinada pelo calendário, pelo passar do tempo. Para Birren e Schroots (1996), a idade cronológica pode ser entendida como algo absoluto e nela são fixadas propriedades que podem ser medidas. De acordo com Arantes (2003), a idade cronológica é um estereótipo através do qual se afirma que um indivíduo é jovem, de meia idade ou idoso, resultando daí diferentes papéis ou oportunidades na estrutura social. Sobre este assunto, Hoyer e Roodin (2003) acrescentam que a idade cronológica não é um índice de desenvolvimento biológico, psicológico e social, pois ela por si só não provoca o desenvolvimento. Afirmam, inclusive, que a idade é meramente um marcador aproximado do processo que influencia o comportamento ao longo do tempo.

Referente à idade biológica, Schneider e Irigary (2008) atestam que a mesma é

definida pelas modificações corporais e mentais que ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento e caracterizam o processo de envelhecimento humano, que pode ser compreendido como um processo que se inicia antes do nascimento do indivíduo e se estende por toda a existência humana. (p.590)

Constate-se que a idade biológica pode não coincidir com a idade cronológica.

Relativamente à idade psicológica, Neri (2001, p. 43) define-a como sendo "a maneira como cada indivíduo avalia em si mesmo a presença ou a ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos da idade, com base em mecanismos de comparação social mediados por normas etárias". Hoyer e Roodin (2003) aditam que a idade

psicológica pode também ser determinada pelos padrões de comportamento adquiridos e mantidos ao longo da vida e tem uma influência direta na forma como as pessoas envelhecem pois o envelhecimento é resultado de uma construção que o indivíduo fez durante toda a vida.

Para terminar, a idade social, segundo Berger (1995) contempla os papéis e hábitos do indivíduo relativamente ao seu grupo social, podendo ser avaliada através dos padrões de comportamento, nomeadamente através do desempenho de funções sociais e da idade psicológica, que não depende da idade nem do estado orgânico, e que se refere às capacidades do indivíduo se adaptar ao ambiente. Do mesmo modo, Neri (2001) afirma que a idade social diz respeito à avaliação do grau de adequação de um indivíduo ao desempenho dos papéis sociais e dos comportamentos esperados para as pessoas da sua idade em um dado momento da história de cada sociedade. Assim, a idade social corresponde aos comportamentos atribuídos aos papéis etários que a sociedade determina para os seus membros. Por outro lado, o envelhecimento social deve ser entendido como um processo de mudanças de papéis sociais, no qual são esperados dos idosos comportamentos que correspondam aos papéis determinados para eles. Há papéis que são graduados por idade e que são típicos desta parte da vida. Diferentes padrões de vestir e falar são esperados de pessoas em diferentes idades e o *status* social varia de acordo com as diferenças e de acordo com a idade (Birren & Schroots, 1990).

Posto isto, Andrade (2009) conclui que

o processo de envelhecimento não pode ser definido apenas por critérios cronológicos, mas sim segundo uma abordagem holística que tenha em conta a análise do conjunto das condições físicas, funcionais, mentais e de saúde de cada indivíduo, o que significa que podem ser observadas diferentes idades biológicas e subjetivas, em indivíduos com a mesma idade cronológica. (p. 19)

Conforme Dantas, Silva e Loures (2002), as mudanças geradas pelo envelhecimento produzem perturbações no equilíbrio e requerem adaptações, pois o surgimento de novas situações e experiências marcam significativamente a vida do idoso, trazendo sentimentos como a desvalorização.

2.2. Alterações comuns do envelhecimento

As alterações anatómicas e fisiológicas associadas à velhice, segundo Berger (1995), iniciam-se muitos anos antes do aparecimento dos sinais exteriores. Várias destas alterações começam a manifestar-se progressivamente antes dos 40 anos e continuam até à morte, ou seja, até que o organismo se deixe de poder adaptar. A nível fisiológico, o processo de senescência causa o envelhecimento das estruturas e do aspeto geral do corpo e o declínio das funções orgânicas. Examinando mais atentamente as mudanças estruturais⁵ e funcionais que fazem parte do organismo (Berger, 1995) demonstra que as mesmas ocorrem: 1) ao nível das **células e dos tecidos**, pois ao envelhecer as células perdem certos elementos como o ADN (Ácido desoxirribonucleico) e aumentam a percentagem de tecidos gordos e fibrosos à custa dos tecidos magros, bem como se verifica uma alteração do núcleo celular. As células perdem a sua função genética, impedindo a multiplicação celular e a reparação dos tecidos; 2) ao nível dos **músculos, ossos e articulações**. As alterações a nível do sistema locomotor são as que surgem mais rapidamente. Modificam não só a aparência e a estrutura física como também o funcionamento do organismo atingindo os músculos, ossos e articulações, todo o conjunto de tecidos de suporte. A globalidade dos músculos do organismo atrofiam-se com o passar do tempo, o que conduz a uma deterioração do tónus muscular e a uma perda de potência, força e agilidade. Também as articulações sofrem mudanças, os ligamentos calcificam-se, ossificam, e as articulações tornam-se mais pequenas; 3) da **pele e tecido subcutâneo**. A pele é a primeira estrutura a modificar-se com a idade. O aparecimento das rugas é o sinal exterior mais revelador da velhice. As rugas, que são pregas permanentes da pele, começam a desenvolver-se muito cedo e são causadas pela tensão e relaxamento repetitivo dos músculos, originando mudanças permanentes. Dos principais fatores que provocam as rugas figuram a perda de elasticidade da pele, a diminuição do tecido subcutâneo, as radiações solares e a nutrição. 4) e por último dos **tegumentos** (cabelos, pelos e unhas). Ao envelhecer, os pelos tornam-se mais raros e caem a pouco e pouco, exceto na cara. Em certos locais como a púbis, as axilas e as extremidades, nomeadamente pés e mãos, a perda de pelos é quase completa. Para além dos pelos, também os cabelos sofrem modificações. Ao envelhecer, os cabelos mudam de aparência, rarificam-se, tornam-se mais espessos, menos fortes, com menos volume e

⁵ As alterações estruturais ocorrem sobretudo a nível metabólico e celular e, na repartição dos componentes corporais. Estas alterações podem modificar não apenas o funcionamento do organismo como também a aparência corporal (Berger, 1995).

vão acinzentando progressivamente. Para além dos pelos e do cabelo, também as unhas sofrem alterações. O crescimento torna-se mais lento, aparecendo na superfície estrias longitudinais.

Relativamente às alterações funcionais, e apesar de serem importantes as alterações ligadas à estrutura e à aparência, o que conta essencialmente é o bom funcionamento do organismo. Atente-se que a redução das células e a perda das reservas fisiológicas atinge todos os órgãos. Ainda que não se verifique o mesmo ritmo para todos, o resultado é o mesmo, as funções deterioram-se (Berger, 1995). Considerando que certos órgãos sofrem enormes perdas de funções - os rins - e que outros parecem ser quase totalmente poupados - sistema digestivo - sobre as **alterações funcionais** a que o indivíduo está sujeito devido ao processo de envelhecimento e tendo como referência Berger (1995) pode-se assegurar que as mesmas ocorrem aos seguintes níveis: 1) **sistema cardiovascular**. A primeira mudança relevante que acontece ao envelhecer é a diminuição da capacidade máxima do coração pela perda de eficácia de contratilidade do músculo cardíaco. O ritmo cardíaco mantém-se mais ou menos idêntico, exceto em período de repouso em que o número de batimentos por vezes diminui. No que concerne aos vasos sanguíneos, mais especialmente às artérias e arteríolas, vão perdendo elasticidade. Também o pulso das pessoas idosas é mais perceptível pelo endurecimento da parede arterial; 2) **sistema respiratório**. O envelhecimento é, regra geral, acompanhado por uma diminuição da capacidade e da eficácia pulmonar. As principais modificações respiratórias resultam de uma perda de elasticidade e permeabilidade dos tecidos que cercam os alvéolos e as condutas alveolares, reduzindo a taxa de absorção do oxigénio no sangue. Também a estrutura dos pulmões se modifica, tornam-se mais rígidos pela perda de elasticidade e aumento das ligações reticuladas no tecido pulmonar; 3) **sistema renal e urinário**. Com a idade, a função renal deteriora-se, os rins atrofiam-se e a arteriosclerose das artérias renais diminui o aporte sanguíneo aos rins, reduzindo as funções renais e o número de nefrónios (componentes de pequenas dimensões capazes de produzirem urina). Ao nível da bexiga, existe perda da capacidade de retenção bem como do tônus vesical, o que leva por vezes a que os idosos sofram de incontinência; 4) **sistema gastrintestinal**. O sistema gastrintestinal sofre diversas transformações no decurso do envelhecimento. Contudo, essas modificações não alteram o seu funcionamento. A digestão e a mastigação podem ser afetadas pelo estado dos dentes e o sentido do paladar altera-se devido à diminuição das papilas

gustativas. A comida perde sabor, o que pode conduzir à falta de apetite. Verifica-se, de igual modo, uma baixa do olfato. O esvaziamento do esófago é mais demorado, o que obriga à dilatação do terço inferior do esófago, causando desconforto ou até mesmo dor após as refeições. O fígado sofre alterações celulares e atrofia-se. A capacidade de absorção intestinal sofre, também, diversas modificações bem como a eliminação de sólidos pelos intestinos. A massa fecal e a frequência de eliminação tendem a diminuir com a idade. A obstipação causada pela baixa do tônus muscular intestinal, bem como a ausência de lubrificação do intestino pelas glândulas da mucosa intestinal, é um problema frequente nos idosos; 5) **sistema nervoso e sensorial**. O sistema nervoso é severamente afetado pelo envelhecimento, em particular a nível do funcionamento celular e da redução das unidades de base em estado de funcionar. As células do sistema nervoso central não se regeneram, de modo que aos oitenta anos, o número de células cerebrais diminui em metade em relação aos cinquenta anos, embora as reservas do encéfalo possam compensar esta deficiência. Todas estas transformações do sistema nervoso influenciam a personalidade dos idosos. Quanto ao sistema nervoso periférico, a capacidade de condução dos influxos nervosos diminui com a idade por causa da invasão das fibras nervosas pelo tecido conjuntivo. As alterações no sistema nervoso refletem-se em todos os aspetos do comportamento do ser humano. No entanto, sobre este assunto Berger (1995), esclarece que

as alterações mais importantes parecem ser as que se relacionam com o movimento, equilíbrio, eficácia do funcionamento mental e funções sensoriais. A maior parte dos idosos sofre graves perdas ao nível do paladar, do olfato, do ouvido, da visão, bem como da perceção da dor e da temperatura. (p. 135)

6) **sistema endócrino e metabólico**. Berger (1995) refere que são ainda pouco conhecidos os efeitos do envelhecimento sobre as glândulas endócrinas, acrescentando que a diminuição de produção de hormonas não parece alterar de maneira importante a estrutura e funcionamento do organismo, mas representa uma diminuição à adaptação da massa metabólica ativa. Relativamente ao metabolismo da glicose, a autora atesta que os idosos, regra geral, apresentam dificuldades em metabolizar a glucose essencialmente devido à fraca secreção da insulina por parte do pâncreas ou a uma redução da sensibilidade periférica responsável pela libertação de insulina. Também a tiroide sofre uma baixa de atividade durante o envelhecimento. No que diz respeito às

hormonas sexuais, as modificações mais importantes operam-se ao nível do sistema reprodutor do homem e da mulher. Na mulher, a secreção de estrogénios começa a diminuir entre os trinta e cinco e os quarenta e cinco anos, os ovários tornam-se menos sensíveis às hormonas gonadotróficas, diminuindo a produção de óvulos. Por sua vez, a produção de testosterona no homem começa a diminuir entre os cinquenta e os sessenta anos, o que produz modificações fisiológicas mais ou menos precoces na ereção e na ejaculação, e modificações anatómicas menos importantes como a atrofia dos testículos;

7) **sistema reprodutor**. O envelhecimento desempenha um papel preponderante na diminuição das funções sexuais. As alterações fisiológicas a que a mulher e o homem estão sujeitos com o avançar da idade não diminuem de forma alguma o prazer ligado às relações sexuais. Mesmo que as modificações tecidulares e hormonais possam diminuir a capacidade sexual, na opinião de Berger (1995), a libido está presente tanto no homem como na mulher e as relações sexuais, embora menos frequentes, são bastante satisfatórias;

8) **sistema imunitário**. Acerca do sistema imunitário Berger (1995) menciona que, regra geral, a atividade imunitária é muito intensa no nascimento, atinge um máximo na adolescência, baixando gradualmente até aos oitenta e cinco anos. Com o tempo, o organismo torna-se mais frágil à invasão de microrganismos e produz menos linfócitos capazes de combater os agentes stressantes internos e externos;

9) **ritmos biológicos e sono**. Os ritmos biológicos fazem parte integrante de todo o ser humano. A vida e funções fisiológicas do ser humano são sincronizadas de acordo com diferentes ritmos, ritmo circadiano (dura cerca de 24 horas), ultradiano (dura menos de 20 horas) e infradiano (dura mais de 28 horas). É certo que o envelhecimento afeta estes três ritmos. Ainda assim, as investigações efetuadas neste domínio são escassas para determinar os seus efeitos de forma precisa. O ritmo biológico mais estudado nos idosos foi o do sono. Sobre isto pode-se referir que os idosos dormem tanto tempo como os outros adultos, embora acordem mais vezes e que os idosos fazem sonos menos longos e dormem mais sesta (Berger, 1995).

2.3. Crenças, mitos e estereótipos do envelhecimento

No que concerne aos estereótipos, para Berger (1995, p. 64), os mesmos traduzem-se em “uma perceção automática, não adaptada à situação, reproduzida sem variantes, segundo um padrão bem determinado e pode ser positivo ou negativo” e são vários os que estão associados aos idosos e ao envelhecimento. A mesma autora expõe que os

mitos são construções do espírito que não assentam na realidade. São representações simbólicas que, principalmente, pela falta de conhecimento em relação ao fenómeno do envelhecimento, são marcadamente manifestadas pela sociedade em geral.

Mauritti (2004) destaca dois grandes grupos de representações sobre a velhice e o envelhecimento: por um lado, uma abordagem negativa da velhice, alicerçada nas situações de pobreza, isolamento social, solidão, doença e dependência, restringindo o indivíduo nesta fase do ciclo vital a uma existência, desprovida de interesses, integração social e oportunidades. Por outro lado, o envelhecimento relacionado com uma vertente mais positiva e apelativa onde predominam fatores como a liberdade, maior estabilidade económica, mais disponibilidade e tempo para o lazer.

Na opinião de Fonseca (2006, p. 28), o estereótipo mais enraizado acerca da velhice é que esta se traduz em comportamentos conservadores, inflexíveis e resistentes à mudança. O mesmo autor acrescenta que "os idosos são percebidos como tendo um poder de iniciativa limitado e dificuldade em abraçar novos projetos, limitando-se a respetiva criatividade aos domínios da arte e da espiritualidade". Hazan (1994) destaca outros estereótipos comuns à velhice, nomeadamente, incapacidade para aprender, dependência generalizada, entre outros. Através destes estereótipos constata-se a existência daquilo que identifica como uma armadilha cultural capaz de influenciar a atitude das sociedades e das suas instituições face à velhice e aos idosos, os quais, por sua vez, correspondem manifestando os comportamentos que deles são esperados.

Berger (1995), referenciando um trabalho realizado por estudantes de gerontologia da Universidade de Montréal (Canadá), revela catorze dos mais comuns estereótipos relacionados com os idosos,

- 1) os idosos não são sociáveis e não gostam de se reunir;
- 2) divertem-se e gostam de rir;
- 3) temem o futuro;
- 4) gostam de jogar às cartas e a outros jogos semelhantes (bingo, loto, entre outros);
- 5) gostam de conversar e de contar as suas recordações;
- 6) gostam de depender dos filhos;
- 7) são pessoas doentes e tomam muitos medicamentos;
- 8) fazem raciocínios senis;
- 9) são relativamente limpos e não se preocupam com a sua aparência;
- 10) são muito religiosos e rezam muito;
- 11) são muito sensíveis e inseguros;
- 12) já não se interessam pela sexualidade;
- 13) são muito frágeis para fazerem exercício físico; são quase todos pobres. (p. 67-68)

Verificou-se que a existência destes estereótipos apenas foi confirmada em sete casos, isto é, para os estereótipos 3, 5, 6, 7, 8, 10 e 11. O mesmo estudo revelou que a maioria destes estereótipos estão ligados não a características específicas do envelhecimento, mas sim a aspetos da personalidade e fatores sociais, económicos e culturais. Pode-se acrescentar que vários dos estereótipos mencionados anteriormente apoiam-se mais nos medos e nas inquietações relativas ao envelhecimento do que propriamente nas características específicas dos idosos (Berger, 1995).

Segundo Fonseca (2006), outra ideia muito generalizada sobre a velhice é a de que os idosos voltam a ser crianças. São, pois, várias as crenças, os mitos e os estereótipos sobre a velhice e o envelhecimento, que na sua maioria são de carácter negativo e desvalorizador, o que reduz de forma significativa a imagem e estatuto social do idoso. Conforme Hoffman, Paris, e Hall (1999) citados por Fonseca (2006, p. 27) “a visão de que as pessoas idosas são no mínimo incompetentes e talvez até senis, é parcialmente responsável pela tendência da sociedade para discriminá-las, ignorá-las, ou não levá-las a sério”. Estas ideias conduziram, sob a ótica de Fonseca (2006), à consolidação do que a literatura anglo-sáxónica designa frequentemente por *ageism*, idadismo⁶. O idadismo, na opinião de Fonseca (2006, p. 28) "pode nascer de muitas formas e revelar-se de mais formas ainda, seja através do uso de expressões como, isto já não é para a sua idade ou, o que se espera de uma pessoa com aquela idade". Para Cavanaugh (1997) citado por Fonseca (2006) uma das consequências mais graves associadas ao idadismo consiste no facto de ele suscitar uma atitude negativa que afeta o comportamento dos mais novos em relação aos mais velhos e que pode fazer, inclusive, com que os próprios idosos olhem para si próprios como sendo incompetentes e incapazes.

Simões (1985, p. 109) defende que os idosos não se enquadram, na generalidade, nos vários mitos e estereótipos que a sociedade previamente definiu em relação a este grupo etário acrescentando que “os idosos não constituem um grupo homogéneo de indivíduos, cujo perfil possa facilmente descrever-se, com base numa meia dúzia de traços”.

Acerca deste assunto Fonseca (2006) conclui que

⁶ Magalhães, Fernandes, Antão e Anes (2010, p. 9) salientam que o termo *ageism* (idadismo) foi introduzido em 1969 por Butler definindo-o como "um processo de estereótipos e discriminação sistemática contra as pessoas por elas serem idosas, da mesma forma que o racismo e o sexismo o fazem com a cor da pele e o género".

sendo muito difícil falar da velhice e dos idosos sem de alguma forma lhes associarmos figuras ou categorias - sejam elas mais antigas ("os veteranos") ou mais recentes ("os seniores" ou a "idade dourada") -, julgamos que a única forma de evitar a "caricaturização" dos idosos na sociedade contemporânea é olhar para uma pessoa idosa simplesmente... como uma pessoa, com direitos e obrigações, com alegrias e angústias, com desejos e frustrações, enfim, exatamente como uma criança, um jovem, um adulto, ou seja, como um ser humano que vive a sua condição existencial à semelhança de qualquer outro. (p. 33)

3. Sexualidade

"Numa visão integrada e integradora, a sexualidade
traduz a incarnação do homem e é uma
forma privilegiada da sua humanização"
(Rocha, 1996, p.136).

Do ponto de vista científico, para López e Fuertes (1999), o conhecimento que se tem sobre a sexualidade foi adquirido muito recentemente. Estes autores acrescentam que até ao limiar do século XX a sexualidade não havia ainda sido alvo de estudo por parte dos cientistas. "A ciência limitava-se a estudar alguns aspetos parciais desta temática, nomeadamente a morfologia, a anatomia, entre outros, e a legitimar a moral dominante ao anunciar como desviante, patológico ou doentio todo o comportamento que estivesse em contradição com ela" (López & Fuertes, 1999, p. 39).

A Sexualidade constituiu durante longos séculos o maior tema tabu da conversação humana, tema que importava silenciar e, na medida do possível, fingir que se ignorava. Até ao século XIX, limitou-se o termo sexualidade ao sexo, mais corretamente, à prática sexual propriamente dita. A perspetiva tradicional atribuía à sexualidade um cariz negativo, tendo como único objetivo a reprodução. Esta visão reducionista da sexualidade deveu-se, em grande parte, à influência da Igreja que propagava "a ideia do sexo, enquanto fonte de pecado, tendo como finalidade a procriação" (Nodin, 2002, p. 607).

A partir de meados do século XIX, com a Revolução Industrial, crescem as grandes cidades, inicia-se a incorporação da mulher no mercado de trabalho e desenvolve-se o

Movimento Operário, e consequentes alterações sociais, alguns cientistas começaram a interessar-se abertamente pelo estudo da sexualidade. Neste sentido, o conceito de sexualidade ganhou uma nova perspectiva: a reprodução passa a ser a finalidade última da atividade sexual, considerando-se o sexo apenas do ponto de vista biológico como uma função fisiológica. Progressivamente, esta visão também foi alvo de alterações (López & Fuertes, 1999). Seguindo esta linha de pensamento, López e Fuertes (1999) acrescentam que o pensamento liberal e, posteriormente, o Movimento Operário⁷ contribuíram decisivamente para criar um novo contexto em que passou a ser possível uma maior liberdade de pensamento. Saliente-se que o primeiro manual de sexualidade foi publicado no ano de 1886 por Krafft-Ebing. Neste manual estuda-se, essencialmente, o fetichismo, a homossexualidade, o sadismo e o masoquismo. O próprio autor da obra considera estes comportamentos como sendo desvios ou degenerescências do comportamento normal. Desta forma, é possível dizer-se que, com este autor, a sexualidade entra no campo de estudo da medicina ainda que pela área das patologias. Krafft-Ebing é um antecessor da Sexologia, mas um predecessor cuja influência é difícil de avaliar, pois embora empreenda pela primeira vez a descrição sistemática de determinados comportamentos sexuais, fá-lo tomando como critério científico a moral vigente. Assim, considera a masturbação e a homossexualidade tão doentias quanto os comportamentos sádicos ou masoquistas.

Entre os muitos autores que desenvolveram estudos sobre a sexualidade, Kinsey (1894-1956), nos anos cinquenta, e o casal Masters e Johnson, a partir dos anos sessenta, criaram um novo campo de estudo - a sexologia - e revolucionaram os conhecimentos sobre a sexualidade humana. Alfred Kinsey começou a interessar-se pela sexualidade em 1938 quando, solicitado a dar umas palestras, se deu conta de que não existiam dados científicos sobre a sexualidade humana. Embora tivesse uma formação em Zoologia, concluiu que a melhor forma de estudar a sexualidade humana era através de entrevistas pessoais. Posto isto, realizou um estudo sobre o comportamento sexual dos americanos e, não obstante as críticas dirigidas aos relatórios da investigação (falta de

⁷ O Movimento Operário surgiu ao longo do século XIX como resultado da tomada de consciência das contradições da sociedade de classes, que por seu lado havia substituído a sociedade de ordens, critica-se a moral sexual porque considera-se que esta é mais um instrumento nas mãos da classe dominante para submeter os trabalhadores. Dentro desta corrente surge o Movimento Feminista onde se realizam inúmeras reivindicações sociais referentes à sexualidade e procura-se descobrir o sentido da regulação desta. Alguns autores, marxistas e psicanalistas, consideraram ter encontrado o sentido social da repressão sexual no interesse das classes dominantes em submeter os operários (López & Fuertes, 1999).

rigor e não representatividade da amostra), o trabalho teve um forte impacto junto da população. Atente-se que os trabalhos de Kinsey foram continuados pelos seus colaboradores e por muitos outros investigadores americanos e europeus (López & Fuertes, 1999).

Na década de 60, as investigações de Masters e Johnson abriram também dois novos campos de estudo da sexualidade: os estudos fisiológicos da resposta sexual humana e a terapia sexual (López & Fuertes, 1999).

Atualmente, segundo López e Fuertes (1999, p. 46), "mais do que estudos descritivos de muitos comportamentos e de amostras de grandes dimensões, tende-se a fazer estudos sociológicos mais controlados . . . onde se tenta não só descrever os comportamentos, como também explicá-los". Os mesmos autores acrescentam que o nível de conhecimentos adquiridos nas últimas décadas tornou possível o aparecimento de várias áreas de intervenção no âmbito da sexualidade, designadamente a educação sexual e o planeamento familiar.

Sobre este assunto Lima (2003) conclui que as questões relativas ao sexo e à sexologia são áreas de estudo de grande complexidade e de tabu. No devir dos tempos, as sociedades apossaram-se do conceito de sexualidade de maneira restritiva, pois consideravam que o ato sexual só podia ser concebido para fins reprodutivos e de coito. Conceção que, no evoluir das novas civilizações, tem vindo a ser reformulado, quer em atitudes, quer em valores. Deste modo, importa, abordar a dimensão sexual enquanto componente vital de desenvolvimento saudável do ser humano.

Afinal o que é a sexualidade, esta realidade que tanto nos motiva e condiciona? López e Fuertes (1999) afirmam que é bastante difícil definir o que é a sexualidade visto que o Homem é um ser sexuado e que a sexualidade mediatiza todo o nosso ser. O excerto infra apresentado atesta tal dificuldade por parte de López e Fuertes em responder à questão colocada.

Estamos perante uma pergunta difícil de responder: o que é a sexualidade, realidade que pode impedir o adolescente de dormir, transformar a vida do enamorado, levar o adulto a fazer loucuras, encher os cartazes dos nossos

cinemas, ajudar a vender um produto, exercer violência sobre os outros ou fomentar vínculos afetivos extraordinariamente fortes? (p. 8)

Segundo os autores supra mencionados, "a sexualidade, tal como todas as realidades complexas, não pode ser definida a partir de um único ponto de vista, uma só ciência ou umas quantas palavras" (p.8). Denote-se que o que se sabe atualmente sobre a sexualidade é o resultado de variadas aproximações efetuadas a partir de diferentes ciências.

Custódio (2008) é da opinião de que o estudo da sexualidade humana teve o seu grande contributo com Sigmund Freud. De acordo com este investigador, o desenvolvimento da sexualidade está presente desde a infância, sendo ele, o primeiro a referir que as crianças se auto manipulavam na procura de prazer. Inicialmente tratar-se-ia de um prazer oral, depois anal e por último tomaria a forma de prazer genital. Freud referiu-se ao Deus Eros de Platão como a Líbido, a força vital do amor. A procura de novos conhecimentos e novos conceitos relacionados com a sexualidade, como complexo fenómeno bio psicossocial que é, teve lugar a partir do trabalho desenvolvido por Freud intitulado, Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. De acordo com Masters, Jonhson e Kolodny (1987) citados por Brandão (2007), Freud observava a sexualidade como uma força psicológica e biológica fundamental para a estruturação da personalidade, ou seja, o conceito de sexualidade assume-se mais como um processo com que o ser humano se estrutura, organiza e comunica. Esta é uma das razões pela qual a sexualidade é transversal às mais diversas manifestações humanas, inspirando a arte, a cultura e a política. Através da sexualidade, a espécie humana estabelece os seus vínculos afetivos tanto de amor como de ódio.

Na perspetiva de Nodin (2002), o ser humano é sexual desde o nascimento até à morte, sendo esta uma parte importante da pessoa, ao longo de todo o seu ciclo vital. López e Fuertes (1999. p. 9) referem que “não só somos biologicamente sexuais, como também o nosso psiquismo, toda a nossa organização social e a nossa cultura são sexuais. Desde o nosso nascimento são-nos atribuídos um nome, roupas, brinquedos e atividades sexuais”.

Por sua vez, Fernandes (2006, p. 23) sustenta que "a sexualidade humana é, sem dúvida, uma realidade que nos envolve no nosso quotidiano, que nos projeta como um impulso,

quer para o amor, quer para a violência", fazendo parte integrante do ser humano ao longo da sua existência.

Seguindo esta linha de pensamento, Alberoni (2007) considera que o amor apaixonado que estabelece laços emotivos fortíssimos e novas regras de vida nasce quase sempre da sexualidade e constitui o seu triunfo. A sexualidade é pois, uma expressão física e emocional poderosa, estruturante da psique humana e da organização social.

Para a Organização Mundial de Saúde citada por Butler (2004), a sexualidade é um aspeto central do ser humano ao longo do seu ciclo de vida e engloba múltiplas facetas tais como o ato sexual, o género e a identidade de papéis, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução. Ela é experimentada e expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Segundo Frade, Marques, Alverca e Vilar (2001), a definição de sexualidade proposta pela Organização Mundial de Saúde incorre no seguinte:

é uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental. (p. 16)

Sob o ponto de vista de Alferes (1997), esta definição é integradora de múltiplas facetas e dimensões, apresentando a particularidade de enfatizar o carácter sistémico e holístico dessa "energia motivacional" que é a sexualidade. Esta definição rompe com a visão instintiva e biológica centrada no ato sexual, acrescentando-lhe componentes cognitivos, emocionais, relacionais e éticos. Deste modo, sexo e sexualidade são conceitos diferentes, ainda que profundamente relacionados. O termo sexo pode ser usado para designar o género biológico, feminino ou masculino, para fazer referência aos órgãos genitais, ou ainda, para referir uma série de comportamentos humanos relacionados com a genitalidade, nomeadamente, o coito e a masturbação. O termo sexualidade tem, frequentemente, uma conotação mais genérica pois, para além da dimensão comportamental e biológica, engloba aspetos referentes à personalidade que incluem a sensualidade, o erotismo, os afetos e emoções, as interações sociais, entre outros. Assim, a sexualidade abrange várias dimensões, entre as quais se destacam, a

biológica, a psicológica, a comportamental, a clínica, a histórico-cultural e a ética. Atendendo ao papel que desempenham no desenvolvimento e comportamento humano, não se pode valorizar uma em detrimento de outra, porque todas interagem em simultâneo criando uma realidade de natureza bio-psico-social. Vaz (1996) denomina as dimensões da sexualidade de vertentes e apresenta três, sendo elas,

Vertente biológica, constituída pelo conjunto de fenómenos que fazem do nosso corpo um corpo sexuado (anatomia e fisiologia da sexualidade e da reprodução, resposta sexual humana); vertente psicológica, que engloba processos como a identidade de género (aquisição de papéis sexuais), a orientação sexual (ou seja, a hetero, homo e bissexualidade), a auto imagem e a construção da identidade sexual e todo o processo relacional, em particular, as relações afetivo-sexuais; vertente social, que engloba as discussões de valores e atitudes, os modelos morais que recobrem as vertentes anteriores. (p. 42)

Por sua vez, Duque e Duque (2005) citados por Cunha (2007) vão mais longe e apresentam sete dimensões como sendo as que melhor descrevem a sexualidade como um parecer pluridimensional. Sustentam que a sexualidade marca todo o nosso ser. Neste sentido, apresentam as seguintes dimensões da sexualidade,

Biológica, plano físico (determinantes genéticos, neurológicos, hormonais, anatómicos e fisiológicos); sensual, valor sensível que a junção entre os dois seres suscita e está relacionada com a dimensão anterior. O toque, a sensibilidade da pele, o envolvimento da pessoa; psíquica, abrange as áreas do afeto, relação interpessoal, capacidade do outro dar sentido à sua vida; 4) erótica, desejo, atração sexual, a busca do outro; cultural, linguagem que lhe permite expressar ritos e gestos verdadeiros, dentro de uma sociedade com uma cultura própria; social, relação interpessoal; ética e moral, normas, que devem ter como base o respeito pelos que vivem na mesma sociedade. (p.16)

Definir sexualidade resulta, pois, numa tarefa extremamente complexa. De facto, a sexualidade, dada a importância que assume no contexto da existência humana, surge imbuída num confuso conjunto de dimensões, problemáticas e disciplinas diversas que se dedicam ao seu estudo (López & Fuertes, 1999). Para Pontes (2011), a sexualidade não pode ser de forma alguma perspectivada como imutável, quer em termos pessoais

quer em termos sociais ou históricos. Varia de forma significativa ao longo do ciclo de vida, podendo ser experienciada de forma diferente em função da idade, classe, etnia, capacidade física, orientação sexual, religião e região e engloba não só fatores biológicos ou fisiológicos mas também fatores emocionais, relacionais e sociais. Por outro lado, para López e Fuertes (1999), cada cultura e sociedade regulamenta de forma diversa os comportamentos sexuais através dos costumes, da moral e das leis civis. Bantman (1997) atesta que a sexualidade, mais do que qualquer outra relação humana, brota e desenvolve-se em termos de uma cultura e de uma norma em vigor.

3.1. Sexualidade na Terceira idade

“Os idosos interessam-se pela vida sexual e mantêm-se, de facto,
sexualmente ativos”
(Simões, 2006, p. 44).

Na opinião de Serrão (2007, p. 70), "se falar, refletir e auscultar a sexualidade nas diferentes fases do ciclo vital é difícil, constrangedor e preconceituoso, mais delicado parece ser autenticar a sexualidade na terceira idade". Insiste-se em acreditar que a atividade sexual desaparece com a idade, muito embora se trate de uma crença sem qualquer fundamento. Muitas das pessoas que se encontram na Terceira idade continuam sexualmente ativas e assumem manter desejo sexual (Dias, 2008). A mesma autora expõe que a ideia de que as pessoas de idade avançada também possam manter relações sexuais ainda não é culturalmente aceite. Não obstante, a velhice conserva a necessidade de uma expressão sexual continuada, não havendo, pois, uma idade para que a atividade sexual, os pensamentos sobre sexo e o desejo acabem. Dias (2008, p. 1) continua o seu discurso afirmando que "a sexualidade continua impregnada de uma ideia muito associada ao coito, não compreendendo ou concebendo outras atitudes, condutas ou práticas da mesma forma prazerosas". Acrescenta, inclusive, que o diálogo envolto de palavras carinhosas, estimulantes, carícias, preliminares, um forte entendimento e cumplicidade fazem parte da expressão sexual e há que encontrar aquelas que mais se coadunam a cada casal idoso. A sexualidade nesta fase da vida até pode ser experienciada de forma mais intensa e com maior qualidade, uma vez que, à partida, os problemas do quotidiano relacionados com a criação dos filhos e horários de trabalho, muitas vezes já se encontram estabilizados (Dias, 2008).

De acordo com Basílio (2010, p. 31), "o facto da sexualidade em geral e da sexualidade dos idosos em particular ser reprimida e reprovada socialmente inibe os próprios de a expressarem livremente, demonstrando frequentemente repulsa e pudor por tudo o que se relacione com a sua sexualidade". Este autor adita que a abordagem deste assunto junto dos idosos nem sempre é fácil uma vez que estes já interiorizaram que a sua vida sexual acabou ou já deveria ter acabado há muito tempo. O idoso acaba, pois, por reprimir os seus desejos sexuais e torna-se extremamente crítico em relação aos comportamentos e manifestações dos seus semelhantes.

Vasconcelos (1994, p. 84) salienta que a sexualidade na Terceira idade parece estar mais associada à sua dimensão psicoafetiva "o sucesso conjugal na velhice está ligado à intimidade, à companhia e à capacidade de expressar sentimentos verdadeiros um para o outro, numa atmosfera de segurança, carinho e reciprocidade" e pode significar uma oportunidade de "expressar afeto, admiração e amor, a confirmação de um corpo funcional, aliado ao prazer de tocar e ser tocado". A sexualidade expressa-se de diferentes formas nas múltiplas etapas do ciclo vital. Assim, a sexualidade é evidentemente vivenciada e expressa de diferentes maneiras na Terceira idade, comparativamente com as restantes etapas. Conforme refere Capodiecici (2000, p. 231), "na idade avançada ama-se de maneira mais profunda, consegue-se purificar o amor da paixão que é mais sensual do que genital. Assim, para eles, um olhar ou uma carícia podem valer mais do que muitas declarações de amor". É com estas palavras e expressões, bem mais espontâneas e autênticas, que a sexualidade pode ser vivenciada pela pessoa e pelo casal nesta fase vital. Apesar de existirem interesses sexuais nas várias etapas da vida: infância, adolescência, adulto e velhice, a vivência da sexualidade muda com a idade tendo características próprias em cada uma delas. A partir da meia-idade surgem mudanças morfológicas, psicológicas e no relacionamento conjugal que se refletem no comportamento sexual dos casais. No que concerne à capacidade sexual, a resposta sexual do homem diminui com a idade, contribuindo para isso variáveis fisiológicas e psicossociais. O mesmo sucede com a mulher apesar de estas alterações serem mais evidentes no homem, já que a resposta sexual masculina é externa e mais evidente comparativamente com a feminina.

Autores como Gradim, Sousa e Lobo (2007), defendem que todas estas mudanças inevitáveis do envelhecimento não afetam necessariamente o prazer masculino e

feminino, pois mesmo com estas alterações os idosos poderão ser capazes de usufruir de uma relação sexual prolongada e o ato sexual pode construir-se numa experiência sensual e prazerosa. Contudo, para que seja possível compreender a sexualidade do idoso, é necessário ter em conta que o comportamento sexual é definido por vários princípios: cultura, religião e educação. Estes valores influenciam intensamente o desenvolvimento sexual, determinando como se irá vivenciá-lo e lidar com ele para toda a vida. O sexo, nesta faixa etária, é visto com uma forma de receber e retribuir afeto e carinho, fazendo com que se sintam capazes de despertar desejos.

Constate-se que a sexualidade faz parte da vida dos seres humanos e está presente em todas as fases do desenvolvimento do homem e da mulher (desde o nascimento até a morte) continuando por toda a vida incluindo a Terceira idade. A atividade sexual é uma função fisiológica como é a digestão ou a respiração (Gradim, Sousa & Lobo, 2007).

Almeida e Lourenço (2007) atestam que o sexo na Terceira idade traz satisfação física, reafirma a identidade e demonstra o quanto cada pessoa pode ser valiosa para outra, estimulando sensações de aconchego, afeto, amor e carinho.

No parecer de Lopes (1993, p. 79) é importante reter que "o envelhecimento não compromete necessariamente a sexualidade porque o homem é capaz de ter uma ereção peniana em qualquer idade, tal como a mulher consegue atingir uma lubrificação vaginal adequada e chegar ao orgasmo". Estas respostas sexuais só ficarão comprometidas se estiverem perante um bloqueio físico ou psicossocial. Um outro aspeto significativo exposto pelo mesmo autor é a monotonia sexual. A sexualidade não se pode circunscrever ao contato de um pénis e uma vagina. O sexo pode ser o resultado de vários estímulos afetivos, designadamente, através da masturbação, da fantasia, do coito, entre outros.

3.2. Mudanças na função sexual com a idade

No parecer de Nunes (2008), a sexualidade é um mundo fascinante que passa por um conjunto de aspetos que vão desde a comunicação, a intimidade e fantasias até ao contato físico, com os beijos, carícias e diferentes práticas sexuais.

Quando se fala de resposta sexual humana, para López e Fuertes (1999, p. 93) "estamos a referir às alterações somáticas e psicológicas que ocorrem numa pessoa quando esta se sente motivada, logo ativada, sexualmente". Comumente aceita-se o facto de que a resposta sexual constitui um processo que segue uma sequência previsível de alterações fisiológicas, independentemente de qual seja o tipo de comportamento sexual. Crawford (2005) acrescenta que

nos anos 60, Masters e Johnson, desenvolveram uma série de estudos sobre a resposta sexual humana e verificaram que existia um padrão comum de respostas sexuais tanto em homens como em mulheres, ou seja, ambos passavam por uma série de transformações fisiológicas durante uma interação sexual. (p. 129)

De forma mais descritiva, esta sequência de alterações fisiológicas foi dividida em várias fases, nomeadamente, excitação, planalto ou plateau, orgasmo e resolução⁸ (López & Fuertes, 1999). Note-se que este padrão nem sempre é sequencial, podendo verificar-se algumas alterações.

Tanto nos homens como nas mulheres, os quatro estágios sofrem modificações com a idade. Assim, nos homens as ereções levam mais tempo para se tornarem eficazes e podem ser menos completas durante a fase de excitação. Podem, inclusive, necessitar de estimulação mais direta para conseguirem uma ereção a fase de planalto é usualmente mais longa o que pode ter resultado positivo. Também as secreções pré-ejaculatórias são reduzidas ou ausentes e, à medida que o orgasmo se aproxima, a extensão da inevitabilidade ejaculatória está reduzida. Durante a resolução, o desinchaço e a descida dos testículos ocorre mais rapidamente do que no jovem adulto (Ribeiro, 2010).

Na mulher, durante a fase de excitação, ocorre menor lubrificação vaginal e menor vasocongestão da genitália. A vagina abre-se menos e os lábios maiores podem não se

⁸De acordo com Kaplan (1979) citada por López e Fuertes (1999, p. 92), o desejo sexual é "um estímulo ou impulso produzido pela ativação de um sistema neuronal específico no cérebro". Por sua vez, como consequência da estimulação sexual, seja ela física, psíquica ou uma combinação de ambas, desencadeia-se a excitação sexual, evidenciada fisiologicamente pela vasocongestão que se produz na área genital. Já o orgasmo, tanto na mulher como no homem, supõe uma libertação de tensão sexual acumulada durante a excitação através de uma série de contrações reflexas dos músculos que rodeiam os órgãos genitais (López & Fuertes 1999). Os mesmos autores apresentam ainda a fase de resolução. Durante esta fase, todas as alterações ocorridas na fase de excitação iniciam um processo de inversão, recuperando o seu estado de repouso anterior à excitação.

aplainar e não se separar. Na fase de planalto também ocorre menor vasocongestão, menor abertura da vagina e uma menor elevação do útero. Durante o orgasmo a mulher adulta tem as mesmas contrações vaginais, ainda que com menor intensidade e duração. Por último, na fase de resolução, a tensão sexual diminui e a ereção dos mamilos pode continuar durante horas (Ribeiro, 2010). As mulheres mais velhas, segundo Eliopoulos (2005), podem ainda apresentar dispareunia, em consequência da menor lubrificação, diminuição da distensibilidade e afinamento das paredes vaginais, assim como um novo interesse pelo sexo, provavelmente porque não necessitam de temer uma gestação indesejada.

Em suma e sob a perspectiva de Eliopoulos (2005), embora ocorram diferenças individuais na intensidade e na duração da resposta sexual nas pessoas idosas, a expressão sexual regular para ambos os sexos é importante na promoção da capacidade sexual e na manutenção da função sexual.

3.3. Fatores que influenciam a sexualidade na Terceira idade

3.3.1. Idade

O processo de envelhecimento acarreta várias alterações ao nível dos determinantes biológicos, que englobam os fatores genéticos, neurológicos, hormonais anatómicos e fisiológicos e que poderão exercer alguma influência na vivência da sexualidade. Tal fato não implica a sua cessação, podendo antes exigir alguma adaptação. López e Fuertes (1999, p. 135), expõem que essas alterações, quando se fala da sexualidade adulta, iniciam-se lentamente entre os trinta e os quarenta anos para, progressivamente, se irem tornando mais evidentes à medida que o indivíduo avança na idade. A partir dos sessenta e cinco anos, idade em que se situa sociologicamente o início da velhice, as manifestações começam a ser mais nítidas. "Contudo, é necessário insistir que essas alterações se dão em graus muito distintos e aparecem em tempos claramente diferentes, dependendo de inúmeros fatores" (López & Fuertes, 1999, p. 135).

Quanto aos fatores fisiológicos torna-se fulcral clarificar as alterações que ocorrem tanto no homem como na mulher. Atente-se que nas mulheres, o processo de envelhecimento sexual tem uma marca biológica evidente -a menopausa - que é um processo natural caracterizado pela paragem definitiva das menstruações, resultante da

diminuição progressiva do ritmo de ovulação. Referente ao climatério, Catão (2008) define-o como um conjunto de alterações somáticas e psíquicas que se observam na parte terminal do período reprodutor da mulher. É igualmente visto como o período que antecede e acompanha a menopausa. No que diz respeito à idade, a menopausa desencadeia-se por volta dos cinquenta anos, podendo ter bases hereditárias, o que não significa que uma mulher entre na menopausa na mesma idade da sua mãe. Catão (2008) adiciona que a menopausa também resulta de um envelhecimento biológico que ocorre no final dos anos reprodutivos da mulher, sendo a altura em que a mulher perde estrogénio e progesterona em maiores quantidades. As principais alterações biofisiológicas apresentadas por López e Fuertes (1999) que ocorrem nas mulheres são,

1) diminui o tamanho da vagina, que também se torna mais estreita e perde elasticidade; 2) os seios diminuem de tamanho e perdem a sua firmeza; 3) a lubrificação vaginal diminui em quantidade e é mais lenta; 4) a distribuição da gordura deixa de ser "tipicamente feminina", produzindo-se alterações importantes na figura corporal; 5) as alterações fisiológicas que acompanham a resposta sexual diminuem de forma ostensiva. As mamas quase não aumentam de tamanho; produz-se uma menor vasocongestão dos órgãos genitais; diminui a intensidade e a frequência das contrações; 6) as alterações ocorridas na vagina podem tornar o coito doloroso se não se aplicam cremes adequados. A resposta clitoriana, contudo, não sofre alterações importantes. (p. 136)

No parecer de López e Fuertes (1999), as mulheres costumam assumir melhor que os homens as alterações que afetam a esfera estritamente sexual. Porém, aceitam pior o processo geral de envelhecimento, em especial quanto à sua imagem corporal, entre outras razões, porque se exige às mulheres uma figura corporal mais juvenil.

Para o homem, de acordo com López e Fuertes (1999), as mudanças fisiológicas mais importantes são: a diminuição de testosterona, da produção de esperma, a ereção mais lenta, a necessidade de maior estimulação, os testículos reagem mais lentamente à resposta sexual, o período refratário aumenta, a quantidade de sémen ejaculado é menor e o orgasmo pode ser mais curto e mais intenso. No caso dos homens, as alterações anteriormente mencionadas podem estar relacionadas com a andropausa, a partir do qual se verifica uma redução progressiva da produção de testosterona, e que o mesmo pode ocorrer aproximadamente a partir dos cinquenta e cinco anos. As manifestações da

andropausa são muito variáveis de indivíduo para indivíduo no que respeita ao aparecimento e intensidade das mesmas, sendo que alguns homens nunca passam por este processo, independentemente da idade (López & Fuertes, 1999). Os mesmos autores acrescentam que estas alterações são naturais e esperadas e não comprometem a capacidade para o prazer sexual quando é possível encontrar mecanismos adaptativos. Neste contexto, López e Fuertes (1999) relembram ainda que as alterações mencionadas não devem ser, de forma alguma, classificadas como decadência sexual, já que a sexualidade é uma área que não se restringe à vertente meramente genital, coital ou reprodutiva. Alguns casais acomodam-se às alterações físicas do envelhecimento recorrendo à masturbação recíproca e sexo oral, em vez do coito, proporcionando um estímulo prolongado e direto que muitas pessoas idosas acham necessário para o orgasmo sem sentirem o mal-estar ou a incomodidade que podem derivar da prática do coito.

3.3.2. *Causas médicas*

Segundo Valente (2011) existem diversos quadros clínicos que podem implicar níveis de perturbação sexual, particularmente: Diabetes mellitus; Hipertensão arterial; Arteriosclerose; Acidente Vascular Cerebral; Cancro da próstata; Cancro da mama; Esclerose múltipla; Doenças reumáticas, entre outros. Por sua vez, Amaro (2006) acrescenta que doenças como a artrite, que provoca falta de mobilidade, ou mudanças de imagem corporal, resultantes por exemplo de uma mastectomia podem dificultar a atividade sexual. Na opinião de Correia (2003), a depressão pode ser igualmente um fator de redução das relações sexuais, sendo muito frequente nas pessoas idosas. Para além das doenças, podem citar-se diversos medicamentos que provocam disfunção erétil ou que inibem a libido. O uso de medicação anti hipertensiva e psicotrópica pode ter efeitos perversos ao nível da atividade sexual.

3.3.3. *Causas psicossociais*

Para além dos fatores de ordem fisiológica, existem inúmeros fatores psicossociais que exercem uma influência determinante na evolução da sexualidade na Terceira idade. Entre os fatores psicossociais importa salientar o impacto do envelhecimento nas transformações que ocorrem ao nível do corpo, sendo que este também é um fator que influencia o que sentimos em relação às pessoas idosas. O aparecimento de cabelos

brancos, perda de vitalidade, pele flácida e enrugada, aumento da gordura, entre outros, podem levar as pessoas idosas a ter uma imagem depreciativa de si próprias e a pôr em causa a sua capacidade de atração sexual (Correia, 2003). Através da seguinte citação de López e Fuertes (1999) comprova-se o que anteriormente foi mencionado.

O modelo dominante de figura corporal atrativa, baseado na juventude, elegância, vigor físico, ausência de gordura, etc., faz com que a velhice seja sinónimo de fealdade, o que leva muitas pessoas mais velhas, pelo simples facto de o serem, a considerarem que não podem atrair os outros e a autolimitarem as suas relações. Além disso, este modelo interiorizado faz com que os idosos pareçam realmente feios e indesejáveis do ponto de vista sexual. (p. 138)

López e Fuertes (1999) expõem mais algumas ideias erróneas presentes na sociedade e que, de certa forma, condicionam a expressão da sexualidade por parte da população idosa. O modelo de sexualidade dominante é possivelmente o fator mais determinante, "este modelo, caracterizado por nós como modelo juvenil, genital, heterossexual e ao serviço da reprodução, revela-se extremamente ameaçador para os idosos já que, em relação a quase todas estas características, vivem, sem dúvida, um período de decadência" (López & Fuertes, 1999, p. 138). Outro fator psicossocial que pode interferir na atividade sexual das pessoas idosas prende-se com a ausência de parceiro sexual. Muitas pessoas enfrentam nesta fase da vida a morte do cônjuge. Outras permaneceram solteiras, e nestes casos é mais difícil ter um parceiro sexual, mesmo que o desejem. Acresce a isto o facto de o número de homens idosos ser mais reduzido em relação às mulheres idosas.

Neste sentido, López e Fuertes (1999) alegam que os homens e as mulheres idosas apresentam razões distintas para explicar a ausência de relações sexuais na velhice. No que concerne às mulheres, as mesmas justificam a falta de atividade sexual devido à morte ou doença do marido, porque estão separadas ou divorciadas, ou ainda impotência ou perda de interesse por parte do companheiro. Relativamente aos homens idosos, estes consideram que não têm relações sexuais devido a impotência, doença e falta de interesse ou oportunidade (López & Fuertes, 1999).

Recorrendo a López e Fuertes (1999) é possível ainda referir outros fatores psicossociais que condicionam a atividade sexual das pessoas idosas

1) Normalmente as relações rotineiras, insatisfatórias ou conflituosas diminuem o desejo sexual, o grau de excitação e, com o tempo, as próprias capacidades sexuais; 2) as dificuldades económicas ou sociais . . . diminuem também o interesse e as capacidades sexuais sobretudo pela situação de tensão e sensação de marginalização que provocam; 3) condições físicas inadequadas . . . diminuem o desejo, as próprias capacidades e as possibilidades de se tornarem atrativos para os outros; 4) o medo de não ser capaz de ter relações sexuais coitais ou de proporcionar prazer ao parceiro limita . . . a capacidade sexual; 5) a atitude dos filhos e da sociedade em geral, normalmente muito negativa perante a ideia de que os seus pais possam interessar-se pela atividade sexual, converte-se, em muitos casos, numa dificuldade insolúvel que os persegue e culpabiliza. (p.138-139)

Não obstante estes fatores, López e Fuertes (1999) consideram que existem outros que contribuem de forma de forma positiva para que as pessoas mais velhas desfrutem de experiências gratificantes do ponto de vista das relações sexuais e dos afetos. Nesta fase da vida, "o interesse pelo contato corporal, a ternura, a comunicação, e o amor podem ser potenciados independentemente das formas de atividade sexual concreta que adotem" (López & Fuertes, 1999, p. 141).

3.4. Disfunções sexuais

Tendo como referência Gott (2005), a disfunção sexual corresponde a um distúrbio no processo que caracteriza o ciclo da resposta sexual, ou a dor associada à penetração. Neste sentido, e atendendo às diferentes fases do ciclo de resposta sexual, López e Fuertes (1999) apresentam para cada fase um conjunto de disfunções sexuais: 1) Fase do desejo: desejo sexual inibido e desejo sexual hiperativo; 2) Fase de excitação: inibição da excitação sexual feminina e disfunção erétil; 3) Fase do orgasmo: ejaculação precoce, ejaculação retardada, ausência de ejaculação, orgasmo prematuro na mulher, orgasmo retardado na mulher e, por último, ausência de orgasmo na mulher⁹. A estas

⁹ Para se obter uma descrição detalhada de cada uma das disfunções apresentadas aconselhamos a consulta das páginas 153, 154 e 155 da obra de López e Fuertes (1999).

disfunções os mesmos autores acrescentam três que por si só não implicam a inibição de nenhuma fase concreta de resposta sexual. Duas delas estão associadas a algum tipo de dor nas relações sexuais: dispareunia no homem e na mulher e vaginismo na mulher. A terceira associa-se a algum tipo de medo irracional face à sexualidade: a aversão sexual.

É necessário ter em consideração alguns aspetos, principalmente quatro, quando se fala de disfunções sexuais. 1) todos os problemas abordados podem ocorrer de forma isolada ou episódica em qualquer momento da vida do indivíduo. Para que seja considerada disfunção sexual, o problema subjacente tem de ocorrer de forma repetida e persistente durante algum tempo; 2) Os problemas relativos à fase orgástica, geralmente, não são dificuldades surgidas em consequência dos diferentes ritmos ou rapidez de resposta entre o homem e a mulher; 3) todas as disfunções sexuais podem surgir a partir do momento em que o indivíduo começa a ter relações sexuais ou após ter havido um funcionamento sexual sem nenhum problema; 4) as disfunções podem ocorrer de forma generalizada, com todos os companheiros sexuais e em todas as situações ou pontualmente. Se acontecer pontualmente a disfunção poderá ser de origem psicológica ou adquirida (López & Fuertes, 1999).

López e Fuertes (1999, p. 156) encerram este assunto colocando uma questão "quais são as causas ou os fatores determinantes das disfunções sexuais? Para responderem recorrem a Kaplan (1974) que assegura que na maior parte das disfunções sexuais é difícil falar de um único fator causal porque elas são determinadas pela interação de vários fatores.

3.4.1. Impacto das disfunções sexuais na Terceira idade

De acordo com a APA (2004), as disfunções sexuais caracterizam-se por uma perturbação nos processos que representam o ciclo de resposta sexual ou dor associada à relação sexual.

Na perspetiva de Gott (2005), a informação existente acerca do impacto das disfunções sexuais na Terceira idade, bem como sobre até que ponto essas disfunções constituem "problemas sexuais". é escassa. O autor acrescenta que a disfunção sexual não tem obrigatoriamente de ter um efeito negativo severo a nível individual e que esse efeito é bastante complexo, dependendo de múltiplos fatores, incluindo a natureza da disfunção,

o gênero, a idade, o estatuto social, experiências sexuais anteriores, o papel e o propósito do sexo na vida do sujeito e as expectativas normativas do comportamento sexual. Todavia, a importância que é atribuída pelas sociedades contemporâneas ao sexo significa que a falha sexual pode ter implicações profundas para a pessoa que é afetada.

3.4.1.1. Influência nos homens

Calafate (2010) define a disfunção erétil ou disfunção sexual masculina como sendo uma incapacidade persistente de conseguir manter a ereção do pênis o tempo suficiente para completar uma relação sexual satisfatória. Embora não seja o único problema sexual experienciado pelos homens, este é o mais divulgado. Na opinião de Calafate (2010, p. 101) "a disfunção erétil é uma doença que acarreta grande sofrimento, muitas vezes em silêncio, e tem consequências devastadoras a nível individual, familiar, social e mesmo profissional, pois apenas 10% dos homens com disfunção erétil está a receber tratamento". Considera-se que o fator idade desempenha um papel crucial na mediação do impacto da disfunção erétil no indivíduo, sendo que os homens mais velhos têm menos dificuldade em adaptar-se a essa situação do que os homens mais novos. Os efeitos psicológicos da disfunção erétil podem estar relacionados com a sua própria percepção de perda de juventude, mais do que a condição em que de facto se encontram (Gott, 2005).

3.4.1.2. Influência nas mulheres

A sexualidade masculina é tipicamente reduzida à questão da disfunção erétil e a sexualidade na mulher é encarada como algo de emocional e complexo. A este respeito existe pouca informação disponível sobre em que medida a disfunção sexual feminina é percebida e experienciada pelas próprias mulheres (Gott, 2005). Contudo, nas causas das disfunções sexuais nas mulheres encontram-se: fatores socio demográficos, como por exemplo a idade da mulher ou o seu estado civil; fatores médicos, pois podem ser originadas por doenças ou efeitos de medicamentos; psicológicos, como por exemplo, receio de contrair doenças sexualmente transmissíveis, experiências traumáticas, perda de atração pelo parceiro, a auto estima e imagem corporal negativa, ansiedade, depressão, sentimentos de inferioridade; podem também derivar de crenças sexuais erradas associadas a uma educação restrita e negativa ou a dúvidas quanto à sua orientação sexual (APA, 2004).

3.5. Tabus, mitos e preconceitos relativos à sexualidade na Terceira idade

“A velhice é um direito com que nascemos e que, como tal, deve ser garantida, usufruída e respeitada”
(Carvalho, 2002, p. 8).

Para Crawford (2008), o "sexo sem tabus" é, ainda atualmente, algo do nosso imaginário, pois continuamos presos a uma cultura reservada e conservadora que favorece o perpetuar de mitos e crenças associados ao sexo e à sexualidade, O sexo é associado à juventude, à força e virilidade, ao corpo magro e saudável, como que negando a sexualidade aos mais velhos, enrugados pela vida. A mesma autora argumenta que "a falta de conhecimentos científicos e o imaginário popular criaram, ao longo dos tempos, uma série de ideias que se foram cristalizando como verdades absolutas, formando mitos ou preconceitos relacionados com determinados assuntos que são transmitidos de geração em geração" (p. 21).

Das várias crenças acerca da sexualidade na Terceira idade descritas pela literatura, e de acordo com López e Fuertes (1999), destacam-se:

1) os idosos não têm capacidade fisiológica que lhes permita ter comportamentos sexuais; 2) os idosos não têm interesses sexuais; 3) os idosos não se interessam pela sexualidade e são perversos; 4) os desvios sexuais são mais frequentes nos idosos; 5) a atividade sexual é má para a saúde, especialmente na velhice; 6) a reprodução é o único fim da sexualidade e, portanto, não faz sentido que os idosos tenham atividade sexual; 7) a mulher deve ser mais jovem que o marido; 8) os homens idosos têm interesses sexuais mas as mulheres não; 9) os idosos, pelo facto de serem idosos, são feios; 10) é indecente e de mau gosto que os idosos manifestem interesses sexuais. (p. 134)

A par de todas as crenças, estereótipos e mitos relativos à sexualidade na Terceira idade López e Fuertes (1999) defendem que é preciso considerar que o processo de envelhecimento não conduz a uma fase assexuada do indivíduo, mas antes a uma nova fase da sexualidade humana. Se as capacidades físicas dos idosos podem modificar o desempenho sexual, certo é que o desejo pode manter-se inalterável. López e Fuertes (1999) asseveram que é importante desmistificar a sexualidade na Terceira idade, para

que os idosos não desacreditem dos seus potenciais e capacidades e adotem uma vida assexuada. Acrescentam, inclusive, que uma sexualidade bem vivida aumenta o prazer de viver e a auto estima no homem e na mulher.

Capítulo II. Metodologia de Investigação

2.1. Caracterização da investigação

A investigação qualitativa segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 179-180) apresenta várias características distintas sendo elas: 1) Indutiva: na medida em que coloca de lado o paradigma positivista e procura recolher a informação "de "baixo para cima" em vez de "cima para baixo", tendo sempre como base os dados que obtêm e estão inter-relacionados"; 2) Holística: uma vez que a análise dos dados não se centra exclusivamente no indivíduo mas sim no grupo, permitindo captar a realidade num todo e não em partes individuais; 3) Naturalista: porque nada é simulado, advém de um modo natural, sem que os sujeitos que estão a ser estudados se apercebam que estão a ser investigados, ou seja, o próprio investigador tende a integrar-se totalmente, procurando "minimizar ou controlar os efeitos que provoca nos sujeitos de investigação e tenta avaliá-los quando interpretam os dados que recolheram".

Nas metodologias qualitativas Merriam (1998), suporta que os intervenientes da investigação não são reduzidos a variáveis isoladas mas vistos como parte de um todo no seu contexto natural. É de salientar que ao reduzir pessoas a dados estatísticos existem determinadas características do comportamento humano que são ocultas por isso, para se aprofundar o conhecimento do ser humano, a nível do seu pensamento, deverá utilizar-se dados descritivos, resultantes de registos e anotações pessoais dos comportamentos observados.

Sobre este assunto Bogdan e Biklen (1994) referem que nos métodos qualitativos, o investigador deve estar completamente envolvido no campo de ação dos investigados, uma vez que, na sua essência, este método de investigação baseia-se principalmente em conversar, ouvir, permitir a expressão livre dos participantes. Seguindo esta mesma linha de pensamento, os autores anteriormente mencionados atestam que a investigação qualitativa, por permitir subjetividade ao investigador na procura do conhecimento, implica que exista uma maior diversificação nos procedimentos metodológicos utilizados na investigação.

Considerando que a escolha da metodologia se deve fazer em função da natureza do problema a estudar (Serrano, 2004), a presente investigação adotou a metodologia de

investigação qualitativa, pois considera-se que é a mais adequada para compreender os processos, os produtos e os fenómenos inerentes à problemática desta investigação: compreender como é vivenciada a sexualidade nos homens e nas mulheres com idade igual ou superior a 65 anos – a partir das representações e das percepções interiores dos sujeitos. Pois, como refere Lefébvre (1990) citado por Pacheco (1995, p. 16) no presente estudo pretende-se efetuar uma investigação das “ideias, da descoberta dos significados inerentes ao próprio indivíduo, já que ele é a base de toda a indagação”. Destaque-se que as investigações qualitativas privilegiam, essencialmente, a compreensão dos problemas a partir da perspetiva dos sujeitos da investigação (Serrano, 2004).

Neste contexto, Bogdan e Biklen (1994) consideram que a investigação qualitativa permite descrever um fenómeno em profundidade através da apreensão de significados e dos estados subjetivos dos sujeitos, pois nestes estudos, existe sempre uma tentativa de capturar e compreender, com pormenor, as perspetivas e os pontos de vista dos indivíduos sobre determinado assunto. Posto isto, é possível afirmar que o principal interesse desta investigação não passa por efetuar generalizações mas antes particularizar e compreender os sujeitos e a temática da investigação na sua complexidade e singularidade.

Destaque-se que a presente investigação é qualitativa contudo, recorre-se a valores quantitativos apenas quando se faz uso da escala de satisfação nos quadros cronológicos de eventos. Esta abordagem não coloca em causa a metodologia de cariz essencialmente qualitativo.

Autores como Cook e Reichardt (1986), defendem que deve existir uma forte relação entre o paradigma escolhido e o problema da investigação.

Para Thomas Kuhn (2009, p. 13), um paradigma é “o conjunto de conquistas da ciência que representa um modelo próprio de formulação de hipóteses e de resolução aceitável de problemas numa perspetiva universalmente aceite”. Posto isto, o paradigma representa um conjunto de teorias, de regras, de métodos, de formulações que são comumente aceites pela comunidade de cientistas. Deste modo, o paradigma acaba por ser o próprio campo de trabalho do cientista, o conjunto de regras pelo qual se rege na sua atividade. Assim, limita e define para cada cientista individual os problemas

suscetíveis de serem analisados e a natureza de respostas aceitáveis no mesmo contexto. Guba e Lincoln (1994, p. 108-109) sugerem uma análise do paradigma sustentada num sistema de crenças baseado em questões relacionadas com aspetos ontológicos, epistemológicos e metodológicos. A questão ontológica: Qual a forma e natureza da realidade e o que é que dela podemos/queremos conhecer? A questão epistemológica: Qual a natureza da relação entre o investigador e o investigado (entre o (pretenso) conhecedor e o que pode ser conhecido)? A questão metodológica: Como pode o investigador (inquiridor ou pretenso conhecedor) encontrar o que pode ou quer conhecer?

Guba e Lincoln (1994) explicam que as questões ontológicas relacionam-se com aquilo que pode ser conhecido da realidade, onde o sujeito constrói a sua própria realidade. As questões epistemológicas dizem respeito àquilo que se conhece e que pode vir a ser conhecido. Por último, as questões metodológicas têm como principal objetivo clarificar qual a forma para o investigador obter determinado conhecimento. Estas questões devem ser vistas num conjunto, visto que se interligam e se condicionam.

A presente investigação situa-se no **paradigma interpretativo**. Note-se que sem ter por objetivo a previsão, através da verificação de leis ou generalização de hipóteses, o paradigma interpretativo pretende desenvolver e aprofundar o conhecimento de uma dada situação num dado contexto. Por outras palavras, o paradigma interpretativo encara o mundo real segundo uma construção dos próprios atores sociais. Estes constroem o significado social dos seus acontecimentos tendo em consideração o espaço e o tempo em que se encontram (Bogdan & Biklen, 1994). A este respeito, Schwandt (1994) afirma que no paradigma interpretativo privilegiam-se as experiências subjetivas das pessoas e o seu sentimento sobre o mundo que as rodeia.

Segundo Bleicher (1992), o paradigma interpretativo tem como principal objeção o facto de não ser possível interpretar cientificamente, com objetividade, dados que derivam de experiências humanas, e portanto subjetivas. Consequentemente surge a hermenêutica, que pode ser definida como a teoria que interpreta o sentido das coisas. Esta tem como principal função determinar o significado de palavras, frases, símbolos. Sadín (2010), numa das suas obras menciona o filósofo Dilthey que consequentemente afirma que o investigador deve manter-se afastado da sua história para poder interpretar os significados dos outros. Bleicher (1992), sustenta que Dilthey defendia que os

acontecimentos da vida podem ser compreendidos através das vivências e de uma auto compreensão do intérprete que ocorre durante o processo de conhecimento do objeto em questão.

2.2. Problema e objetivos da investigação

Segundo Fortin (1999, p.48), “qualquer investigação tem por ponto de partida uma situação considerada problemática, que causa mal-estar, inquietação e que por consequência, exige uma explicação ou pelo menos uma melhor compreensão do fenómeno observado”.

Neste âmbito, considerámos pertinente debruçarmo-nos sobre a problemática da Sexualidade na Terceira idade e formulámos o problema que está inerente à investigação nos seguintes termos:

“Como é vivenciada a sexualidade nos homens e nas mulheres com idade igual ou superior a 65 anos?”.

De acordo com o problema traçado tenta-se responder a questões específicas, nomeadamente: (i) Como é a perceção de uma mulher e de um homem sobre a sua sexualidade?; (ii) Como vivenciam a sua sexualidade?; (iii) Quais os fatores que interferem na sua sexualidade?

2.3. Método de investigação: Estudo de caso

Quando se procuram compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores, Coutinho e Chaves (2002), asseveram que o estudo de caso é uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada. Os mesmos autores referem que quase tudo pode ser um “caso”: um indivíduo, um pequeno grupo, uma organização, uma comunidade ou mesmo uma nação.

Para Fragoso (2004), o estudo de caso é um tipo de investigação que tem como objetivo compreender a ação humana, em que as pessoas são vistas na sua totalidade como sujeitos e não como objetos; os atores sociais são percecionados como produtores de sentido e construtores da realidade social, sendo a subjetividade um valor fundamental

deste tipo de investigação. O autor acrescenta que é importante conhecer o contexto para que se possa compreender as pessoas e o fenómeno. Assim, os seres humanos não são simplesmente indivíduos dispersos, mas desenvolvem uma integridade entre si, uma vez que se encontram intrinsecamente ligados. Neste sentido Sturman (1997), citado por Fragoso (2004), adita que uma das principais características do estudo de caso é precisamente a visão holística da investigação.

Segundo Ludk e André (1986), um estudo de caso apresenta as seguintes características: visa a descoberta, na medida em que podem surgir, em qualquer altura novos elementos e aspetos relevantes para a investigação, além dos pressupostos do enquadramento teórico inicial; enfatiza a interpretação em contexto, pois todo o estudo desta natureza tem que ter em conta as características individuais de cada sujeito, as crenças, o ambiente em que se inserem, entre outros aspetos; retrata a realidade de forma completa e profunda; usa uma variedade de fontes de informação; permite generalizações naturalistas; procura representar as diferentes perspetivas presentes numa situação social; utiliza uma linguagem e uma forma mais acessível do que outros métodos de investigação.

Para Merriam (1998), um estudo de caso qualitativo é descritivo, particularista, e heurístico. É descritivo pois o produto final é uma descrição detalhada do fenómeno em estudo; é particular na medida em que se centra numa situação específica e é heurístico no sentido em que auxilia na compreensão do fenómeno estudado. De acordo com esta perspetiva considera-se que o estudo de caso é uma abordagem metodológica que permite analisar com intensidade e profundidade diversos aspetos de um fenómeno, de um problema, de uma situação real: o caso. Tal como refere Stake (1998, p. 11), o estudo de caso consiste no “estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular para chegar a compreender a sua complexidade”.

Neste contexto de compreensão profunda de uma realidade, Yin (2002) define estudo de caso como sendo uma investigação empírica visto que estuda uma dada identidade no seu contexto real. No estudo de caso, tal como a expressão indica, examina-se o “caso” em profundidade, no seu contexto natural, reconhecendo-se a sua complexidade e recorrendo-se para isso a todos os métodos que se revelem apropriados. Deste modo, o estudo de caso implica um conhecimento profundo da realidade investigada e, como tal,

recorre a diferentes métodos e técnicas que se enquadram sobretudo, numa investigação de cariz qualitativo¹⁰ (Yin, 2002).

Quando se fala em estudos de caso torna-se importante analisar as diversas tipologias que os autores têm vindo a construir. Autores como Bogdan e Biklen (1994) definem o estudo de caso como único ou múltiplo. Os estudos de caso únicos são aqueles que se centram num único caso enquanto os estudos de caso múltiplos efetuam-se através do estudo de vários casos únicos. Para Yin (2002), independentemente de serem casos únicos ou múltiplos estes podem ser: exploratórios (quando não se conhece nada, ou quase nada da realidade a investigar), descritivos (descritivo quando há uma descrição densa e complexa de um fenómeno no seu contexto natural), explicativos (quando os dados se baseiam nas relações de causa e efeito, procurando explicar quais as causas que produziram determinados efeitos) ou avaliativos (quando o objetivo é avaliar).

A diversidade de critérios e características que constituem os estudos de caso levam a algumas classificações e tipificações. Deste modo, consoante os objetivos que o investigador tem presente ao optar por este desenho de estudo, Stake (1998), classifica os estudos de caso em: intrínseco, instrumental, agregado ou múltiplo. Os estudos de caso intrínsecos têm como principal objetivo da investigação compreender o caso em particular, é na sua particularidade que se encontra o foque da investigação e não em perceber todos os casos. Os estudos de caso instrumentais ocorrem quando um caso particular é estudado com a intenção de clarificar um determinado tema ou teoria. Por último, os estudos de caso agregado ou estudo de caso múltiplo estudam um conjunto de casos ao mesmo tempo, de forma a investigar um fenómeno ou uma condição mais geral.

Considerando a classificação apresentada anteriormente por Stake, o caso da presente investigação é intrínseco porque pretende-se obter uma melhor compreensão, em profundidade, de dois casos particulares e individuais.

¹⁰ Na perspetiva de Serrano (2004), o estudo de caso tem como eleição descobrir, compreender ou interpretar o significado de uma realidade, mais do que provar hipóteses, a sua lógica enquadra-se melhor numa perspetiva de investigação qualitativa. Assim, o estudo de caso é uma abordagem abrangente que pode incluir técnicas de recolha de informação como observação, entrevistas, análise de documentos, entre outras.

Em suma, a presente investigação constituiu um estudo de caso de natureza qualitativa e naturalista uma vez que decorreu em ambiente natural, na Universidade do Algarve para a Terceira Idade, com um número reduzido de participantes. Através do uso da entrevista exploratória, as investigadoras foram as principais agentes de recolha de informações. Os instrumentos de recolha de informação foram de cariz essencialmente descritivos e explicativos uma vez que procuraram descrever a visão dos participantes sobre a sua sexualidade, identificar como a vivenciam e analisar quais os fatores que interferem na mesma.

Bravo (1998), sustenta que num estudo de caso a escolha da amostra adquire um sentido muito particular pois constitui o cerne da investigação. Embora a seleção da amostra seja deveras importante, Stake (1998) adverte que a investigação num estudo de caso não se baseia em amostragem. Neste tipo de abordagem metodológica, como é o estudo de caso, não se privilegia uma amostragem aleatória e numerosa, mas sim criteriosa ou intencional, ou seja, a seleção da amostra está sujeita a determinados critérios que permitam ao investigador aprender o máximo sobre o fenómeno em estudo (Vale, 2000). Assim, a escolha dos **participantes** foi intencional uma vez que os mesmos forneceram informações significativas sobre o tema da investigação.

A investigação decorreu na Universidade do Algarve para a Terceira Idade e os participantes detêm setenta e dois anos e setenta e três anos respetivamente. Atente-se que a instituição serviu apenas como meio de obtenção da informação, detendo a Maria e o Manuel, nomes fictícios¹¹, o papel principal.

2.4. Técnicas de pesquisa e de recolha de informação

De acordo com Serrano (2004), as técnicas de pesquisa e de recolha de informação que são utilizadas no início de uma investigação são fulcrais para o desenvolvimento da mesma. No que diz respeito às técnicas de recolha de informação e de acordo com a autora supra mencionada é possível asseverar que estas servem para aplicar e conduzir a informação existente no contexto em estudo. Pode-se dizer que o método representa o caminho e as técnicas a forma de consegui-lo. Os métodos assumem um carácter mais global, abrangem várias técnicas, tendo estas um carácter mais prático e operativo.

¹¹ Por questões de anonimato e de confidencialidade definiu-se que os participantes desta investigação se designariam de Maria e Manuel.

Tuckman (2000, p. 516) menciona três tipos de **fontes de obtenção de dados** que se podem utilizar num estudo de caso: "entrevistas, documentos vários e através da observação".

No processo de recolha de informação, o estudo de caso recorre a várias técnicas próprias da investigação qualitativa, nomeadamente o diário de bordo, o relatório, a entrevista e a observação. A utilização destes diferentes instrumentos constitui uma forma de obtenção de dados de diferentes tipos, os quais proporcionam a possibilidade de cruzamento de informação (Brunheira, 2000).

Sandín (2010, p. 194), defende que quando fazemos uma investigação e pretendemos que esta tenha qualidade é importante ter em consideração “rigor científico, confiabilidade, veracidade, plausibilidade, adequação metodológica, credibilidade, congruência, etc.”.

Mishler (1990) citado por Sandín (2010) afirma que “a validação é o processo (ou os processos) por meio do qual realizamos afirmações e avaliamos a credibilidade de observações, interpretações e generalizações” (p. 194).

Quando falamos em validação no contexto da investigação qualitativa é importante ter presente que tanto a validade como a fiabilidade são direcionadas para o positivismo e que quando falamos em validação numa investigação qualitativa estamos perante uma contradição. Deste modo, Olabuénaga (1999, p. 78), sustenta que muitas vezes confunde-se a validade da metodologia qualitativa com a de um caso concreto. Um estudo baseado na metodologia qualitativa não permite assegurar a validade deste estudo, “os critérios para esta validade não existem”. Neste sentido podemos afirmar que o grau de validade de um caso não está totalmente relacionado com a validade em si, mas ao nível da sua coerência interna (Olabuénaga, 1999).

Seguindo esta linha de pensamento e tendo como referência Fragoso (2004), uma investigação qualitativa não se pode apoiar nas conceções tradicionais de validação que têm a sua origem no positivismo. É essencial ter presente que quando falamos em investigação qualitativa estamos a estudar a realidade e que não existe apenas uma versão da realidade social, mas várias realidades subjetivas. Assim, se há várias realidades também irá haver interpretações distintas, pelo que não é possível falar numa

interpretação única que seja a “correta”. A partir destes argumentos surgem várias perspectivas e a questão da validação transforma-se e admite: que um estudo pode ter várias interpretações; aferir se as interpretações são coerentes entre si e de acordo com os dados; que a única forma de assegurar a validade é comparando os resultados com outros investigadores ou outras investigações semelhantes (Fragoso, 2004). Por conseguinte deve existir uma preocupação no sentido em que os dados recolhidos estejam de acordo com o que o indivíduo diz e faz (Carmo & Ferreira, 1998).

Para Stake (1995) o estudo de caso é composto por cinco condições: a escolha da questão; a triangulação de dados; o conhecimento experiencial; os contextos e as atividades. A procura de linhas de evidência é essencial para que seja possível a definição dos “factos” do caso. Neste sentido deve-se utilizar diferentes fontes para obter resposta às mesmas questões (Yin, 1997). O grande objetivo é realizar a triangulação dos dados, utilizando múltiplas perspectivas com a finalidade de clarificar significados e verificar a repetibilidade de uma observação ou interpretação (Stake, 1995). Portanto, a triangulação surge como uma estratégia para repensar a validade e deve aparecer como um dos últimos elementos da investigação (Denzin & Lincoln, 1994). No caso concreto dos estudos de caso, isto pode ser feito utilizando várias fontes de dados, se todas coincidirem é porque a investigação é viável e os dados foram triangulados com êxito (Yin, 2002).

A necessidade de se efetuar triangulação surge da necessidade ética para confirmar a validade dos processos. Em estudos de caso isto pode ser feito utilizando várias fontes de dados (Yin, 2002). De forma a aumentar a credibilidade das interpretações realizadas pelo investigador, este deverá recorrer a um ou a vários “tipos de triangulação”. Para Denzin e Lincoln (1994), existem quatro tipos de triangulação: Triangulação de dados, em que se confrontam os dados provenientes de diferentes fontes; Triangulação do investigador, em que entrevistadores/observadores diferentes procuram detetar desvios derivados da influência do fator “investigador” relativamente ao mesmo tema; Triangulação teórica, consideram-se os dados a partir de perspectivas teóricas e hipóteses diferentes; Triangulação metodológica, aplicam-se múltiplas combinações “inter metodológicas” e comparam-se os resultados obtidos para analisar as coincidências e as divergências.

Por sua vez, Bisquerra (1989) vai mais longe e apresenta um quinto tipo de triangulação que é a triangulação múltipla. Segundo o autor a triangulação múltipla é onde se combinam os vários tipos de triangulação (dados, observadores, entre outras).

De acordo com o que foi exposto, a investigação procedeu de uma abordagem por triangulação múltipla uma vez que foi utilizado mais que um tipo de triangulação. A triangulação de dados, feita com as entrevistas, as conversas informais e documentos vários; a teórica, efetuada tendo em conta a fundamentação teórica e os resultados obtidos e a de investigadores, feita com investigadores durante a construção dos guiões das entrevistas, e com as orientadoras ao longo de toda a investigação. Através da triangulação múltipla foi possível confrontar as informações, as opiniões, os resultados e as conclusões por forma a termos uma investigação mais rica e com um grau de veracidade elevado.

A recolha de informação nesta investigação foi exclusivamente feita pelas investigadoras, baseando-se fundamentalmente nas conversas informais, nas notas de campo, na aplicação de entrevistas exploratórias e na reunião de documentos vários.

No que diz respeito à recolha dos dados, Lincoln e Guba (1985) referem que a mesma deve ser interrompida quando os depoimentos começam a tornar-se repetitivos, pois nesta etapa, estes autores dizem que se atingiu o “ponto de saturação”. Neste sentido, as investigadoras concluíram a recolha das informações em Maio, por considerarem que se havia recolhido informação suficiente no âmbito da investigação.

De acordo com Costa (1989), as **conversas informais** privilegiam a informalidade em diversas situações, o que permite estabelecer um contacto mútuo e um relacionamento mais intenso com as pessoas que estão a participar na investigação, sem que estas se apercebam que estão a ser observadas. Para Ferrarrotti (1985, p. 115), a conversa informal é como uma entrevista de âmbito informal "que se desenrola . . . de uma maneira informal, de acordo com as circunstâncias e as pessoas entrevistadas, com a intenção de estabelecer um diálogo, entre o investigador e o objeto de investigação, absolutamente indeterminado e num pé de total paridade".

Note-se que com as conversas informais efetuadas tanto à Maria como ao Manuel, foi possível estabelecer diálogos no sentido de recolher informações de elevada importância

de uma forma informal. Estas conversas foram registadas através de notas de campo que depois de juntas deram origem ao diário de campo¹².

Considera-se de igual modo importante referir o diário de campo, uma vez que, apesar de não ser uma técnica, é uma forma de registo resultante de várias técnicas combinadas, tais como a observação e as conversas informais. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 150) as **notas de campo** são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. O diário de campo representa, não só, uma fonte importante de dados, mas também pode apoiar o investigador a acompanhar o desenvolvimento do estudo (Bogdan & Biklen, 1994).

Posto isto, o diário de campo na presente investigação teve como objetivo ser um instrumento em que as investigadoras foram registando as notas retiradas das suas observações. Assim, durante a condução das entrevistas sentiu-se a necessidade de registar as emoções que eram transmitidas tanto pela Maria como pelo Manuel, a alegria em falar de determinado assunto ou alguma resistência em responder a alguma questão.

Entre as técnicas de recolha de informações disponíveis em metodologia qualitativa, a entrevista é uma das mais utilizadas. Bogdan e Biklen (1994, p. 134) consideram que a entrevista adquire bastante importância no estudo de caso, pois através dela o investigador percebe a forma como os sujeitos interpretam as suas vivências já que ela é “utilizada para recolher dados descritivos, na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”.

Por sua vez, Ludke e André (1986) defendem que a técnica de entrevista possibilita ter acesso ao que as pessoas pensam sobre determinado assunto, aos seus pontos de vista, aos seus valores. Permite aceder aos significados que as pessoas atribuem às coisas e às situações respeitando como referem Quivy e Campenhoudt (2003, p.195) “os seus próprios quadros de referência – a sua linguagem e as suas categorias mentais”. Deste modo, a entrevista possibilita um “grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos” que constituem uma das grandes vantagens desta técnica (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 195).

¹² Ver ANEXO XVIII.

Relativamente às **entrevistas de cariz exploratório**, Quivy e Campenhoudt (2003) consideram as mesmas como sendo uma boa técnica para uma grande variedade de trabalhos de investigação. As entrevistas exploratórias são úteis para que não se perca tempo, sendo uma das formas mais fáceis de tomar conhecimento com a realidade ajudando a construir a problemática da investigação.

Os guiões das entrevistas utilizados nesta investigação tiveram como função servir de referência e orientação às investigadoras. Por um lado permitiram “levantar uma série de tópicos” (Bogdan & Biklen, 1994) e não fugir, durante a entrevista, demasiado ao assunto em estudo. E, por outro lado, no desenrolar da entrevista, possibilitaram aos entrevistados definir o seu conteúdo. Por estes motivos efetuaram-se entrevistas semiestruturadas. Quivy e Campenhoudt (2003) esclarecem a função do guião das entrevistas semiestruturadas através das seguintes considerações:

Geralmente o investigador dispõe de uma série de perguntas – guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Mas não colocará necessariamente todas as perguntas na ordem em que anotou sob a formulação prevista. Tanto quanto possível, “deixará andar” o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e na ordem que lhe convier (p. 194).

Foi neste quadro flexível que as investigadoras se colocaram quando elaboraram os guiões e realizaram as entrevistas. Ludke e André (1986, p. 34) explicitam esta postura que corresponde à entrevista semiestruturada a partir da seguinte definição “a entrevista semiestruturada, é aquela que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”.

Apesar da aplicação deste instrumento se destinar a indivíduos previamente selecionados e, de apresentar um campo mais restrito, importa também referir que a utilização deste instrumento resulta num estudo qualitativo, assente num carácter descritivo e interpretativo (Merriam, 1998), garantia de uma melhor compreensão dos fenómenos envolventes.

À anterior ideia, Quivy e Campenhoudt (2003) corroboram que este tipo de entrevistas permitem adquirir dados que *à priori* são difíceis de alcançar, constituindo assim um fator de descoberta que não seria possível obter unicamente através de leituras. Primeiramente, é importante que se efetuem leituras, sendo que estas permitem realizar um balanço dos conhecimentos que se encontram ligados ao problema que inicialmente se colocou sendo seguidamente a estas que se deve proceder a uma entrevista no sentido de se descobrir os aspetos que devem ser tidos em conta e que alargam ou retificam o campo de investigação. Estas mesmas entrevistas têm como objetivo encontrar pistas que permitem a reflexão, ideias e hipóteses de trabalho.

Importa salientar que este tipo de entrevistas detêm especial credibilidade, quando os entrevistados são pessoas a que o problema afeta ou que não afetando estão em contacto muito próximo com essa realidade. Assim, segundo Quivy e Campenhoudt (2003), existem três tipos de pessoas com quem é útil ter uma entrevista, sendo eles os seguintes: docentes, investigadores, especializados e peritos no campo de investigação, que podem ajudar a melhorar o nosso conhecimento no terreno; testemunhas privilegiadas por possuírem uma posição ou responsabilidade detêm um bom conhecimento com o problema e o público que se está a estudar e que por sua vez se encontra envolvido na ação.

Bogdan e Biklen (1994) defendem que as entrevistas qualitativas variam quanto ao grau de estruturação, desde entrevistas estruturadas às entrevistas não estruturadas. Este autor refere inclusive que as entrevistas semiestruturadas têm a vantagem de se ficar com a clareza de obter dados comparáveis entre os vários sujeitos.

De acordo com Santos e Monteiro (2012), não se pretende elaborar um estudo comparativo entre a Maria e o Manuel mas sim compreender em profundidade as perceções, as vivências e quais os fatores que interferem na vivência da sexualidade de ambos.

Para Savoie-Zajc (2003), a planificação da entrevista faz-se tendo em conta o que se pretende saber. Antecipadamente deve ser elaborado um guião ou um esquema de entrevista no qual o investigador deve identificar os temas e as questões de orientação com a finalidade de obter informações relevantes para a sua investigação. Por outro lado, segundo o mesmo autor todos estes temas devem estar sustentados por uma base

teórica com que o investigador se vai guiando ao longo da sua investigação. Neste sentido, com o auxílio de uma tabela¹³, o 1º guião de entrevista aplicado a ambos os participantes foi alvo de uma análise categorial. As categorias foram definidas *à priori* tendo por base as três questões específicas que norteiam todo este trabalho de investigação e às quais se pretende obter uma resposta. Denote-se que três das cinco categorias são suportadas por pressupostos teóricos mencionados no Capítulo I - Enquadramento teórico.

Neste contexto, sabendo com quem é útil e vantajoso ter uma entrevista, optou-se por aplicar uma entrevista semiestruturada, a testemunhas privilegiadas, com perguntas de cariz aberto e fechado para que os entrevistados falassem livremente sobre os seus pontos de vista pois como referem Bogdan e Biklen (1994) “as entrevistas, devem evitar perguntas que possam ser respondidas “sim” e “não”, uma vez que os pormenores e detalhes são revelados a partir de perguntas que exigem exploração” (p.136).

Depois de se proceder à transcrição integral de todas as entrevistas¹⁴ estas foram enviadas para os dois participantes da investigação para que tivessem a oportunidade de verificar os conteúdos mas também para efetuarem as "correções" que considerassem necessárias.

Depois de todo este trabalho as entrevistas foram alvo de uma análise de conteúdo. Por forma a facilitar a análise de conteúdo optámos por efetuar uma análise categorial em que todas as categorias já haviam sido definidas *à priori*, 5 dimensões da sexualidade, apresentadas no Capítulo I - Enquadramento teórico. Optámos por utilizar este esquema teórico, as 5 dimensões da sexualidade, Biológica, Sensual, Erótica, Psicológica e Cultural, por considerarmos que as mesmas caracterizam e definem a sexualidade de forma holística. Porém, a dimensão ética e moral não foi considerada por não se adequar a esta investigação em particular.

Iniciámos a análise de conteúdo lendo todas as entrevistas exaustivamente e depois de termos uma ideia da informação na totalidade iniciámos a identificação de quais os principais pontos a utilizar. Foram identificadas as unidades de contexto que compreendemos serem as mais importantes e fizemos corresponde-las às unidades de

¹³ Ver ANEXO II.

¹⁴ Ver ANEXO X; XI; XII; XIII; XIV; XV; XVI; XVII.

registo, 5 dimensões da sexualidade. De seguida e com o auxílio de uma tabela organizámos as unidades de registo e de contexto. Considerando que durante este processo houve muita informação que não foi tida como relevante para a investigação, a mesma não foi alvo de categorização e consequente interpretação aprofundada.

Depois de construídas as tabelas de análise das entrevistas foi possível simplificar os discursos das entrevistas e proceder à elaboração de quadros cronológicos de eventos. Estes quadros foram criados com base nos eventos que a Maria e o Manuel identificaram como tendo sido os mais marcantes ao longo das suas vidas. Com base nos quadros cronológicos criámos biogramas pois segundo Sá e Almeida (2004) os biogramas são formas de mapear as trajetórias, as biografias das pessoas. Acerca dos biogramas, Tinoco e Pinto (2001, p. 19) acrescentam que "os mesmos são constituídos por uma série de áreas temáticas da existência do sujeito, organizadas ao longo do eixo, formado pela idade cronológica" e que as áreas contempladas nos biogramas podem ser de diversa índole, nomeadamente, a história familiar, percurso escolar, entre outras. Os mesmos autores aditam que este procedimento, de construção de biogramas, garante a visualização simultânea dos diversos eventos ocorridos durante a existência dos indivíduos.

Para Bogdan e Biklen (1994) as histórias de vida incluem-se nos estudos de caso, consistindo estes na observação detalhada de um contexto ou indivíduo, de uma única fonte ou documentos, ou de um acontecimento específico. Neste sentido, Silva (2007) defende que a narrativa biográfica recolhida e construída através de entrevistas é produzida pelo autor e co autor sendo que o primeiro possui a globalidade da matéria-prima, os factos vividos, sentidos, pensados, refletidos, alterados e integrados em si e o segundo tem interesse na produção de uma narrativa que sirva os objetivos da investigação. Juntos constroem esse produto final, a narrativa biográfica que irá alimentar a produção de conhecimento científico.

Depois de construídos os biogramas foi elaborada uma narrativa biográfica para cada caso com os episódios mais significativos, acontecimentos estes, relacionados com a temática da sexualidade. Uma vez que este estudo se entende de carácter qualitativo e se recorre ao método: Estudo de caso, no decorrer das narrativas foram citados excertos das entrevistas.

Capítulo III. Resultados e análise interpretativa

Como afirmam Bogdan e Biklen (1982), a análise de dados pressupõe diversas atividades, como organizar e subdividir os dados, sintetizá-los, procurar padrões, descobrir o que é relevante e o que se vai dizer aos outros.

Parreira (2006) sustenta que numa investigação qualitativa o processo de recolha de dados é extremamente demorado, pois o investigador depara-se com a necessidade de transcrever integralmente as gravações áudio das entrevistas realizadas. Seguidamente os textos resultantes das transcrições são transformados em formato eletrónico tendo em vista a sua exploração. O mesmo autor destaca três momentos fundamentais durante a fase de análise dos dados: descrição, análise e interpretação. A descrição corresponde à escrita de textos resultantes dos dados originais registados pelo investigador. Por conseguinte, a análise é um processo de organização dos dados onde, sempre que possível se deve salientar os aspetos essenciais e identificar fatores chave. Por último, a interpretação diz respeito ao processo de obtenção de significados e conclusões a partir dos dados obtidos.

Seguindo esta linha de pensamento, Miles e Huberman (1994) citados por Parreira (2006, p. 80) sugerem um modelo de análise da investigação qualitativa que consiste em três momentos: a redução dos dados, a apresentação dos dados e as conclusões. A redução dos dados corresponde ao processo de selecionar, simplificar e organizar todos os dados obtidos, durante a investigação. Por conseguinte, a apresentação dos dados refere-se ao momento em que a informação é organizada e condensada para que o investigador possa ver rápida e eficazmente o que se passa no estudo. O último momento corresponde à extração de conclusões de toda a informação recolhida e já organizada e compactada.

Relativamente à análise dos dados Parreira (2006) salienta que é necessário que se leia mais do que uma vez os documentos obtidos, nomeadamente as notas de campo resultantes da observação e que se faça a transcrição de todos os registos, para que deste modo se possa ter uma visão completa e abrangente sobre o assunto.

Neste capítulo do trabalho procedemos à análise da informação que resultou das entrevistas. Esta investigação tem como tema, Sexualidade na Terceira idade: Estudo de

caso e como tal os objetivos preveem a compreensão da percepção da sexualidade da Maria e do Manuel, como é que vivenciam a sua sexualidade e quais os fatores que intervêm na vivência da mesma.

3.1. Tabela de análise categorial das entrevistas da Maria e do Manuel

Por forma a ajudar a clarificar e responder às questões da presente investigação optámos por analisar as entrevistas e organizar a informação através de uma tabela. A mesma divide-se em categorias, definidas *à priori*, 5 dimensões da sexualidade apresentadas no Capítulo I - Enquadramento teórico. Consequentemente divide-se em subcategorias e evidências extraídas das quatro entrevistas efetuadas e que têm como principal função corroborar as categorias e subcategorias.

Tabela 3.1 - Tabela de análise categorial das entrevistas da Maria

Categorias	Subcategorias	Evidências
Dimensão biológica da sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> - Perda da virgindade - Gravidez - Toma da pílula - Fibromialgia - Sintomas da menopausa - Sexualidade e menopausa 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>"Perdi a virgindade no dia do meu casamento, dia 30 de abril de 1966, tinha 24 anos"</i> (E1). - <i>"... eu quando não tive o período já sabia que estava grávida... fiquei grávida logo, casei a 30 de abril, o período tinha vindo a 25 de abril e em maio já não veio mais"</i> (E1). - <i>"Pílula sim, depois de casada... dava dores de cabeça e fazia engordar"</i> (E1). - <i>"... dizem que isto [fibromialgia] é do sistema nervoso, talvez dos meus nervos da minha infância... tomo o Brufen e o Lexotan porque é um relaxante muscular... e muitas dores"</i> (E3). - <i>"Não tive nada de especial, só começou o período a faltar e foi faltando até que nunca mais apareceu mas não tive calores, não tive nada"</i> (E1). - <i>"... a partir daí [menopausa] é muito melhor porque a mulher já não tem preocupações com o período e com o engravidar... eu sentia-me mais liberta"</i> (E1).
Dimensão sensual da sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> - Noção de sexualidade - Preocupação com a aparência - Namoro na Terceira idade 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>"... sexualidade representa unidade... amor... faz parte da nossa vida"</i> (E2). - <i>"Arranjo-me para me agradar... porque gosto de mim, gosto muito de me arranjar"</i> (E4). - <i>"... passeamos de mão dada... o beijinho de bom dia, de boa noite, ao deitar"</i> (E3).
Dimensão psicológica da sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> - Aceitação do envelhecimento 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>"É normal ter que envelhecer e ter que morrer... e é isso que é a nossa vida e temos de aceitar que tudo é norma, que faz parte da vida e não ignorar a velhice e aceitá-la com amor"</i> (E1).
Dimensão erótica da sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> - Adaptação das posições sexuais devido à fibromialgia - Intimidade na Terceira idade 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>"... como isto dói tudo, ter a pessoa em cima a fazer peso, provoca dor, tivemos de adaptar [posições sexuais]"</i> (E3). - <i>"... pois isso já não existe [penetração] mas existe o toque... masturbamo-nos e o segredo está no beijo, no abraço, na carícia no órgão sexual quando nos acariciamos"</i> (E4).

<p>Dimensão cultural da sexualidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Namoro - Casamento - Educação cristã - Biblioteca itinerante - Crenças, mitos e estereótipos da sexualidade - Sexualidade como tabu - Bodas de prata 	<p>- "<i>Namorámos 7 anos... foi à janela e depois pediu licença ao meu pai para vir à minha casa, passou a ser no hall de entrada em que as portas estavam todas abertas e eu sentava-me numa cadeira e nem faço ideia do que é que nós conversávamos...</i>" (E1).</p> <p>"... casei-me a 30 de abril de 1966..." (E1).</p> <p>- "<i>...numa semana fiz tudo, desde a 1ª comunhão, com 11 anos fui crismada...</i>" (E1).</p> <p>- "<i>O único livro assim proibido era o crime do Padre Amaro e eu trouxe-o às escondidas como se aquilo tivesse alguma coisa...</i>" (E1).</p> <p>- "<i>Eu acho que presentemente já não há [crenças, mitos e estereótipos sobre a sexualidade] até porque o ato sexual, a sexualidade faz parte do ser humano, se não houvesse sexualidade não existíamos e para existirmos é preciso o ato sexual</i>" (E1).</p> <p>- "<i>...era tabu absoluto [falar-se de sexo]... não se podia falar de sexo com ninguém</i>" (E1).</p> <p>- "<i>... foi no dia 30 de abril de 1991... fomos à Igreja da Sé... o Cónego Dr. Henrique benzeu-nos as alianças... fizemos a troca de alianças</i>" (E4).</p>
--	--	--

No que diz respeito à tabela de análise categorial das entrevistas da Maria, à primeira categoria, Dimensão biológica, correspondem as seguintes subcategorias: Perda da virgindade; Gravidez; Toma da pílula; Fibromialgia; Sintomas da Menopausa; Sexualidade e Menopausa. À segunda categoria, Dimensão sensual, condizem as seguintes subcategorias: Noção de sexualidade; Preocupação com a aparência e Namoro na Terceira idade. Por conseguinte, à terceira categoria, Dimensão psicológica, a subcategoria inerente é a Aceitação do envelhecimento. Na Dimensão erótica, observam-se duas subcategorias, a Adaptação das posições sexuais devido à fibromialgia e a Intimidade na atualidade. Por último, na Dimensão cultural, as subcategorias intrínsecas são: Namoro; Casamento; Educação cristã; Biblioteca itinerante; Crenças, mitos e estereótipos da sexualidade; Sexualidade como tabu e bodas de prata.

Tabela 3.2 - Tabela de análise categorial das entrevistas do Manuel

Categorias	Subcategorias	Evidências
Dimensão biológica da sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> - Perda da virgindade - Sintomas da andropausa - Consequências da andropausa - Patologias 	<ul style="list-style-type: none"> - "... <i>perdi a virgindade com o casamento, tinha 25 anos... aquilo foi instintivamente [relação sexual]</i>" (E1). - "<i>Comecei a ter sintomas aos 60 e poucos... falta de ereção. a ereção foi diminuindo até que desapareceu</i>" (E1) - "... <i>só o facto de não ter prazer... com a idade as coisas vão alterando, todo o nosso sistema vai alterando</i>" (E3). - "<i>Para além disso [disfunção erétil]... não tenho diabetes... tenho sido saudável, tomo os medicamentos para a tensão arterial</i>" (E1).
Dimensão sensual da sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> - Noção de sexualidade - Preocupação com a aparência - Namoro na Terceira idade 	<ul style="list-style-type: none"> - "<i>É prazer e ao fim ao cabo é procriação... é mais que o ato sexual, é o aproximar, enfim, o tocar, o beijar, o abraçar</i>" (E1). - "... <i>nunca me preocupe com isso [aparência]... não gosto de andar mal arranjado mas ter vaidade... qualquer coisa serve</i>" (E4). - "<i>namoramos os dois... com as carícias, conversando, mexendo... [carícias] sexuais</i>" (E3).
Dimensão psicológica da sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> - Aceitação do envelhecimento 	<ul style="list-style-type: none"> - "<i>Eu tenho prazer em estar vivo e quero viver muitos mais anos com saúde e com cabecinha</i>" (E1).
Dimensão erótica da sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> - Intimidade na Terceira idade 	<ul style="list-style-type: none"> - "[carícias] sexuais" (E4).
Dimensão cultural da sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> - Educação cristã - Namoro - Casamento - Crenças, mitos e estereótipos da sexualidade - Sexualidade como tabu - Bodas de prata 	<ul style="list-style-type: none"> - "... <i>recebi o batismo e depois a comunhão...</i>" (E1). - "<i>O nosso namoro era à janela, enviámos só três ou quatro cartas... primeiro namorávamos de oito em oito dias que era ao domingo e depois passou para as quintas e domingos</i>" (E1). - "<i>Casámos a 30 de abril</i>" (E2). - "<i>No pessoal da Terceira idade o tabu não desapareceu por completo pois já vem de muito longe e continua...</i>" (E1). - "...<i>falar-se de sexo era completamente proibido, era tabu e não se falava em nada disso</i>" (E1). - "<i>Fomos à igreja da Sé e foi o Padre Henrique que nos pôs as alianças...</i>" (E4).

Ao analisar a tabela de análise categorial das entrevistas do Manuel é possível observar que à primeira categoria, Dimensão biológica, correspondem as seguintes subcategorias: Perda da virgindade; Sintomas e Consequências da andropausa e Patologias. À segunda categoria, Dimensão sensual, condizem as seguintes subcategorias: Noção de sexualidade; Preocupação com a aparência e Namoro na Terceira idade. Por conseguinte, à terceira categoria, Dimensão psicológica, a subcategoria inerente é a Aceitação do envelhecimento. Na Dimensão erótica, observam-se na subcategoria, a Intimidade na Terceira idade. Por último, na Dimensão cultural, as subcategorias intrínsecas são: Educação cristã; Namoro; Casamento; Crenças, mitos e estereótipos da sexualidade; Sexualidade como tabu e Bodas de prata.

3.2. Quadros cronológicos de eventos da Maria e do Manuel

No seguimento da recolha e tratamento da informação, foi elaborado um quadro cronológico para cada caso, Maria e Manuel (Quadro 3.1 e Quadro 3.2), representativo dos eventos mais marcantes das suas vidas. Ambos os quadros cronológicos foram mostrados e discutidos com os participantes. Ressalte-se que os eventos não foram alterados, apenas se procedeu à atualização de algumas datas e respetivas idades cronológicas que os participantes tinham nos eventos.

De acordo com o que fora mencionado no Capítulo I - Enquadramento teórico acerca dos estágios do envelhecimento cronológico optou-se por dividir os eventos conforme cada estágio, designadamente, Primeira idade, Segunda idade, Terceira idade e Quarta idade. Considerando que a Quarta idade se inicia aos oitenta e quatro anos e que a Maria tem setenta e dois anos e o Manuel setenta e três não foi possível obter eventos deste estágio. De seguida apresentam-se os quadros cronológicos de eventos da Maria e do Manuel.

Quadro 3.1 - Quadro cronológico de eventos da Maria

Estágios do envelhecimento	Primeira idade	Cronologia	Eventos	Idade cronológica	
		1945	Entrada no jardim de infância	4	
		1958	Namoro com o Manuel	17	
		1963	Saída do Manuel para o Ultramar - Angola	22	
		1966	Casamento	24	
		1966	Perda da virgindade	24	
		1967	Falecimento da 1ª filha	25	
		1967	Saída do marido para o Ultramar - Guiné	25	
		Segunda idade	1981	Fibromialgia	40
		1982	Gravidez do 3º filho	40	
1986	Menopausa	45			
Terceira idade	2013	Relação com a mãe	71		
2013	Intimidade na atualidade	71			

Ao analisar o quadro cronológico da Maria é possível verificar que o estágio do envelhecimento, a Primeira idade, que de acordo com o marco teórico vai do nascimento aos vinte e oito anos, possui sete eventos ocorridos entre 1945 a 1967, especificamente: Entrada no jardim de infância; Namoro com o Manuel; Saída do Manuel para a 1ª comissão no Ultramar - Angola; Casamento; Perda da virgindade; Falecimento da 1ª filha e Saída do marido para a 2ª comissão, Ultramar - Guiné. No que diz respeito às idades cronológicas que a entrevistada tinha nos eventos, as mesmas variam entre os quatro anos e os vinte e cinco anos de idade. No estágio Segunda idade, que vai dos vinte e oito anos aos cinquenta e seis anos, apenas se verificam a existência de três eventos: Fibromialgia; Gravidez do 3º filho e Menopausa, ocorridos entre 1981 e 1986. As idades nestes eventos situam-se entre os quarenta e os quarenta e cinco anos. No último estágio apresentado no quadro, Terceira idade que vai dos cinquenta e seis anos aos oitenta e quatro anos, existem dois eventos: a Relação com a mãe e a Intimidade na atualidade. Uma vez que a Maria presentemente tem setenta e dois anos não foi possível obter eventos do quarto estágio, Quarta idade, uma vez que o mesmo inicia a partir dos oitenta e quatro anos.

Quadro 3.2 - Quadro cronológico de eventos do Manuel

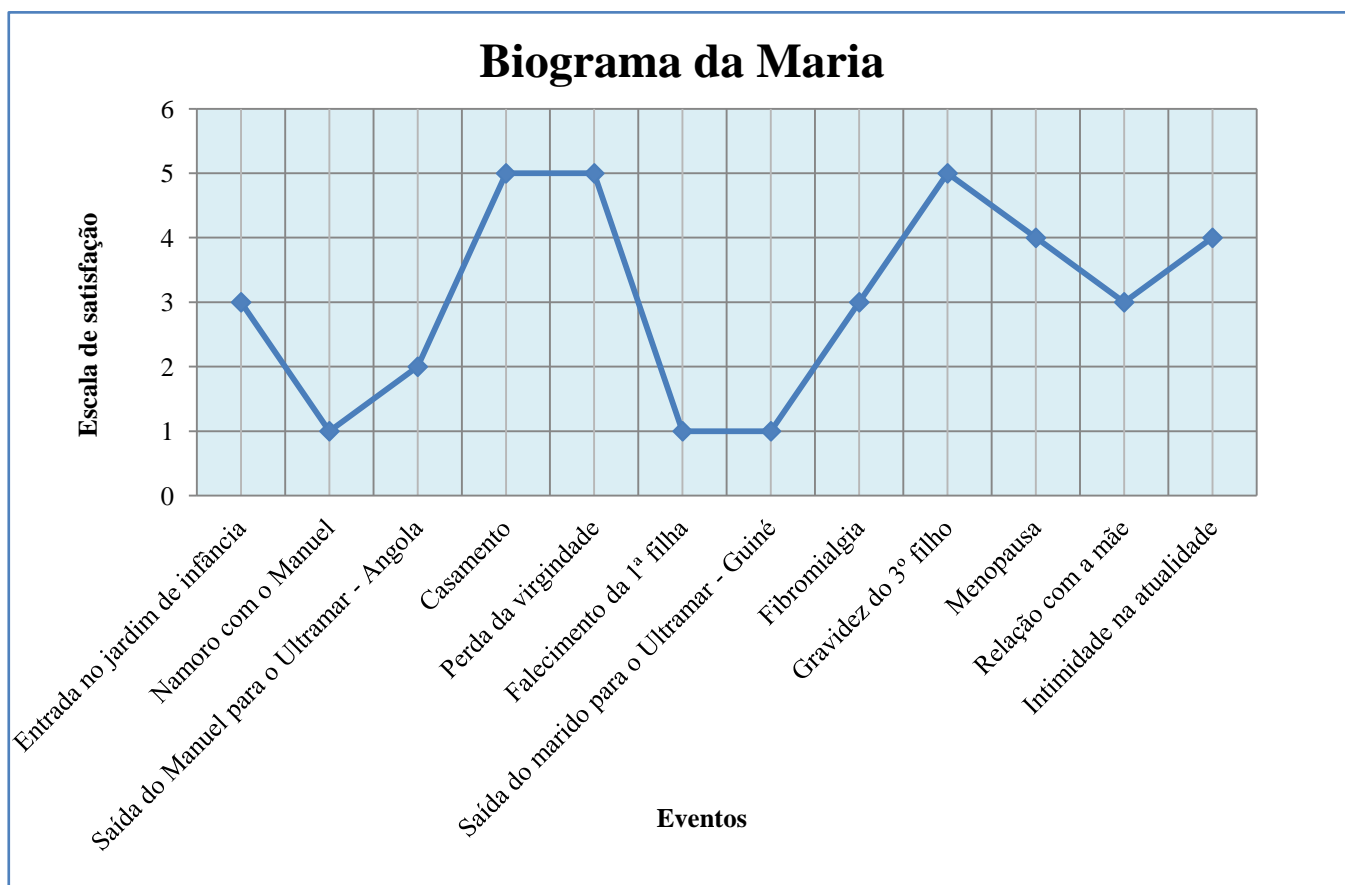
Estágios do envelhecimento		Cronologia	Eventos	Idade cronológica
	Primeira idade	1961	Serviço militar	20
		1963	Ultramar - Angola	23
		1966	Casamento	25
		1967	Falecimento da 1ª filha	26
		1967	Ultramar - Guiné	26
	Segunda idade	1970	Nascimento da 2ª filha	30
		1982	Nascimento do 3º filho	42
		1988	Reserva militar	47
	Terceira idade	2001	Disfunção erétil	60
2013		Intimidade na atualidade	72	

No quadro cronológico do Manuel ao primeiro estágio do envelhecimento, Primeira idade, correspondem cinco eventos: Serviço Militar; saída para a 1ª comissão no Ultramar - Angola; Casamento; Falecimento da 1ª filha e saída para a 2ª comissão no Ultramar - Guiné. No que respeita às idades cronológicas que o Manuel tinha aquando destes acontecimentos, as mesmas variam entre os vinte e os vinte e seis anos de idade, correspondentes aos anos de 1961 a 1967. Relativamente à Segunda idade observam-se a existência de três eventos, ocorridos entre 1970 e 1988: Nascimento da 2ª filha, Nascimento do 3º filho e passagem à Reserva Militar. Neste estágio as idades variam entre os trinta e os quarenta e sete anos. Para finalizar, no último estágio do envelhecimento presente no quadro, Terceira idade, verificam-se a existência de dois eventos: Disfunção erétil e Intimidade na atualidade. No primeiro evento o Manuel tinha sessenta anos e no segundo setenta e dois. Como o entrevistado atualmente tem setenta três anos não foi possível obter eventos do quarto estágio, Quarta idade.

3.3. Biogramas da Maria e do Manuel

Tendo como referência o quadro cronológico de eventos da Maria (Quadro 3.1) e do Manuel (Quadro 3.2), considerámos pertinente estruturar um biograma para ambos os casos relativos aos eventos mais significativos mencionados por ambos ao longo das entrevistas. Nestes biogramas foi solicitado que, a partir dos eventos referidos nos quadros cronológicos sobre as suas vidas, a Maria e o Manuel efetuassem uma avaliação quantitativa de cada acontecimento, atribuindo-lhes um valor de 1 a 5 na escala de Muito mau a Muito bom, sendo que o 1 representa - Muito mau, o 2 - Mau, o 3 - Razoável, o 4 - Bom e o 5 - Muito bom. Este procedimento permitiu-nos obter dois biogramas que se apresentam através do Gráfico 3.1 e do Gráfico 3.2, respetivamente.

Gráfico 3.1 - Biograma da Maria

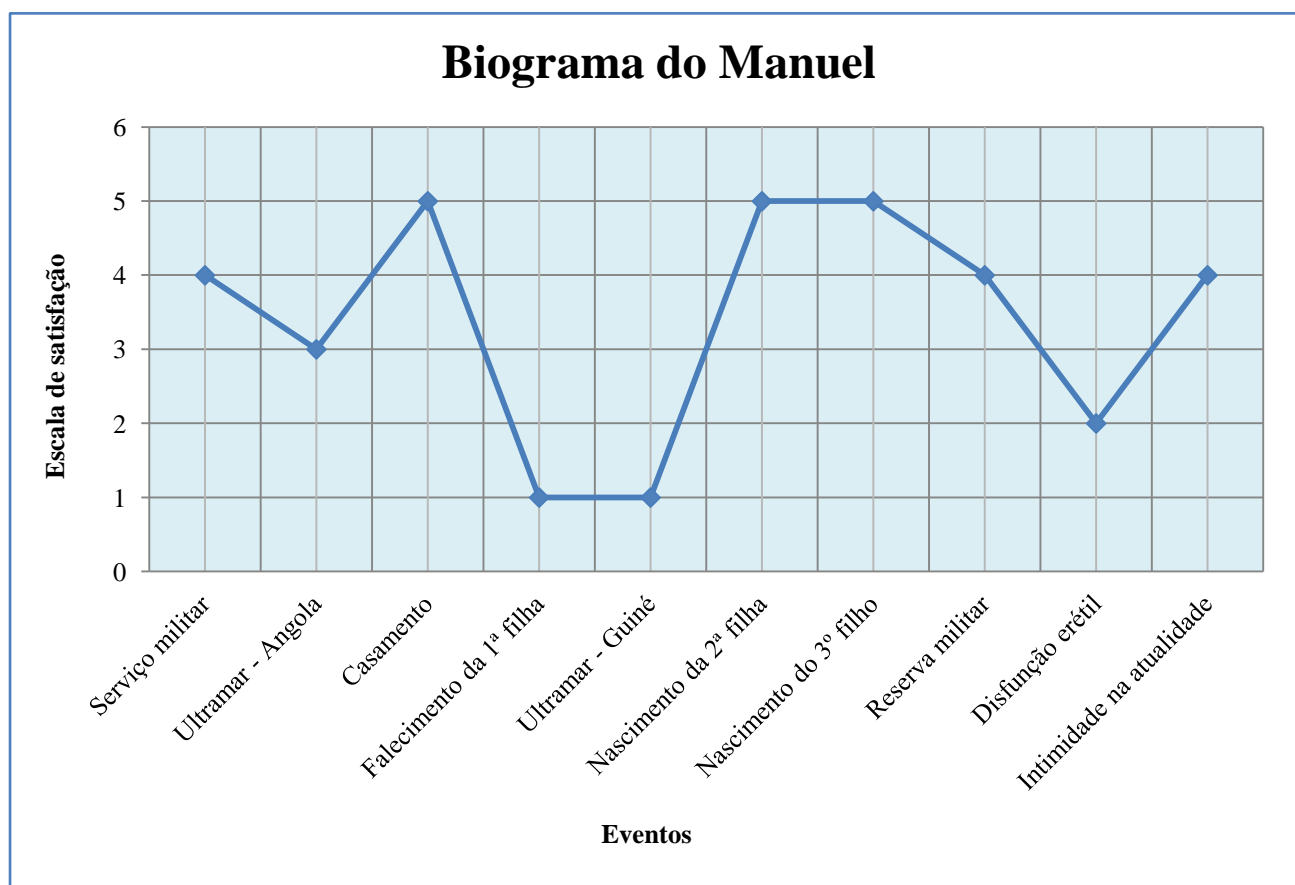


No Gráfico 3.1, que representa o biograma da Maria, é possível verificar que o Casamento, a Perda da virgindade, bem como a Gravidez do 3º filho foram os

acontecimentos que apresentam os valores mais elevados, tendo sido classificados com 5 - Muito bom. Note-se que o casamento permitiu a Maria libertar-se da educação rígida imposta pela mãe. Considerando que o casal nunca antes havia tido qualquer tipo de contato sexual, com o casamento proporcionou-se a perda da virgindade.

Ainda é possível observar que os eventos que possuem o nível de satisfação mais baixo, 1 - Muito mau, correspondem, ao Namoro com o Manuel, ao Falecimento da 1ª filha, em fevereiro de 1967, e saída do marido para o Ultramar - Guiné em abril do mesmo ano. Por último, no gráfico podemos constatar que a linha sofre oscilações acentuadas demonstrando que os níveis de satisfação nos eventos assinalados da vida da Maria são bastante irregulares.

Gráfico 3.2 - Biograma do Manuel



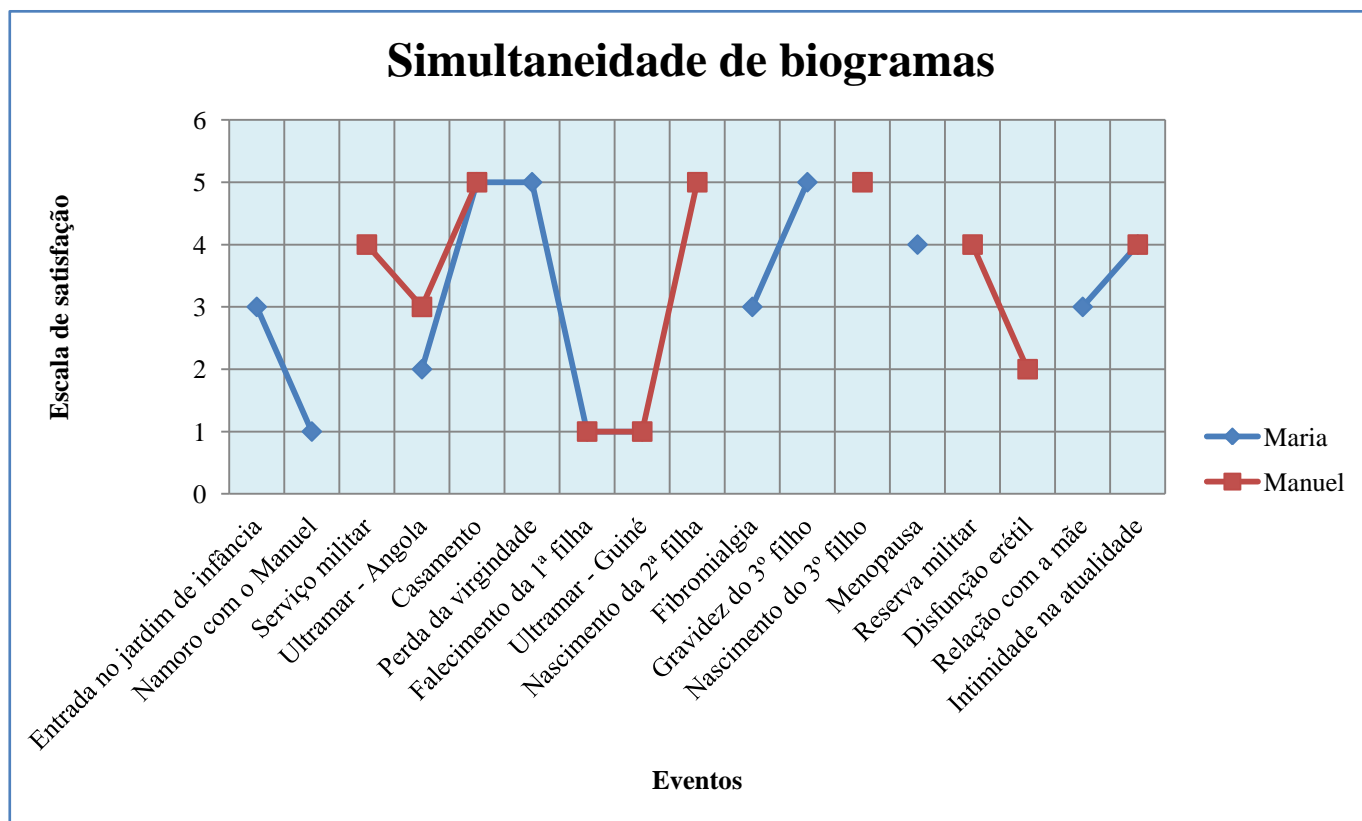
O Gráfico 3.2 representa o biograma da vida do Manuel. Ao analisar o biograma é possível verificar que os níveis mais altos correspondem ao Casamento e ao Nascimento

dos filhos, 5 - Muito bom, seguindo-se logo por Serviço militar, Reserva militar e Intimidade na atualidade, 4 - Bom.

Por sua vez, nos níveis mais baixos encontram-se o Falecimento da 1ª filha e Ultramar - Guiné, 1 - Muito mau. Após a perda da filha, em fevereiro, foi nomeado para ir novamente para o Ultramar, 2ª comissão, por um período de 2 anos e meio, apenas com um interregno de dois meses, deixando a sua esposa em Portugal, Almádena.

Por último é possível verificar que a linha sofre oscilações fortes demonstrando que os níveis de satisfação nos eventos assinalados da vida do Manuel são bastante irregulares.

Gráfico 3.3 - Simultaneidade de biogramas da Maria e do Manuel



O Gráfico 3.3 representa a simultaneidade de eventos entre o biograma da Maria e o do Manuel. Após a análise deste gráfico é possível verificar que tanto a Maria como o Manuel têm quatro eventos em comum, tendo atribuído a três deles a mesma classificação, nomeadamente, o Casamento, 5 - Muito bom, o Falecimento da 1ª filha, 1 - Muito mau, e a Intimidade na atualidade, 4 - Bom. O único evento em comum que possui uma classificação distinta diz respeito à saída do Manuel para a 1ª comissão no

Ultramar - Angola. Neste sentido, a Maria classificou-o com 2 - Muito Mau e o Manuel com 3 - Razoável. Denote-se que ambos os participantes da investigação possuem 3 eventos, ainda que só um seja comum, o Casamento, aos quais classificaram como tendo sido 5 - Muito bom. À Maria corresponde a Perda da virgindade e a Gravidez do 3º filho enquanto que ao Manuel o nascimento da 2ª filha e o nascimento do 3º filho. No que concerne aos eventos que têm a classificação de 1 - Muito mau, ambos detêm 2, sendo apenas 1 comum, o Falecimento da 1ª filha. Para a Maria o outro evento é o namoro com o Manuel, enquanto que para o Manuel é a saída para a 2ª comissão, Ultramar - Guiné. Relativamente aos eventos aos quais foi atribuída a classificação de 3 - Razoável, a Maria possui 2, a Fibromialgia e a Relação com a mãe.

Considerando o marco teórico efetuado acerca do Método: Estudo de caso e tendo como referência uma das características apresentadas por Merriam (1998) acerca deste método, um estudo de caso qualitativo é descritivo, de seguida apresenta-se uma descrição detalhada de alguns episódios biográficos da vida da Maria e do Manuel.

3.4. O caso da Maria

A infância



Figura 3.1 - Ilustração da Maria com 9 meses

A Maria, filha mais velha da Teresa e do José nasceu a 7 de dezembro de 1941 em Lagos e até ao dia do casamento viveu numa aldeia próxima, em Almádena. Em 1945, com quatro anos, ingressa no infantário da aldeia que na altura se designava de “escola

paga” e beneficia de aulas em regime privado que embora não lhe conferissem um diploma ou equivalência a um grau de ensino, permitiram-lhe o acesso a um conjunto de conhecimentos. Somente a partir do terceiro ano deu entrada numa escola particular e completou o sétimo ano de escolaridade numa turma mista. Tendo uma educação de base cristã, frequentou a catequese e recebeu os sacramentos de iniciação cristã, nomeadamente, o batismo, a primeira comunhão e o crisma.

Da sua infância guarda memória de muitos detalhes que, indubitavelmente, a marcaram. Para Maria a sua infância foi maioritariamente infeliz porque ela gostava muito de conviver, de se relacionar com as pessoas e a mãe, considerando que ela era uma menina rica e fina da aldeia restringia os seus relacionamentos, "*sempre gostei muito de conviver, de brincar, rir... foi difícil...*" (E1).



Figura 3.2 - Ilustração da Maria com 5 anos

Ainda assim não se esquece dos momentos que passava na quinta da avó materna que pertencia ao concelho de Budens, descrevendo a sua avó como sendo "*espetacular, incrível*" (E1). Para Maria a sua felicidade era estar na quinta da avó pois aí tinha a oportunidade de ir para o campo e estar junto dos trabalhadores. Na quinta, longe dos impedimentos da mãe tinha a possibilidade de ser ela própria, a liberdade de andar com as pessoas no campo, de ir ter com elas, de brincar.

Recorda-se inclusive de uma carrinha, a biblioteca itinerante, que percorria o Algarve e que aos fins de semana passava pela aldeia. Alimentando o seu gosto pela leitura, todas as semanas Maria ia até à biblioteca, deixava o seu nome anotado como segurança, numa folha de registo e às escondidas trazia os livros para casa. Já tinha "carta branca" pois lia imenso. A sua mãe achava que ler era um desperdício de tempo. Dos muitos livros que requisitou e que a biblioteca dispunha o que mais curiosidade lhe despertou foi o Crime do Padre Amaro. Mais uma vez trouxe-o às escondidas, primeiro devido ao desagrado da mãe quanto às suas leituras e segundo porque era proibido falar e ler qualquer coisa que fizesse alusão a sexo.

Esta experiência revelou-se como "*...muito gratificante*" tendo marcado positivamente a entrevistada (E1).

Para além da escola, nos tempos livres, Maria frequentava a sociedade recreativa da aldeia da qual era sócia. Aqui as raparigas tinham a oportunidade de fazer o seu enxoval e participar nos bailes organizados pela associação recreativa. Maria Aida, uma grande amiga da entrevistada, acompanhava-a sempre que possível a esses bailes e era só com ela que trocava ideias e fazia comentários de cariz sexual.

A mãe Teresa

A mãe de Maria, bastante autoritária e detentora de um espírito fortíssimo teve um papel preponderante na sua vida, ainda que negativo. Desde cedo demonstrou preferência por uma filha, em detrimento da outra "*...a minha mãe gostava mais do feitio da minha irmã, gostava que eu estivesse fechada em casa, não falasse com toda a gente...*" (E3). Atualmente com noventa e um anos e independentemente da relação entre as duas não ter sofrido alterações com o passar do tempo, Maria telefona-lhe todos os dias "*ela tem um feitio um bocadinho complicado e temos de aceitar tudo com amor porque de qualquer maneira ela é minha mãe*" (E3).

Atualmente com noventa e um anos e independentemente da relação entre as duas não ter sofrido alterações com o passar do tempo, Maria telefona-lhe todos os dias "*ela tem um feitio um bocadinho complicado e temos de aceitar tudo com amor porque de qualquer maneira ela é minha mãe*" (E3).

O pai Francisco



Figura 3.3 - Ilustração da Teresa e Francisco, pais da Maria

Para Maria o seu pai sempre foi um exemplo em muitos aspetos. Proveniente de famílias abastadas, era considerado um menino rico que possuía gado, terrenos de cultivo, designadamente de trigo e de fava e acompanhava os seus lavradores às feiras de gado e orientava a casa agrícola. Maria descreve-o como sendo "*uma pessoa muito dócil*" (E2) que não fazia distinção entre as duas filhas. Como consequência de uma operação efetuada em Lisboa, implante de bypass, contraiu no bloco operatório uma bactéria hospitalar, tendo posteriormente desenvolvido uma pneumonia. Não resistindo veio a falecer em 1993 com 77 anos.

Não há como desacreditar que aquilo que os seus pais lhe proporcionaram na infância tenha tido um papel fundamental na sua vida. Por isso também deu muito valor à infância dos filhos acreditando ser a base do futuro deles "*muito se fala sobre dar aos filhos, a melhor educação, colocá-los nas melhores escolas, mas não há nada que substitui o tempo dedicado e a conversa que temos com eles, assim devemos dar o melhor de nós*" (E3).

O namoro

Maria tinha 4 anos e o Manuel 5 quando se conheceram, juntos frequentaram o infantário e lá conviveram desde cedo com comentários do género, "*ai a Maria e o Manelinho que engraçado, são quase da mesma idade e são ambos gordinhos...*" (E2). Uma vez que na aldeia não era possível prosseguirem com os estudos foram

ambos para Lagos, ela para o ensino particular, regime privado de explicações, e ele para o colégio particular. Considerando que estavam interessados um no outro, após uma declaração por carta por parte do Manuel deram início ao namoro, tinha a Maria 17 anos.



Figura 3.4 - Ilustração da Maria e do Manuel em Solteiros

De um namoro à janela foi pedida licença ao pai de Maria para que pudesse frequentar a casa da apaixonada. Com uma resposta afirmativa, passaram a namorar no hall de entrada, com hora e dia marcados, aos domingos das 17h00 às 19h00. Às 19h00 os talheres começavam a bater nos pratos, sinal de que a Maria tinha de ir jantar e o Manuel de se ir embora. Com as portas sempre abertas e, mantendo alguma distância conversavam, diálogos que a Maria presentemente já não se recorda. Aproveitando, ainda que fugazmente, alguma distração da irmã, que a mando da mãe passava para os controlar davam as mãos e muito raramente um beijo amoroso na cara "*era só mão na mão e muito raramente um beijo amoroso na cara*" (E3). Devido ao respeito que tinham um pelo o outro, dada a impossibilidade de estarem sozinhos e por o sexo/sexualidade ser tabu, durante os sete anos de namoro nunca houve nenhum contato sexual nem nenhuma conversa sobre esse assunto "*para mim era impensável durante o meu namoro haver uma relação sexual, havia muitos tabus... se tivéssemos tido alguma coisa as coisas complicavam ainda mais*" (E3). Nas férias, durante os dias da semana o Manuel

passava à porta da Maria e fazia soar a campainha da bicicleta. Mesmo sem ir ver quem era, ela sabia que era um sinal do seu amor. Ainda que gabassem os seus olhos e existissem outros rapazes que demonstravam afeto pela Maria, a mesma nunca demonstrou interesse por mais nenhum rapaz a não ser pelo seu Manelinho.

Atente-se que de setembro de 1963 a dezembro de 1965 - 1ª comissão, a Maria ficou sozinha em Portugal, Almádena porque o Manuel teve de ir cumprir funções no Ultramar - Angola. Por forma a combaterem a ausência um do outro, Maria registou-se no Movimento Nacional Feminino (MNF) para ter acesso gratuito aos aerogramas. Os aerogramas, também designados por "bate-estradas" foram o meio mais difundido de comunicação entre os militares e as suas famílias porque o seu fornecimento era gratuito, sendo o seu transporte assegurado de forma igualmente gratuita pela Transportadora Aérea Nacional (TAP). Neles figurava logo o esquema pelo qual deveria ser dobrado e colado. O aerograma não era mais que um elo de ligação entre a Maria e o Manuel, um pedaço de papel que aquietava ou desassossejava os corações. Numerados no canto superior direito para que não se perdessem o sentido das conversas, chegavam quase sempre atrasados à vida, embora eternizassem momentos. Iluminando as estradas cor de sangue, iludindo o medo, as emboscadas e a solidão, tornavam os dias que faltavam até ao final da comissão do Manuel mais curtos.

Para Maria os sete anos que duraram o namoro foram passados com bastante sofrimento, essencialmente devido à imposição da mãe. No início como o Manuel detinha um curso e era proveniente de famílias com bastantes recursos económicos, Teresa considerou que era um bom homem para a sua filha. Contudo, como a sua personalidade divergia muito da Maria, ela era extrovertida e ele era retraído, considerava que a fazia infeliz. Posto isto, deixou de gostar dele. Maria conta que "*a minha mãe gostou, depois deixou de gostar e foram sete anos muito complicados... sofri muito, correram muitas lágrimas...*" (E3).

O casamento



Figura 3.5 - Ilustração do Casamento da Maria e do Manuel

A Maria casou-se aos vinte e quatro anos a 30 de abril de 1966 na Igreja da Luz de Lagos. O processo do casamento foi um pouco complicado pois como o Manuel era militar tinha de pedir uma autorização ao exército, autorização essa que demorou cerca de três meses a chegar. O casal iniciou o processo em janeiro e como já era abril e o tão desejado papel com o sim tardava em chegar, o Padre Tropa, pároco daquela igreja, sentido alguma pena do casal decidiu casá-los. Deste modo, são casados oficialmente a 8 de maio de 1966 (data da chegada do papel) mas a que comemoram é a de 30 de abril.

A cerimónia foi simples e não fez jus à condição social de ambos. A Maria envergou um vestido muito sóbrio de alcinhas com uma jaqueta que podia ser abotoada por trás. Levou um véu grande, todo trabalhado, um diadema que lhe fora oferecido bem como o bouquet. Maria foi a única pessoa que teve direito a ser transportada até à igreja em carro próprio, enquanto que os convidados, cerca de quarenta, se deslocaram de táxis.

A cerimónia decorreu dentro das normalidades e findada a mesma voltaram para Almádena, para o copo de água. Entre risos e boa disposição conviveram, dançaram e deliciaram-se com a variedade de iguarias que tinham à disposição. Já ao entardecer e deixando os convidados na festa, o cunhado, único detentor de carro próprio foi deixá-los na estação dos comboios em Lagos para que pudessem vir para Faro, passar a tão desejosa noite de núpcias. Devido ao atraso do comboio que vinha de Lisboa e que os iria pôr em Faro passaram três horas na estação de Tunes. Só às 2h30 da manhã e exaustos não só do dia em si mas também da espera é que partiram.



Figura 3.6 - Ilustração da Maria com os pais no dia do casamento

Obedecendo à tradição Maria e a irmã, uns dias antes do casamento vieram a Faro preparar a casa. Vestiram a cama com uns lençóis de linho com aplicações em renda de bilro e deixaram pendurado no armário um conjunto de dormir, camisa e robe da marca Triumph. Desse dia a entrevistada recorda que *"foi muito interessante... para mim foi tudo surpresa. Eu não sabia nada"* (E1) e que tinha conhecimento de que as senhoras sofriam um pouco aquando da primeira relação sexual. Com ela o mesmo não aconteceu, *"é doloroso mas nunca tenho essa recordação porque ele foi muito carinhoso"* (E2). No que diz respeito ao rompimento do íman, consequência da perda da virgindade, a Maria salienta que não tinha conhecimento de que isso poderia acontecer, tanto que quando acordou e viu a mancha de sangue na camisa de dormir assustou-se. Refere, inclusive, que desconhecia que na primeira vez que tivesse relações sexuais poderia engravidar e que ninguém a preparou ou alertou nesse sentido. Assim, o período menstrual tinha vindo no dia 25 de abril, casou-se no dia 30 e em maio já não veio mais, sinal de que estava grávida.

A gravidez de início correu bem, não teve enjoos e fez a ginástica do parto sem dor. Como estava previsto a filha nasceu entre o fim de janeiro e meio de fevereiro, a 9 de

fevereiro Maria deu entrada numa clínica particular em Lagos. Entretanto, o seu marido como era militar e estava mobilizado para ir para o Ultramar - Guiné, 2ª comissão, partiu para Évora deixando a esposa sozinha na clínica. A filha mexia-se muito e a Maria sentia que estava tudo bem até que às 4h00 da manhã deixou de a sentir. De manhã quando o médico cumpria a sua rotina, visitar os doentes, Maria disse que não a sentia. Auscultando-a o médico verificou que não ouvia o coração enviando-a logo de seguida para uma cesariana de urgência. Colocada a máscara de éter para a anestesia e efetuada a cesariana verificou-se o pior, a filha tinha falecido dentro do seu ventre. Passadas umas horas o médico aproxima-se e dá-lhe a notícia. Entre lágrimas Maria questionou-se vezes sem conta porque é que isto lhe tinha acontecido, eis que o médico lhe responde, "*a medicina está muito evoluída mas há uma coisa superior a nós... aos homens que nos temos de nos curvar*" (E1). Maria nunca viu a sua filha, o marido veio de imediato de Évora e foi ele que fez o funeral. Não há dúvidas de que este acontecimento deixou marcas físicas, perda do andar ainda que temporário, e psicológicas.

Quatro anos se passaram e a Maria voltou a engravidar, foi uma gravidez não planeada porque o medo de passar pelo mesmo era constante. Optou por mudar de médico, para um de Portimão e com esta gravidez teve direito a tudo a que uma grávida deve ter, desde enjoos a albumina alta, entre outras coisas. De um modo geral, tanto a gravidez como o parto correram bem e a filha nasceu saudável. Para além das doenças normais da idade, otites, sarampo, papeira, entre outras é que mais tarde, já em adulta, teve um problema grave de saúde, um tumor na medula. Fez radioterapia durante três anos, tendo efetuado posteriormente uma intervenção cirúrgica. Atualmente, livre de perigo faz exames de rotina por forma a despistar a doença.

Utilização de métodos contraceptivos hormonais

Falar de sexo, de sexualidade ou de educação sexual na época da Maria era tabu. Até ao dia do casamento, a entrevistada nunca teve conhecimento da existência de métodos contraceptivos, "*isso eram assuntos que eu não sabia*" (E1). O primeiro contacto com um contraceptivo oral, pílula, surgiu após o nascimento da segunda filha e antes da sua partida para Angola. O contacto com este método contraceptivo revelou-se passageiro e foi suspensa a toma devido aos efeitos secundários, cefaleias e aumento de peso.

Já em Portugal, o casal retoma a prática do coito interrompido como método contraceptivo e apoia-se no método do calendário como forma de controle da fertilidade. Maria relata a este propósito que *“deixei de tomar e as nossas relações é como se diziam, eram de marcha atrás, mas depois o meu marido... veio com a conversa que depois do período há o período fértil e depois não há ovulação”* (E1).

Ser mãe aos quarenta anos

Maria teve a felicidade de engravidar pela terceira vez aos quarenta anos e, tal como as anteriores esta não foi planeada. Dezasseis anos se passaram desde a morte da primeira filha e este era ainda um acontecimento que de vez em quando a aterrorizava. No início não aceitou com agrado a sua condição, não só porque o seu ginecologista lhe havia dito que existia 80% de probabilidade do filho nascer com Síndrome de Down mas também porque tinha de voltar a amamentar, mudar fraldas, retomar a rotina a que um recém nascido obriga.

Só depois da sua filha ter tido uma conversa consigo é que aceitou a gravidez e começou a vivê-la plenamente. Durante as gravidezes teve relações sexuais, adaptou as posições porque a barriga assim o exigia, sem qualquer receio de magoar o feto.

Menopausa

Foi sensivelmente por volta dos quarenta e cinco anos que a entrevistada entrou na menopausa. Relativamente aos sintomas que uma mulher pode experienciar com a menopausa, afrontamentos, perturbações da bexiga, alterações nas unhas, dores de cabeça, alterações de humor, entre outras, a Maria não teve nenhum dos que foram anteriormente mencionados, apenas teve irregularidades no período menstrual até que este desapareceu por completo. Recorreu ao seu ginecologista que lhe prescreveu uns comprimidos de compensação hormonal. No entanto, devido aos efeitos secundários "ficava alagada em sangue" (E1), suspendeu a toma por iniciativa própria. A partir dessa fase as relações sexuais melhoraram porque se sentia mais liberta, sem receio que pudesse engravidar.

Fibromialgia

A Maria considera que a fibromialgia é resultado do acumular de "*nervos da... infância... a minha mãe a garrear comigo...*" (E3). A respeito dos sintomas que advém da sua condição clínica destaca as dores neuromusculares agudas, a fadiga, as perturbações do sono, os distúrbios emocionais e distúrbios gastrointestinais. Para mitigar estas manifestações recorre a anti-inflamatórios e ansiolíticos. Para além disso frequenta as piscinas, faz fisioterapia e todos os dias pela manhã toma um duche de água fria.

Quanto aos distúrbios emocionais, por diversas vezes, a Maria sente-se deprimida. Por forma a contornar a situação, recorre à sua crença, reza, e tenta manter a mente ocupada para não pensar constantemente nas dores.

A sua condição física impõe-lhe, que no campo sexual, adapte as posições durante o coito, pois como refere "*...como isto dói tudo, ter a pessoa em cima a fazer peso, provoca dor, tivemos de adaptar [posições sexuais]*" (E3).

Tanto a Maria como o seu companheiro aceitaram a doença e todas as condicionantes que dela derivam.

Sexualidade na Terceira idade



Figura 3.7 - Ilustração da Maria e do Manuel na atualidade

Para a Maria a sexualidade representa "... *unidade, amor, algo que une e que faz parte da vida*" (E1). No parecer de Lopes (1993), a sexualidade não se pode circunscrever ao contato de um pênis e uma vagina, o sexo pode ser o resultado de vários estímulos afetivos, designadamente, através da masturbação, da fantasia, do coito, entre outros. Neste sentido, a Maria refere que atualmente já não tem relações sexuais com o Manuel com penetração mas que recorrem à masturbação para se satisfazerem sexualmente e acrescenta que "*o segredo está no beijo, no abraço, na carícia e na pele, no órgão sexual quando nos acariciamos*" (E4). A entrevistada revela que todas as fases da vida têm os seus encantos, que não se deve viver em função dos momentos passados e que existem diversas formas de se demonstrar carinho para além da relação sexual "*... ir na rua e dar a mão, um beijinho de bom dia e de boa noite, perguntar se está tudo bem, a preocupação*" (E4).

Enquanto casal já fizeram as bodas de prata, vinte e cinco anos de casados, no dia 30 de abril de 1991. Nessa altura o Manuel já tinha saído da tropa, tinha passado à reserva militar e estava a trabalhar numa firma em Almancil. Como era um dia especial pediu dispensa da parte da manhã, envergou o melhor fato que tinha e fazendo-se acompanhar da sua filha dirigiu-se à Igreja da Sé. Por sua vez a sua esposa, a Maria, foi levada no carro do seu filho. No altar do Santíssimo Sacramento o Cónego Henrique abençoou as

alianças com a mesma salva de prata com que se haviam casado e fizeram a troca de alianças. Findada a cerimónia foram todos para casa almoçar. Para o almoço a Maria teve o cuidado de preparar no dia anterior a sala de jantar com a melhor toalha, os melhores pratos e talheres que tinha e confeccionou iguarias que eles tanto gostavam. Ao centro da mesa colocou um grande ramo de rosas que lhe haviam oferecido. Terminado o almoço o Manuel foi trabalhar e a Maria dividindo o ramo das rosas foi oferecê-las à Nossa Senhora do Carmo. A entrevistada recorda-se de um momento especial deste dia, menciona que tinha comprado um bolo para oferecer ao seu esposo e que ele sem nada saber também adquiriu um.

3.4.1 Análise interpretativa

Em 1941 vivia-se sob olhar atento de uma sociedade conservadora e católica, em que prevalecia a moral e os bons costumes. Tudo o que representava uma ameaça ao sistema imposto era alvo de represália: o corpo, a palavra, a emoção. Nessa época, a sexualidade era um tema tabu ao qual se devia dar pouca importância e, na medida do possível, silenciar (Freire, 2010). Adotando uma postura interpretativa acerca da narrativa biográfica da Maria, importa referir que se destacam episódios fulcrais tais como o facto da entrevistada ter crescido numa sociedade padronizada pelo que foi anteriormente referido, apresentar um relacionamento com a sua mãe assente na rigidez e no distanciamento afetivo e, ainda, a constante impossibilidade de esclarecer as suas dúvidas de cariz sexual..

Durante o crescimento da jovem Maria aumentavam as dúvidas não esclarecidas, resultando numa vontade cada vez mais emergente de encontrar respostas. Contrariando o que era considerado normal para a época, não ler, não falar sobre sexualidade, Maria procura satisfazer a curiosidade própria da sua idade e personalidade, socorrendo-se de um itinerante movimento de informações sobre a forma de biblioteca. Entre diversas visitas, a entrevistada requisitou um título pertinente: “O Crime do Padre Amaro”. Particularmente é realizada uma leitura simples e simultaneamente libertadora por permitir novas descobertas. Procedendo à análise de tal momento considera-se que a obra representou a procura de respostas, a satisfação dos seus desejos e um ousado encontro com o proibido. Vista a necessidade de se questionar enquanto jovem, Maria e a sua amiga Maria Aida partilhavam as mesmas inquietações. A presença desta amiga revela a importância que os grupos de pares detêm no crescimento salutar de qualquer indivíduo sendo ainda uma presença marcante nas atividades típicas das jovens adolescentes, na frequência de bailes e na preparação de um enxoval, precursor social do destino de uma jovem mulher.

Sendo que a Maria e o Manuel se conheceram desde a mais tenra idade e, partindo do pressuposto que demonstravam interesse um pelo outro, o namoro marcou a jovem aquando dos seus dezassete anos. Desta vivência sobressaiu o recato, o regado e apaixonado namoro à janela, obedecendo aos padrões vividos, namorar com dia e hora marcada, sendo reveladores de um casal de jovens que adotou tais regras como sendo as corretas, não mostrando posturas desafiantes mas, por sua vez, considerando como

importante a troca de olhares, o reconhecimento de gestos, a presença de pequenos códigos que eram sentidos como o alimento para esse amor e namoro. Destaca-se, portanto, a ausência de qualquer contacto sexual físico durante todo o período de namoro, traço que indicia o contínuo desconhecimento do seu corpo, do corpo do seu companheiro no que concerne à descoberta e à satisfação sexual. Com a distância do seu namorado, por imposições militares, eis que o namoro recebia sinais de um não esquecimento através de aerogramas, estes, portadores de notícias desfasadas do tempo real dão, por sua vez, significado à importância de um para com o outro mas, também, constroem o distanciamento físico tão comum na altura.

Conquanto que a distância imperasse, surge o momento do casamento, católico a bom jeito da época e revelador do cumprimento do sacramento cristão. Nessa noite o casal teve o primeiro contacto sexual e, conseqüente, perda da virgindade. Até esse momento tudo o que envolvia esta prática era desconhecido para a Maria e, por isso, logo após a primeira experiência sexual engravidou. Ainda que a sua condição social privilegiada lhe tenha permitido usufruir de cuidados médicos especializados e que o parto tivesse tido lugar numa clínica privada, o que não era usual para a maioria das mulheres da época porque tinham os filhos em casa com o auxílio de uma parteira, deu à luz um nado morto.

Após a perda da primeira filha, a Maria iniciou a toma de um contraceptivo oral, a pílula. Tal demonstra uma mentalidade mais “vanguardista” comparativamente ao pensamento que vigorava no seu tempo, relação sexual para fins reprodutivos. Deste modo, a pílula implicou uma mudança no conceito de sexualidade, pois o casal podia passar a manter relações sexuais apenas por prazer. Ainda que o período que procedeu à morte da filha tenha sido envolto de receios, de engravidar, a atividade sexual com o marido esteve sempre presente, revelando existir compreensão mútua. Durante as fases de gestação, a entrevistada manteve sempre relações coitais, adaptando as posições sexuais em função das possibilidades físicas.

Constata-se que, depois do casamento até sensivelmente aos quarenta e cinco anos, início da menopausa, a vivência da sexualidade não se alterou, o que contraria o argumento de que o desejo sexual a partir desta fase diminui.

O facto de ter engravidado pela terceira vez aos quarenta anos, e esta ter sido, uma vez mais, uma gravidez não planeada deixou-a receosa em virtude da forte possibilidade de que do filho pudesse nascer com Síndrome de Down. A filha veio desempenhar um papel relevante neste período, apesar da sua tenra idade, procurando securizar a mãe e incentivando-a a manter a gravidez. Este aspecto parece-nos de algum modo ser revelador da necessidade que Maria sentiu em não replicar os filhos o modelo de relação que Teresa assumiu consigo.

Depois de uma gravidez tardia, a Maria iniciou uma nova fase da sua vida em que surge a menopausa e a fibromialgia. No que concerne à menopausa a entrevistada não experienciou a maioria dos típicos sintomas associados a esta fase, apenas irregularidades no período menstrual. A Maria era agora uma mulher na casa dos seus quarenta e cinco anos, com uma doença que a castigava fisicamente, a fibromialgia. Tendo de aprender a conviver com os condicionalismos desta doença, nomeadamente dores intensas, viu aqui o princípio para a alteração da sua sexualidade, uma vez que teve de adaptar as posições sexuais. É durante esse tempo que se verifica a entrada na Terceira idade. A partir desse momento, a Maria reconstruiu a sua sexualidade essencialmente por dois motivos: a aceitação do seu problema de saúde e, por conseguinte, o ajustamento da relação sexual não só por considerar que o sexo perdera a sua importância mas também porque existiam diversas formas de se demonstrar carinho, afeto, amor, para além da relação sexual propriamente dita. O outro motivo incidia na disfunção erétil do seu marido. O facto de recorrerem à masturbação mútua, como forma de colmatar a ausência de relação sexual com penetração revela um à-vontade para com o outro e para consigo própria.

Similarmente é necessário entender a Maria como sendo uma pessoa que respeita o tempo físico, que não é saudosista e que vivencia a sua sexualidade de um modo salutar, aceitando limitações sem balizar a sua vida sexual numa anulação plena.

3.5. O caso do Manuel

Infância



Figura 3.8 - Ilustração do Manuel com 1 ano

O Manuel, filho único da Deolinda e do Francisco nasceu a 28 de agosto de 1940 em Almádena. Aos cinco anos ingressou no infantário da aldeia e o seu percurso escolar variou entre escolas públicas e privadas. Até à terceira classe do ensino primário, frequentou a escola pública da aldeia, posteriormente, completou os estudos em Lagos, onde passou pela Escola Industrial e pelo Colégio Gil Eanes.

De uma educação de base cristã, frequentou a catequese um ano e recebeu apenas dois dos três sacramentos de iniciação cristã, nomeadamente o batismo e a primeira comunhão. Somente já na idade adulta, recebeu o sacramento da confirmação ou crisma. Refere que raramente assistia à eucaristia, em virtude da longa distância que teria que percorrer até à igreja que se situava em Lagos.



Figura 3.9 - Ilustração da 1ª Comunhão do Manuel aos 12 anos

Da sua infância lembra-se de muitos detalhes que indubitavelmente o marcaram, nomeadamente da matança do porco. Refere que "*nesse dia era uma grande festa*" (E1) que podia durar até três dias e que era por esta altura que a família se reunia toda. Durante algum tempo a carne de porco assumiu uma importância fundamental na economia familiar do Manuel, funcionando como bitola na definição de um certo estatuto de abastança, de tal forma que se realizava uma espécie de competição, alimentada por uma surda rivalidade, tentando, cada um, matar o porco mais pesado de cada aldeia. Na véspera da matança os seus pais faziam o convite aos familiares, limpavam a casa, lavavam a salgadeira, preparavam as varas ou as canas para o fumeiro, traziam a banca, preparavam os alguidares não só para albergar o sangue mas também para temperar e guardar a carne para os enchidos e, compravam os géneros alimentícios e os temperos necessários: vinho branco, cominhos, pimentão doce, o sal, entre outros.

No dia da matança à hora do almoço, ano após ano a ementa era sempre a mesma, arroz com grão temperado com azeite novo, uma sopa de couves com feijão, fígado de cebolada e quem gostava acrescentava vinagre. Por vezes a refeição era enriquecida com um guisado de galinha ou galo, com batatas e terminava-se com queijos frescos, laranjas e maçãs e os homens bebiam aguardente e ficavam à mesa pela tarde fora, jogando às cartas e conversando. Enquanto as mulheres arrumavam as coisas do almoço

e os homens jogavam às cartas, o Manuel e as outras crianças divertiam-se como podiam. Primeiro jogando à bola, a mesma tratava-se da bexiga do porco, que depois de lavada era cheia de ar com auxílio de um canudo de cana e atada com um fio e servia para um renhido jogo de bola que só terminava com o rebentamento da mesma. Entre jogos de escondidas, simulacros de matanças, em que o porco era figurado por uma das crianças, imitando em gritos estridentes os grunhidos do animal, com a aproximação da noite era feita uma fogueira grande, à roda da qual se instalavam todos os que haviam participado na matança e eram cantadas canções populares ou se ouviam histórias tradicionais contadas pelos mais velhos.

Para além da matança dos porcos, outra recordação que o Manuel guarda com bastante carinho eram as tardes de sábado que passava na taberna da aldeia. Ainda que fosse um local onde só os mais velhos tinham livre acesso, por vezes, lá ia ele acompanhado do seu pai António. Entre brincadeiras com outras crianças que por lá passavam, por vezes reparava que as conversas entre os adultos eram motivo de grande animação. Se calhasse aproximar-se mais um pouco para perceber de que conversas se tratavam era logo afastado com o argumento "*...vai-te embora... que não tens idade para estar aqui*" (E1). O entrevistado ainda que só tivesse dez anos sabia que algumas das conversas eram sobre sexo e que eram poucas as pessoas que tinham a ousadia de falar sobre esse assunto. O Manuel refere que quando tinha dúvidas ou curiosidades sobre sexualidade, guardava-as para si porque "*...na altura falar-se de sexo era completamente proibido, era tabu e quase que não se falava em nada disso*" (E1), quer fosse com colegas ou com a própria família.

O facto do Manuel ter nascido no seio de uma família com mais posses isso não se refletia no tipo de vivências que podia ter, ir ao cinema, à praia, entre outras, uma vez que morava na aldeia e os meios de transporte para Lagos eram escassos. O entrevistado menciona que era difícil viajar uma vez que só existiam duas carreiras de autocarros que faziam a ligação entre Sagres e Lagos. Foi aos doze anos, através do Colégio Gil Eanes, que fez a primeira e mais longa viagem, Lisboa.

A mãe Deolinda



Figura 3.10 - Ilustração da Deolinda, mãe do Manuel

A mãe do Manuel, ainda que fosse doméstica, possuía a terceira classe o que na sua época e para o meio em que vivia, aldeia, era considerado ter muitos estudos. Proveniente de um família com algumas posses monetárias, tanto ela como os seus nove irmãos viviam sem dificuldades. O entrevistado recorda a sua mãe como sendo "*uma pessoa carinhosa e bastante trabalhadora*" (E4). Independentemente de ser filho único, a sua relação com a mãe sempre foi excelente. Faleceu a 10 de fevereiro de 1976 com setenta e cinco anos.

O pai António

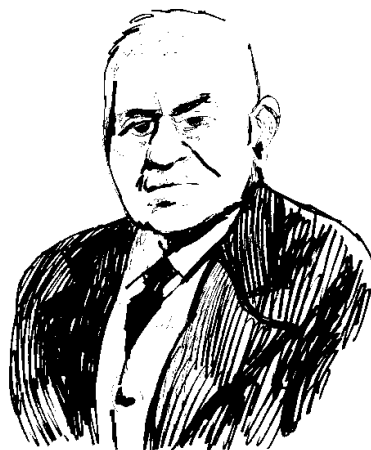


Figura 3.11 - Ilustração do António, pai do Manuel

Tinha uma profissão que presentemente já não existe, era agricultor proprietário, cultivava, vendia gado e pagava as suas contribuições. Quer o António, quer o resto dos

seus irmãos todos viviam bem, não passavam dificuldades, por isso, comparativamente ao resto da aldeia é possível asseverar que era proveniente de uma família abastada ainda que sem grandes fortunas. O Manuel refere que a sua relação tanto com a mãe como com o pai sempre foi muito boa e que independentemente de viver "*...num meio atrasado como era a aldeia*" (E4) sempre pode contar com os seus pais para tudo. Menciona inclusivamente que os tratava por tu e que essa forma de trato era considerada desrespeitosa tendo em consideração o meio onde habitavam. Faleceu a 5 de fevereiro de 1971 com oitenta e quatro.

O namoro

O Manuel conheceu a Maria ainda em criança quando tinha apenas cinco anos. Ambos eram da mesma aldeia e desde tenra idade ouviam comentários do género, "*...o Manelinho e a Maria*" (E1) e, assim, foram crescendo até que aos dezassete anos, o Manuel se declarou por carta. Foi pedida autorização ao pai da Maria para que pudesse não só namorar com a sua filha mas também para entrar em sua casa. Com uma resposta afirmativa, inicialmente namoravam à janela, bem juntinhos para que nenhum ouvido mais apurado tivesse a oportunidade de saber de que conversas se tratavam. Ainda assim existia sempre alguém, na parte de dentro à espreita a controlar qualquer movimento que o casal fazia. Posteriormente o Manuel começou a frequentar a casa da Maria, namoravam no hall de entrada, de oito em oito dias, aos domingos e com hora marcada, das 17h00 às 19h00. Às 19h00 os talheres começavam a bater nos pratos, sinal esse de que a Maria tinha de ir jantar e de que o Manuel tinha de se ir embora. O entrevistado refere que, embora tivesse imensa vontade de estar com a Maria nos restantes dias da semana não o podia fazer "*...enquanto amigos não fazia mal andarmos juntos mas depois de começarmos a namorar só podíamos estar juntos de oito em oito dias, ao domingo porque era dia de missa e à quinta-feira porque era normal*" (E1).

Para o Manuel, os sete anos que duraram o namoro foram passados com o conhecimento da imposição da mãe da Maria relativamente ao seu namoro com a filha, imposição essa devido à diferença de personalidades, o Manuel era reservado e a Maria bastante extrovertida. Ainda assim nunca puseram término ao namoro "*continuámos e ainda bem para mim e para ela*" (E4). O Manuel refere inclusivamente que tanto para com ele, como para as filhas, Teresa nunca demonstrou muito afeto, "*... para mim*

nunca foi um grande trato... ela para as filhas nunca teve muito afeto. Tanto com uma quer com a outra mas menos para esta [Maria]" (E4).

A 1ª Comissão no Ultramar-Angola

O Manuel de setembro de 1963 a dezembro de 1965, 1ª comissão, teve de cumprir serviço militar no Ultramar - Angola, deixando, deixando a sua namorada sozinha em Almádena. Por forma a combaterem as saudades que tinham um do outro escreviam aerogramas quase todos os dias.



Figura 3.12 - Ilustração do Manuel com 20 anos

Ainda que tenha passado por dificuldades, enquanto cumpria a 1ª comissão, nem todos os dias eram assim. O entrevistado menciona que existia uma coluna de militares que fazia o abastecimento, iam buscar mantimentos entre outras coisas a Nambuanguo, uma das localidades principais e que passavam por outro quartel em Quixico onde lá perto existia uma fazenda de trabalhadores, homens e mulheres e que a maioria dos militares "*fazia bicha para serem servidos [sexualmente]" (E3). Fossem casados ou solteiros, quase todos recorriam a essas mulheres, chegando inclusivamente a ser uma mulher para vários homens. O Manuel salienta que o medo dos militares contrariem alguma Doença Sexualmente Transmissível era constante mas que não tem conhecimento de algum ter adquirido alguma. Embora o entrevistado nunca tenha recorrido a essas mulheres "...nunca lá fui!" (E3), por forma a satisfazer as suas*

necessidades fisiológicas, recorria à masturbação. Como não era possível os militares comprarem revistas pornográficas, eram várias as famílias ou amigos que as enviavam.

No que diz respeito à homossexualidade, na tropa era proibido existir algum militar que o fosse e quando era descoberto ou havia suspeita de o ser, era encaminhado para inspeção e se fosse comprovada a sua homossexualidade era expulso. Em contrapartida se algum militar quisesse ser expulso, afirmando ser homossexual e após a inspeção se verificasse o contrário, o Regulamento de Disciplina Militar ordenava não só a sua expulsão como também prisão.

O casamento

O Manuel casou com vinte e cinco anos a 30 de Abril de 1966 na igreja da Luz de Lagos. O processo do casamento foi um pouco conturbado pois como era militar, tinha de ser dada uma autorização por parte do exército, autorização essa que demorou cerca de três meses a chegar. A respeito do moroso processo que envolveu a realização do seu casamento, Manuel relata, com sentido de humor que "*os papéis naquela altura andavam a pé*" (E2). O casal iniciou o processo em janeiro e como já era abril e a tão desejada autorização tardava em chegar, o Padre Tropa, pároco daquela igreja decidiu casá-los. Para o evento, ainda que a sua situação económica o permitisse, o Manuel envergou a farda nº 1, destinada a cerimónias, tendo comprado na mesma um fato mas para utilizar no segundo dia do casamento.

Como o casal ainda não se havia descoberto sexualmente, foi na noite de núpcias que tudo aconteceu. O Manuel confessa que esse momento foi "*... instintivo... foi uma novidade para mim*" (E2). No dia seguinte como havia sobrado bastante comida e como na altura era tradição os casamentos durarem dois dias, no fim do segundo dia, o Manuel recorda que era costume os noivos irem de porta em porta oferecer aos restantes habitantes da aldeia uma fatia de bolo. Por isso, no segundo dia retornam a Almádena para cumprirem a tradição. Relembra, ainda, que nesse mesmo dia a mãe de Maria se zangou com esta por terem deixado os convidados sozinhos no primeiro dia e terem saído sem nada dizer.

Apenas se passou um mês desde que casaram e a Maria engravidou logo. A gravidez de início correu bem, não teve enjoos e fez a ginástica do parto sem qualquer tipo de dor,

tudo indicava uma gravidez normal. Como a data prevista do nascimento da filha era entre o fim de janeiro e meio de fevereiro, a 9 de fevereiro a sua esposa deu entrada numa clínica particular em Lagos. Entretanto o Manuel como era militar e estava mobilizado para ir para o Ultramar - Guiné, 2ª comissão, partiu para Évora com a esperança de que tudo iria correr bem. O mesmo não sucedeu, na madrugada de 7 de fevereiro, às 4h00 da manhã a Maria deixou de sentir os movimentos da filha e o médico depois de a auscultar e verificar que o coração da filha não batia enviou-a de urgência para uma cesariana. O pior verificou-se, a filha do Manuel tinha falecido dentro do ventre da Maria. Sabendo de imediato o que havia sucedido veio de Évora e foi ele que tratou de todo o processo fúnebre. Não há como desacreditar que este acontecimento deixou marcas no Manuel, "*pois custa... estamos à espera do 1º filho e depois faltou... tivemos de superar a falta...*" (E4). Logo após o funeral a Maria voltou para a sua aldeia para junto dos seus pais e irmã e o Manuel para Évora para depois embarcar para a Guiné. Para o Manuel este episódio não se refletiu negativamente no casal, juntos souberam ultrapassar o acontecimento e não se culpavam um ao outro pelo sucedido. Ao longo do casamento e deliberadamente nunca sentiram a necessidade de se separarem para resolver os problemas e caso surgissem solucionavam-nos em conjunto.

Ser pai aos quarenta anos

Uma das maiores alegrias da vida do Manuel foi ser pai aos quarenta e dois anos. Dezassexis anos se passaram desde a morte da primeira filha e embora este fosse um acontecimento que de vez em quando o atormentava isso não o impediu de ficar radiante quando soube que a sua única filha ia deixar de o ser e ia ter um irmão. Durante a gravidez da sua esposa praticou relações sexuais, adaptou as posições porque a barriga dela assim o exigia, sem qualquer receio de magoar o feto.



Figura 3.13 - Ilustração do Manuel com o filho ao colo

Sexualidade na Terceira idade

O Manuel define sexualidade como sendo "*... prazer e... procriação... é mais que o ato sexual, é o aproximar... o tocar, o beijar, o abraçar*" (E1). Chega inclusive a fazer uma analogia entre a sexualidade e uma montanha russa, considerando que é um misto de altos e baixos e que à medida que se vai envelhecendo, a maioria das pessoas perdem funções. Aliás, foi por volta dos sessenta anos que começou a sentir os primeiros sintomas da andropausa, sendo o principal, a diminuição da ereção, "*a ereção foi diminuindo até que desapareceu*" (E1). E apesar de sentir desejo de ter uma relação sexual, em virtude do pénis não se manter ereto, sentia-se desconfortável por isso. Ainda assim, não procurou ajuda médica por convicção de que a medicação existente para a disfunção erétil, embora ajudasse a combater esse problema, seria prejudicial para a hipertensão, doença que o Manuel padece.

Refere que, atualmente, se tivesse ereção talvez se sentisse mais satisfeito sexualmente, pois apesar de já não ter relações sexuais com a mulher com penetração recorrem à masturbação para se satisfazerem sexualmente. Chega a dizer que "*Assim mais velho não se fala nos atos sexuais, no entanto existe à mesma*" (E1).

Encarando que a sexualidade representa muito mais que o ato sexual, Manuel demonstra o seu amor pela Maria de diversas formas: passeia com a sua esposa, não lhe coloca o braço por cima dos ombros como fazia quando eram mais novos porque a Maria sofre de fibromialgia mas dá-lhe a mão; antes de se deitar e de sair de casa, dá-lhe um beijo; preocupa-se com o seu bem estar e sempre que a ocasião lhe permite (aniversários, natal, dia dos namorados), gosta de lhe oferecer um presente.

Enquanto casal já fizeram as bodas de prata e o Manuel relembra que as festejaram em Faro, na igreja da Sé. Foi uma cerimónia simples partilhada apenas com os familiares mais próximos.

3.5.1. Análise interpretativa

Coetâneo ao nascimento de Maria, o Manuel, filho único de um casal, cresceu com a particularidade dos seus pais lhe quererem proporcionar uma boa educação. Entre algumas mudanças de escola, frequentou a catequese, o que era comum na sua época, apesar de na sua infância só ter recebido dois dos três sacramentos de iniciação da vida cristã. Experimentou algumas atividades sociais, tais como as idas à taberna, fazendo-se sempre acompanhar de uma figura masculina, o seu pai. Surgem as primeiras alusões à sexualidade aquando da percepção de conversas, na taberna, sobre a temática. Neste sentido percebemos a existência de tabus, comuns à época e a inexistência de algo ou alguém que permitisse esclarecer as suas dúvidas, bem como a capacidade de aceitação desses tabus.

Tal como foi referenciado anteriormente na narrativa biográfica da Maria, o Manuel começou a namorar aos dezassete anos. Reforça-se mais uma vez a presença de um namoro com horários combinados e estruturados em dias pré definidos.

No namoro privou-se da presença da sua amada, ainda que escassa, por ter de cumprir serviço militar. Durante a sua estadia na guerra recorreu ao envio de aerogramas, que se transformavam em pontes seguras que traduziam o pensamento um pelo outro. No cumprimento do seu dever de soldado surgiram episódios com uma forte ligação à sexualidade. Relata-se a existência de serviços sexuais, atividade a que muitos dos companheiros de tropa recorriam, mas que o Manuel nunca solicitou. Este relato pessoal revela a importância dada ao sentido do compromisso, ao medo por não ter experiência e ao receio de contrair Doenças Sexualmente Transmissíveis.

A questão da homossexualidade também fora levantada, frisando o erro que seria apresentar esse comportamento sexual. De forma a satisfazer as suas necessidades sexuais, o Manuel recorria à masturbação pois era uma forma de controlar pessoalmente essa necessidade fisiológica.

Em suma, este namoro apresentou-se de uma forma longa, sete anos, assumiu-se através da distância, permitindo compreender a importância do afeto, apenas recorrendo à masturbação que por si só pode revelar a não necessidade de colocar a descoberto as fragilidades, os medos e as necessidades sexuais. O tabu permanecia tabu.

O casamento, forte indicador de uma mudança pessoal e social na vida de um indivíduo, aconteceu depois de sete anos de um terno namoro. Neste sentido, aos vinte e cinco anos fez-se temperar de uma notória felicidade e da sua primeira experiência sexual com uma mulher. Havendo uma descoberta sexual comum, importam as revelações que o Manuel faz tais como a confissão de ter sido um momento "instintivo" e "uma novidade" (E1). Assim, experienciou este momento conotado por ser o primeiro ato sexual entre o casal, de se terem privado de conhecimento sobre o caso e, acima de tudo, ser vivenciado de uma forma natural. Passado um mês após o casamento a sua esposa engravida, gravidez essa que decorreu de uma forma normal ao seu início. No final da gravidez aconteceu um evento importante na sua vida. O Manuel foi mobilizado para a guerra do Ultramar - Angola e parte para Évora. Distantes um do outro, a sua esposa sofreu a pesada perda da filha primogénita. Foi o Manuel que tratou de todo o processo fúnebre, descrevendo o momento como sendo custoso. Enquanto casal não se culpabilizaram, o que pode refletir o amor que sentem um pelo outro e a que está inerente a capacidade de superação de momentos menos positivos.

Posteriormente, o Manuel teve de cumprir as suas funções militares na Guiné e aqui o casal distanciou-se novamente sem que tal abalasse o matrimónio. Relativamente ao contacto sexual depois da perda da filha não são referidas informações que permitam realizar uma análise acerca dos comportamentos adotados e sentimentos vividos.

Realizando um salto no tempo, é apresentada a idade cronológica dos quarenta anos de idade do Manuel. Entretanto este fora pai de uma rapariga. Contudo, foi na sua quarta década de vida que viveu a alegria de ser pai de um rapaz. Esse feliz sentir não apagara da memória a sua maior perda mas permitia elevar a sua felicidade e o seu preenchimento. Tinha, portanto, dois filhos e revela em entrevista que aquando da gravidez do seu terceiro descendente praticou relações sexuais, respeitando as limitações físicas da esposa, sem rezear magoar o feto. O facto de não anularem a sua vida sexual durante a gravidez declara um grande entendimento entre os dois, uma contínua necessidade fisiológica e o não balizar da relação em detrimento de medos, mas sim da realização conjugal.

Com a entrada na terceira idade, e tendo em consideração toda a história e vivência sexual do entrevistado, é pertinente perceber qual o lugar da sexualidade nesta fase da vida. Com um conhecimento maturado de si próprio e da sua companheira de vida, o

Manuel define a sexualidade, de um modo global, como sendo um sinónimo de prazer e procriação, ainda que nesta fase da sua vida a entenda também como uma permanente aproximação ao outro, do toque, do beijo, entre outros sinais de amor. Reconhece a perda de funções a par do envelhecimento quando recorda as suas seis décadas de vida. Os sintomas da andropausa evidenciam-se primeiramente na diminuição da ereção e, posteriormente, na sua ausência, pautados pelo desconforto de ter desejo e de não conseguir dar uma resposta física. Verifica-se, portanto, que apesar enfrentar a disfunção erétil o seu desejo sexual não é afetado.

Ainda que reconhecendo não ter um desempenho sexual satisfatório, o Manuel não recorreu a nenhum tipo de ajuda médica por considerar que os tratamentos teriam implicações negativas noutra doença que o mesmo possui, hipertensão. Ainda assim, a não procura médica poderá revelar a capacidade de encaixe e aceitação da vida, pois o Manuel sempre mostrou ser um homem de valores e não contestatário.

Atualmente, o Manuel já não têm relações sexuais com penetração e a sua relação com a sexualidade também se altera na medida em que teve de desenvolver estratégias por forma a superar esta lacuna. É na masturbação que encontra resposta pois, individual ou conjugalmente, consegue ter desejo e satisfação sexual, focando novamente a importância da vida sexual deste grupo etário. É combinando esta forma de satisfação sexual com os gestos de amor que tudo faz sentido. Os cuidados de dar um beijo, a mão, uma flor ou até de não fazer gestos que possam magoar a sua esposa devido à doença são, acima de tudo, reveladores de uma enorme entrega ao outro na medida em que não se esquece enquanto indivíduo e enquanto cônjuge.

A sexualidade do Manuel é portanto ativa, mas ajustada às suas necessidades e, contrariamente à ideia de que não existe sexualidade na terceira idade tal não corresponde à verdade. O Manuel ao longo da sua vida experienciou a sexualidade de distintas formas e padronizou a sua forma de a viver como sendo de plena aceitação, de compreensão do outro, de si próprio. Tal é por si só revelador de uma educação que se baseou socialmente na presença de tabus, e ainda na existência de um homem recatado que vive na demanda da felicidade e de formas de satisfação sexual.

Por último, o simples facto da Maria e do Manuel possuírem problemas de saúde, fibromialgia e disfunção erétil, poderá fazer com que se aceitem melhor a si próprios e ao outro pois, apesar de tudo, as limitações de cada um parecem aproximá-los mais do

que afastá-los. Aliás, desde o início do relacionamento podemos verificar que enquanto casal, este revela uma franca capacidade de adaptabilidade às circunstâncias e às mudanças inevitáveis que vão ocorrendo ao longo dos seus ciclos de vida.

Atualmente, o Manuel já não têm relações sexuais com penetração e a sua relação com a sexualidade também se alterou na medida em que teve de desenvolver estratégias que lhe permitiram superar esta lacuna. É na masturbação que encontra resposta pois, individual ou conjugalmente, consegue ter desejo e satisfação sexual, focando novamente a importância da vida sexual deste grupo etário. É a combinação de prazer físico com expressões de puro afeto, que a sexualidade é vivida. A forma terna, atenta e próxima como trata a mulher são reveladores da cumplicidade e entendimento existente entre ambos. A conjugalidade parece ter atingido o seu ponto de maturidade e plenitude; a sexualidade é vivida de uma forma mais emancipada.

Por último, podemos dizer que enquanto casal Maria e do Manuel, conseguiram adaptar-se a diferentes eventos, internos e externos, ao longo do seu ciclo de vida e que foram geradores de tensão, que exigiram esforços e recursos adaptativos. Aliás, desde o início do relacionamento podemos verificar que enquanto casal, este revela uma franca capacidade de adaptabilidade às circunstâncias e às mudanças inevitáveis que vão ocorrendo.

Conclusões

O estudo do processo de envelhecimento tem vindo a assumir particular relevância e pertinência nos últimos anos, nomeadamente, devido ao decréscimo progressivo das taxas de natalidade e ao aumento gradual da esperança média de vida.

O envelhecimento, embora complexo, trata-se de um fenómeno que apresenta características comuns a todos os casos: é normal, gradual e universal. Ou seja, implica um conjunto de transformações que ocorre em todos os seres humanos com a passagem do tempo e, independentemente da sua vontade, se apresenta como sendo irreversível. Apesar de todos os esforços e avanços da ciência nada, até à atualidade, impede ou reverte o processo de envelhecimento (Padilha, 2007). Contudo deve ser perspectivado não apenas como um período de perdas desenvolvimentais mas também de ganhos, que acarreta modificações na vida quotidiana do indivíduo e na sua forma de dar sentido às coisas que vão acontecendo (Fonseca, 2004).

Considerando a singularidade de cada pessoa, também o processo de envelhecimento, biológico, psicológico e social a que cada um está submetido, varia de indivíduo para indivíduo.

Para alguns de nós, abordar o tema da sexualidade nas diferentes fases do ciclo de vida não é tarefa particularmente simples e quando se trata de circunscrevê-la a um período muitas vezes perspectivado como assexuado, como é o da Terceira idade, mais complexo se torna.

Assumimos que a sexualidade deve ser compreendida como um processo de construção biográfica, em que o indivíduo se constrói como sujeito sexual. Por isso, a sexualidade implica a relação entre a subjetividade e a atividade corporal, mediadas pela cultura (Bozon, 2004). A cultura faculta e garante significados e formas de experiência e de vida que nos permitem melhor compreender a sua influência nos relacionamentos (Neto, 2000). Em plena era do conhecimento alguns de nós ainda sentem relutância em aceitar a existência da sexualidade na terceira idade, este “embaraço”, diríamos conservador e reservado, advém em grande parte das influências sociais e/ou culturais que ainda persistem na nossa sociedade.

Foi com base nos pressupostos acima referidos que pretendemos com este trabalho contribuir para uma melhor compreensão do processo de envelhecimento, especificamente no que respeita à vivência da sexualidade na Terceira idade. Assim, procurámos responder às seguintes questões: (i) Como é a perceção de uma mulher e de um homem sobre a sua sexualidade? (ii) Como vivenciam a sua sexualidade? (iii) Quais os fatores que interferem na vivência da sexualidade?

Através dos relatos de Maria e do Manuel vimos que é possível repensar e redescobrir a sexualidade na “idade madura”, mesmo quando existem limitações como as decorrentes do aparecimento da menopausa, da fibromialgia e da disfunção erétil, que acarretam alterações a nível fisiológico e psicológico. De facto, o processo de envelhecimento tem uma forte marca biológica que traz consigo um conjunto de limitações de ordem física que, frequentemente, se fazem acompanhar de problemas de origem psicológica (ansiedade de desempenho, principalmente nos homens com disfunção erétil), que exercem alguma influência na vivência da sexualidade.

Os participantes nesta investigação reconhecem e aceitam que, atualmente, a sua sexualidade não é vivida como antes. Contudo, demonstram uma aceitação e adaptação positiva a esta nova realidade. Não existindo, portanto, uma negação da sexualidade por parte da Maria e do Manuel, constatamos que esta ideia contraria os estereótipos e mitos que afirmam que as pessoas que se situam na Terceira idade não se interessam pela sexualidade (López & Fuertes, 1999). Importa, no entanto, ter presente que a Maria e Manuel têm um passado de vida sexual ativa e este facto pode ter contribuído para a manutenção da vida sexual na Terceira idade.

A procura de prazer dá lugar ao investimento na ternura, no toque, na valorização do outro e no reconhecimento e aceitação das diferenças. Por outras palavras, passa-se do domínio essencialmente físico para um domínio afetivo e relacional, e a dimensão psicológica da sexualidade assume neste período um papel de destaque e contribui para a aceitação e, conseqüente, adaptação às mudanças que o processo de envelhecimento encerra e exerce sobre o indivíduo, também no plano sexual. Por outro lado, os aspetos emocionais associados à maturidade na Terceira idade exercem influencia na forma como os participantes têm vivido a sua sexualidade, exercendo a dado momento uma libertação das preocupações associadas à juventude e idade adulta.

A Maria e o Manuel são um exemplo de que a sexualidade deve ser entendida também como uma forma em que a pessoa expressa a sua dimensão humana, enquanto homem ou mulher, não apenas na relação sexual, mas em todo o seu ser (gestos, voz, andar, maneira de vestir, de pensar, de viver). Apesar das pressões e dos constrangimentos culturais impostos pela sociedade, os indivíduos mais velhos conservam a necessidade psicofisiológica de manter a sua atividade sexual, por isso revemo-nos na linha de raciocínio que assume que não existe idade limite que determine o fim da atividade sexual, dos pensamentos e dos desejos sexuais.

Por outro lado, Maria e Manuel trazem até nós uma visão da sexualidade que se construiu sob a égide de uma cultura repressora e uma moral conservadora que apenas aceitavam a prática sexual unicamente inserida num casamento e para fins reprodutivos, ignorando a importância do prazer.

As dúvidas que cedo nasceram e não foram esclarecidas, o namoro consolidado pela distância, os valores cristãos fortemente enraizados ao casal, a construção do ser geradores de novas vidas e a aceitação dos seus problemas são, premissas claras e um contributo evidente para a transformação da sexualidade do casal. Esta, que atualmente se ajusta através da masturbação e da constante troca de carinhos e gestos de amor um para com o outro, coloca a descoberto a necessidade de reajustar comportamentos, perceções e a capacidade de aceitação a fim de não comprometer a realização e necessidade de cada um.

Relativamente a aspetos metodológicos, neste trabalho de investigação conseguimos enumerar algumas limitações, designadamente: (i) Ainda que tenham sido utilizadas diversas técnicas de recolha de informação, tais como, entrevistas exploratórias, conversas informais e as notas de campo, apenas as entrevistas é que foram alvo de uma análise sistémica; (ii) Mesmo tendo sido garantido o anonimato dos participantes da investigação, verificou-se alguma relutância em abordar a temática da sexualidade, quando se colocavam questões mais dirigidas; (iii) O facto de termos optado pelo método: estudo de caso não nos permite extrapolar para outros sujeitos. Assim, as informações obtidas através da Maria e do Manuel só nos permitem tecer interpretações de e para eles.

A par de todas as limitações com que nos deparámos durante a conceção deste trabalho de investigação, consideramos que o interesse, o empenho e a dedicação depositados nesta investigação tornaram possível a sua concretização. Esperamos que esta investigação sirva de impulso a muitos outros trabalhos, Assim, indicamos uma temática que seria de todo o interesse ser explorada, sexualidade nas mulheres mastectomizadas.

Considerando que a mama feminina é uma zona erógena por excelência e, conseqüentemente, fonte de prazer, o acariciar das mamas é uma prática comum durante os preliminares do ato sexual (Reis, Beji & Coskun, 2010). A mulher a quem é diagnosticado um nódulo mamário e que é obrigada a uma mastectomia pode passar por um processo no qual tem de lidar com uma nova imagem corporal, sendo que esta exerce um significativo impacto a nível sexual. A imagem corporal, o papel de género, identidade feminina enquanto mãe, esposa, o funcionamento sexual e a capacidade reprodutiva, possível efeito secundário dos tratamentos adjuvantes, na opinião de Reis, Beji e Coskun (2010) são quatro importantes componentes da saúde sexual da mulher que podem ser afetados pelo cancro da mama. A mulher mastectomizada é duramente atingida física, psicológica e socialmente, tanto pela doença, como pela cirurgia e terapias adjuvantes, tendo de lidar com as limitações, com a nova imagem corporal, com a alteração dos seus planos de vida.

Com este estudo pretender-se-ia compreender qual o impacto da mastectomia na sexualidade das mulheres.

Referências

- Agreda, J. (1999). Passado, presente e futuro da enfermagem gerontológica. In *O idoso, Problemas e Realidades*. Coimbra: Formasau.
- Alberoni, F. (2007). *Sexo e Amor*. 2ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora.
- Alferes, V. (1997). *Encenações e comportamentos sexuais: Para uma psicologia social da sexualidade*. Porto: Afrontamento.
- Almeida, T., & Lourenço, M. (2007). Envelhecimento, amor e sexualidade: Utopia ou realidade? *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 10 (1), 101-113.
- Amaro, F. (2006). *Introdução à Sociologia da família*. Lisboa: ISCSP.
- Andrade, F. (2009). *O cuidado informal à pessoa idosa dependente em contexto domiciliário: necessidades educativas do cuidador principal*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Saint-Exupéry, A. (2001). *O Príncipezinho*. Lisboa: Portugal.
- A.P.A - American Psychiatric Association. (2004). *DSM-IV - Manual de Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais*, 4ª edição. Lisboa: Climepsi.
- Arantes, P. (2003). Perspetiva Holística do Idoso: Uma visão necessária. *Revista Sinais Vitais*, 48, 62-66-
- Araújo, L., & Carvalho, V. (2005). Aspectos sócio-históricos e psicológicos da velhice. *Revista de Humanidades*, 6, 1-9.
- Bantman, B. (1997). *Breve História do Sexo*. Lisboa: Terramar.
- Basílio, L. (2010). *Gerontologia: afetos e lazer: estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Portucalense.
- Berger, L. (1995). Aspectos biológicos do Envelhecimento. In Berger, L. & Mailloux-Poirier, D. (Eds). *Pessoas idosas. Uma abordagem global*. Lisboa: Lusodidacta.
- Berger, L., & Mailloux - Poirier, D. (1995). *Pessoas idosas: uma abordagem global: processo de enfermagem por necessidades*. Lisboa: Lusodidacta,
- Birren, J., & Schroots, J. (1996). *History, concepts and theory in psychology of aging*; in Birrer, J., & Schaie (Eds), *Handbook of the psychology of aging*. San Diego: Academic Press.
- Bisquerra, R. (1989). *Métodos de Investigación Educativa. guía práctica*. Barcelona: Ceac.
- Bleicher, J. (1992). *Hermenêutica Contemporânea*. Rio de Janeiro: Edições 70.

- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Coleção Ciências da educação. Porto: Porto Editora.
- Brandão, A. (2007). *A problemática da sexualidade humanizada: Sexoterapia ou reequilíbrio humano?* Loures: Lusociência.
- Brunheira, L. (2000). *O conhecimento e as atitudes de três professores estagiários face à realização de atividades de investigação na aula de Matemática*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Associação dos Professores de Matemática.
- Bruhns, H. T. (1995). O sábio corpo do idoso. *Revista da Educação Física*, (1), 6, 74-76. Maringá: UEM.
- Butler, P. (2004). Sexual health a new focus for World Health Organization. *Progress in Reproductive Health Research*, 67, 1-8. Acedido a Março 22, 2013, em <http://www.who.int/mediacentre/>
- Byyny, R., & Speroff, L. (1996). *A clinical guide for the care of older woman: Primary and Preventive Care*. England: Williams and Wilkins.
- Calafate, A. (2010). O disfunção Erétil e Envelhecimento. Educação para a Saúde. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*. Universidade Sénior Contemporânea, 101-104.
- Cancela, D. (2007). *O processo de envelhecimento*. Acedido a Março 20, 2013, em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0097.pdf>.
- Capodiecì, S. (2000). *A idade dos sentimentos: amor e sexualidade após os 60 anos*. Editora: Edusc.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia de Investigação - Guia para Auto - Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, A. D. (2002). Dilemas das representações contemporâneas da velhice. *Terceira Idade: Uma Questão para a Educação Social*, 7-9.
- Catão, L. (2008). *Sintomatologia Climatérica e Sexualidade na mulher de meia idade*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Correia, M. (2003). *Introdução à Gerontologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Costa, A. (1989). A Pesquisa de Terreno em Sociologia. In Silva, A. & Pinto, J. (orgs). *Metodologias das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Costa, M. (1999). *Questões demográficas: repercussões nos cuidados de saúde e na formação dos enfermeiros*. In O idoso: problemas e realidades. Coimbra: Formasau.

- Costa, M. (2011). *Qualidade de vida na Terceira Idade: A Psicomotricidade como estratégia de Educação em Saúde*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Costa, E. (2005). *A velhice em cena*. São Paulo: Ágora.
- Coutinho, C., & Chaves, J. (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 15 (1), 221-244. Universidade do Minho.
- Crawford, M. (2008). *Sexo sem Tabus*. Lisboa: a esfera dos livros.
- Cunha, M. (2007). *Educação da sexualidade e relação pedagógica*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade Católica Portuguesa.
- Custódio, C. (2008). *Representações e Vivências da Sexualidade no Idoso Institucionalizado*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cook, T., & Reichardt, C. (1986). *Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación evaluativa*. Madrid: Ed. Morata.
- Dantas, J., Silva, E., & Loures, M. (2002). Lazer e Sexualidade no Envelhecer Humano. *Estudos Goiânia*, 29, (5), 1395- 1142.
- Denzin, N. (1984). *The research act, Englewood Cliffs*. NJ: Prentice Hall.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (1994). Introduction: Entending the field of Qualitative Research. In Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (eds), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 1-17). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Dias, J. (2008). *O desejo não desaparece com a idade: visão da sexualidade numa fase avançada da vida*. Acedido a Maio 28, 2013, em http://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0167
- Eliopoulos, C. (2005). *Enfermagem Gerontológica*. Porto Alegre: Artemed.
- Fernandes, A. (2006). *Projeto ser mais. Educação para a sexualidade online*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.
- Fernandes, P. (2000). *A depressão no idoso*. Coimbra: Quarteto.
- Ferrarrotti, F. (1985). *Sociologia*. Lisboa. Teorema.
- Fonseca, A. (2004). *Uma abordagem psicológica da "Passagem à Reforma" - desenvolvimento, Envelhecimento, Transição e Adaptação*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.
- Fonseca, A. (2006). *O envelhecimento - Uma abordagem psicológica*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.

- Fontana, A., & Frey, J. (1994). The Interview: From Structured Questions to Negotiated Text. In Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (eds.), *Qualitative Research* (pp. 645- 672). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Fortin, M. F. (1999). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Fragoso, A. (2004). El estudio de casos en la investigación de educación de personas adultas. In Emilio Lucio-Villegas (ed.), *Investigación y Práctica en la Educación de Personas Adultas* (pp. 41-60). Valencia: Nau Libres.
- Franchi, K. M. B., & Júnior, R. M. (2005). Atividade Física: Uma Necessidade para a Boa saúde na Terceira Idade. *Revista brasileira em Promoção da Saúde*, (3), 18.
- Frade, A., Marques, A., Alverca, C., & Vilar, D. (2001). *Educação sexual na escola: guia para professores, formadores e educadores*. Coleção Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora.
- Freire, I. (2010). *Amor e sexo no tempo de Salazar*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Gonçalves, D., Martín, I., Guedes, J., Cabral-Pinto, F., & Fonseca, A. (2006). Promoção da qualidade de vida dos idosos portugueses através da continuidade de tarefas produtivas. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7. (1), 137-143.
- Gradim, C., Sousa, M., & Lobo, M. (2007). *A prática sexual e o envelhecimento*. Acedido a Abril 2, 2013, em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/9820/6726>
- Gott, Merryn. (2005). *Sexuality, Sexual Health and Ageing*. London: Open University Press.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing Paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117), Thousand Oaks, CA: Sage.
- Hazan, H. (1994). *Old age: Constructions and deconstructions*. Cambridge: University press.
- Hoyer, W, J., & Roodin, P, A. (2003). *Adult development and aging*. New York: The Mcgraw-Hill.
- Imaginário, C. (2008). *O Idoso dependente em contexto familiar*. Coimbra: Formasau.
- Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2011). *Censos 2011 – Resultados Definitivos*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.

- Jacob, L. (2006). Manual de Sexualidade. Curso de educação sexual e sexualidade no envelhecimento. *Cadernos Socialgest*, 2, 1-36. Acedido a Março 21, 2013, em http://www.socialgest.pt/_dlids/CS2ManualdeSexualidade.pdf.
- Kuhn, T. (2009). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Lima, M. (2003). A sexualidade na Terceira idade: In Sá, E. Quero-te! *Psicologia da sexualidade*. Coimbra: Quarteto.
- Lincoln, Y., & Guba, E. (1985). *Naturalistic Inquiry*. Beverly Hills: Sage publications.
- Lopes, G. (1993). *Sexualidade Humana*. Rio de Janeiro: Editora Médica e Científica, Lda.
- López, F., & Fuertes, A. (1999). *Para compreender a sexualidade*. Lisboa: Associação para o Planeamento Familiar.
- Ludke, M., & André, M. (1986). *A pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Magalhães, C., Fernandes, A., Antão, C., & Anes, E. (2010). Repercussão dos Estereótipos sobre pessoas idosas. *Revista transdisciplinar de Gerontologia*, III (2), 1-105.
- Mauritti, R. (2004). Padrões de vida na velhice. *Análise Social*, XXXIX, 171, 339-363.
- Menezes, L., Rossi, V., & Kude, V. (2005). Aspetos da sexualidade na Terceira Idade. *Arquivos Médicos*, 1, 11-137.
- Merriam, S. (1998). *Qualitative Research and Case Studies Applications in Education: Revised and Expanded from Case Study Research in Education*. São Francisco: Jossey-bass Publishers.
- Mixão, M. L. & Borges, J. C. F. (2006). A sexualidade no idoso. *Revista Enfermagem*. Lisboa: Associação Portuguesa de Enfermeiros.
- Neri, A. L. (2001). O futuro dá sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento. In, A. L. Neri (Org.), *Maturidade e Velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas: Papirus.
- Neto, F. (2000). *Psicologia Social*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Nodin, N. (2002). *Os jovens e a sexualidade em finais do século XX*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.
- Nunes, B. (2008). *Envelhecer com saúde*. Lisboa: Lidel.
- Olabuénaga, J. I. (1999). *Metodologia de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Pacheco, J. A. (1995). *Currículo: Teoria e Praxis*. Porto: Porto Editora.

- Padilha, N. (2007). *Atividade física e saúde na terceira idade. Estudo da influência da prática de hidroginástica na aptidão física funcional de idosos autônomos e independentes*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Papaléo Netto, M. (2007). *Tratado de gerontologia*. Rio de Janeiro: Atheneu.
- Paúl, C., & Fonseca, A. (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi.
- Phipps, W., Sands, J., & Marek, J. (2003). *Enfermagem Médico - Cirúrgica - conceitos e prática clínica*. Loures: Lusociência.
- Pontes, A. (2011). *Sexualidade: vamos conversar sobre isso?* Dissertação de Doutoramento. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reis, N., Beji, NK., & Coskun, A. (2010). Quality of life and sexual function in gynecological cancer patients: results from quantitative and qualitative data. *Eur J Oncol Nurs*, 14 (2, 137-146-)
- Ribeiro, J. (2010). *Uma abordagem sobre a sexualidade na terceira idade*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Rocha, F. (1996). *Educar em Valores*. Aveiro: Estante Editora.
- Sandín, M. (2010). *Pesquisa qualitativa em Educação: fundamentos e tradições*. Porto Alegre: AMGH Editora.
- Santos, C., & Monteiro, R. (2012). Aplicação do modelo do conhecimento das ciências para o ensino da célula - um estudo de caso instrumental. *Investigações em Ensino das Ciências*, 17(2), 529-543.
- Savoie-Zajc, L. (2003). A entrevista semidirigida. In B. Gauthier (dir), *Investigação Social* (pp.279-302). Loures: Lusociência.
- Schneider, R., & Irigary, T. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspetos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25, (4), 585-593.
- Schwandt, T. (1994). Constructivist, Interpretivist Approaches to Human Inquiry. In N. K. Denzin, & Yvonna. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 118-137). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Serrano, G. P. (2004). *Metodologias de investigação em animação sociocultural*, in Trilla, Jaume (Coord.), *Animação sociocultural – Teorias, programas e âmbitos*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.

- Serrão, C. (2007). A sexualidade na terceira idade, olhar, mudar e agir. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, 70-72.
- Silva, K., & Barros, M. (2002). Indicação para a prescrição de exercícios dirigidos a idosos. Acedido a Maio 28, 2013, em <http://www.robertomusculacao.com/idosos/Indica%E7%E3o.html>.
- Silva, S. P. (2007). Sem-abrigo: métodos de produção de narrativas biográficas. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 2, 69-82.
- Simões, A. (1985). Estereótipos relacionados com Idosos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XIX, 207-234.
- Simões, A. (2006). *A nova velhice - Um novo público a educar*. Porto: Ambar.
- Stake, R. E. (1995). *The art of the Casa Study Research*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Stake, R. (1998). *Investigación con estudio de casos*. Madrid: Morata.
- Teixeira, P. (2006). *Envelhecendo passo a passo*. Acedido a março 18, 2013, em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0283.pdf>
- Tinoco, R., & Pinto, S. (2001). Abordagem biográfica das toxicodependências - o biograma como instrumento de intervenção clínica. *Revisão Toxicodependências*, (7), 1, 17-22.
- Tuckman, B. W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vaillant, G. (2002). *Aging well*. Boston: Little Brown & Co.
- Vale, I. (2000). *Didática da Matemática e Formação Inicial de Professores num Contexto de Resolução de Problemas e de Materiais Manipuláveis*. Dissertação de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Valente, S. (2011). *A sexualidade das pessoas idosas, um estudo realizado num lar de pessoas idosas do concelho de Alenquer*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- Valente, R. (2008). *Sinto logo existo! Estudo sociológico sobre sexualidade na terceira idade*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Vasconcelos, N. A. (1994). Comportamentos sexuais alternativos do jovem e do velho. *A Terceira Idade*. (5), 8. São Paulo.
- Vaz, J. (1996). *Educação sexual na escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Velasco, C. G. (2006). *Aprendendo a envelhecer: à luz da psicomotricidade*. São Paulo: Phorte.

- Vicente, N. (2008). *Sexualidade na Terceira Idade*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Vieira, E. (1996). *Manual de Gerontologia: um guia teórico prático para profissionais, cuidadores e familiares*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Yin, R. K. (1997). The abridged version of case study research. Design and method. In Leonard Bichman & Debra J. Rog (eds.), *Hankbook of Applied Social research methods* (pp.229-259). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Yin, R. (2002). *Case Study Research: Design and Methods*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

ANEXOS

ANEXO I- Declaração de consentimento informado

Eu, _____ aceito participar de livre vontade no estudo da autoria de Ana Catarina Gabadinho (aluna da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve), orientado pela Professora Doutora Rute Monteiro, no âmbito da Dissertação de Mestrado em Educação Social, intitulada Sexualidade na Terceira idade - Estudo de caso.

Foram-me explicados e compreendo os objetivos principais deste estudo e aceito responder a uma entrevista que explora questões sobre a sexualidade.

Compreendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim.

Entendo, ainda, que toda a informação obtida neste estudo será estritamente confidencial e que a minha identidade nunca será revelada em qualquer outro trabalho, ou a qualquer pessoa não relacionada diretamente com este estudo, a menos que eu o autorize por escrito.

Assinatura _____

Data ___/___/___

ANEXO II - Tabela de análise categorial do 1º guião de entrevista

Categorias	Subcategorias	Questões do guião	Autores
Caraterização	- Pessoal - Profissional	Q.1; Q.2; Q.3; Q.4.	
Percurso - infância/adolescência	- Caraterização familiar - Recordações - Educação cristã - Ocupações	Q.5; Q.6; Q.7; Q.8; Q.9; Q.10; Q.11; Q.12.	
Perceções da sexualidade na Terceira idade	- Noção de sexualidade - Importância da sexualidade - Sexualidade após a menopausa/andropausa - Crenças, mitos e estereótipos do envelhecimento e da sexualidade - Aceitação do envelhecimento	Q.13; Q.14; Q.15; Q.16; Q.17; Q.18; Q.25; Q.29; Q.32; Q.34; Q.36; Q.37; Q.38; Q.39; Q.40; Q.41; Q.42; Q.43.	"As alterações fisiológicas a que a mulher e o homem estão sujeitos com o avançar da idade não diminuem de forma alguma o prazer ligado às relações sexuais" (Berger, 1995).
Vivências da sexualidade na Terceira idade	- Envelhecimento e sexualidade - Adaptação de posições sexuais - Procura de alternativas para vivência plena da sexualidade	Q.19; Q.20; Q.21; Q.22; Q.23; Q.24; Q.28; Q.30; Q.33; Q.35.	"As alterações fisiológicas são naturais e esperadas, e não comprometem a capacidade para o prazer sexual quando é possível encontrar mecanismos adaptativos" (López & Fuertes, 1999).
Fatores que influenciam a vivência da sexualidade na Terceira idade	- Interferência da menopausa/andropausa - Sintomas da menopausa/andropausa - Patologias	Q.26; Q.27; Q.31; Q.44; Q.45.	"Existem diversos quadros clínicos que podem implicar níveis de perturbação sexual: Diabetes mellitus; Hipertensão arterial; Arteriosclerose Cancro da mama; Doenças reumáticas (Valente, 2011).

ANEXO III - Guião de entrevista 1 da Maria e Manuel

Objetivo da entrevista: Efetuar o contacto com o entrevistado, visando obter um conhecimento exploratório sobre a temática da sexualidade na terceira idade, em ordem a aferir a existência de condições de concretização do estudo.

Protocolo da entrevista

- Apresentar a entrevistadora;
- Apresentar o objeto de estudo;
- Solicitar autorização para gravar a entrevista;
- Garantir o anonimato dos entrevistados;
- Disponibilizar os dados da entrevista à posteriori

Grau de estruturação da entrevista

A presente entrevista exploratória é semiestruturada pois combina perguntas fechadas e abertas, onde os entrevistados têm a possibilidade de falar livremente sobre o tema proposto, sem respostas ou condições antepostas pela entrevistadora.

Guião da Entrevista

1. Diga-me por favor a sua idade; o seu género; o seu estado civil; o número de filhos que tem; a sua nacionalidade; o seu local de residência; a sua religião.
2. Quais as suas habilitações literárias?
3. Antes de se reformar qual(is) a(s) profissão(ões) que desempenhou?
4. Em que local(ais) trabalhou?
5. Gostaria que me falasse da sua família.
6. Como caracteriza a educação que recebeu?
7. Qual o papel que os seus padrinhos/avós tiveram no seu crescimento?
8. Que tipologia de escolas frequentou?

9. Em que localidade(s) passou a sua infância/adolescência?
10. Quais as melhores recordações desses tempos?
11. Frequentou a catequese e recebeu os sacramentos de iniciação cristã?
12. Quando era adolescente como ocupava os seus tempos livres?
13. Para si o que é a sexualidade?
14. Quando tinha dúvidas sobre a sua sexualidade em criança/adolescente a quem recorria?
15. Na sua família era habitual falar-se de sexo/sexualidade?
16. Na juventude o sexo foi importante para si?
17. Considera que a relação sexual na adolescência é vivenciada de forma diferente do que na Terceira idade?
18. Hoje, o sexo (relação sexual) é importante para si?
19. Com quantos anos e com quem perdeu a virgindade?
20. Como é que conheceu o/a seu/sua companheiro(a)?
21. Fale-me do vosso primeiro encontro.
22. Onde e com quantos anos se casou?
23. No que diz respeito a estímulos sexuais qual o que prefere?
24. Possui algum tipo de fantasias sexuais? Se sim, quais?
25. Considera que o demonstrar da afetividade difere do sexo masculino para o sexo feminino?
26. A partir de que idade começou a sentir os primeiros sintomas da menopausa/andropausa?
27. Sendo que por volta dos 50 anos a maioria das mulheres atinge a menopausa, será este marco o fim da vida sexual?
28. Considera que nesta fase a mulher tem menos prazer?
29. Defende que a atividade sexual após a menopausa/andropausa é igual à atividade sexual na adolescência e no estado adulto?
30. Tem dificuldade em ter uma ereção?
31. Recorre a algum fármaco para combater tal disfunção (viagra)?
32. Como se foi confrontando/lidou com as alterações a que o corpo/mente está sujeito com o avançar da idade?
33. Essas alterações afetaram a sua vida sexual?
34. Considera que as pessoas que se encontram na Terceira idade e que encaram o envelhecimento como um fenómeno natural são mais felizes?

35. Sentiu necessidade de adaptar as posições sexuais devido às modificações que o corpo/mente têm sofrido?
36. Considera que a sociedade contribui para que as pessoas na Terceira idade se sintam desvalorizadas?
37. Acha-se uma pessoa sensível e vulnerável à opinião dos outros e à atenção que os mesmos dão ao seu feitio e gestos?
38. Gostaria que comentasse as afirmações: a maioria das pessoas que estão na Terceira idade são infelizes e que os idosos que mantêm obstinadamente os seus estilos de vida, são conservadores e incapazes de mudar.
39. As crenças e mitos existentes sobre a sexualidade na Terceira idade, influenciam o seu comportamento sexual?
40. Na sua família era tabu falarem sobre sexo?
41. Considera que as crenças, preconceitos relativamente à sexualidade na Terceira idade vão passando de geração em geração?
42. Gostaria que comentasse a afirmação, na Terceira idade não existe interesse sexual.
43. Como foi interpretando a sexualidade nas diferentes etapas da sua vida?
44. Possui alguma doença que o/a impeçam de vivenciar a sexualidade (diabetes, doença cardiovascular, incontinência, entre outras)?
45. Toma algum fármaco que afete a potência, a libido, o orgasmo ou a ejaculação?

ANEXO IV - Guião de entrevista 2 da Maria

Objetivo da entrevista: Efetuar o contacto com a entrevistada, visando obter um conhecimento exploratório sobre a temática da sexualidade na terceira idade, recorrendo a objetos vários, em ordem a aferir a existência de condições de concretização do estudo.

Protocolo da entrevista

- Disponibilizar os dados da entrevista à posteriori

Grau de estruturação da entrevista

A presente entrevista exploratória é semiestruturada pois combina perguntas fechadas e abertas, onde os entrevistados têm a possibilidade de falar livremente sobre o tema proposto, sem respostas ou condições antepostas pela entrevistadora.

Guião da Entrevista

1. Gostaria que me falasse dos objetos que trouxe.
2. Antigamente era frequente tirar-se fotografias?
3. Sabendo que tem uma irmã gostaria que me falasse dela, quantos anos de diferença tem, como era a vossa relação.
4. Como é que as crianças iam vestidas na primeira comunhão?
5. Fale-me do seu avô.
6. Como foi o seu casamento?
7. Considerando que quando o seu marido foi cumprir a primeira comissão vocês já eram casados, alguma vez equacionou a hipótese dele ser-lhe infiel?
8. Como foi o evoluir da vossa relação?
9. Os seus filhos faziam-lhe questões de índole sexual?

ANEXO V - Guião de entrevista 3 da Maria

Objetivo da entrevista: Efetuar o contacto com a entrevistada, recorrendo a questões específicas, visando obter um conhecimento exploratório sobre a temática da sexualidade na terceira idade, em ordem a aferir a existência de condições de concretização do estudo.

Protocolo da entrevista

- Disponibilizar os dados da entrevista à posteriori

Grau de estruturação da entrevista

A presente entrevista exploratória é semiestruturada pois combina perguntas fechadas e abertas, onde os entrevistados têm a possibilidade de falar livremente sobre o tema proposto, sem respostas ou condições antepostas pela entrevistadora.

Guião da Entrevista

1. Considerando a ótima relação que tinha com o seu pai, gostaria que me falasse da doença e conseqüente falecimento.
2. De que forma os acontecimentos mais marcantes se refletiram em vós enquanto casal? (morte da filha e doença da segunda filha)
3. Esses acontecimentos trouxeram conseqüências para si enquanto mulher? (receio de engravidar. Durante as gravidezes tinha relações sexuais)
4. Fale-me da sua doença (fibromialgia), quando se começou a manifestar, quais os sintomas e que conseqüências trouxe para a sua vida. (implicação nas relações sexuais)
5. Considera que a manifestação de amor/carinho é mais marcante atualmente devido à disfunção erétil e à fibromialgia?
6. A Maria têm a preocupação de se arranjar, vestir uma roupa diferente para agradar o seu companheiro?
7. Fale-me da celebração das bodas de prata.
8. Descreva-me como é ser mãe aos 40 anos.
9. Quais os sintomas que experienciou na menopausa? (ao nível da relação sexual, menos vontade, secura vaginal)

10. Considera que o seu casamento trouxe-lhe liberdade relativamente à educação (rígida) que recebeu por parte da sua mãe?

11. Em 1967, quando a sua filha faleceu, não acompanhou o seu marido na segunda comissão dele na Guiné. Como lidou com o facto de ter de ficar na aldeia longe dele?

12. Atualmente como namora?

ANEXO VI - Guião de entrevista 4 da Maria

Objetivo da entrevista: Efetuar o contacto com a entrevistada, recorrendo a questões específicas, visando obter um conhecimento exploratório sobre a temática da sexualidade na terceira idade, em ordem a aferir a existência de condições de concretização do estudo.

Protocolo da entrevista

- Disponibilizar os dados da entrevista à posteriori

Grau de estruturação da entrevista

A presente entrevista exploratória é semiestruturada pois combina perguntas fechadas e abertas, onde os entrevistados têm a possibilidade de falar livremente sobre o tema proposto, sem respostas ou condições antepostas pela entrevistadora.

Guião da Entrevista

1. Fale-me da celebração das bodas de prata.
2. Em 1967, quando a sua filha faleceu, não acompanhou o seu marido na segunda comissão dele na Guiné. Como lidou com o facto de ter de ficar na aldeia longe dele?
3. A Maria têm a preocupação de se arranjar, vestir uma roupa diferente para agradar o seu companheiro?
4. Considera que a manifestação de amor/carinho é mais marcante atualmente devido à disfunção erétil e à fibromialgia?

ANEXO VII - Guião de entrevista 2 do Manuel

Objetivo da entrevista: Efetuar o contacto com a entrevistada, visando obter um conhecimento exploratório sobre a temática da sexualidade na terceira idade, recorrendo a objetos vários, em ordem a aferir a existência de condições de concretização do estudo.

Protocolo da entrevista

- Disponibilizar os dados da entrevista à posteriori

Grau de estruturação da entrevista

A presente entrevista exploratória é semiestruturada pois combina perguntas fechadas e abertas, onde os entrevistados têm a possibilidade de falar livremente sobre o tema proposto, sem respostas ou condições antepostas pela entrevistadora.

Guião da Entrevista

1. Gostaria que me falasse dos objetos que trouxe.
2. Antigamente era frequente tirar-se fotografias?
3. Ofereciam as fotografias que tiravam?
4. Como é que as crianças iam vestidas na primeira comunhão?
5. Como foi o seu casamento?
6. Relate-me como foi a noite de núpcias.
7. Considerou seguir outra carreira para além da de militar?

ANEXO VIII - Guião de entrevista 3 do Manuel

Objetivo da entrevista: Efetuar o contacto com o entrevistado, recorrendo a questões específicas, visando obter um conhecimento exploratório sobre a temática da sexualidade na terceira idade, em ordem a aferir a existência de condições de concretização do estudo.

Protocolo da entrevista

- Disponibilizar os dados da entrevista à posteriori

Grau de estruturação da entrevista

A presente entrevista exploratória é semiestruturada pois combina perguntas fechadas e abertas, onde os entrevistados têm a possibilidade de falar livremente sobre o tema proposto, sem respostas ou condições antepostas pela entrevistadora.

Guião da Entrevista

1. Como caracteriza os seus pais?
2. Quando soube da imposição da mãe da maria relativamente ao vosso namoro, qual a sua reação?
3. De que forma os acontecimentos mais marcantes se refletiram em vós enquanto casal? (morte da filha; doença da segunda filha)
4. Como encarou o facto da sua esposa não o acompanhar na 1ª comissão (solteiros) e na 2ª comissão (casados)?
5. Descreva-me como foi ser pai aos 40 anos.
6. Como é que soube que o problema que tem é disfunção erétil?
7. Ainda que não tenha procurado uma solução/tratamento para a disfunção erétil, quando foi ao médico de família, por outro assunto qualquer, chegou a colocar alguma questão sobre esse problema?
8. Para si, enquanto homem, que consequências trouxe a disfunção erétil? (querer ter uma relação sexual mas não conseguir ereção peniana)
9. Quando esteve no Ultramar e a sua esposa não o acompanhou, como namoravam?

- 10.** Ainda tem a preocupação de se arranjar para a sua esposa?
- 11.** Conte-me como foram as bodas de prata, como comemoraram, etc.
- 12.** Atualmente como namora?

ANEXO IX - Guião de entrevista 4 do Manuel

Objetivo da entrevista: Efetuar o contacto com o entrevistado, recorrendo a questões específicas, visando obter um conhecimento exploratório sobre a temática da sexualidade na terceira idade, em ordem a aferir a existência de condições de concretização do estudo.

Protocolo da entrevista

- Disponibilizar os dados da entrevista à posteriori

Grau de estruturação da entrevista

A presente entrevista exploratória é semiestruturada pois combina perguntas fechadas e abertas, onde os entrevistados têm a possibilidade de falar livremente sobre o tema proposto, sem respostas ou condições antepostas pela entrevistadora.

Guião da Entrevista

1. Como caracteriza os seus pais?
2. Quando soube da imposição da mãe da maria relativamente ao vosso namoro, qual a sua reação?
3. Gostaria que me falasse do falecimento da 1ª filha e de que forma este acontecimento o marcou a nível individual e da relação com a sua esposa.
4. Como encarou o facto da sua esposa não o acompanhar na 1ª comissão (solteiros) e na 2ª comissão (casados)?
5. Ainda que não tenha procurado uma solução/tratamento para a disfunção erétil, quando foi ao médico de família, por outro assunto qualquer, chegou a colocar alguma questão sobre esse problema?
6. Ainda tem a preocupação de se arranjar para a sua esposa?
7. Conte-me como foram as bodas de prata, como comemoraram, etc.

ANEXO X - Transcrição da 1ª entrevista da Maria

Entrevistada: Maria

Entrevistadora: Ana Catarina Gabadinho

Data da entrevista: 18/02/2013

Entrevistadora - Sou a Ana Catarina Gabadinho, tenho 22 anos e estou a fazer o 2º ano do Mestrado em Educação Social e com esta entrevista tenho o objetivo de obter um conhecimento acerca da sexualidade na Terceira idade, como é que a Maria encara esta temática, como é que foi o evoluir desta temática na sua perspetiva, a sua perspetiva sobre a temática e pedia primeiramente que a Maria se apresentasse, me dissesse a sua idade, o seu estado civil, nacionalidade, o número de filhos, nacionalidade, local de residência, enfim, que me fizesse uma breve apresentação sua.

Maria - Muito bem... sou a Maria, sou casada à 47 anos, nasci a 7 de dezembro de 1941 (72 anos), sou portuguesa, sou natural de Lagos mas resido aqui em Faro e sou católica praticante.

Entrevistadora - Quais são as suas habilitações literárias?

Maria - Secundário que equivale ao antigo sétimo ano. Eu andei sempre equivalente com isso mas tinha explicações particulares, portanto eu andei sempre em particular equivalente na altura ao sétimo ano.

Entrevistadora - Antes de se reformar qual(ais) a(s) profissão(ões) que desempenhou?

Maria - Nunca trabalhei fora de casa porque como o meu marido era militar andei sempre com ele.

Entrevistadora - Qual a profissão que desempenhou?

Maria - (Risos) Gestora do lar.

Entrevistadora - (Risos) Como gestora do lar em que locais trabalhou?

Maria - Trabalhava e trabalho na cozinha e com a parte monetária mas andei por muitos lugares...Faro, Tomar, Lagos, Setúbal, Angola.

Entrevistadora - Foi mais ou menos em que períodos/datas?

Maria - Pois, o Mário nasceu em 1983 e foi sensivelmente depois de o meu filho nascer que eu não acompanhei mais o meu marido porque ele depois veio para cá mas voltou a ser colocado em Lisboa porque na altura em que o Mário nasceu ele estava na Guarda Fiscal, era comandante da Guarda Fiscal em Faro e depois foi promovido e foi colocado em Lisboa e já não fui, ficámos casal/casamento só ao fim de semana.

Entrevistadora - Gostaria que me falasse da sua família não depois de casada mas antes do casamento, dos pais, dos avós, padrinhos, como é que eles eram, que me falasse um bocadinho da sua família.

Maria - Pois, avós maternos porque os paternos não conheci. Ah mãe e pai, um pai extremamente amoroso, de uma dedicação sem nada de autoridades, a mãe era autoritária, não deixando eu falar com ninguém e inclusivamente o namoro foi um martírio de sete anos de namoro em que sofri muito, mas valeu a pena sofrer pelo marido que tenho tido, pronto a nível familiar nunca tive necessidades graças a Deus e os meus avós eram muito meus amigos, principalmente a minha avó, era muito, muito minha amiga. A minha avó é que foi minha madrinha portanto foi por afinidade, os tios é que foram padrinhos da minha filha.

Entrevistadora - Moravam todos no mesmo local, em Lagos?

Maria - É uma localidade próxima de Lagos... Almádena e fica a 7km de Lagos mas pronto a vida de estudo de tudo foi em Lagos porque na aldeia não havia nada a não ser até à terceira classe. Para fazer a quarta classe já tive que ir para fora. Pronto morávamos todos perto uns dos outros menos os meus avós, eles moravam numa quinta muito grande que tinham e eu com os meus pais na aldeia. Depois os meus avós deixaram a quinta e compraram casa na aldeia e foram habitar muito próximo de nós.

Entrevistadora - Como é que caracteriza a educação que recebeu?

Maria - Não tive uma educação feliz porque eu gostava muito de conviver, de falar com as pessoas e a minha mãe tinha aquela coisa que eu era uma menina fina e rica lá da terra e achava ela na cabecinha dela que eu tinha que me pôr no meu lugar e não me podia dar com as pessoas e eu sofri imenso. A minha mãe quando estava fora eu punha todas lá em casa e depois via umas amigas a brincar ao lado e eu ficava ali porque não podia brincar com elas porque não podia sair e passei sempre nisto, foi difícil meu Deus, eu queria conviver, brincar, rir e brincar com toda a gente. Inclusivamente quando eu casei diziam assim para o meu pai, a tua rua ficou triste, porque eu sempre gostei muito de conviver e conversar porque para mim são todos iguais. Eu sempre tive muita vocação para a parte de saúde se calhar é por isso que sou voluntária no hospital porque havia alguém que tinha um furúnculo e quem tratava era eu. Houve um que partiu a cabeça com uma pedrada e quem tratou fui eu, cortava o cabelo, desinfetava, quem fazia tudo era eu e sempre que alguém me chamava lá ia eu e a mãe isto deixava e eu sempre gostei muito de ajudar, a minha missão era ajudar.

Entrevistadora - Pode-se dizer que teve uma educação rígida.

Maria - Sim do lado materno porque o meu pai era mais liberal, para ele estava sempre tudo bem, a mãe é que era muito rígida.

Entrevistadora - A Maria tem irmãos?

Maria - Sim, uma irmã.

Entrevistadora - A educação que recebeu foi igual para as duas?

Maria - ...Não foi igual porque a minha irmã tem um feitio completamente diferente do meu e era precisamente o logótipo que a minha mãe gostava enquanto que comigo foi uma frustração com ela estava sempre tudo bem, tudo paz, porque ela não gostava de conviver porque era como a mãe, só falava com aquelas pessoas que ela achava que devia falar. Pronto, a minha irmã foi completamente diferente.

Entrevistadora - Você acha que saiu mais à mãe ou ao pai?

Maria - Ela é mãe e eu 100% ao pai.

Entrevistadora - Qual o papel que os seus padrinhos/avós desempenharam no seu crescimento?

Maria - ...A minha felicidade era estar na quinta da minha avó porque inclusivamente ela tinha sempre pessoas a trabalhar com ela no campo e dava-me a liberdade de me dar um sacho, uma coisa pequenina e eu ia para o campo com as pessoas trabalhar e os adultos achavam-me muita piada porque a maneira que eu tinha de deitar as coisas cá para fora, de ser quem eu sou era na casa da minha avó. Eu tinha toda a liberdade de andar com as pessoas no campo, de ir ter com elas, de brincar, portanto a minha felicidade, a minha liberdade era quando estava à da minha avó materna.

Entrevistadora - Essa quinta ficava perto da aldeia?

Maria - Não...de carro presentemente leva-se 10 minutos mais ou menos e pertence ao concelho de Budens.

Entrevistadora - Que escolas frequentou? Eram públicas, privadas?

Maria - Andei sempre em privadas mas era um regime diferente porque eu tinha explicações. A explicadora só dava a três/quatro pessoas e ia-nos acompanhando. A minha mãe não achava bem eu ir para uma escola mista e por isso tínhamos aulas na casa dessa senhora e não nos davam equivalência, nós só ficávamos com os conhecimentos de cultura porque diplomas não tínhamos nada disso. Não era uma escola oficial, era um acompanhamento de uma educação feita por uma professora em privado a Silvete. Era eu e a Maria Aida. Só a partir da quarta classe é que fui para uma escola, para uma turma mista.

Entrevistadora - Em que localidade(s) é que passou a sua infância/adolescência?

Maria - Sempre em Almádena.

Entrevistadora - Quais são as melhores recordações desses tempo, da sua infância e da sua adolescência?

Maria - Da minha infância e da minha adolescência são só os meus avós.

Entrevistadora - Na altura iam passar férias a outros sítios?

Maria - Não...íamos a Lisboa mas muito raramente. Mas realmente a minha liberdade era o espaço da minha avó.

Entrevistadora - O fato de ir para a quinta dos avós e para a horta, que mais recordações, momentos é que se lembra de passar com eles por exemplo ir para a cozinha com a avó.

Maria - Por exemplo eu não ia para a cozinha com a avó mas o que eu fazia mais era brincar, eu só queria era brincar. Por exemplo eu tenho uma recordação de uma amiga que já partiu...tínhamos uma complacência muito grande e eu dizia sempre, Maria Chica vamos passear...dar uma voltinha à aldeia e era esse o meu tubo de escape porque nesses momentos eu tinha autorização. Por exemplo a minha irmã que é mais nova que eu nunca ia porque tinha uma mentalidade diferente.

Entrevistadora - Como é que caracteriza a sua avó?

Maria - Ah espetacular, incrível. Eu uma vez perdi uma pulseira de ouro e digo assim ai avó perdi a minha pulseira e ela diz, não te preocupes, vamos já comprar outra. Um dia deu-me 50 escudos, meti no bolso do casaco e eu perdi o dinheiro, que na altura era muito, e eu disse a avó e ela disse, toma lá outra moeda que a avó não diz nada à mãe. Portanto o meu marido na altura esteve no ultramar, foi militar de carreira e o selo da carta era 2 e 500 e depois tínhamos os aerogramas e era às escondidas da minha mãe que a minha avó dava-me o dinheiro para o selo, portanto era uma complacência muito grande com a minha avó.

Entrevistadora - Frequentou a catequese e recebeu os sacramentos de iniciação cristã?

Maria - Sim...numa semana fiz tudo desde a 1ª comunhão, ia com um vestido muito lindo, com 11 anos fui crismada sim, tive toda essa caminhada cristã.

Entrevistadora - Recebeu uma educação de base cristã.

Maria - Sim, eu fui sempre muito diferente em tudo da minha irmã, enquanto que eu queria aprofundar, eu tive uma época em que queria ir para freira porque a religião, tudo o que tinha a ver com Jesus, queria saber mais sobre a eucaristia...pegava no missal e levava ali tempo a descodificar, eu perguntava a minha mãe e ela não sabia pois não

tinha preparação para isso como as pessoas têm agora mas eu sempre tive muito, mesmo muito interesse na parte religiosa...de querer compreender...a eucaristia...Jesus...os evangelhos...tudo, para mim era uma sede continua que eu tive disso e continuo a tê-la...sede de aprender.

Entrevistadora - Na aldeia onde passou a sua infância/adolescência não havia nenhuma igreja ou uma capela?

Maria - Não, tínhamos que ir à missa à luz e íamos a pé e a luz de Lagos ainda fica a 1 hora a caminhar para ir à missa mas agora já há. Só havia aos domingos até porque o padre que tive hoje a almoçar na minha casa é da igreja de Almádena, agora é uma igreja grande onde já há catequese.

Entrevistadora - Basicamente a aldeia em si era católica, as pessoas, é uma questão, se as próprias pessoas que habitavam na aldeia eram católicas, ao domingo era como se fosse uma excursão.

Maria - Pois, mas íamos poucos, não iam muitas pessoas. Havia uma senhora muito velhota que ia todos os domingos e fazia aquele percurso a pé mas nós nem sempre íamos.

Entrevistadora - Houve alguma altura em que começou a vir um pároco à aldeia?

Maria - Sim...fazia a celebração dominical na escola, pronto e depois começaram a fazer a igreja e hoje graças a Deus já está construída e fazem lá as celebrações.

Entrevistadora - Quando era adolescente como é que ocupava os seus tempos livres?

Maria - Para além da escola...tínhamos a parte lúdica...os bailes na sociedade em que nós erámos sócios e fazíamos parte. Essa sociedade era um elitismo porque iam as pessoas de negócios...e fazíamos o enxoval, bordávamos e liamos muito. Eu escondia os livros debaixo do trabalho que estava a bordar para ler. E a minha mãe achava que ler era tempo perdido e sempre que ela vinha eu escondia o livro e continuava assim a fazer umas coisinhas.

Entrevistadora - Que tipo de livros lia?

Maria - Na altura havia romances, aqueles romances que eram 40 livros e novelas só ouvíamos na rádio, havia histórias muito interessantes que vinham em fascículos e ia à biblioteca itinerante. Todas as semanas ia à biblioteca lá num carro com vários livros que nós podíamos escolher e eu todas as semanas ia à biblioteca, registávamos o nome, o autor e o nome do livro e depois trazíamos o livro e eu todas as semana ia trocar o livro e foi muito bom aquela biblioteca que na altura ia às aldeias. Era muito gratificante porque nós antigamente não tínhamos nada, a aldeia não tinha nada até para vermos televisão nós tínhamos que pagar um rebuçado que era cinco tostões. Havia um senhor que tinha uma casa muito grande que nos dava um rebuçado e nós os cinco tostões e íamos ver televisão e o rádio e luz, a primeira pessoa que teve lá na terra rádio foi o meu marido e fomos nós porque não havia rádio, as pessoas não tinham, não compravam, não havia possibilidades para comprar e pronto era assim sensivelmente. Mas marcou-me muito essa biblioteca itinerante que lá ia. Era uma carrinha grande, aberta por trás em que os lados da carrinha tinha os livros todos e vinha um senhor que passava...ao fim de semana e fazia o percurso pelo algarve todo...lagos, sagres, penso que durante a semana ele ia visitando várias aldeias e era assim que nós tínhamos mais contato com os livro e não pagávamos nada simplesmente tinha de deixar o nome lá como segurança, tínhamos uma ficha de registo onde o senhor anotava quem ia buscar os livros e eu já tinha carta branca porque ia lá todas as semanas. Eu lia muito!

Entrevistadora - Para si o que é sexualidade?

Maria - Olha, para mim sexualidade representa unidade...amor...algo que nos une e que só feito com muito amor é que pode existir a verdadeira sexualidade. Amando mesmo o nosso parceiro, o que é uma maravilha quando isso é assim falando do meu caso. Para mim a sexualidade faz parte da nossa vida, primeiro como jovens, eu conheci o meu marido na noite do meu casamento porque para mim era impensável durante o meu namoro haver uma relação sexual, havia muitos tabus, era só a mão na mão e foi um namoro assim um pouco complicado e se tivéssemos tido alguma coisa antes as coisas ainda complicavam mais. As pessoas têm de se conhecer, têm de se amar, o tato, passar o braço por cima, passar a mão pelo cabelo é um ato de amor, tudo isso nos ajuda a reconciliar, a conhecer melhor o nosso parceiro, o meu namoro foi tão frio e é por isso que conversávamos com um horário para tudo, eu acho tão bonito como presentemente os jovens vão abraçados, vão de mão dada. Eu hoje, com quarenta e sete anos de

casamento eu ando sempre de mão dada com o meu marido e ele punha o braço por cima de mim mas devido ao meu problema de saúde, fibromialgia que tudo isto me dói ele acabou por deixar de o fazer mas andamos sempre de mão dadas. É cumplicidade, porque aquele encantamento do casamento passou, são fases da nossa vida porque há o encantamento, os filhos, os filhos não vão desunir mas quando há filhos há menos tempo é preciso repartir o tempo, saber dosear o tempo. Depois é os filhos e nós temos sempre o nosso espaço, temos obrigação de ter tempo um para o outro para que um casamento dure tem de ser assim, tem de haver amor, complacência, perdão, compreensão, nunca gritar...grito não resolve nada. Nós nunca discutimos...

Entrevistadora - Quando tinha dúvidas sobre a sexualidade em criança/adolescente a quem é que recorria?

Maria - Ninguém!

Entrevistadora - Ficava com as dúvidas?

Maria - Sim ficava com elas. Quando nascia um bebé e a minha mãe com mais pessoas iam fazer visita ela não me deixava ir e as pessoas falavam do parto, como é que aconteceu e tudo isso e eu não podia ouvir e ela só dizia os telhados estão baixos. Não podia ouvir essas conversas.

Entrevistadora - O que significa os telhados estão baixos?

Maria - Que não se podia falar. Quando os telhados estivessem mais altos quer dizer que já se podia falar. Inclusivamente na altura em que me veio a primeira vez o período eu estava na quarta classe eu já nem estava em Almádena pois já tinha saído de lá eu fiquei em pânico quando de manhã me vi naquela situação e...eu dizia que morria, perguntava o que me aconteceu e depois lá fui perguntar e disseram que era normal e assim muito por alto lá disseram o que era mas fiquei sem saber nada de nada e com o casamento foi o mesmo, não houve uma abertura, nada, nada, nada. Eu fui para o casamento de olhos fechados mas tive um marido excecional que me foi despertando como mulher lentamente, sem agressividade, muito lentamente, muito mesmo. As coisas iam progredindo, a abertura em nós mulheres que vamos fazendo, que os homens em geral fazem assim muito agressivos, foi tudo com muito amor, com muito carinho, as coisas foram feitas com muito amor.

Entrevistadora - Na vossa família era habitual falar-se de sexo de sexualidade?

Maria - Não, não mesmo.

Entrevistadora - Era completamente proibido falar-se de sexo?

Maria - Completamente, era tabu absoluto.

Entrevistadora - A Maria de onde é que achava que vinham os bebes?

Maria - Pois...não sei mas eu perguntava e não me respondiam. E não haviam livros desses na biblioteca. O único livro assim mais proibido era o Crime do Padre Amaro e eu trouxe-o da biblioteca às escondidas como se aquilo tivesse alguma coisa. O Padre Amaro estendia a perna e tocava na perna da senhora e não sei quê... um grande crime, o Padre Amaro tocar em alguém e era o único livro que havia assim sobre isso e não se podia ler.

Entrevistadora - E esse livro deu-lhe alguma resposta ou ainda fez suscitar mais dúvidas?

Maria - Não até porque o livro não tem nada de especial é um livro todo simples.

Entrevistadora - Despertou-lhe alguma curiosidade?

Maria - Tudo o quanto aquilo dizia para mim era curiosidade porque eu estava a descobrir o que realmente o Padre Amaro fazia com a senhora que punha a perna debaixo da mesa e tocava-lhe e pronto aquela relação de olhares que eles tinham e isso era um crime e portanto foi a única coisa que eu li.

Entrevistadora - Por ser tão tabu falar-se de sexo, sexualidade, seja de um carinho, de um beijo, de uma carícia, não lhe dava mais curiosidade, não despertava mais interesse saber sobre sexo?

Maria - Não, como não se falava eu também não perguntava.

Entrevistadora - Mesmo com colegas ou amigas não faziam comentários, não trocavam ideias?

Maria - Com aquela minha amiga sim falávamos muito, com a minha irmã não, mas com esta minha amiga nós falávamos porque nos bailes eles apertavam a gente e depois nós sentíamos qualquer coisa e nós perguntávamos uma à outra, tu sentiste alguma coisa, o que será aquilo? Não havia aquela descodificação do que era aquilo e nós estávamos ali e sentíamos qualquer coisa quando nós dançávamos e nós sentíamos alguma coisa mas não podíamos dançar muito junto e naquela altura nós as duas falávamos disso sim, só entre nós, só as duas.

Entrevistadora - Na sua juventude o sexo foi importante para si?

Maria - Não tive (risos). Não consigo responder a essa pergunta.

Entrevistadora - Mesmo quando era adolescente é normal os adolescentes ao despertarem-se para a sexualidade sentirem algum tipo de prazer, algum tipo de satisfação, ao olhar para uma rapariga ou para um rapaz.

Maria - Eu comecei a namorar o meu marido aos quatro anos de idade e ele tinha cinco, andávamos no infantário e namorar era brincadeira um com o outro, de olharmos um para o outro e ele nunca namorou mais ninguém e eu também não...não cheguei a namorar mais homem nenhum e ele também não. Ele sempre teve um respeito muito grande por mim.

Entrevistadora - Considera que a relação sexual na adolescência è vivida de forma diferente do que na Terceira idade?

Maria - Sim, sim, absolutamente porque a pessoa quando é jovem tem vigor por exemplo no homem a ereção é normal enquanto que na Terceira idade já não existe mas há outras maneiras de nós amar-mos...há carícias...abraços...beijinhos...há mão na mão e tudo isso faz parte da idade. Acho que temos de aceitar tudo quanto temos na nossa idade com respeito e muito amor, sem revolta, sem queixume.

Entrevistadora - Atualmente a relação sexual, o sexo é importante para si?

Maria - Não. Portanto eu tenho o meu marido ao meu lado e abraça-se a mim e pronto, gosto do abraço dele, do beijinho na boca de manhã ao acordar e pronto.

Entrevistadora - Com quantos anos, com quem, e quando é que perdeu a virgindade?
Recorda-se do momento em que perdeu a virgindade?

Maria - Lembro-me perfeitamente, perdi a virgindade no dia do meu casamento dia 30 de Abril de 1966, tinha vinte e quatro anos e foi nessa noite do casamento.

Entrevistadora - Não sabia nada sobre sexo.

Maria - Não, nada. Fiquei grávida logo, casei a 30 de abril e o período tinha vindo a 25 de abril e em maio já não veio mais.

Entrevistadora - Como é que a Maria conheceu o seu companheiro?

Maria - Conheci aos quatro anos e ele tinha cinco, no infantário e depois fomos para a escola e para o colégio, andámos sempre juntos, na mesma aldeia. Mas depois ele foi para o colégio particular e eu no ensino particular. Depois comecei a namorar tinha eu dezassete anos.

Entrevistadora - Como é que foi o vosso namoro?

Maria - ...foi muito difícil porque a minha mãe logo no início achou que era muito bem, eram pessoas ricas, que tinha curso e depois começou a implicar comigo porque ele era calado e eu era faladora e quer dizer depois foi assim uns aninhos de sofrimento até ao casamento.

Entrevistadora - Namoraram quantos anos?

Maria - Sete anos.

Entrevistadora - E como é que foi o vosso namoro?

Maria - A princípio foi à janela depois ele pediu a licença ao meu pai para vir à minha casa, passou a ser na minha casa mas assim no hall de entrada em que as portas estavam todas abertas e eu sentava-me numa cadeira e nem faço ideia do que é que nós conversávamos.

Entrevistadora - Davam as mãos?

Maria - Ah isso era muito complicado. A mão sim mas eram só nas vezes em que não estava ninguém o que era muito, muito raro, a minha mãe mandava a minha irmã passar para controlar.

Entrevistadora - Nunca houve um beijo às escondidas?

Maria - Não me lembro veja lá, sei que demos aquele beijo na cara, aquele beijo amoroso mas beijo na boca acho que não.

Entrevistadora - Mesmo com este misticismo todo e só se descobrirem no dia do casamento, ser um namoro assim um pouco atribulado, vocês namoravam, encontravam-se com que frequência?

Maria - Era ao domingo e a hora certa, às cinco da tarde estava lá até às sete porque às sete os talheres começavam a bater no prato e então isso era um sinal para o pôr na rua e ele ia embora e eu ia jantar.

Entrevistadora - E durante a semana vocês viam-se?

Maria - Ele passava de bicicleta nas férias e tocava à campainha e já sabia que era ele. Como sabia que era ele eu ia à janela e pronto namorávamos com os olhos.

Entrevistadora - A Maria nunca sentiu interesse por mais nenhum homem?

Maria - Não, não.

Entrevistadora - Haviam mais rapazes na aldeia e com certeza que estavam apaixonados por si.

Maria - Pois devia haver e eu ouvia muitos piropos por causa dos olhos e tinha rapazes interessados em mim mas eu nunca tive interesse por mais nenhum. Tinha um primo que dizia, tu gostas do Manuel não gostas de mim. Foi Deus que nos formou um para o outro, foi amor à primeira vista.

Entrevistadora - Já sei que o vosso namoro, encontro antes de casados era aos domingos com hora marcada e depois do casamento, lembra-se do primeiro encontro que tiveram, da primeira saída que tiveram em conjunto?

Maria - Depois do casamento saíamos todos os dias, fizemos viagem de núpcias, fomos a Leiria e ficámos em Fátima no 13 de maio, fomos a Lisboa ao Cristo Rei, andámos uma semana a passear.

Entrevistadora - Quer dizer que antes do casamento não se passava nada, zero, e depois do casamento já era tudo o que vocês quisessem, estavam por vossa conta.

Maria - É isso mesmo, foi isso mesmo, foi uma descoberta muito grande.

Entrevistadora - Uma descoberta só da sua parte ou também do seu companheiro?

Maria - Minha e do meu companheiro, de certeza absoluta. Mesmo ele indo para o Ultramar nunca fez vida sexual e inclusivamente chegou-me a dizer que havia muitas doenças porque os soldados iam para as sanzalas e tinham sexo com as pretas e ele tinha consciência dos riscos que podia correr.

Entrevistadora - A Maria chegou a ouvir falar de contraceção, alguma vez teve acesso ou viu preservativos, ouvia-se falar de pilula?

Maria - Pílula sim, depois de casada. Quando fui para Angola estive lá dois anos e meio e tomei a pilula.

Entrevistadora - Era uma pilula agressiva para o organismo?

Maria - Veja só a minha ingenuidade, eu fui para Angola, fui à farmácia perguntar a um farmacêutico meu amigo que tinha tido um filho na mesma altura que eu tive a minha filha no hospital de Portimão...e eu fui-lhe dizer que ia para Angola e que não podia engravidar e ele deu-me e disse toma todos os dias, só na altura do período é que não tomas e não sei quê. E eu tão ingénua quando cheguei lá comecei a tomar e não sabia que não era a altura e não fiquei grávida porque não calhou porque não sabia que era após cinco dias da menstruação que se podia tomar porque eu não sabia e sei que o comprei e ele disse que era para tomar aquilo e tomei mas foi só quando estive em Angola porque quando vim para Portugal deixei de tomar.

Entrevistadora - A pilula deu-lhe alguns sintomas?

Maria - Sim dava dores de cabeça e fazia engordar.

Entrevistadora - Havia variedade de pilulas?

Maria - Não, acho que não. Que eu saiba só havia uma.

Entrevistadora - Só teve conhecimento de métodos contraceptivos ou só teve contato com eles só depois de casada.

Maria - Exato.

Entrevistadora - E antes de ser casada sabia que existia?

Maria - Não. Isso eram assuntos que eu não sabia. A minha mãe não me deixava conviver com as outras raparigas lá da terra a não ser a minha amiga e só entre jovens é que essas conversas podiam ser mais comuns e não tínhamos.

Entrevistadora - Sabia que para ficar grávida era necessário uma relação sexual?

Maria - Pois eu duvido muito que soubesse. Sabia que tinha de haver alguma coisa mas aquela coisa como se sabe hoje não. Era completamente zero.

Entrevistadora - E quando ficou grávida teve sintomas da gravidez?

Maria - Pois eu quando não tive o período já sabia que estava grávida e depois tive uma gravidez porque o meu marido dizia assim, olha depois de casarmos gostava muito de ter logo um filho e eu quando fui a Fátima uma das preces que eu fiz à mãe era que me desse a graça de ter um filho e depois na altura chegámos lá e não tínhamos hotel porque Fátima à quarenta e sete anos atrás não é nada do que é hoje e também era altura do 13 de maio e nós estivemos na via sacra, estivemos no café e depois fomos para os balneários, o meu marido foi para o dos homens e eu para o das senhoras, fomos todos em bicha e eu ouvi uma voz me dizer assim, toda a pessoa que vem a Fátima e pede um filho, esse filho morre e vai para Deus. Esta voz veio do alto, veio do meu coração, veio da parte de trás, da parte da frente eu não sei pois eu não conhecia ninguém, eu não vi ninguém só ouvi esta voz muito nitidamente dizer que toda a pessoa que vem a Fátima e pede um filho, esse filho morre e vai para Deus. Entretanto eu engraidei e fiquei com uma gravidez maravilhosa pois eu só sabia que estava grávida porque a minha barriga cresceu e pronto, não tive enjoos, não tive nada, eu subia, eu andava, eu fiz sempre a ginástica do parto sem dor para facilitar o parto, fiz sempre isso e depois o meu marido

estava mobilizado para ir para a Guiné e tinha uma clínica particular a do Dr. Clarinha e ele disse como está na altura do bebe nascer vais ficar na clínica que eu vou para Évora e ele pôs-me na clínica, portanto eu estava bem e o bebé era para nascer de fim de janeiro a meio de fevereiro e estávamos isto a 9 de fevereiro, eu dou entrada na clínica, estava tudo bem, o bebé mexia-se muito, estava tudo bem mas às quatro da manhã deixei de sentir o bebé. De manhã apareceu a parteira e eu disse-lhe que não sentia o bebé e ela disse que isso era normal e que eu logo ia sentir. Entretanto o médico fez a visita da manhã e eu disse, doutor eu não sinto o bebé desde as quatro da manhã, ah não pode ser, está tudo normalíssimo e foi oscular e realmente não ouvia o coração e eu fui logo para uma cesariana de urgência, sem ninguém saber com éter que era horrível, com aquela máscara e o meu marido não sabia porque estava em Évora e pronto e quando o médico acabou a cesariana passado um bocado vem ao pé de mim e diz-me assim, minha senhora o bebé morreu dentro de si e veio-me à ideia o que tinha ouvido em Fátima, fui avisada pelo anjo e eu digo-lhe assim porquê doutor, sempre me vigiou, vim para aqui com antecedência e ele respondeu-me assim, sabe a medicina está muito evoluída mas há uma coisa superior a nós, superior aos homens que nós temos de nos curvar, como médico, como ginecologista foi o caso mais preocupante da vida dele e ele nunca soube o porquê mas eu sei o porquê, foi Deus que me avisou que eu tinha de ter um anjo aos pés da Nossa Senhora. Não me deixou ver, diz que era linda a minha filha mas não me deixou ver porque eu estava muito mal, perdi o andar e tudo, enfim, primeiro filho e foi muito difícil. Depois o meu marido fez o funeral, fez tudo isso e eu não vi o bebé e na altura senti muitos remorsos de não ter visto a minha filha até que um dia eu disse ao meu marido, que mãe fui eu que não vi a minha filha e ele pela primeira vez vi ele chorar e ele disse nunca mais digas isso porque sentia muita pena de não a ter visto. Senti muita pena mas eu acho que foi gerada para Deus porque não cheguei a ter sinal de parto, uma dor, nada, só senti a minha barriga crescer e nem rebentaram as águas, nem tive contrações. Só sei que a minha barriga cresceu, se gerou aqui dentro e fiz uma cesariana e que o meu bebé foi tirado já morto, portanto ele foi gerado para Deus. Aquele aviso que eu ouvi em Fátima foi muito misterioso.

Entrevistadora - Em África tomava a pílula, quando veio continuou a tomar?

Maria - Deixei de tomar e as nossas relações é como se diziam, eram de marcha atrás mas depois o meu marido passado quatro anos veio com a conversa que depois do

período há o período fértil e depois não à ovulação e não é nada propício para a gravidez e eu como tinha ficado tão marcada com a primeira gravidez pensava que não queria ter mais filhos e foi feita assim aquela situação das contas bem feitas porque ele era matemático e falhou tanto que engravidei da minha filha e depois continuámos a nossa vida assim em comum de casal e passados doze anos voltou à cabeça do meu marido que esta altura era boa, que podíamos ter relações à vontade porque não era a altura de engravidar e então engravidei do Mário. E ele dizia assim, há coisas que se pudéssemos voltar a trás não se faziam, porque eu chorei muito quando eu fiquei grávida do meu filho eu tinha quarenta anos e o meu ginecologista, o Sr. doutor Paiva dizia que havia 80% de o bebé vir mongoloide e pronto, foi muito difícil nos primeiros dias eu aceitar a gravidez. Mas pronto, aquele anjinho que eu tenho lá no céu comunicou com a irmã e mesmo a minha filha nunca quis irmãos, dizia que tudo o que os pais tinham eram para ela e quando engravidei ficou muito contente mas eu chorava. O marido contente, a filha contente e eu chorava porque pensava que voltava às fraldas e essas coisas até que um dia a minha filha chegou ao pé de mim e disse assim, oh mãe quero-te dizer uma coisa, está bem filha diz, tu és casada não és mãe? sou, tu não gostavas de ter um filho mãe? gostava. Então, esse filho que tu vais ter não andes triste nem preocupada. Isto foi uma mensagem de Deus, ela não se lembra de me dizer mas disse e Deus serviu-se da minha filha para eu acabar de chorar, para eu deixar de ser tonta porque o meu marido estava contente, estava tudo contente e se eu podia ter outro filho graças a Deus a partir daí aceitei a minha gravidez plenamente, comecei a vivê-la a 100%, foi tão boa que eu tive o meu filho sem ter uma dor.

Entrevistadora - Isso não a fez recordar o que já tinha passado?

Maria - Pronto, enquanto que a primeira se mexia muito dentro de mim, os outros não, eram muito calminhos mas é claro havia sempre aquele receio do que tinha passado...aquela preocupação. Com o Mário deu-me aquela dor nos intestinos à meia noite e o meu marido disse vamos para o hospital e eu disse que não valia a pena, ele disse vamos que eu já tenho a cabeça de fora e à 1h15 já ele tinha nascido sem eu ter tido uma dor. E pronto o Mário só comia e dormia e não deu trabalho nenhum e quando as pessoas falam de aborto eu dou o testemunho do meu filho e digo que se um dia mostrasse o meu filho e dissesse olha este é que era para ser teu e tu não aceitas-te, eu não julgo ninguém mas eu penso que deve haver uma consciência quando a pessoa

pratica o aborto...porque cada caso é um caso e eu não o pratiquei mas eu não julgo ninguém e não digo que ninguém por motivos mil e uns não possa fazê-lo até para mais que eu sou de igreja e eu respeito todas as pessoas porque há pessoas que não sabem qual o mundo delas e cada pessoa é um mundo, até podem não ter possibilidade monetária...pode ter uma doença, mil coisas que não possa ter esse filho e deitar um ser ao mundo é muita responsabilidade e nós temos que ter essa consciência e graças a Deus o meu filho veio, tem sido um ótimo filho, sempre disponível, tirou duas engenharias, ganhou dois primeiros prêmios, está numa multinacional, trabalha, é diretor já há dois anos de uma equipa, com 28 anos já é diretor e tudo isso são coisas do Pai porque eu aceitei aquele menino e não quis abortar.

Entrevistadora - O facto de ter engravidado com 40 anos não sentiu pressão de conhecidos, da própria família?

Maria - Não, nada. Aliás quem tinha sentido isso fui eu da parte do meu marido e a minha filha, só os três é que tínhamos voto na matéria mas não, ficámos todos satisfeitos na minha casa. Foi uma bênção de Deus.

Entrevistadora - Onde e com quantos anos se casou?

Maria - Casei com 24 anos a 30 de abril de 1966 na igreja da luz de Lagos.

Entrevistadora - Relativamente a estímulos sexuais o que é que prefere?

Maria - O contato no corpo, eu acho que o nosso estímulo é mais o corpo. Para mim é, sentir o calor da outra pessoa, o toque, a mão, o beijo, acariciar o peito, tudo isso dá estímulo sexual.

Entrevistadora - Já teve ou tem alguma fantasia sexual?

Maria - Não.

Entrevistadora - Será que o sexo masculino demonstra o afeto de maneira diferente que o sexo feminino?

Maria - É, eu acho que sim. Eu acho o meu marido mais afetivo, mais desperto para o sexo que eu...acho que o homem é mais apelativo ao sexo, não faço ideia dos outros casais mas connosco é assim.

Entrevistadora - Quando falamos em afetividade falamos numa carícia, não só a nível sexual mas a nível geral. Será que as mulheres/raparigas demonstram mais facilmente aquilo que sentem do que os rapazes?

Maria - Eu comigo não, acho que foi 50/50. Connosco foi assim com outras pessoas não faço ideia.

Entrevistadora - Mas regra geral é assim?

Maria - Eu acho que a mulher presentemente é mais apelativa ao sexo do que o homem. Vê-se aí miúdas muito atrevidas em plena rua com os rapazes. Acho que elas deviam ser mais recatadas.

Entrevistadora - A partir de que idade é que começou a sentir os primeiros sintomas da menopausa?

Maria - Aos 45/46 anos.

Entrevistadora - E que sintomas é que teve?

Maria - Não tive nada de especial, só começou o período a faltar e foi faltando até que nunca mais apareceu mas não tive calores, não tive nada.

Entrevistadora - Recorreu a algum tratamento hormonal?

Maria - Não, nada, eu não quis. O Dr. Paiva passado um tempo ainda me receitou uns comprimidos para tomar, começou-me a vir o período e eu só dizia que loucura e perguntei-lhe você receitou isto à sua esposa? Não! Então a mim também não porque eu não vou tomar isto doutor ficava alagada em sangue. Depois de me ter passado o período à quatro ou cinco anos quis que eu tomasse aqueles comprimidos de compensação e só perguntava para que? Não, não tomo e não tomei mais.

Entrevistadora - Esses comprimidos de reposição hormonal serviam para quê?

Maria - Pois era para vir o período, para parecer normal. Eu só tomei uma vez e depois não quis mais, pus de parte.

Entrevistadora - Sendo que por volta dos 50 anos a maioria das mulheres atinge a menopausa será que este é o marco do fim da vida sexual?

Maria - Não, não, de longe. Eu até acho que a partir daí é muito melhor porque a mulher já não tem preocupações com o período e com o engravidar. Passada aquela parte do período até acho que a vida sexual é muito melhor.

Entrevistadora - A Maria depois da menopausa praticava relações sexuais?

Maria - Sim, sim.

Entrevistadora - E como se sentia?

Maria - sentia-me mais liberta.

Entrevistadora - Considera que nesta fase a mulher tem menos prazer?

Maria - Não, acho que não, é igual.

Entrevistadora - No caso da Maria antes da menopausa e depois?

Maria - Não notei a diferença. Também tivemos uma relação pronto, não era aquela coisa, todos os dias ter relações pronto não éramos muito de viver para o sexo.

Entrevistadora - A Maria defende que a atividade sexual depois da menopausa ou a andropausa para os homens é igual à atividade sexual na adolescência e no estado adulto?

Maria - Não pois no estado adulto é sempre muito mais ativa.

Entrevistadora - Como é que caracteriza a atividade sexual depois ou na menopausa/andropausa e no estado adulto?

Maria - Quando somos jovens é muito melhor há mais encantamento tudo isso na juventude o que não quer dizer que depois não seja bom porque há cumplicidade. Em todas as idades desde que nós estejamos bem um com o outro é bom.

Entrevistadora - Como é que a Maria se foi confrontando com as alterações a que o corpo/mente está sujeito com o avançar da idade?

Maria - Muito bem. É normal da idade é normal da vida sabendo que todas as idades são felizes, sem perguntas, sem interrogações, tudo bem.

Entrevistadora - Essas alterações afetaram a sua vida sexual? O facto do peito descair, de ganhar mais rugas, etc.

Maria - Não, temos de aceitar tudo com amor.

Entrevistadora - Continuou então a ter uma vida sexual normal independentemente de ter 20, 30 ou 60 anos.

Maria - Pois é de outra maneira porque o meu marido já não tem [ereção], não é como era e nós também já não somos portanto são fazes da vida diferentes mas sempre boas.

Entrevistadora - Será que as pessoas que se encontram na Terceira idade e encaram o envelhecimento como um fenómeno natural são mais felizes?

Maria - Eu acho que sim. É normal, ter que envelhecer e ter que morrer até porque os conhecimentos absolutos que temos da nossa vida é que temos que envelhecer, é a juventude...e é isso que é a nossa vida e temos de aceitar que tudo é normal que faz parte da vida e não ignorar a velhice e aceitá-la com amor.

Entrevistadora - Sentiu necessidade de adaptar algumas posições sexuais devido às modificações que o corpo e a mente sofreram. O facto de estar numa idade e de perder algum tipo de flexibilidade, sentiu necessidade de adaptar alguma posição?

Maria - Sim, sim pois tem de se ir adaptando conforme as situações. É natural que se vá modificando, faz parte.

Entrevistadora - Gostaria que a Maria me desse a sua opinião. Será que a sociedade contribui para que as pessoas na Terceira idade, falo de pessoas com 65 ou mais anos, se sintam desvalorizadas?

Maria - Presentemente penso que não, acho que a Terceira idade está a ter muito apoio a nível da Universidade Sénior e mais isto e mais aquilo e mais as excursões e mais os passeios e depois à ARPI (Associação dos Reformados, Pensionistas e Idosos do Concelho de Faro) e os bailaricos para quem gosta, acho que não, acho que a Terceira idade não está nada posta de parte.

Entrevistadora - E relativamente à Terceira idade e sexo? O que é que a Maria acha quando por exemplo se ouve falar na sexualidade na Terceira idade, acha normal ou acha que ainda é um assunto que ainda é tabu falar.

Maria - Não, eu acho que é normal. Presentemente nós sabemos que a sexualidade é um assunto normalíssimo. Antigamente não mas agora acho normal de se falar pois a sexualidade faz parte do nosso corpo, da nossa vida.

Entrevistadora - A Maria considera-se uma pessoa sensível e vulnerável à opinião dos outros e à atenção que as outras pessoas têm devido ao seu feitio e aos seus gestos?

Maria - Sim, sim. Sinto que têm muito respeito para comigo da maneira como falo, sou uma pessoa com muito discernimento a nível de tudo, da religião, aceito absolutamente todas as religiões sou católica praticante, aceito todas porque não sei se a minha é a certa e porque todos amamos o mesmo Deus e a partir daí a liberdade completa e tudo, Deus fez-nos livres não nos fez prisioneiros. Eu tanto estou consigo como estou ali na rua com drogados e falo com eles, converso com eles...

Entrevistadora - Gostaria que a Maria me comentasse as seguintes afirmações: a maioria das pessoas que estão na Terceira idade são infelizes e os idosos que mantêm rigidamente os seus estilos de vida são conservadores e incapazes de mudar. O que tem a dizer sobre estas informações? Vamos começar pela primeira: a maioria das pessoas que estão na Terceira idade são infelizes.

Maria - Eu acho que só é infeliz quem quer. Temos muitas maneiras de sermos felizes por exemplo quem gosta de ajudar o próximo é feliz. Eu sou feliz quando vou dar os

jantares às urgências do hospital e vejo ali um irmão a dormir sem poder pegar na colher e eu dou-lhe a comidinha na boca e pronto, não sei quem é não volto a vê-lo e às vezes oiço uma voz a dizer a senhora é uma santa e eu digo Senhor eu ouvi a tua mensagem e a partir dali eu vou-me embora mas vou feliz, vou cansada mas vou feliz porque estive ali ajudando alguém. Portanto nós, em todas as idades temos a oportunidade de sermos felizes, só temos de buscar essa felicidade porque ela vem ao encontro de nós e nós temos de estar vigilantes e atentos não adormeceis assim dizia Jesus na leitura de Marcos aos seus discípulos é o mesmo que me diz a mim, não fiques a dormir, tu estás valida, alguém precisa de ti...vais ao hospital vais aqui, vais ali vais à catequese, vais fazer, vais ajudar, vais falar...à uma pessoa que está doente, há outra que dizia estou sempre a massacrá-la e eu tenho noites de telefonemas que faço e pergunto então como está hoje, está melhor, está tudo bem consigo, o seu problema está resolvido está bom e eu às vezes estou cansada e chego ao fim e digo olha Deus eu não tenho problemas só os outros é que têm e depois telefonam-me e dizem oh senhora reze por mim que eu preciso tanto que rezem por mim e eu está bem e depois quando estou a rezar já não me lembro dos pedidos todos e digo oh Pai eu ponho nas tuas mãos todas as pessoas que pediram uma oração olha pelos teus filhos pois eles todos precisam de ti e pronto sou feliz. A maior felicidade que eu tenho é ajudar os outros e eu passo por um velhinho na rua e digo bom dia e boa tarde, se calhar à pessoas que passam por um arrumador e dão-lhe uma moedinha e não dizem bom dia e quantas vezes aquele bom dia faz mais falta que a moeda porque são pessoas...

Entrevistadora - A segunda afirmação é os idosos que estão na Terceira idade e que mantém rigidamente os seus estilos de vida são conservadores e incapazes de mudar.

Maria - Pois há pessoas que são incapazes de mudar mesmo e perdem metade da vida porque nós fazemos tudo quanto gostamos e de viver o dobro do tempo e somos felizes e damos felicidade aos outros porque quem está bem com ele próprio transmite aos outros. Quem está em paz transmite paz.

Entrevistadora - A Maria considera que existem crenças, preconceitos, ideias já pré concebidas, tabus e mitos sobre a sexualidade na Terceira idade?

Maria - Pois não sei. Das outras pessoas não sei. Eu acho que presentemente não há, as pessoas já estão muito mais abertas para falar de tudo até porque o ato sexual, a

sexualidade faz parte do ser humano, se não houvesse sexualidade não existíamos e para nós existirmos é preciso o ato sexual, isso é evidente.

Entrevistadora - Alguma vez estes mitos, estas crenças influenciaram o seu comportamento sexual?

Maria - Não! Longe disso. Eu sou muito aberta a todas essas coisas.

Entrevistadora - Na sua família era tabu falarem sobre sexo?

Maria - Claro, lógico, era impensável, nada, zero, eu já tinha dito isso.

Entrevistadora - Será que os preconceitos, aquelas ideias pré concebidas que existem sobre o sexo, sobre a sexualidade na Terceira idade, do género os meus avós já não fazem sexo, será que estas ideias relativamente à sexualidade na Terceira idade vão passando de geração em geração?

Maria - Eu acho que não. Cada caso é um caso e não fazem porque? Há tantas maneiras de fazer o sexo.

Entrevistadora - Será que as ideias que existem hoje, atualmente que existem sobre o sexo na Terceira idade serão as mesmas na próxima geração, por exemplo daqui a 10, 20, 30 anos?

Maria - Eu sei lá, eu penso que sim pois já estamos com uma abertura tão grande que não vai evoluir assim muito mais do que já evoluiu. Agora houve uma grande evolução mas penso que não, que a evolução será compatível com as idades que vão surgindo pois vão surgindo ideias novas e é normal que hajam modificações mas eu acho que já está tudo muito evoluído e está tudo muito bem.

Entrevistadora - Gostaria que me comentasse a afirmação, na Terceira idade não existe interesse sexual.

Maria - Ai não, é mentira. Existe de maneiras diferentes.

Entrevistadora - Existe interesse sexual?

Maria - Sim, sim. Claro que é diferente não é como na juventude, é diferente.

Entrevistadora - Que diferenças são essas?

Maria - Pois pode não haver interesse todas as noites, pode ser noite sim, noite não e depois pode passar a quinze dias, passar a um mês e pronto é relativo.

Entrevistadora - Como é que a Maria foi interpretando a sexualidade nas diferentes etapas da sua vida?

Maria - Ah muito naturalmente, com muita paz, sem perguntas, aceitando sempre tudo com muita paz, tudo é normal na vida.

Entrevistadora - Gostaria que a Maria me fizesse uma análise da evolução da vida sexual, da sexualidade, como era aos 20, aos 30, aos 40, até agora à atualidade, como foi a vivência da sexualidade.

Maria - Portanto primeiro é assim muito ativa e depois dos 50 começa a ser menos ativa não é?...Não quer dizer que o casal não seja feliz na mesma.

Entrevistadora - Independentemente de ter uma relação sexual existem outras formas de transmitir.

Maria - É isso mesmo, exatamente, o amor, o carinho ou se está doente ou se está coiso, há tanta maneira de estar com o parceiro sem fazer vida sexual.

Entrevistadora - A Maria possui alguma doença que a impeça de vivenciar a sexualidade?

Maria - Não tenho nada graças a Deus.

Entrevistadora - Já tomou ou toma algum medicamento que possa afetar por exemplo o desejo, o orgasmo?

Maria - Não, nunca tomei nada.

Entrevistadora - Nunca tomou um medicamento que a impedisse de ter uma relação sexual normal?

Maria - Não, não.

Entrevistadora - Maria da minha parte é tudo, obrigada por este tempo disponibilizado, não sei se tem mais alguma coisa que gostaria de acrescentar, de partilhar comigo.

Maria - Bom o que eu quero partilhar é que o meu tempo que tive disponível para consigo foi um prazer, que seja um fruto na sua vida futura e que se realmente eu fui útil fico muito feliz por estar aqui consigo.

Entrevistadora - Obrigada, depois esta entrevista vai-lhe ser disponibilizada, depois de ser transcrita vai ser-lhe entregue e terá a oportunidade de ler e analisar o que me disse.

Maria - (Risos) De me analisar porque eu avançava as respostas antes das perguntas.

Entrevistadora - Muito obrigada e agradeço-lhe este tempo disponibilizado.

ANEXO XI - Transcrição da 2ª entrevista da Maria

Entrevistada: Maria

Entrevistadora: Ana Catarina Gabadinho

Data da entrevista: 9/05/2013

Entrevistadora - Boa tarde Maria, como está? Vamos lá ver o que trouxe para me mostrar e vamos falando sobre essas coisas.

Maria - Muito bem obrigada! Eu trouxe um álbum de fotografias antigo....pronto tenho várias do meu marido, aqui ele era finalista, quando eu tinha 5 meses, eu com a minha irmã.

Entrevistadora - Antigamente era acessível para vocês tirarem fotografias?

Maria - Íamos ao fotógrafo. Havia um fotógrafo que tirava fotografias. Não era para todos mas nós íamos de vez em quando. Tenho aqui uma data, tinha 8 anos. Até o papel é muito interessante, é diferente dos outros.

Entrevistadora - Mostre-me uma fotografia de quando era bebe. Fale-me da história dessa fotografia, onde foi tirada...

Maria - Nesta eu tinha 5 meses, foi tirada na minha casa porque está aqui uma cadeira e uma amendoeira em flor mas tenho aqui a história de outra muito engraçada...Tinha 9 meses e o fotógrafo tirou-me 11 fotografias para conseguir ficar com esta porque a casa do fotógrafo tinha imensas fotografias nas paredes por todos os lados e acho que eu quando via essas fotografias ficava com uma alegria tão grande que foram precisas tantas só para ficar com uma. Foram tantas que o homem já me chamava à moda algarvia, marafada da moça, e eu fiquei sem sapatos porque já não haviam sapatos que me segurassem nos pés porque a minha mãe conta-me a história desta fotografia que é muito engraçada e vê-se que eu estou feliz a ver qualquer coisa. Esta história é muito importante para mim. Também gosto muito desta com a minha irmã.

Entrevistadora - São parecidíssimas, parecem quase gémeas.

Maria - Eu não acho nada. Acho que somos muito diferentes.

Entrevistadora - Quantos anos é que têm de diferença? Quantos anos tinham nessa fotografia?

Maria - Temos 2 anos de diferença, ela tinha 10 e eu 12 anos. Mas gosto muito dela.

Entrevistadora - E porque é que foram tirar essa fotografia lembra-se?

Maria - Era sempre assim todos os anos, íamos ao fotógrafo tirar fotografias. Aqui está a minha mãe e o meu pai, eu sou muito parecida ao meu pai, em tudo, fisicamente, toda eu sou pai. Este é o meu marido.

Entrevistadora - A sua irmã é parecidíssima à mãe.

Maria - Exato! A minha irmã é a cara chapada da nossa mãe, eu não, eu sou toda ao meu pai, o feitio de falar com todas as pessoas e o meu pai era assim.

Entrevistadora - Qual era a profissão do seu pai?

Maria - Ele não tinha profissão. Ele era um menino rico que andava sempre de cavalo como agora andam de carros e ele tinha muitos lavradores e vinha com os lavradores às feiras vender gado, orientava a casa agrícola.

Entrevistadora - Tinha terrenos?

Maria - Sim, sim! Ele tinha muitos terrenos de cultivo, de trigo, de fava e depois tinha os animais. Portanto, a vida dele foi sempre de campo.

Entrevistadora - Como é que era a relação entre os vossos pais?

Maria - Era boa. O meu pai já faleceu mas a mãe ainda é viva, tem 91 anos com um feitio especial de eu quero, posso e mando como sempre teve mas o pai não, o pai era uma pessoa muito dócil, estava sempre tudo bem para ele. Era um doce...

Entrevistadora - Casaram-se com que idade?

Maria - A minha mãe tinha 18 anos e o meu pai 25 quando casaram. E eu nasci tinha a minha mãe 19 anos. Ah também tenho uma parte muito interessante da minha

vida...tenho aqui uma fotografia de eu com 5 anos...foi tirada no fotógrafo e estou com um casaco de peles, com um lacinho...é muito interessante.

Entrevistadora - Por exemplo os meus avós eram muito humildes, não tinham grandes posses, era remediados e ir ao fotógrafo era um acontecimento muito raro tanto que eles quando se casaram não tiraram fotografias nenhuma. Naquela altura só ia ao fotógrafo quem realmente podia. Era um serviço caro.

Maria - A minha mãe quando se casou, teve direito, tenho lá em casa almofadas pintadas pelo Mortinheira que era um pintor de Lagos muito bom. Então, a minha mãe tinha uma almofada cor de rosa e o meu pai uma branca para se ajoelharem junto ao sacerdote. Era um luxo não é? Mas tenho também um pormenor muito engraçado da minha vida que eu acho que faz falta contar, é interessante. Eu fui para o infantário que na altura se chamava escola paga e lá na terra só andava no infantário eu, o meu marido e uma prima irmã minha e eu não gostava nada de ir porque ficava lá fechada. Eu tinha 4 anos e ele 5 e então começaram logo a dizer assim, ai a Maria com Manelinho que engraçado, são da mesma idade e são ambos gordinhos, ai que engraçado e foi ai que começou o nosso namoro. Primeiro a olhar um para o outro, depois fomos para a escola juntos, ele foi para o colégio particular e eu para o ensino particular em Lagos e pronto nunca namorei ninguém nem o meu marido. Começámos mesmo a namorar tinha eu 17 anos, casámos aos 24 anos mas só nos conhecemos um ao outro. Foi um passado muito engraçado.

Entrevistadora - Deixe-me fazer-lhe uma pergunta. Foram virgens para o casamento?

Maria - Sim, sim!

Entrevistadora - Foram por opção...

Maria - Fomos porque à 47 anos atrás namorávamos sempre com companhia e ele sempre foi o mais respeitador possível, nunca houve conversas sobre isso, nada. Hoje na escola os miúdos já falam sobre isso, a vida sexual faz parte do crescimento deles.

Entrevistadora - Eu vejo pelos meus avós que embora o sexo e as relações fossem muito restringidas, eram sempre com hora marcada e tinham de estar sempre acompanhados por alguém, havia muito pouco tempo ou muito pouco espaço para que

houvesse outras coisas tanto que a minha avô foi grávida para o casamento. Foi uma coisa que aconteceu, foi o único homem da vida dela, não teve mais ninguém e daquela vez que eles estiveram juntos aconteceu. Acho que isso também foi um dos fatores que a levou a casar com o meu avô, claro que depois o sentimento foi evoluindo e houve amor, desenvolveram a relação em si.

Maria - Não havia diálogo para dois... Mas não, nós nunca tivemos nada antes do casamento...fui sem conhecer o meu marido, só o conheci na noite do casamento.

Entrevistadora - Fale-me de mais coisas, mostre-me mais fotografias.

Maria - Aqui estou eu outra vez com a minha irmã.

Entrevistadora - Eu acho que vocês são parecidíssimas. Quase que não consigo distinguir uma da outra. Vestiam-se sempre de igual?

Maria - Sim, sempre de igual!

Entrevistadora - E gostavam?

Maria - Eu detestava porque tinha que comer e calar. Até tenho aqui uma muito engraçada, afinal não a tenho aqui, está numa moldura. Este é o meu avô, a fotografia é de 1900 e tal. Esta aqui também é com a minha irmã e estamos sempre vestidas de igual.

Entrevistadora - Como vocês têm uma idade muito próxima passam quase que por gémeas.

Maria - Pois mas sempre vestidas de igual. Também tenho aqui uma muito interessante, eu na primeira comunhão, olhe que engraçada. Então como não havia o cenário é interessante porque puseram uma manta no chão e outra atrás de mim. Isto foi lá no meu quintal e isto aqui é um monte de sal. Quem olha para a fotografia não sabe o que é e o fotógrafo foi lá e eu como estava vestida e como não havia cenário bonito o fotógrafo pôs as mantas, isto era um cobertor. Que engraçado não é? Recordo-me perfeitamente deste cobertor, era castanho.

Entrevistadora - Na sua primeira comunhão todas as crianças iam vestidas de igual ou cada uma tinha a sua roupa?

Maria - Cada uma tinha a sua roupa, não havia vestidos iguais. Tínhamos uma touca e uma mantilha.

Entrevistadora - Ainda tem esse vestido?

Maria - Ainda tenho e aqui uma bolsa e um terço e tinha uma cruz branca muito grande e luvas de renda, era muito interessante.

Entrevistadora - E esta fotografia aqui o que é?

Maria - Foi um casamento a que eu fui em solteira. Aqui é o meu marido também no casamento mas eu não estou, aqui está a minha prima que nós estávamos a falar a pouco que está no hospital, a mulher do Dr. Barros Madeira. Aqui estão os meus avôs, as minhas amigas, esta aqui tive imenso tempo sem a ver porque casou com um Coronel, a Maria Aida, estudámos sempre juntas. Esta foi minha professora de trabalhos manuais, foi a minha professora particular, esta aqui foi a nossa modista que por acaso agora mora em Faro, tem 70 e tal anos e trabalha em costura no Alto de Rodes, é a Domingas e trabalhava à da minha mãe. A minha mãe tinha três modistas. Esta que ia lá a casa fazer a roupa da semana, do dia a dia e tínhamos outra modista que fazia a roupa de festas e outra que fazia casacos. Uma até era a esposa do Hermano Batista que tinha o hotel São Cristóvão em Lagos, um grande hotel que houve lá, era a D. Palmira e tínhamos outra que era a Maria da Conceição. Esta foi a minha afilhada de casamento e depois quando casou contou-me que nunca pensava que a minha mãe me deixa-se ser madrinha dela porque quando ela casou ia grávida, tinha 16 anos e casou com essa idade e ela dizia que nunca esperava que a minha mãe me deixasse ir ao casamento porque como ela era pobre e ela era muito esquisita e pronto fui madrinha dela e depois foi para a América e agora está muito bem na vida, muito bem graças a Deus, já tem netos. Esta também é minha amiga, dei-lhe aulas porque era pobre, não tinha mãe e ela agora está em França. Aqui estão os meus pais, os meus avós, a minha irmã sai à minha mãe e à avó. Este senhor aqui de bigode é irmão da parte da mãe e o outro era da parte do pai. Aqui também são da parte da mãe.

Entrevistadora - As fotografias foram sempre tiradas em Almádena?

Maria - Sim, sim, sempre em casa da minha mãe. E aqui está uma amiga que partiu à pouco tempo para o pai, teve um problema oncológico e eu acompanhei-a sempre aqui no Hospital de Faro. Como vê pelas fotografias eu estava sempre a rir, ela não. A minha irmã sempre foi muito senhora. Aqui estamos nós e o meu marido. Olhe lá para esta fotografia, muito engraçado o pormenor das cores que o fotógrafo fazia. Como não haviam fotografias a cores eram a preto e branco, ele dava um colorido às fotografias e ficavam assim. Que engraçado não é? E aqui estou eu de franja, a minha mãe nunca me deixou usar franja e eu sempre gostei de franja. Toda a gente elogiava os meus olhos, diziam sempre que estavam pintados, com um risco preto. Mesmo hoje não pinto os olhos e as pessoas pensam que sim. Uma vez um rapaz não me deixou entrar nas piscinas porque tinha os olhos pintados e ele dizia, não pode entrar nas piscinas com pintura. Aqui está um primo, irmão desta aqui, já partiram os dois. Esta senhora é minha tia, tem 91 anos e está ótima, é irmã do meu pai. Este é um amigo... A minha irmã casou, teve dois filhos e eu já sou tia avó. Agora já começa a perceber que somos bastante diferentes.

Entrevistadora - Fale-me do seu avô.

Maria - Ai o meu avô... Pois eu não o conheci mas tem uma coisa muito interessante da minha família. Portanto era assim, houve a pneumónica em 1918 salvo erro e o meu avô morreu e deixou a minha avó viúva. Do outro lado a irmã do meu avô também morreu e deixou o marido viúvo. Depois estes dois que tinham ficado viúvos, que eram cunhados casaram-se. De ambos os casamentos anteriores haviam filhos, o meu avô deixou um casal e da irmã do meu avô haviam 4 filhos que eram primos irmãos. Deste segundo casamento nasceu uma menina, a minha tia Luísa. Esta era a única irmã de todos porque os outros eram primos irmãos. Interessante não é? E depois ainda há outra coisa, quando a minha avó morreu o meu pai foi criado com uns tios muito ricos do campo e esses tios como não tinham filhos deixaram tudo aos outros menos a esta minha tia Luísa porque não era nada ao meu tio.

Entrevistadora - Então aquela que tinha nascido do segundo casamento...

Maria - Aquela que tinha nascido do segundo casamento que era irmã de todos mas como não era nada ao meu tio não herdou nada. E ninguém percebia porque é que aquela senhora não tinha herdado nada. É muito engraçada esta história. Depois esta

fotografia, o Frederico estava em Lisboa no Areeiro e foi atropelado e morreu. Praticava muito desporto, tinha o corpo todo musculado. Aqui estão os meus sobrinhos, a minha afilhada. Aqui está o meu marido no colégio.

Entrevistadora - Era um colégio misto?

Maria - Sim era um colégio misto e particular era o colégio Gil Eanes na rua São Sebastião Franco.

Entrevistadora - E quem ia para esse colégio?

Maria - Quem tinha muito dinheiro, era muito caro.

Entrevistadora - Mas também havia o ensino público...

Maria - Havia. Havia a escola industrial e a escola comercial mas como colégio só havia este.

Entrevistadora - O ensino era diferente?

Maria - Ah, muito diferente, era excepcional. E aqui estão os meus pais. Eu era muito parecida com o meu pai e a minha irmã com a mãe. Aqui está outra vez a Maria Aida.

Entrevistadora - Era com a Maria Aida que vocês trocavam ideias.

Maria - Éramos sempre as duas, sabíamos tudo uma da outra.

Entrevistadora - Ela chegou a casar?

Maria - Sim.

Entrevistadora - Quem é que se casou primeiro?

Maria - Acho que foi ela. Ela era muito engraçada, depois gostava muito de arranjar namorados e estava sempre a dizer, olha lá para aquele moço e ele gosta de ti e tu não olhas para o moço. Ela era terrível, era muito elegante, muito engraçada.

Entrevistadora - Como é que foi o seu casamento, a preparação, a festa, a boda?

Maria - Olha querida foi muito complicado. Eu na minha vida só tive complicações a nível da minha mãe foi sempre um namoro contrariado, foram 7 anos de martírio.

Entrevistadora - Mas porque? Vocês eram ambos de boas famílias, tinham posses.

Maria - Porque a minha mãe ainda hoje é assim. Ela ou ama ou odeia. Então gostou muito dele porque já tinha o curso só que acontece que o meu marido é calado e eu sou faladora e ela embirrou e começou a dizer que eu era infeliz com ele. Um disparate não é? Foram 7 anos de martírio e depois para casar foi outro martírio porque o meu marido teve de pedir autorização para casar, eu tinha de ser uma pessoa idónea então estivemos à espera 3 meses do sim do quartel. O processo começou em Janeiro e casei a 30 de Abril e oficialmente sou casada a 8 de Maio porque coitado do Padre Tropa que faleceu há pouco tempo já tinha pena de mim porque nunca mais mandavam o sim. Eu tinha de ter uma parte monetária igual à dele, tinha de ser uma pessoa com boa reputação. Para casar com um militar na altura, levou 3 meses para vir a autorização. Isto foi um absurdo e depois tinha um vestido muito sóbrio de alcinhas com uma jaquetinha abotoada atrás e ainda lá tenho. Levava um véu grande, um diadema que me foi oferecido, as flores também foram oferecidas. Chegou ao dia do casamento e a minha modista dizia assim, nunca fiz um vestido de noiva em que não tivesse chegado o diadema porque ele vinha de Lisboa. E chegou no dia do casamento no correio das 11 horas e eu casava as 10 horas, foram só peripécias. Depois acontece que nós íamos de táxi mas eu ia no carro do meu cunhado, um carro muito grande, um Opel e depois os taxistas fizeram assim, havia outro casamento e disseram que quem se casasse primeiro tinha mais sorte e então o que é que a outra noiva fez? Os taxistas tinham de nos ir deixar à igreja da luz de Lagos e depois iam buscar a outra noiva. Eu chegava primeiro e não nos podíamos encontrar porque não dava sorte e ela é que arranjou este estratagema todo porque o padre fazia questão de me casar primeiro e ela foi dizer ao padre que ela é que tinha de ser primeiro e depois meteram-na na sacristia e os taxistas lá foram buscar o resto da minha família. Casei-me depois dela. Não sei se ela me viu ou não, o que é certo é que passado um ano estava separada do marido. Isto são histórias antigas. E pronto eu graças a Deus já tenho 48 anos de casamento. E pronto, foram estas as nossas peripécias de casamento. Ah e depois foi muito engraçado, não tínhamos carro na altura então vínhamos de comboio e o meu cunhado tinha carro e foi-nos por no comboio em

de Lagos porque vínhamos para Faro, já tínhamos casa aqui em Faro. Passámos 3 horas na estação de Tunes para mudar de comboio. Só abalámos de Tunes às 3 da manhã.

Entrevistadora - Já tinham mudado de roupa, não estavam vestidos de noivos pois não?

Maria - Sim, sim, já tínhamos mudado. Eu tinha um fatinho cor de rosa e ele outro fato. Então tivemos 3 horas à espera do comboio e quando chegámos a casa já eram 3 da manhã e depois no outro dia abalámos às 8 da manhã para irmos novamente para Lagos de comboio.

Entrevistadora - Então voltaram para trás?

Maria - Pois veja bem porque no segundo dia havia novamente festa.

Entrevistadora - Para não passarem a noite de núpcias com os pais tiveram de fazer esse caminho todo.

Maria - Pois para não passarmos a noite de núpcias com os pais.

Entrevistadora - Alguém vos preparou a casa, como se faz a agora?

Maria - Sim foi a minha irmã. Ela veio comigo e preparou as coisas.

Entrevistadora - E como é que eram os preparos?

Maria - Tinha um lençol muito bonito com a tal renda de bilro, todo bordado, um conjunto muito bonito de dormir. Uma camisa de dormir com o robe igual, de marca Triumph que ainda hoje é cara. Ainda tenho guardado uma camisa de dormir de alcinha com o robe igual com umas bandas de renda.

Entrevistadora - Depois do casamento a pessoa está tão cansada dos convidados e não só, de tudo. Vocês não chegaram a casa e aterraram literalmente?

Maria - Não. Como não nos conhecíamos conhecemo-nos nessa noite.

Entrevistadora - Tinham muita vontade?

Maria - Pois sei lá, para mim foi uma redescoberta.

Entrevistadora - Foi um momento mágico?

Maria - Foi muito interessante. Foi interessante porque para mim foi tudo surpresa. Eu não sabia nada.

Entrevistadora - Nunca tinha visto um homem nu ou fotografias?

Maria - Não nada!

Entrevistadora - Vocês iam à praia ainda que fosse uma vez por ano e viam os rapazes e as raparigas. Elas usam fato de banho e eles calções ou cueca?

Maria - Calções e até ao joelho.

Entrevistadora - E andavam de tronco nu.

Maria - Mas havia muito pudor em falar de sexualidade, a mãe não abria, nunca a mãe falou.

Entrevistadora - E o pai? Já que a sua relação com ele era mais aberta.

Maria - Também não. Não havia nada.

Entrevistadora - Ninguém lhe deu uma dica para o que ia acontecer...

Maria - Que podia engravidar nessa noite, para ter cuidado, nada. Até que engravidei logo. Tinha-me vindo o período a 25 de Abril, casei a 30 e em Maio já não tinha. E o pormenor da virgindade como sabe o desabrochar também acho que haviam senhoras que sofriam muito e eu tive um marido excepcional que foi penetrando devagar. É doloroso mas nunca tenho essa recordação porque ele foi muito carinhoso.

Entrevistadora - E depois de se perder a virgindade normalmente sangra-se. Sabia isso na altura?

Maria - Pois não sabia nada porque quando isso aconteceu já tinha passado 15 dias e quando me sentei na cama vi uma mancha de sangue na camisa de dormir e assustei-me.

Em contrapartida com a minha irmã também foi como eu mas ela não teve essa perda de sangue, esse fluxo porque em pequenina tinha caído e tinha perdido e acho que o meu cunhado ficou muito perturbado com a situação e acho que a minha mãe se lembrava que a uma de nós tinha acontecido isso mas não sabia qual era das duas.

Entrevistadora - Pensava que ela já não era virgem.

Maria - Pois pensava que tinha tido outra relação. E foi isso que aconteceu, ela caiu e perdeu a virgindade ao cair porque rompeu aquela membrana e perdeu sangue é claro que depois do casamento não perdeu.

Entrevistadora - E o casamento resistiu? Ele ganhou confiança nela?

Maria - Sim sim, ah sim. Pronto o meu cunhado namorou muito e a minha irmã nunca tinha namorado ninguém. Ele era um rapaz muito vivido. Ele foi estudar para o colégio agrícola de Santarém e só a farda foram 80 contos. Ele não aproveitou nada e depois foi para o colégio com o meu marido e dizia assim, o Manelinho vai para o colégio de cabeça em baixo houve o professor e volta para casa de cabeça em baixo. Eu vou para o colégio assobiando e cantando volto para casa igual e não sei nada. Nunca aproveitou, não fez carreira, nada. E depois teve muita sorte porque entretanto foi aqui para o aeroporto e ele não estudou, não tirou diploma nenhum. Foi aqui para o aeroporto, como bombeiro e a minha irmã é uma pessoa com muita força para vencer em tudo, é uma leoa, leão de signo e nunca se conformou em casar com um homem bombeiro ela queria mais e então o que é que houve? Ela soube que havia uma oportunidade para os Açores e quem quisesse ia para os Açores com a família que era promovido a chefe dos bombeiros e ela pegou nele e foram. Móveis encaixotadas, tudo de barco e pronto pelo caminho perderam-se as móveis todas e conseguiu, o meu cunhado foi para chefe dos bombeiros porque ela quis. Foi para o Porto Santo e mais tarde foi para o aeroporto de Lisboa para a parte de secretariado. Ganhava mais que os engenheiros porque por motivos de ter estado nos Açores e pela transferência chegou a Lisboa e teve uma posição muito alta e chegou a ganhar mais que os engenheiros. Ela não se conformava que ele fosse só bombeiro e aliás o meu cunhado tem uma reforma muito mais elevada que o meu marido é verdade. As transferências, por tudo isso. A minha irmã sempre foi uma lutadora. Eu olho as pessoas pelo coração, por humanas que são a partir daí o resto não me interessa...Eu também fui para o Ultramar com o meu marido e tenho lá

bastantes fotografias do Ultramar porque ele como tropa também tive dois anos numa zona de guerra e foi bom.

Entrevistadora - Quando o seu marido foi para a guerra já eram casados, a Maria ficou cá e não teve medo que ele estando lá pudesse ser infiel?

Maria - Não porque ele em Lisboa esteve colocado no Ministério do Exército e diziam-me assim ah ele está lá em Lisboa e arranja outra e eu dizia assim, olha se ele tem confiança em mim que eu pego no carro e vou para onde quero, faço a minha vida toda como se o meu marido estivesse ao pé ele tinha de confiar, é uma confiança mútua portanto sempre houve muita confiança, nunca houve ciúmes.

Entrevistadora - Nunca houve aquele pensar...

Maria - Não, nem que arranjou outra ou que está longe, não. É uma confiança mútua e a pessoa acaba por ser muito mais feliz. O ciúme faz as pessoas infelizes.

Entrevistadora - Trouxe mais alguma coisa para eu ver ou lembra-se de mais alguma coisa?

Maria - Pois sei lá. Tenho esta fotografia quando ele andava no colégio, está muito sóbrio. Engraçado que existiam estes globos para nós estudarmos geografia através do globo e o mapa para estudarmos os rios e os afluentes. Isto não trás data?

Entrevistadora - Vila Real de Santo António, 1955, tinha 14 anos.

Maria - Existiam os mapas para nós estudarmos os rios, os afluentes e tínhamos sempre este globo para estudarmos na sala de aula.

Entrevistadora - Como é que vocês os dois foram olhando um para o outro? Conheceram-se muito jovens. Foram envelhecendo, os cabelos ficaram brancos, há certos vícios ou manias que se agravam.

Maria - Oh minha filha, com uma paz, um abandono, portanto, uma complacência com a vida e com os anos, um desabrochar lindo. Tenho também um quadro lindo que tenho na minha sala, deu-me a minha avó. A minha avó diz que o quadro custou 3 vinténs e devia ser muito caro, não faço ideia. É muito interessante.

Entrevistadora - Já sei que a Maria não teve nenhuma preparação para o casamento, para a vida sexual, e com os seus filhos, fizeram-lhe perguntas, tiravam dúvidas?

Maria - Não porque eles já tinham aulas. O meu filho é muito sóbrio, é rapaz, sem pormenores nenhuns. Ela também não. Já tinham aulas sobre sexualidade.

Entrevistadora - Por exemplo quando lhe apareceu a menstruação.

Maria - Ela sabia o que era. Enquanto que eu não sabia, de manhã quando acordei e vi a cuequinha cheia de sangue ia morrendo, ai Jesus da minha vida. Eu não sabia nada, zero. Agora a minha filha sabia, eu sempre lhe disse que em chegando os 9, 10 anos vinha um fluxo, disse-lhe para não se assustar, quando isso acontece-se para vir falar comigo.

Entrevistadora - E ela não se assustou?

Maria - Não. Ela tinha era muitas dores e sofria imenso, desmaiava, foi muito doloroso no inicio o período menstrual mas pronto nunca houve assim nada. Ela com 18 anos comprou casa e foi morar sozinha, já ganhava ordenado e depois entretanto nunca namorou depois arranjou aquele rapaz que vinha de Coimbra à casa dela.

Entrevistadora - Foi o único namorado dela?

Maria - Sim, ela dizia que os homens não valiam nada. Era assim, os jeitosos estão comprometidos, os que abrem a boca não sabem dizer nada. Tinham que saber falar de música, de cultura geral. Quando chegou a altura de gostar daquele, a cultura geral ficou de parte, não teve isso em causa e pronto ele era de Coimbra e foi muito engraçado o 1º encontro deles porque ela não gosta de motas porque ela uma vez teve um acidente muito grave. Mas um dia foi com a prima à praia de Faro no dia das motas e quando chega a casa disse, oh mãe estavam dois rapazes na praia, eu até disse oh filha não vás à praia, aquilo é só barulho e ela, oh mãe este é um bom dia para conduzir há muitos GNR (Guarda Nacional Republicana) na rua e continuou, oh mãe estavam dois rapazes de Coimbra na praia eles estão nos motards mas não dormem lá, estão num hotel. Com a minha filha estava a minha sobrinha que é prima dela e disse que à noite iam mostrar a cidade e no dia seguinte foram almoçar os 4. Entretanto no fim do Verão ela disse olha mãe sabes quem vem cá? Aquele rapaz das motas.

Entrevistadora - Eles continuaram a falar certo?

Maria - Pois mas eu não sabia. Ela disse, a Manuela vai mostrar o barlavento porque ela na altura estava a dar aulas em Portimão, era professora de Matemática e eu vou mostrar aqui o sotavento e vem cá o Fernando. E estávamos no Fórum e ele apareceu lá, pronto isso sei eu, o resto eu não sabia nada, só sabia que ele vinha cá e que depois começaram a namorar e que o Fernando era casado e que se tinha divorciado porque não podia ter filhos biologicamente e a mulher não queria, ela queria ter filhos, por isso se divorciaram.

Entrevistadora - Entretanto vocês sabem se a ex. mulher conseguiu engravidar?

Maria - Não sei. Ele é excepcional nunca mais falou dela e ele deixou o passado dele em Coimbra e veio fazer uma vida nova em Faro. Há 7 anos que está casado com a minha filha e ele não fala nisso.

Entrevistadora - E a outra rapariga, a prima da sua filha não ficou com o colega?

Maria - Não e acho que teve muito desgosto, a minha sobrinha. Houve ali um grande desgosto da parte da minha sobrinha de tal maneira que ela era tão amiga da prima que elas passavam o dia ao telefone e todos os dias falavam, era uma amizade linda a partir daí deixou de telefonar à minha filha, cortaram relações. Até hoje.

Entrevistadora - Será que ela também gostava dele?

Maria - Eu não sei mas acho que houve ali qualquer coisa com ele, não faço ideia.

Entrevistadora - E quando a família se junta, elas falam?

Maria - Sim, sim dão-se bem mas nunca mais foi a mesma coisa, houve ali qualquer coisa que eu não sei o que aconteceu com a minha sobrinha, se gostava do Fernando não sei, só sei que arranjou um namorado assim de repente que por acaso também se chama Fernando, casou, foi assim tudo muito à pressa. Foi assim um casamento todo pomposo, tudo diferente da prima.

Entrevistadora - Mas há sempre uma desconfiança do porquê.

Maria - Desde que a minha filha arranhou aquele namorado que a prima ficou com outro, qualquer coisa apareceu ali que destabilizou aquela amizade e a minha filha não sabe o porquê. Portanto ligou-se muito à família do marido, não sei....E depois eu também tenho uma recordação muito bonita de um menino Jesus. Tenho uma prima irmã que por motivos, não falamos nisso. Inclusive foram umas cartas de carnaval que escreveram a essa minha prima que tinham palavras que na altura eram uma ofensa mas que hoje já não são e tinham dito que tinha sido eu e entretanto disseram que tinha sido a tia, eu.

Entrevistadora - Mas não era a sua letra.

Maria - Não era a minha letra e entretanto o meu pai custou-lhe muito que tivessem posto essa calúnia em mim porque foi uma mentira muito grande e o meu pai disse assim que era a única irmã que tinha, a partir de agora não conheço mais a minha irmã, ignorámo-nos e foi muito triste foram 30 anos assim. Sonhava todas as noites e uma vez fui falar com o Padre Henrique sobre o assunto e ele diz assim, ah sua alma está tão perturbada, está inquieta por não falar com ela, por não ter escrito cartas nenhuma, portanto sentia uma necessidade absoluta de falar com ela e o tempo de Deus é um e o nosso é outro não é? Entretanto ela foi estudar para Lisboa para a universidade e estudou aqui no Colégio do Alto, era de Lagos e depois foi estudar para a universidade em Lisboa e nunca mais houve oportunidade. Tanto que o meu pai por causa de uma amputação de uma perna foi internado em Lisboa e ela começou a visitar o tio e eu achei por bem que lhe fosse agradecer, 30 anos depois os nossos filhos não se conheciam e então foi a partir daí que eles se tornaram amicíssimos.

Entrevistadora - É nunca falaram do que ficou para trás?

Maria - Não!

Entrevistadora - Ela não descobriu quem tinha escrito as cartas?

Maria - Não sei, não interessa, não se vive do passado. Vive-se do presente e do futuro.

Entrevistadora - É um milagre saber perdoar.

Maria - É porque sabe quem sofre mais? É o que odeia ou o que é odiado?

Entrevistadora - Quem odeia.

Maria - O que é odiado vive feliz, brincando, saltando na rua e o outro está sempre a pensar e a massacrar portanto, a melhor maneira de nós não sofrermos é a reconciliação interna, interior. Desde que tenhamos a capacidade de nos reconciliarmos connosco próprios e com o mundo somos felizes e vivemos em paz e foi isso que nós adotámos de parte a parte e ela portanto começou a vir à minha casa e eu à dela, de tal maneira ficámos amigas que ela depois convidou a minha filha para madrinha da bebe, da neta dela. E um dia pela Quaresma à dois anos atrás ela diz, olha temos uma coisa para ti, uma caixa. Vi o menino Jesus que era da minha bisa avó, foi uma coisa linda e o lindo que foi, foi ele vir parar às minhas mãos. Eu adorava o menino Jesus de Braga, anda sempre comigo aqui neste fio e eu sempre tive muita devoção por ele e eu quando o vejo, o menino Jesus antigo da minha bisa avó foi um encanto e ela diz-me assim, és a única pessoa da família que merece ter este menino Jesus, ela estudou no Colégio do Alto é católica praticante e os filhos são salesianos, a filha é das doroteias portanto, pessoas com uma vida cristã não é?

Entrevistadora - Porque é que ela não quis ficar com ele?

Maria - Não sei minha querida. Foi esse menino Jesus que quis vir parar às minhas mãos. Eu não sabia que ele existia e só existia esse na família. É um mistério, foi um milagre ela querer dar-me aquele menino Jesus. Foi uma coisa impressionante na minha vida.

Entrevistadora - Nem é pelo valor monetário da peça é mais pelo valor sentimental porque já era da sua bisa avó.

Maria - Aquele menino Jesus é uma relíquia, está em cima de uma pirâmide com o mundo na mão e ele quis vir para a minha casa, interessante, isso é um milagre. Este menino para mim é um milagre na minha casa, na minha vida. Eu sou tão devota do menino Jesus, tão devota porque eu sei que foi ele que protegeu a minha filha na doença e tudo isso, a ele eu rezo todos os dias e ele sempre me ouviu, sei que está sempre disponível para mim e quis vir morar para a minha casa... A nossa vida é um mistério, acordarmos é um mistério, o desabrochar de uma flor é um mistério.

Entrevistadora - A Maria lembra-se de mais alguma coisa?

Maria - A minha vida é uma enciclopédia mas de coisas boas. Ainda hoje ao ver as transmissões de Fátima tinha uma lágrima no olho e disse Maria tu tens a minha filha ao teu lado, tens ai um anjinho. E pronto ter um filho aos 40 anos também foi um milagre. Acho que já me estou a alongar e disse tudo.

Entrevistadora - Esteja à vontade Maria. De qualquer maneira acho que já me contou o mais importante, da minha parte é tudo, muito obrigada.

Maria - Obrigada eu minha linda.

ANEXO XII - Transcrição da 3ª entrevista da Maria

Entrevistada: Maria

Entrevistadora: Ana Catarina Gabadinho

Data da entrevista: 19/06/2013

Entrevistadora - Boa tarde Maria, como tem passado?

Maria - Bem obrigada.

Entrevistadora - Gostaria que a Maria me destacasse acontecimentos da sua vida, sejam eles bons ou maus, que para si tenham sido importantes e que me diga que idade tinha.

Maria - Pronto, começando pelos momentos menos bons, eu senti que a minha infância foi muito complicada porque comecei a gostar de um rapaz logo muito cedo, a minha mãe gostou, depois deixou de gostar e foram sete anos de namoro muito complicados, dos meus 17 aos 24 anos, sofri muito, correram muitas lágrimas, foi difícil, isso foi o menos bom porque os bons foram muitos eu era uma pessoa extrovertida e tinha muitos amigos, tinha e tenho, não tive dificuldade nunca em me relacionar com ninguém, as pessoas gostavam de mim, eu gostava das pessoas e foram muitos momentos bons mas eu sofri muito com a minha juventude. Também senti sempre uma grande rejeição da minha mãe contra mim e a favor da minha irmã. As pessoas no geral gostavam de mim, do meu feitio e a minha irmã não, era uma pessoa muito fechada, não se relacionava e a minha mãe gostava mais do feitio da minha irmã, gostava que eu estivesse fechada em casa, não falasse com toda a gente e pronto, parvoíces não é? Ela só queria que eu me relacionasse com determinadas pessoas e a minha mãe sempre teve muita relação com a minha irmã e isso para mim foi marcante. Uma coisa que eu digo sempre é que as mães que têm mais de dois filhos têm de ter muito cuidado, agora talvez tenham mais porque as pessoas são mais abertas. Eu tenho os meus filhos com mais de 12 anos de diferença e sempre tive uma grande preocupação de dizer, olha Joaquim (nome fictício) tu mereces apanhar, zangava-me primeiro com ele antes de me zangar com ela para não se sentirem machucados. Isso marca muito, é muito difícil saber que a mãe tem relação por um filho em detrimento de outro e temos de nos relacionar com os nossos filhos independentemente dos seus feitios e a minha mãe marcou-me muito. Agora o meu pai

não, ele nunca teve preferência por nenhuma. A minha mãe agora ainda é assim, ela tem uma empregada lá em casa e diz, Antónia (nome fictício) porque não gosta da Maria e só gosta da outra filha? Pois é, é que ela tem um feitio diferente. É que aqui na aldeia toda a gente gosta da Maria. Se calhar como as pessoas em geral não dão à outra filha, só dão a mim... Até o sacerdote de lá diz-me assim, aih dona Maria a sua mãe não a elogia, até parece que não gosta de si (RISOS). Ela agora tem 91 anos e é isto o que mais me marcou.

Entrevistadora - Na infância, adolescência ou mais recentemente não tem outros acontecimentos que a tenham marcado, sejam eles positivos ou negativos?

Maria - Não, só tenho este.

Entrevistadora - Considerando a ótima relação que tinha com o seu pai, gostaria que me falasse da doença e conseqüente falecimento. Como é que decorreu o processo, que impacto teve em si...

Maria - É assim, o meu pai teve um problema no dedo do pé, depois má circulação, foi para Lisboa e foi operado, tiraram-lhe um dedo do pé e depois tiraram-lhe uma perna e ainda pôs uma prótese e foi fazer um bypass a Lisboa onde apanhou uma bactéria no Hospital de Santa Marta em Lisboa e foi uma vítima dessa bactéria no bloco operatório e depois teve uma pneumonia e faleceu perante essa situação e graças a Deus que faleceu nessa altura porque inevitavelmente ia ficar sem a outra perna porque não tinha circulação e iria ficar de cadeira de rodas. É normal sentir saudade mas sei que ele só partiu temporariamente porque um dia vamo-nos encontrar lá em cima.

Entrevistadora - Ele faleceu com quantos anos?

Maria - Ele faleceu em 1993, faz agora 20 anos.

Entrevistadora - Ele tinha alguma doença, diabetes, porque é que tiveram de amputar o dedo?

Maria - Pois, apareceu-lhe aquela mancha vermelha no dedo e tiveram de lhe amputar o dedo, diziam os médicos que era devido ao tabaco porque ele era fumador, foi uma situação galopante.

Entrevistadora - E como é que a Maria encarou a morte do seu pai dado que se dava muito bem como ele, tinha uma ótima relação com ele, era um modelo a seguir por si...

Maria - Lidei muito bem com o luto porque Deus tudo o que faz é bem feito e ele ia ficar sem a outra perna e fiquei aliviada que Deus o tivesse levado para junto dele porque ia ficar sem as duas pernas e isso seria muito pior.

Entrevistadora - E para a sua mãe, dado que ela ficou viúva, como é que ela reagiu?

Maria - Reagiu bem, reagiu muito bem, também aceitou naturalmente, ela é uma pessoa muito dinâmica.

Entrevistadora - Para vocês ela demonstrava que estava bem por fora mas por dentro...

Maria - Ela primeiro está mal por dentro e depois é que está por fora. (RISOS) É normal que as pessoas sintam saudade e façam o seu luto mas ela sempre foi muito forte, sempre mandou, é do signo carneiro e gosta de dar a sua marrada. Nós antigamente tínhamos uma casa boa, no campo, agora o campo é que não dá nada não é? E ela é senhora de tudo até ao dia de hoje, nós não sabemos de nada, nem o que tem ou deixa de ter, nem chave de casa temos.

Entrevistadora - Ela tem 91 anos, ainda tem a sua autonomia, é independente?

Maria - Independente a 100%, faz tudo e tem uma empregada que lhe faz tudo em casa e eu arranjei-lhe uma senhora para lhe ir fazer companhia e ela está sempre aflita que não tem dinheiro para lhe pagar, o que não é verdade porque ela tem uma ótima casa na aldeia, em Almádena, uma casa grande e herdou bastante do meu pai.

Entrevistadora - Como é que é a vossa relação agora, atualmente?

Maria - Eu todos os dias lhe telefono mas ela tem um feitio um bocadinho complicado e temos de aceitar tudo com amor porque de qualquer maneira ela é minha mãe.

Entrevistadora - O facto da sua mãe desde que pequenina demonstrar que tem preferência pela sua outra irmã, isso nunca vos afetou enquanto irmãs, colocou entraves à vossa relação?

Maria - Ela não tem nada o meu feitio, ela mora em Alverca, digo sempre que é minha irmã mas ela relaciona-se muito com a família da parte dela e não digo que ela não goste de mim, por exemplo ela só gosta da minha filha, não gosta do meu filho e é uma pessoa que seleciona muito as amizades, é como a minha mãe mas entre nós não há nada de especial graças a Deus.

Entrevistadora - Como é que os momentos/acontecimentos mais marcantes se refletiram em si e no seu marido, enquanto casal?

Maria - Não, o meu marido nunca soube da imposição da minha mãe que eu nunca lhe contei, e quando contei ele não levantou problema, nós enquanto casal fomos sempre exemplares, sem nada de problemas graças a Deus.

Entrevistadora - E relativamente à morte da vossa 1ª primeira filha, vocês enquanto casal como é que funcionou, como é que esse acontecimento operou em vós?

Maria - Pois a minha filha faleceu a 11 de Fevereiro e o meu marido partiu para a Guiné em Abril e aceitámos muito bem, claro que na altura perguntei, meu Deus porquê a mim, via os ciganos com tantos filhos e porque é que eu não podia ter a minha filha comigo mas Deus foi-me sempre dando respostas e se isto aconteceu é porque foi o melhor para mim porque podia ser deficiente e podia estar muito pior e se Deus fez isto eu digo que a minha filha foi gerada para Deus. Veio ao mundo por cesariana e a mãe serviu-se do meu ventre para gerar um anjinho e pensar nestas situações eu aceitei tudo muito bem e ainda hoje eu choro com ela.

Entrevistadora - A sua segunda filha teve alguma doença grave?

Maria - Teve há pouco tempo, há 5 anos. Ela em pequenina tinha otites, coisa normal mas desmaiava muito e foi uma miúda que me deu muito trabalho em relação às doenças e depois foi a operação. Teve um tumor na medula mas eu também aceitei com muito amor e muita paz e ela tinha 80% de probabilidade de ficar tetraplégica e foi dito pelo médico que a operou e ficou bem e o médico dizia assim: se não fosse a força de Deus eu não a tinha operado e mais uma vez Deus estava na minha vida através daquele médico que é católico e que aceita que o ser humano é inferior a Deus. Quando eu a vi andar pela primeira vez eu disse, Deus é pai porque u vi-a a andar já renovou duas vezes, fez radioterapia e em Outubro foi operada outra vez, como foi na medula e o

tumor era muito grande foi muito difícil e ficaram pedacinhos que eles não conseguiram chegar lá e renovou e pode renovar mais vezes.

Entrevistadora - O tumor era maligno?

Maria - Tinha um pouco de malignidade. Há o grau 1, 2 e 3 e ela estava no grau 1 para o dois e ia ficando com um bocadinho de malignidade.

Entrevistadora - Ela não fez quimioterapia?

Maria - Fez radioterapia há 3 anos porque surgiu novamente uma coisinha e a médica do IPO sem dizer nada ao cirurgião que a operou, o Dr. Sérgio Figueiredo mandou fazer radioterapia e ficou em pânico porque era na medula e portanto agora apareceu uma coisinha na medula e vamos já tirar isso e ele diz que aquilo é só chegar ali e tirar e é claro que não é bem assim porque implica cirurgia e anestesia mas pronto, está tudo bem.

Entrevistadora - É devido ao problema que ela teve na medula que não pode engravidar?

Maria - Não, ela por ela até podia, o marido é que por motivos de saúde não pode ter.

Entrevistadora - Este acontecimento da sua filha, de ter sido operada, vocês enquanto casal como é que reagiram?

Maria - Bem, isto tinha de se resolver, ela andava sempre a cair, caía por tudo e por nada e consultou médicos e não lhe diziam o que tinha e no dia que soube disse, mãe eu tenho isto e tenho de tirar, tenho de ser operada e foi assim, quando nós temos fé e força em Deus tudo se resolve.

Entrevistadora - Tanto na morte da 1ª filha como na doença da segunda vocês enquanto casal não tiveram momento algum em que fraquejaram, que preferissem ficar sozinhos?

Maria - Não, nada. Seguimos com a vida em frente e o meu marido é muito metódico e introvertido, eu sou extrovertida e equilibramo-nos muito bem.

Entrevistadora - Devido à morte da sua filha, enquanto mulher, este acontecimento trouxe consequências para si, por exemplo, teve receio de engravidar uma segunda vez?

Maria - Sim, sim, foi uma gravidez não planeada e quando tive o meu filho 12 anos depois foi através daquelas contas que se faziam ao período e não sei quê. Portanto a minha filha veio quatro anos depois da morte da minha 1ª filha e passado quatro anos o as contas voltaram a ser feitas e voltei a engravidar. Foi quatro anos depois porque me marcou muito, tinha muitos medos porque agora há muito exames e na altura não havia quase nada, em 1945 não havia.

Entrevistadora - Se essa gravidez não tivesse acontecido, fazia planos de voltar a engravidar?

Maria - Sim, sempre teve nos meus planos ter filhos.

Entrevistadora - Sim mas depois da morte da primeira?

Maria - Não sei, foi Deus que quis que tivesse acontecido mas na altura ainda não tinha intenções de engravidar, passaram quatro anos mas marcou muito e não tinha intenções de engravidar.

Entrevistadora - E que medos é que tinha se voltasse a engravidar?

Maria - De acontecer o mesmo, portanto não sabia o porquê, não sabia porque é que tinha perdido a minha filha.

Entrevistadora - Durante a segunda gravidez em algum momento pensou que poderia perder a filha, levou a gravidez de forma calma, como é que foi?

Maria - A primeira portanto, tive uma gravidez que não foi gravidez, só sabia que a barriga estava grande, não tive enjoos, nada foi só o meu ventre crescer. Da segunda não, tive tudo a que uma grávida tem direito, albumina alta, enjoos, etc etc e sei lá, tinha receios que ele disse-se o mesmo e o primeiro sintoma que tive da minha filha ter morrido foi ter deixado de senti-la e depois com a segunda filha, ela mexia-se muito pouco, era muito calminha e quando se mexia era uma grande alegria e foi um parto difícil mas já foi há tanto tempo que não me lembro mas é normal que tivesse receio que voltasse a acontecer.

Entrevistadora - O médico que a acompanhou foi o mesmo?

Maria - Não, mas o primeiro que me acompanhou encontrou-me um vez na igreja lá na aldeia e disse, ah está grávida e eu não quis ir para o mesmo, fui para outro em Portimão.

Entrevistadora - Por que razão quis mudar de médico?

Maria - Pois, sei lá porque achava que não devia ir para o mesmo, devia ir para outro e podia-lhe acontecer o mesmo e não de maneira nenhuma por falta de cuidado do médico.

Entrevistadora - Durante as gravidezes, tanto na primeira como na segunda e até 12 anos depois a Maria tinha relações sexuais?

Maria - Sim, sim, claro!

Entrevistadora - A Maria nunca teve receio ou medo de magoar o feto?

Maria - Não o meu marido foi sempre muito cuidadoso.

Entrevistadora - Adaptavam as posições sexuais para a Maria se sentir mais confortável?

Maria - Pois mais ou menos, talvez isso sei lá, já foi há tanto tempo.

Entrevistadora - Fale-me da sua doença, a fibromialgia, quando é que se começou a manifestar, quais os sintomas e que consequências é que trouxe para a sua vida.

Maria - Pois os sintomas...dizem que isto é dos sistema nervoso, talvez dos meus nervos da minha infância, tantas vezes as minha mãe a garrear comigo e tudo isso foi acumulando muitos nervos em mim e eu tinha dores imensas nos braços, nas costas, na coluna e eu fazia muitos exames e os médicos olhavam para ali e diziam que estava tudo bem e a minha médica que é a Dr. Cidália, uma grande amiga minha uma vez disse-me assim, D. Maria como é que é possível se a senhora tem tudo bem e sofre imenso, eu sei que sofre muito e sabe que tem fibromialgia? Veja lá se encontra um médico e depois tentei um médico alemão no Carvoeiro e ele fez-me uns certos exames e confirmou que

tinha fibromialgia porque os pontos nevrálgicos me doíam imenso, tenho muitas dores nas mãos, no corpo todo mas eu sorrio para a vida e ela sorri para mim, as dores são minhas amigas.

Entrevistadora - E que consequências é que a fibromialgia trouxe para si? Tem dores, toma medicação?

Maria - Sim muitas. Tomo o Brufen e o Lexotan porque é um relaxante muscular e piscina e fisioterapia e muitas dores... nos tendões, portanto quando toco aqui, dói muito... doem-me as mãos, esta está completamente inchada, não tenho sensibilidade na ponta dos dedos, deixo cair as coisas facilmente e dá picos de nostalgia.

Entrevistadora - Como assim?

Maria - Eu pergunto às vezes o que é que estou cá a fazer, já estou farta disto e peço para me levar para junto de Deus, o que é que eu faço e de repente ele pega em mim ao colo e oiço as pessoas que me dizem, ai que bom falar com a senhora, a senhora ajuda-me tanto mas há muitos picos de depressões, a pessoa sente vontade de se isolar.

Entrevistadora - A Maria sente essa vontade?

Maria - Sim muitas vezes mas há sempre um pretexto, ou ir ao hospital ou fazer a catequese ou isto ou aquilo e então eu consigo dar a volta aos meus pensamentos.

Entrevistadora - Consegue manter a mente ocupada para não pensar na dor.

Maria - É isso.

Entrevistadora - A nível doméstico como é que a Maria faz as tarefas?

Maria - O meu marido ajuda muito e como somos só os dois ajuda muito e não tenho empregada, houve uma altura que tive mas agora não tenho essa necessidade e por exemplo eu era capaz de limpar as minhas casas todas num dia e agora não, divido as tarefas portanto, vou fazendo.

Entrevistadora - E mesmo com a medicação continua a sentir dores?

Maria - Sim, sim, todos os dias de manhã tomo um Brufen e um duche de agua fria porque ajuda-me bastante.

Entrevistadora - A partir de que altura é que começou a sentir mais dores, a partir de que altura é que a doença começou a ser mais significativa?

Maria - Foi com a gravidez do meu segundo filho, aos 40 anos é que comecei com muitas dores.

Entrevistadora - Aos 40 anos a Maria ainda tinha relações sexuais?

Maria - Sim claro então eu engravidei aos 40 anos do meu filho.

Entrevistadora - De que forma é que a doença condicionou ou não a continuação das relações sexuais?

Maria - Que dizer, como isto dói tudo, ter a pessoa em cima a fazer a peso, provoca dor, temos de adaptar, mas o meu marido foi sempre muito doce, compreendia , sabia as minhas limitações e aceita.

Entrevistadora - Descreva-me como é ser mãe aos 40 anos. Dificuldades, alegrias, como é ser mãe aos 40...

Maria - Foi uma grande alegria porque eu não estava à espera de engravidar, engravidei sem esperar e chorei muito porque eu não queria voltar outra vez aos biberons, às fraldas e um dia a minha filha veio falar comigo e eu já lhe contei o que ela me disse e pronto a partir daí eu aceitei, foi bom passear todas as noites com o meu marido, andava, foi uma gravidez muito boa a partir do dia que eu assumi e foi um parto muito bom.

Entrevistadora - Pelo facto de ser mãe aos 40 anos não a tornou mais protetora, chegou a pensar que iria viver menos tempo com o seu filho...

Maria - Ah sim sim, eu dizia sempre à minha filha que quando viesse o tempo da universidade eu não estava capaz de tomar conta dele e ela é que o teria de fazer, preocupava-me bastante e afinal ele acabou a universidade e estou fresca como dantes.

Fui uma mãe igual mas menos protetora porque ele foi sempre muito independente, é do signo escorpião, é uma força da natureza.

Entrevistadora - Durante a gravidez como foi o desejo sexual?

Maria - Já foi há 30 anos, não me lembro, tínhamos uma relação normal.

Entrevistadora - Mesmo de 9 meses e já com um grande barrigão?

Maria - Sim, sim. Sei lá, nessa altura já não, nessa altura o papá também já não queria. Somos um casal muito amigo mas nunca fomos um casal que só vivesse em função da vida sexual, faz parte da vida, da intimidade do casal.

Entrevistadora - Quais foram os sintomas que experienciou com a menopausa?

Maria - Nada, correu muito bem. A primeira vez que me faltou o período fiquei em pânico, pensei que era outra gravidez, mas não tive problemas, não sofri nada. Talvez com a menopausa a fibromialgia tivesse agravado. Não tive afrontamentos, nada, nada mesmo.

Entrevistadora - E a menopausa e a relação sexual?

Maria - Ficou melhor porque já não tinha a preocupação de engravidar, sentíamo-nos mais libertos.

Entrevistadora - Uma das consequências da menopausa é a secura vaginal...

Maria - Pois eu não notei nada disso, não houve nada de saliente, fiquei igual.

Entrevistadora - A mulher pode sentir desconforto aquando da penetração. Recorreu a lubrificantes para ajudar?

Maria - Pois mas não, não tive dor, não nunca usámos isso.

Entrevistadora - Considera que o seu casamento lhe trouxe liberdade relativamente à educação rígida que recebeu por parte da sua mãe?

Maria - Ah claro, 100%. O meu marido sempre me deixou conviver com toda a gente e falar e a minha mãe não deixava. Eu não podia falar nem me dar com ninguém, a não ser aquelas pessoas que queria e achava que eu me devia dar. Sempre fui muito limitada e eu comecei a viver depois do casamento, comecei a ser eu, a demonstrar a minha personalidade porque eu tinha medo da minha mãe e acho que ainda hoje tenho. A minha filha ainda diz, tu tens medo da avozinha. E ainda hoje eu vou lá, deixa o meu marido ir para o carro para depois me dizer coisas, enfim.

Entrevistadora - Atualmente como namora?

Maria - Ai filha, passeamos de mão dada, ele andava sempre com o braço por cima de mim mas eu como tinha muitas dores ele deixou de pôr e andamos de mão dada. O beijinho de bom dia, de boa noite, ao deitar.

Entrevistadora - Como é que vocês dormem, um para cada lado, em conchinha?

Maria - Não, um para cada lado. Eu durmo para o lado direito e ele para o lado esquerdo e há aquela anedota que diz assim, no primeiro ano frente com frente, segundo ano cú com cú, terceiro ano trouxe eu que trouxe-te tu.

Entrevistadora - Prefere a forma como namoram agora ou quando podiam ter relações sexuais?

Maria - Eu acho que prefiro hoje, o dia que estou a viver hoje, eu não vivo em função do passado, o passado é passado portanto não tenho nada que viver com saudade do passado, foi uma vivência do dia a dia e hoje continua a ser a nossa vivência.

Entrevistadora - A Maria quer acrescentar mais alguma coisa?

Maria - Não, a Ana Catarina tem sido muito explicita nas perguntas, sem problema nenhum e eu tenho respondido sempre com muita facilidade.

Ana Catarina - Muito obrigada por este tempo disponibilizado.

ANEXO XIII - Transcrição da 4ª entrevista da Maria

Entrevistada: Maria

Entrevistadora: Ana Catarina Gabadinho

Data da entrevista: 01/07/2013

Entrevistadora - Boa tarde Maria. Gostaria que me falasse das bodas de prata. Como é que foi a celebração, onde...

Maria - Foi muito engraçado. O meu marido na altura já tinha saído da tropa e estava a trabalhar numa firma em Almancil e antes de ir trabalhar fomos à igreja da Sé, já tínhamos falado com o Cónego Dr. Henrique e fui eu, o meu marido, os meus filhos e uma prima minha, a esposa do Dr. Barros Madeira e então o meu marido vestiu-se todo muito bem e ele foi no carro com a minha filha e eu no carro com o meu filho. Depois no altar do Santíssimo Sacramento o padre abençoou as alianças com a mesma salva de prata com que nos tínhamos casado e fizemos a troca de alianças e depois o meu marido foi para o serviço e eu vim para casa. Pus na sala a minha toalha melhor, uma senhora ofereceu um grande ramo de rosas e enfeitei a sala toda. Houve camarão, tudo, os melhores pratos, os melhores talheres, para o meu marido e para os meus filhos. Depois à tarde dividi as rosas e fui pôr aos pés da Nossa Senhora do Carmo e à noite tínhamos o jantar lá a quatro também. Eu comprei um bolo para oferecer ao meu marido como surpresa e ele comprou outro para oferecer a mim. E foi assim, simples e familiar.

Entrevistadora - Foi em que data lembra-se?

Maria - Foi mesmo no dia em que fizemos os 25 anos. Foi a 30 de Abril de 1991.

Entrevistadora - Em 1967, quando a sua filha faleceu, não acompanhou o seu marido na segunda comissão dele na Guiné. Como lidou com o facto de ter de ficar na aldeia longe dele?

Maria - Eu não podia ir para a Guiné, fiquei em Almádena na casa da minha mãe. Nessa comissão não fui, fui depois na outra. Ele foi em Abril e eu fui depois em Junho.

Entrevistadora - Como é que se sentiu pelo facto de ter perdido uma filha e ele ter de ir cumprir serviço militar, ficando aqui sozinha?

Maria - Foi muito difícil, marcou-me muito, muito, muito, a separação de nós jovens e ele ir para a guerra na Guiné e ele foi lá ferido, o aspirante que estava com ele morreu e foi evacuado para um hospital, não foi nada fácil.

Entrevistadora - Como é que a Maria ia superando o dia a dia?

Maria - É verdade, não foi fácil. Não tinha carta nem carro, podia pegar no carro e ir a Lagos à praia, se fosse hoje acho que seria mais difícil. Antigamente haviam poucos conhecimentos e sofríamos menos, agora há muita facilidade e leva-nos mais facilmente ao sofrimento. O tempo ia passando de vagar...

Entrevistadora - E o que é a que a Maria fazia para ir passando os dias e tentar não se lembrar das coisas?

Maria - É verdade, o que é que eu fazia? Não sei, não havia televisão, não sei. Não faço ideia. Acho que foi um tempo... eu gosto muito de fechar os tempos de sofrimento e fechá-los numa caixinha, no baú das recordações mas que nunca mais se abre. Eu não dou vida aos sofrimentos e o que é mau temos de enterrar para não sofrer pois como diz o Frei Inácio que é um poeta, nós sofremos porque queremos, nós damos vida aos sentimentos. Eu falo da minha filha que morreu não com sofrimento mas com graça, é um anjinho que eu tenho no céu. E depois aprendi a resignar o sofrimento não recordando, tanto como a morte do meu pai, tudo isso passou, é passado e não vivo do passado.

Entrevistadora - Na primeira comissão vocês eram namorados, ele foi e a Maria ficou, como é que vocês namoravam?

Maria - Na altura eram cartas em que o selo custava 2 e 500 ou os aerogramas que se escreviam todos os dias. Eu e o meu marido numerávamos e eram oferecidos pelo Movimento Nacional Feminino, era um movimento da altura do Salazar e nós tínhamos os aerogramas que eram gratuitos. Os aerogramas eram todos os dias e as cartas eram uma vez por semana.

Entrevistadora - Antes de se inscrever no Movimento quem lhe pagava os selos para as cartas?

Maria - Dava a minha avó 2 e 500 para o selo que a minha mãe não me dava dinheiro para escrever. Todas as semanas nós escrevíamos uma carta e a minha avó estava sempre a dar-me dinheiro para os selos porque a minha mãe não me o dava.

Entrevistadora - Não queria que vocês namorassem?

Maria - Eu sei lá, pois foi complicado. Uma vez andou à procura das cartas e não as encontrou porque eu guardava-as religiosamente e estava sempre a dizer à minha irmã, eu ando à procura das cartas e não as encontro, sei lá, devo ter guardado num baú, numa caixa, o que é certo é que nunca as encontrou. É claro que não tinha nada de andar a perguntar e procurar pelas nossas coisas.

Entrevistadora - A sua irmã nunca demonstrou oposição ao vosso namoro?

Maria - Não tinha nada que ter. Era sempre muito complacente com a minha mãe, foi e ainda hoje fazem uma dupla perfeita, portanto eu fazia com o meu pai.

Entrevistadora - A Maria ainda tem a preocupação de se arranjar, ou colocar uma roupa sexy para agradar o seu companheiro?

Maria - Arranjo-me primeiro para me agradar a mim, porque gosto de mim, gosto muito de me arranjar, não pense que sou vaidosa, faz parte de mim, arranjar-me vestir-me a gosto, condizer, pôr um batom, faz parte da minha higiene diária.

Entrevistadora - Mas pergunta ao seu marido?

Maria - Ah não vale a pena perguntar, para ele fica sempre tudo bem, para ele está tudo bem. No dia de aniversário do filho disse, ah não sei o que vestir, e fui madrinha de um casamento há 21 anos, e a minha afilhada dizia-me assim, ah madrinha vai-a bonitinha e eu dizia-lhe mas o que é que queres que eu vista? Levei um vestido e um casaco igual que mandei fazer e ainda há pouco tempo fui vestir o vestido e fica-me muito bem, não mudei assim muito, sinto-me bem de me arranjar.

Entrevistadora - Utiliza uma camisa de noite diferente ou uma lingerie diferente para agradar o seu marido?

Maria - Nunca tive, gosto de vestir o meu pijama bonito, eu uso sempre um baby doll seja de verão ou de inverno, gosto mas tenho me de sentir bem.

Entrevistadora - Quando compra pensa em si ou pensa também em agradar?

Maria - Penso em mim, que eu gosto. Porque ele não se preocupa, isso para ele é secundário.

Entrevistadora - Quero que a Maria me diga, comente se atualmente a forma de manifestar o amor/carinho é mais marcante agora devido à doença que tem, fibromialgia e à disfunção erétil do seu marido?

Maria - Pois, é diferente filha porque é assim todas as idades têm os seus encantos, nós não podemos viver em função desses momentos como vivíamos à anos atrás. Há tanta maneira de manifestar o carinho, de ir na rua e dar a mão e um beijinho de manhã e um beijinho à noite e perguntar se está tudo bem, a preocupação. São fases diferentes.

Entrevistadora - Mas sempre foram assim ou o facto de terem estas doenças alteraram a forma como vocês namoram?

Maria - Não, tem sido sempre assim, tem sido sempre muito certinho, sem ciúmes, sem preocupação de maior.

Entrevistadora - A Maria quer acrescentar alguma coisa às entrevistas que têm sido feitas?

Maria - Tenho sim, acho que a Ana devia ir para jornalista e não para o curso que está a tirar porque faz as entrevistas com muita naturalidade, parece uma entrevistadora profissional, as da televisão. É excepcional a sua forma de perguntar as coisas, de saber ouvir.

Entrevistadora - Vou-lhe fazer uma pergunta que pode deixa-la mas constrangida mas que gostaria que respondesse. Da entrevista que efetuei ao seu marido ele referiu que vocês atualmente trocam carícias genitais, o que é que a Maria tem a dizer sobre isto?

Maria - Pois é a maneira que nós temos de viver o presente, é isso.

Entrevistadora - Não tem a relação sexual em si, com penetração.

Maria - Sim pois isso já não mas existe o toque. Ejaculação e tudo isso pode-se fazer de diferentes maneiras. Com carinho, com tudo isso...

Entrevistadora - O seu marido embora não tenha ereção ainda ejacula?

Maria - Sim, sim...

Entrevistadora - Vocês recorrem à masturbação mútua?

Maria - Sim, masturbamo-nos e o segredo está no beijo, no abraço, na carícia e na pele, no órgão sexual quando nos acariciamos.

Entrevistadora - Sente-se satisfeita pelo facto de não existir penetração mas estimulação genital?

Maria - Sim, sim. Não me afeta nada.

Entrevistadora - Como encara o facto do seu marido ter disfunção erétil e não conseguir ter ereção?

Maria - Ah muito bem, para mim é ótimo. Não tem problema nenhum, sou muito feliz assim.

Entrevistadora - Dos dois quem é que demonstrou mais apetência sexual ao longo da relação?

Maria - Não, era mútuo, não tínhamos nada de excessos.

Entrevistadora - Da minha parte é tudo, mais uma vez obrigada por este tempo disponibilizado.

Maria - Obrigada eu Ana.

ANEXO XIV - Transcrição da 1ª entrevista do Manuel

Entrevistado: Manuel

Entrevistadora: Ana Catarina Gabadinho

Data da entrevista: 14/02/2013

Entrevistadora - Boa tarde Manuel. O meu nome é Ana Catarina Gabadinho, tenho 22 anos, sou aluna da Universidade do Algarve estou a fazer o Mestrado em Educação Social e estou no 2º ano. Com esta entrevista pretendo saber de que forma é que o Sr. Manuel encara a sexualidade na Terceira idade, como é que foi o evoluir da sexualidade na sua perspetiva e se existem condicionantes como por exemplo a nível de saúde que o impeçam de vivenciar a sexualidade. Gostaria que o Sr. Manuel se apresentasse, me falasse da sua idade, estado civil...

Manuel - Chamo-me Manuel, tenho 72 anos, sou casado, reformado, fui militar...

Entrevistadora - Quantos filhos é que tem?

Manuel - Tenho dois filhos. Tivemos três mas um nasceu morto. Mas temos dois filhos, um casal.

Entrevistadora - Qual é a sua nacionalidade?

Manuel - Portuguesa.

Entrevistadora - Manuel diga-me uma coisa qual é o seu local de residência?

Manuel - É Faro.

Entrevistadora - Quais são as suas habilitações literárias?

Manuel - Equivalência ao antigo sétimo ano.

Entrevistadora - Antes de se reformar, qual ou quais as profissões que desempenhou ao longo da sua vida?

Manuel - Fui militar, oficial do exército, reformei-me em capitão.

Entrevistadora - Em que local ou locais é que desempenhou a sua profissão?

Manuel - Por todo o país e por África...Lagos; Faro; Tavira; Mafra; Lisboa; Leiria; Tomar; St^a Margarida; Évora; Guiné e Angola.

Entrevistadora - Quanto tempo esteve mais ou menos em cada localidade?

Manuel - Onde estive mais tempo foi em Lagos, um ano e tal, entre duas comissões. Estive aqui em Faro entre duas comissões e depois no fim da última comissão tive de ir para a central de Águeda que na altura já não era central era Instituto Superior Militar e depois de sair de lá fui para a guarda fiscal como oficial da guarda fiscal.

Entrevistadora - Chegou a cumprir tropa?

Manuel - Tive vinte e sete anos tropa como efetivo.

Entrevistadora - Sim, mas guerra do Ultramar, participou?

Manuel - Sim, ainda fui ferido na Guiné numa mina, parti o meu pé esquerdo.

Entrevistadora - Como é que se recorda desses tempos. São mais as más ou a boas recordações?

Manuel - Boas e más. Más porque estávamos longe da família mas também boas, também passámos bons momentos.

Entrevistadora - Ainda tem alguns amigos desse tempo?

Manuel - Muitos.

Entrevistadora - Eles estão aqui próximo?

Manuel - Estão por todo o país. E todos os anos costumamos fazer um almoço, o almoço da tropa.

Entrevistadora - Gostaria que me falasse da sua família. Não a que constituiu depois do casamento mas da sua família anterior.

Manuel - Pois, eram os meus pais, eu vivia na mesma terra da minha mulher em solteiros, sou filho único e pronto, os meus pais eram lavradores, proprietários o que na altura era uma profissão. Eram pequenos proprietários, não eram grandes proprietários. Éramos uma família remediada, não éramos pobres mas também não éramos ricos, éramos remediados.

Entrevistadora - Os seus tios, padrinhos e primos viviam todos no mesmo espaço/local ou viviam longe de vocês?

Manuel - Morávamos todos na mesma aldeia próxima de Lagos.

Entrevistadora - Como é que o Manuel caracteriza a educação que recebeu?

Manuel - Posso dizer que fui sempre livre. Na altura não havia as noitadas que há agora até à meia noite, uma hora mas eu na aldeia andava à vontade, tive a chave de casa logo cedo, nunca tive problemas com os meus pais, era um filho bem comportado.

Entrevistadora - Antigamente os padrinhos, os avós tinham um papel muito importante na educação que era recebida.

Manuel - Avós nunca conheci aliás só conheci uma avó, a mãe da minha mãe. Eu tinha quatro ou cinco anos quando ela morreu por isso não me lembro quase nada dela. De resto com os padrinhos tínhamos a lidação normal, não por serem padrinhos mas por serem familiares. Não se destacou muito ou nada mesmo, portanto éramos amigos como família.

Entrevistadora - Que tipo de escolas é que o Manuel frequentou?

Manuel - Até à terceira classe ou seja, a primária fiz na aldeia depois fui para Lagos na quarta classe e depois continuei em Lagos e tirei o ciclo preparatório da Escola Industrial, depois passei para o colégio e tirei o quinto ano e fiquei por aí.

Entrevistadora - Então, andou em escolas públicas, privadas...

Manuel - Privadas. Aliás, a primária fiz em pública e o ciclo preparatório também e depois fiz o resto em privadas. Depois tenho equivalência ao sétimo porque fui para o curso de oficial em Águeda.

Entrevistadora - Em que localidades é que passou a sua infância/adolescência?

Manuel - Sempre em Almádena.

Entrevistadora - Quais são as melhores recordações que tem da sua infância/adolescência?

Manuel - Eu sei lá! Era brincar...

Entrevistadora - Costumava ir de férias com a família?

Manuel - Não haviam férias nessa altura só algum funcionário público é que teria direito a férias.

Entrevistadora - Tinham o mar, a praia logo lá ao pé.

Manuel - Ficava tão longe.

Entrevistadora - Mesmos sendo longe, não iam à praia uma vez que fosse?

Manuel - Não! A praia começou em 1960, já eu tinha vinte anos e ficava a cinco quilómetros indo a pé da minha aldeia. Pode-se dizer que não havia praia.

Entrevistadora - Não havia cinema?

Manuel - Só em Lagos e era muito longe para ir e eu não podia ir porque o cinema era à noite e não havia transporte.

Entrevistadora - O fato de ter nascido num família com mais posses do que era o habitual isso não se refletia no tipo de vivências que poderia ter, de conhecer mais, de ter mais oportunidades, de viajar para outros pontos do país.

Manuel - Era difícil viajar. Nós para irmos a Lagos tínhamos duas carreiras de camionetes que iam de Sagres a Lagos. Era ir e vir e ficava muito longe. Eu fui a Lisboa, a primeira vez já andava no segundo ano do colégio, já tinha feito a Escola Industrial e foi nessa altura que fui a primeira vez a Lisboa, já tinha talvez os meus doze anos.

Entrevistadora - Vocês costumavam juntar-se com a família, costumavam fazer algum almoço ou jantar de família ao domingo, celebravam os aniversários?

Manuel - A morte dos porcos. Nesse dia era uma grande festa, juntava-se a família toda, alguns moravam em aldeias próximas e nós íamos ter com eles. Dormíamos lá uma noite ou duas todos juntos.

Entrevistadora - Frequentou a catequese e recebeu algum sacramento de iniciação cristã?

Manuel - Portanto, recebi o batismo e depois a comunhão, já andava na Escola Industrial em Lagos porque na aldeia não havia.

Entrevistadora - Recebeu uma educação católica?

Manuel - Sim recebi. A minha mãe já era católica, o meu pai deixava a minha mãe ser católica, faz de conta, mas pronto não dizia nada. A minha mãe quando podia ia à missa mas tá a ver é como eu digo, erámos da freguesia da luz que ficava a cinco quilómetros de Lagos e tínhamos de ir a pé porque transporte público tínhamos a carreira que ia de Sagres a Lagos mas a luz ficava para o lado e já não dava. Depois quando fui para Lagos, para a quarta classe aí ainda não recebi, quando fui para a Escola Industrial, fomos morar para Lagos, comprámos lá uma casa e fui para a catequese.

Entrevistadora - Quantos anos de catequese é que teve?

Manuel - Ah, nessa altura era pouco, foi um ano. O batismo recebi logo em bebe que nem está registado, portanto se forem ver a cédula não está lá nada do batismo. É como se nunca tivesse sido batizado.

Entrevistadora - Entretanto recebeu a primeira comunhão.

Manuel - Sim, tenho as fotografias com o laço que se usava antigamente no braço.

Entrevistadora - Depois de fazer a primeira comunhão é que mais tarde recebeu o crisma.

Manuel - Fiz o crisma agora à pouco tempo, à uns três anos talvez aqui em S. Luís.

Entrevistadora - Antigamente fazia-se logo tudo no mesmo dia.

Manuel - Pois, mas está a ver, o bispo agora vai todos os anos ao Algarve todo e como é que o bispo ia aqui todos os anos a correr o algarve se não havia transportes. O bispo não tinha automóvel portanto, era um bocadinho diferente. Depois de me casar continuei a ir à missa, não digo muito praticante, quando calhava ia e só depois de casado ou até mais tarde é que comecei a ser mais praticante e sou. Repare só, sou casado à quarenta e sete anos e recebi o crisma agora à sete anos.

Entrevistadora - Quando era adolescente como é que ocupava os seus tempos livres?

Manuel - Era na brincadeira com os outros moços. Na aldeia podíamos ocupar as ruas todas que não havia problema, jogávamos à bola, ao berlinde, à macaca ou manecas que é a mesma coisa e ao pião.

Entrevistadora - Então, quando saía da escola fazia os trabalhos de casa, lanchava e depois juntavam-se todos na rua?

Manuel - Sim, era conforme calhava e ficávamos até a mãe chamar.

Entrevistadora - Andavam todos na mesma turma?

Manuel - Sim, todos na mesma turma. Rapazes e rapariga todos misturados até à terceira classe e tínhamos só uma professora para vinte alunos.

Entrevistadora - Para si o que é a sexualidade? Como é que define sexualidade?

Manuel - A definição é um bocado difícil. É prazer e ao fim ao cabo é procriação, pronto o que é que eu ei de dizer mais...Assim como definição não sei bem. Sei que é mais que o ato sexual, é o aproximar, enfim, o tocar, o beijar, o abraçar, tudo isso faz parte da sexualidade. Mais direta ou menos direta é isso. Assim já mais velhinho não se fala nos atos sexuais, no entanto existe à mesma.

Entrevistadora - Quando tinha dúvidas sobre a sua sexualidade a quem recorria?

Manuel - A ninguém. Não havia ninguém a perguntar, era proibido falar nessas coisas. Mesmo nas tabernas que era onde iam as pessoas mais velhas e os miúdos por vezes

também iam mas se eles se aproximassem um bocadinho mais dos adultos era ai Jesus vai-te embora daqui que não tens idade para estar aqui. Eu sabia que algumas das conversas eram sobre sexo mas pronto, não havia ninguém a quem perguntar, entre nós miúdos não se falava nessas coisas.

Entrevistadora - E com os colegas da sua idade, não trocavam dúvidas/ideias/curiosidades entre vocês?

Manuel - Não, não se falava mesmo nisso.

Entrevistadora - Então, foi descobrindo tudo por si só. E na escola não se falava em planeamento familiar, no uso do preservativo, da pílula?

Manuel - Bem isso ainda não existia na altura mas falar-se de sexo era completamente proibido, era tabu e quase que não se falava em nada disso.

Entrevistadora - E na sua família falava-se?

Manuel - Também não, era mesmo proibido falar.

Entrevistadora - O Manuel alguma vez teve curiosidade em perguntar alguma coisa sobre esse assunto?

Manuel - Não havia possibilidade de perguntar isso, era uma coisa que havia de vir com a idade. Mas também não digo que não havia alguma família na cidade que fala-se sobre isso mas posso dizer que na aldeia 99% não falava.

Entrevistadora - Havia demonstrar de afetividade por exemplo, um toque ou um beijinho entre os seus pais?

Manuel - Sim havia mais ai não era propriamente como sexualidade mas sim como amor, como amigo. Eu dava um beijo ao meu pai, mas pronto, era o beijo que se dava, beijo de amigo, de pai, de companheiro.

Entrevistadora - Na sua juventude o sexo foi importante para si?

Manuel - Na juventude não, quer dizer foi aparecendo mais tarde mas não havia o que há agora. O que era muito pouco ou zero antigamente, talvez agora seja demais. Não digo que até certo ponto não seja bom mas talvez se exagere um pouco agora.

Entrevistadora - Quando era adolescente sentiu-se com certeza atraído por alguma rapariga assim mais jeitosa, o seu corpo manifestava algum tipo de prazer?

Manuel - Nós na escola brincávamos mas quer dizer, naquela altura não havia aqueles problemas ligados ao sexo.

Entrevistadora - É normal o homem, consoante diferentes estímulos, sejam eles visuais, auditivos, olfativos ter ereções. Se o Manuel não tinha respostas a algumas dúvidas que tinha como é que encarou a primeira ereção o que é que achou que era aquilo?

Manuel - Normal, ao fim ao cabo nasce com a gente, é como nos animais. Nos animais também ninguém lhes ensina. Na altura havia a masturbação mas ninguém podia saber que o fazíamos, era tabu saberem e falar-se de sexo.

Entrevistadora - Teve quantas namoradas?

Manuel - Tive uma e ainda tenho. Eles começaram logo lá na aldeia a dizer o Manelinho e a Maria e assim fomos crescendo e começámos a olhar um para o outro até que casámos. Mas até o pedir em namoro era um caso sério, não era como agora. Havia uma cartinha que se escrevia.

Entrevistadora - Teve que pedir autorização aos seus pais para poder namorar?

Manuel - Ela com certeza que pediu, eu não sei. Eu para entrar na casa dela tive que pedir e namorávamos à janela e às vezes estava alguém na parte de dentro à espreita. O nosso namoro era à janela, enviámos só três ou quatro cartas, ali os preliminares digamos assim. Primeiro namorávamos de oito em oito dias que era ao domingo e depois passou para as quintas e domingos.

Entrevistadora - Ao domingo chegou a ir à missa de propósito só para ver a sua namorada?

Manuel - Não cheguei a ir. Dias antes de embarcar para o ultramar havia uma festa da luz e entrámos na igreja da luz e eu entrei ao lado da minha namorada. Depois quando ela chegou a casa ouviu um chazinho se faz favor. Porque eu entrei na igreja com a minha namorada e não tinha nada de ter entrado. É que nem de mão dada íamos. Veja só que enquanto amigos não fazia mal andarmos juntos mas depois de começarmos a namorar só podíamos estar juntos de oito em oito dias. Ao domingo porque era dia de festa, de missa e à quinta feira porque era normal.

Entrevistadora - Então e como é que matavam as saudades nos outros dias?

Manuel - Guardávamos para esses dias.

Entrevistadora - Namoravam à janela mas perto um do outro ou à distância?

Manuel - Namorávamos perto da janela. Eu não estava longe da janela, estava mesmo perto da janela e ninguém ouvia a nossa conversa.

Entrevistadora - O Manuel considera que a relação sexual na adolescência é vivida de forma diferente do que agora na Terceira idade?

Manuel - É! Na adolescência, portanto na juventude vai surgindo o interesse, todas as nossas capacidades vão aumentando, vai havendo mais prazer depois chegando lá em cima volta para baixo e quer dizer continua a haver a sexualidade mas vai sendo assim mais molinho.

Entrevistadora - Então pode-se dizer, e se o Manuel se concordar ou não diga-me se faz favor, é como se fosse uma montanha, o sexo na juventude, na adolescência é um pico de emoções, de êxtase, de prazer, de descoberta em que à medida que a idade vai avançando vai descaindo.

Manuel - Não há dúvida que é isso mesmo. Quer dizer, o sexo ao fim ao cabo transforma-se em amor o que não quer dizer que antes não haja porque eu também acho o sexo melhor se realmente houver amor mas assim para o fim o sexo praticamente chama-se sexo só por se chamar porque há propriamente mais amor que outra coisa.

Entrevistadora - E atualmente, a relação sexual é importante para si?

Manuel - Presentemente já não. Quer dizer o sexo propriamente dito. Agora o resto gosto.

Entrevistadora - Gosta por exemplo de um carinho, de um abraço, de um beijo, de uma carícia.

Manuel - Isso mesmo, gosto de estarmos juntos, agora não se faz é o que fazíamos antes.

Entrevistadora - Como assim?

Manuel - Já não fazemos sexo. Presentemente já não o fazemos. Foi diminuindo até que chegou a zero. Uns mais cedo, outros mais tarde.

Entrevistadora - Manuel com quem e com quantos anos é que perdeu a virgindade?

Manuel - Portanto perdi a virgindade com o casamento tinha 25 anos.

Entrevistadora - Como é que conheceu a sua companheira?

Manuel - Bem eu conheci-a de pequenina, éramos da mesma aldeia, frequentámos a mesma escola mas não no mesmo ano porque andava um ano mais avançado que ela mas no fundo era a mesma escola, masculino e feminino tudo junto, as três classes juntas. Brincávamos juntos no recreio, por aí.

Entrevistadora - O Manuel foi mudando de escola e a sua companheira ia para as mesmas escolas, como é que isso se processou?

Manuel - Eu depois fui estudar para Lagos, ela ficou em Almádena e depois quando acabei a escola declarei-me por carta, quer dizer sempre havia um bailito ou outro, dançávamos e pronto vimos que havia interesse um pelo o outro e pronto depois acabei a escola e declarei-me ainda antes de ir para a tropa.

Entrevistadora - Enviou-lhe uma carta e qual foi a resposta da sua companheira?

Manuel - Foi afirmativa.

Entrevistadora - Como é que foi o vosso primeiro encontro, não o primeiro encontro sexual mas sim depois de se declararem um ao outro?

Manuel - Foi à janela, falávamos na rua mas era um falar, enfim, normal entre duas pessoas mais nada e depois foi à janela.

Entrevistadora - Onde é que se casou Sr. Manuel?

Manuel - Na luz em Lagos.

Entrevistadora - Relativamente a estímulos sexuais sabe o que são?

Manuel - O desejo de ter relações.

Entrevistadora - Um estímulo sexual foi como nós já referimos anteriormente um beijo, um toque, uma carícia, entre outros.

Entrevistadora - Dos diversos estímulos que existem qual é o que prefere?

Manuel - O beijo, o toque, a carícia, o abraço.

Entrevistadora - Alguma vez teve ou pôs em prática fantasias sexuais?

Manuel - Não.

Entrevistadora - Relativamente ao demonstrar da afetividade será que os homens terão mais facilidade em demonstrar afeto ou serão as mulheres?

Manuel - Não sei. Vamos lá ver, o homem talvez tenha mais desejo mas presentemente as mulheres também têm mais desejo do que tinham antigamente. Enfim, porque os conhecimentos são outros e as liberdades são outras e presentemente já não sei se será mais de um lado ou do outro. Antigamente seria mais da parte do homem, através da conquista, enfim... Agora ao fim ao cabo as raparigas é que conquistam os homens, uma grande parte. Mas isso também depende de pessoa para pessoa, pois há umas que têm mais desejo que outras, é conforme.

Entrevistadora - O Manuel considera-se um homem romântico?

Manuel - Sim, hoje por acaso não lhe ofereci nada mas dei-lhe um beijo de amor por ser dia dos namorados. Não lhe ofereci nada mas não é por isso que deixa de haver amor e ao fim ao cabo isto do S. Valentim existe há poucos anos, isto é tudo para a economia.

Entrevistadora - Com quantos anos é que começou a sentir os primeiros sintomas da andropausa?

Manuel - Aos 60 e poucos.

Entrevistadora - Que sintomas é que teve?

Manuel - Pois, falta de ereção, a ereção foi diminuindo até que desapareceu.

Entrevistadora - Falando nas mulheres, gostaria de saber a sua opinião. Os homens têm a andropausa e as mulheres a menopausa. Sendo que por volta dos 50 anos as mulheres atingem a menopausa, ainda que umas mais cedo e outras mais tarde será que a menopausa dita o fim da vida sexual?

Manuel - Não, acho que não, quer dizer, é capaz de haver menos desejo mas acabar por completo acho que não. Até que este período é o melhor para a mulher.

Entrevistadora - Será que nesta fase a mulher tem menos prazer?

Manuel - Talvez não. Pelo menos até certo ponto está mais liberta de qualquer problema, problema como quem diz, que possa surgir. Acho que a mulher sente-se mais à vontade, pode ter mais prazer. Não digo que sim nem que não, a mulher é capaz de saber isso melhor que eu.

Entrevistadora - Considera que a atividade sexual após a menopausa/andropausa é igual à atividade sexual na adolescência ou no estado adulto?

Manuel - Não, deve ser diferente porque na adolescência ou mesmo a seguir a adolescência vai havendo o desejo de ter e ali já não se pode. Ficamos um bocado tristes pela falta de sexo.

Entrevistadora - O Manuel tem dificuldades em ter uma ereção?

Manuel - Agora já não vai.

Entrevistadora - Recorreu a algum tipo de medicamentos para combater a disfunção erétil?

Manuel - Não, aceitei e a minha companheira também. Ela em princípio tem menos desejo que eu sempre tive mas eu também nunca fui procurar fora e aceitámos.

Entrevistadora - Quando o Manuel tinha vontade/interesse em ter uma relação sexual e a sua esposa por qualquer motivo não estava disposta a tal o Sr. Manuel recorria à masturbação para se conseguir satisfazer?

Manuel - Não, em princípio não. Não fazíamos hoje, fazíamos amanhã. Aliás, eu antes de casar tive uma comissão em África em que só havia mulheres para metade da comissão. Ali era quase que obrigatório não haver nada. Pronto, havia poucas mulheres.

Entrevistadora - Havia homossexualidade?

Manuel - Não. Aliás na tropa era proibido e quando era descoberto que havia lá alguma coisa havia logo lá o artigo do RDM (Regulamento de Disciplina Militar). Havia lá um ou outro assim mais, está a ver... Era proibido mas também cuidado, quer dizer, se algum quisesse mostrar que era e não era só para ir para a rua ia à inspeção e era comprovado que não era, ele apanhava, era castigado.

Entrevistadora - Falamos de que castigos?

Manuel - Prisão.

Entrevistadora - Como é que o Manuel se foi confrontando com as alterações a que o corpo/mente está sujeito com o avançar da idade?

Manuel - Fui-me habituando, eu sou de fácil habituação a qualquer coisa. A gente não quer morrer, aquele historiador que morreu o Saraiva dizia que as pessoas deviam morrer aos 70 anos. E perguntavam-lhe: então mas não estás satisfeito com a vida? E ele respondia, ah sim estou satisfeito de viver e ele já tinha 90 e tal anos, mas devia ter morrido aos 70 porque depois começam as dores e não sei mais o quê. E continuavam a perguntar-lhe: mas está mesmo satisfeito com a vida? Ah sim, sim estou. Pronto, se a gente não gosta de morrer temos de nos ir adaptando ao que nos vai aparecendo.

Entrevistadora - Ainda se considera um homem atraente?

Manuel - Não. nem nunca tive essas pretensões, nunca tive isso de ser bonito. Que o corpo está diferente isso não há dúvida. Eu também sempre fui um bocadinho gordinho, quando fui para a tropa pesei 82 kilos nu por isso, não era assim muito magrinho e tinha 1,70 m e em seis meses passei a pesar 71 kilos vestido.

Entrevistadora - Estas alterações afetaram a sua vida sexual?

Manuel - Acho que não, sei lá. Pois a vida sexual foi desaparecendo ao fim ao cabo também mais pela idade, pela alteração do corpo.

Entrevistadora - Independentemente de o Manuel já ter referido que não têm relações sexuais com a sua esposa devido à falta de ereção mas mesmo assim não sente desejo/vontade de as ter?

Manuel - Ir ao médico por causa disso? Não, não vale a pena. Aceito perfeitamente e não vale a pena tomar medicamentos. Tudo tem o seu tempo, a sua idade.

Entrevistadora - E a sua companheira ainda sente desejo de ter uma relação sexual?

Manuel - Não!

Entrevistadora - Falaram sobre isso?

Manuel - Não, mas nota-se.

Entrevistadora - Ao nível da vossa relação sexual enquanto casal, ao longo da relação iam tirando dúvidas um com o outro, iam falando do que é que um gostava, do que é que o outro gostava?

Manuel - Não. Nunca falámos assim disso, portanto as coisas foram acontecendo e fomos fazendo mas não, não falávamos.

Entrevistadora - Para si a relação sexual é prazer, amor, carinho ou está mais direcionada à procriação, ao ter filhos?

Manuel - Também, mas quer dizer, a procriação vem com isso. Aliás, tivemos três mas um não conta por isso tivemos dois filhos. Não fomos à procura de mais outro e a minha mulher ainda tomou anticoncepcionais. Portanto não foi propriamente pela procriação que tínhamos relações sexuais.

Entrevistadora - A partir de que altura é que teve conhecimento do preservativo e da pílula?

Manuel - Eu sei lá. Já era casado, aliás a pilula não sei se existiria enquanto solteiro, não sei. Talvez existisse mas eu não sei.

Entrevistadora - Depois de casados o Manuel utilizava o preservativo?

Manuel - Antigamente só se compravam os preservativos na farmácia e era quem comprava porque isso era uma vergonha.

Entrevistadora - Será que o não uso do preservativo e da pílula está relacionado com o fato da igreja católica, a religião defender que a relação sexual é exclusivamente para procriação?

Manuel - Eu não ponho a religião nisso, não sou nem a favor nem contra. Para mim religião é uma coisa, sexo é outra, não junto uma coisa à outra. Não foi a religião que me proibiu de fazer o que tinha a fazer nem foi pela religião que fiz o que tinha a fazer. É capaz de haver pessoas que ai Jesus só posso fazer aquilo, ai Jesus que não posso fazer aquilo.

Entrevistadora - O Manuel acha que as pessoas que se encontram na Terceira idade são mais felizes por encararem o envelhecimento como algo natural?

Manuel - Acho que sim, porque se a pessoa, vamos lá ver... a oração de S. Francisco diz a minha amiga trança, a minha amiga chuva, o meu amigo sol e aqui ao fim ao cabo é o mesmo porque a gente estamos envelhecendo e ai Jesus já temos esta idade e se a pessoa aceitar pois, pronto o prazer é meu, já vi tantas coisas e ainda estou cá.

Entrevistadora - O corpo do Manuel foi-se modificando com o passar dos anos. Em vez de fazer o sexo de uma determinada forma passou a fazer de outra devido às alterações do corpo?

Manuel - Não. Enquanto pude fazíamos da mesma maneira e sempre na cama.

Entrevistadora - Considera que a sociedade no geral contribui para que as pessoas que estão na Terceira idade se sintam desvalorizadas?

Manuel - Bem o pensar de cada um eu não sei. Mas há pessoas que pensam que são velhas e pronto, não servem para mais nada. Eu nunca tive essa preocupação, nem me senti desvalorizado. Eu quando sai do exército e sai a meu pedido, cá fora arranjei logo emprego em Almancil e na altura não haviam empregos, estive lá mais de 10 anos e sai dali, desempreguei-me e inscrevi-me aqui na UATI e tenho andando por aqui como aluno e chamaram-me para outro cargo e eu sim senhor, aceito e cá estou. Pronto, eu nunca me senti assim desvalorizado. Os filhos também me dão valor, gostam de mim, eu sei que gostam por isso não me sinto mal.

Entrevistadora - Gostaria que comentasse as seguintes afirmações: as pessoas que estão na Terceira idade são infelizes e as que mantêm rigidamente os seus estilos de vida são conservadoras e incapazes de mudar.

Manuel - Eu não acho que as pessoas que estão na Terceira idade sejam infelizes. Isso depende das mentalidades mas eu não me considero.

Entrevistadora - O Sr. Manuel por ter 72 anos considera-se infeliz, sente-se triste ou deprimido?

Manuel - Eu não. E tenho prazer em estar vivo e quero viver muitos mais anos com saúde e com cabecinha.

Entrevistadora - E aquelas pessoas que estão na Terceira idade, aquelas que mantêm rigidamente os seus estilos de vida são conservadoras e incapazes de mudar. O que tem a dizer sobre isto?

Manuel - Essas pessoas são mais infelizes que as outras. Quer dizer parece que ao fim ao cabo elas é que sabem fazer as coisas e não podem fazer outra coisa porque não sabem. Quer dizer têm de fazer aquilo porque não sabem fazer mais nada senão aquilo. Quer dizer, têm de fazer aquilo para se sentirem felizes? Acho que não, acho que devemos ir adaptando o modo de vida, temos que alterar algumas coisas.

Entrevistadora - Qual é a sua perspetiva acerca do tema: sexualidade na Terceira idade. Quando se ouve falar de sexualidade, sexo na Terceira idade, sexo entre pessoas idosas. O que é que o Manuel pensa sobre isto?

Manuel - Muitas vezes fala-se demais.

Entrevistadora - Considera que o sexo é só da Terceira idade e da juventude?

Manuel - Quem poder fazer sexo na Terceira idade tudo bem, deve-o fazer. Agora muitos com a minha idade é conforme as idades de cada um dizem que fazem isto e aquilo e se formos a olhar bem não fazem nada. É para manter a aparência e as aparências muitas vezes iludem.

Entrevistadora - O Manuel já sentiu ou já ouviu algum comentário, já teve alguma conversa sobre sexualidade em que alguém demonstrasse algum desconforto, só de pensar que as pessoas mais velhas podem ter uma relação sexual?

Manuel - Não, mas se puderem ter que tenham. Eu não posso, pronto. Não ponho problemas nesse aspeto, não.

Entrevistadora - Considera que existem tabus, alguns preconceitos, algumas ideias pré-concebidas sobre a sexualidade na Terceira idade?

Manuel - No pessoal da Terceira idade o tabu não desapareceu por completo pois, o hábito já vem de muito longe e continua. Agora nota-se é que tem havido uma grande abertura.

Entrevistadora - Qual é a camada da sociedade, qual é o grupo de pessoas que têm mais preconceitos relativamente a esta temática?

Manuel - Sei lá, talvez a própria Terceira idade, não sei.

Entrevistadora - Considera que os adolescentes, as pessoas mais jovens ao olharem para a Terceira idade e pelo facto de associarem sexo à Terceira idade é uma coisa que não combina?

Manuel - Não combina como na juventude, agora pode combinar à mesma, pode. Há umas que têm ereção, segundo o que dizem até aos 80 anos, outras que não mas pode haver sexo na Terceira idade agora que seja igual à juventude não, tudo vem com a idade, portanto...

Entrevistadora - Para além da disfunção erétil, possui algum tipo de doença que o tenha impedido de vivenciar a sexualidade?

Manuel - Não, para além disso acho que não. Não tenho diabetes nem nada disso. Tenho sido saudável, tomo os medicamentos para a tensão arterial desde que estava na tropa.

Entrevistadora - Esses medicamentos alguma vez afetaram a sua ereção, a sua atividade sexual?

Manuel - Não, eu acho que não.

Entrevistadora - Sr. Manuel há mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

Manuel - Eu sou pouco falador mas não vejo mais nada que possa dizer que não tenha sido dito já. Mas pronto, quer dizer, quanto a mim a maior parte do tabu é a tal coisa, isto em poucas palavras, o que antigamente era 100% tabu agora é se calhar 0%. São extremos um bocadinho exagerados. Era exagerado antes como também acho que é agora. Agora parece que a pessoa ao fim ao cabo só vive para a sexualidade e inclusivamente a comunicação social, quer dizer parece que uma criança que não passa disso, a partir dos 13, 14 anos se ainda for virgem, ai Jesus que ainda é virgem. Acho isso mal. Não acho mal que vão dando conhecimentos da sexualidade agora que queiram empurrar as crianças para isso não acho bem, acho que é um bocado exagerado.

Entrevistadora - Como é o Manuel se sente ao falar deste tipo de tema?

Manuel - Ai eu sinto-me bem, não é um assunto tabu.

Entrevistadora - E os seus filhos quando tinham alguma dúvida sobre sexo?

Manuel - Ai não souberam nada de mim. Aprenderam por conta deles, eles nunca perguntaram e também porque não havia assim muita abertura. E se houvessem alguns

adolescentes que falassem nisso e passasse algum mais velho dizia logo: Atão mas o que é isso?

Entrevistadora - É normal na adolescência os jovens sentirem interesse em descobrir o corpo através do toque, da masturbação. Se antigamente se descobrisse que aquele jovem/adolescente se masturbava havia algum tipo de discriminação?

Manuel - Talvez não, quer dizer, não sei, não faço ideia.

Entrevistadora - Antigamente havia revistas de pornografia?

Manuel - Sim havia.

Entrevistadora - O Manuel teve contato com essas revistas?

Manuel - Sim mas já mais tarde. já crescido. Às vezes quando se apanha uma dessas revistas ai meu Deus, escondiam-se logo.

Entrevistadora - Sr. Manuel da minha parte é tudo, agradeço-lhe este tempo disponibilizado.

ANEXO XV - Transcrição da 2ª entrevista do Manuel

Entrevistado: Manuel

Entrevistadora: Ana Catarina Gabadinho

Data da entrevista: 13/05/2013

Entrevistadora - Boa tarde Manuel. Gostaria que me falasse dos objetos que trouxe.

Manuel - Não trouxe nada para lhe mostrar, mas lembro-me das coisas.

Entrevistadora - Deixe-me perguntar-lhe, no vosso tempo era frequente tirarem fotografias?

Manuel - Não porque não havia. Na aldeia às vezes é que lá aparecia um da terra mas praticamente não havia...a minha mulher teve uma máquina ainda em solteira mas pronto também não se podiam tirar muitas porque era muito caro. Quando gastava o rolo eram 8 dias para depois estar pronto.

Entrevistadora - Era um serviço caro?

Manuel - As máquinas em si já eram caras e depois comprar os rolos e isso tudo saia caro. Não era para toda a gente.

Entrevistadora - O Sr. Manuel tem fotografias de quando era criança, adolescente?

Manuel - Sim, sim.

Entrevistadora - Haviam ocasiões especiais para o fotógrafo ir à aldeia?

Manuel - Não, não. Às vezes levava-se uma máquina para tirar fotografias em qualquer altura, não sei se tenho algumas desse género assim mas alugava-se a máquina para tirar e era caro.

Entrevistadora - Lembra-se do preço do aluguer?

Manuel - Não, já não me lembro, já não faço ideia. Lembro-me do preço de uma máquina que comprei mas foi em Angola. Era uma boa máquina Canon mas agora já não presta e custou-me 1608 escudos.

Entrevistadora - Isso eram quantos ordenados?

Manuel - Pois eu na altura estava em Angola, era quase um ordenado de furriel portanto eu na altura era furriel e ganhava 1 conto e quinhentos e na altura a máquina custou-me 1 conto e 600.

Entrevistadora - A vossa família chegou a tirar fotografias a outras pessoas, chegaram a oferecer ou eram só vocês que tiravam?

Manuel - Quer dizer umas oferecíamos outras pagavam-se e depois dávamos às pessoas e mais nada.

Entrevistadora - Tem as fotografias de quando fez a primeira comunhão?

Manuel - Tenho, tenho. Pelo menos uma ou duas com o lacinho no braço tenho.

Entrevistadora - Era tradição usarem o laço?

Manuel - Era.

Entrevistadora - Ainda tem o fato da primeira comunhão?

Manuel - Não.

Entrevistadora - Cada um tinha o seu fato, iam todos de igual, como é que funcionava?

Manuel - Íamos de fatinho azul e o que era mais obrigatório era o colete. As raparigas iam vestidas de outra maneira mas não me lembro se elas levavam ou não, nós levávamos.

Entrevistadora - E sabe o significado desse laço?

Manuel - Não pois eu só sei que era obrigatório.

Entrevistadora - Tem fotografias do seu casamento?

Manuel - Sim tenho.

Entrevistadora - Como é que foi o dia do seu casamento? Os preparativos, como é que foram para a igreja?

Manuel - Fomos de carro de praça, quer dizer de táxi. Ela não foi de carro de praça, foi no carro do futuro cunhado, foi o único carro próprio que foi no dia do casamento porque de resto foi tudo de carros de praça. Não haviam mais carros.

Entrevistadora - Foram quantos convidados?

Manuel - Ah sei lá. Para ai uns quarenta de um lado e de outro.

Entrevistadora - Onde é que fizeram o copo de água?

Manuel - Numa casa particular lá na aldeia em Almádena, numa casa da minha sogra ou dos pais da minha sogra.

Entrevistadora - Como foi na aldeia vocês fizeram questão de convidar as pessoas também da aldeia ou foi só para os familiares e amigos?

Manuel - Não. Foi praticamente só para a família e para os amigos. Na aldeia depois levava-se o bolinho à porta ou qualquer coisa mas não foi uma boda como as de agora, foi muito diferente.

Entrevistadora - E depois do casamento onde é que vocês foram passar a noite de núpcias, a lua de mel?

Manuel - Passámos uma grande parte na estação de caminho de ferro em Tunes. Estávamos no casamento e às tantas tínhamos combinado com o meu cunhado que tinha o carro para a gente fugir lá do casamento. Não tivemos baile, foi só jantar e às tantas fugimos no carro.

Entrevistadora - E os convidados ficaram lá sozinhos?

Manuel - Pois claro que sim, não sabiam onde nós estávamos. A minha sogra depois zangou-se com a minha mulher, eu não ouvi mas a filha já era casada e teve de ouvir à mesma. Tínhamos casa já alugada em Faro e viemos. Por sorte chegámos a Tunes e o

comboio que vinha de Lisboa se era para chegar à meia noite chegou às duas ou três da manhã ou lá o que foi.

Entrevistadora - Ficaram esse tempo todo à espera e vieram para Faro mesmo assim?

Manuel - Sim já tínhamos a casa alugada, por tanto, vínhamos viver para Faro.

Entrevistadora - Ah vocês já tinham planeado vir viver para aqui. E porque é que quiseram vir viver para Faro?

Manuel - Porque eu estava aqui na tropa. Sabe aquele antigo posto da polícia que fica na estrada de Olhão? Aquele coreto? É a casa que fica mesmo em frente, tem as duas ruas e é a casa que fica em frente. Era uma casa para dois, metade para um casal e metade para outro casal que era também meu colega e foi para ali viver.

Entrevistadora - Como estava efetivo no serviço é que decidiram vir viver para cá porque senão ficariam em Lagos?

Manuel - Estava efetivo no serviço porque agora aqui não.

Entrevistadora - Podia ir fazer missões noutros sítios...

Manuel - Pois era onde calha-se. Casei em 30 de Abril mas oficialmente em 7 de Maio por causa do atraso dos papéis da autorização do exército para poder casar com a minha mulher.

Entrevistadora - E porque é que o exército tinha de dar autorização?

Manuel - Porque tinha de ser bem comportada.

Entrevistadora - Tinha de preencher os requisitos?

Manuel - Pois se não fosse bem comportada podiam anular o casamento, podiam proibir. Assim como as professoras também não podiam casar com qualquer um tinha de ir à aprovação superior.

Entrevistadora - Que requisitos tinha de preencher?

Manuel - Havia de ser mais ou menos um registo criminal. E aquilo depois tinha de pedir autorização superiormente para poder casar, foi publicado em ordem de serviço que podia casar e a partir dai pudemos casar. Só que os papéis andavam a pé naquela altura e ainda demoraram.

Entrevistadora - Então vocês tinham uma data marcada que era o 30 de Abril e só foram casar...

Manuel - Não! Nós casámos a 30 de Abril mas a data oficial é 7 de Maio.

Entrevistadora - Ah foi quando os papéis saíram. Mas vocês puderam-se casar na mesma sem saírem os papéis?

Manuel - O padre fez aquilo, pronto.

Entrevistadora - Qual é a data que vocês celebram então?

Manuel - É a 30 de Abril.

Entrevistadora - Por exemplo, a nível monetário se ela não tivesse tantas posses como o Sr. Manuel poderiam casar na mesma?

Manuel - Hum tenho dúvidas. Sei que realmente era preciso autorização e não tenho conhecimento que alguma vez tenha sido feito o pedido e que a autorização não tenha sido dado mas sei que tinha de ser devidamente autorizado.

Entrevistadora - Tinham de ser pessoas idóneas...preencher alguns requisitos, ter uma vida cristã...vocês casaram-se pela igreja?

Manuel - Sim mas ai essa autorização já não tinha nada a ver com a igreja e depois o resto mesmo civilmente tinha de ser dada a autorização.

Entrevistadora - Vocês depois vieram cá para Faro passar a noite de núpcias nessa casa e depois voltaram para Almádena.

Manuel - Sim e depois voltámos para lá de comboio.

Entrevistadora - Então só vieram cá passar umas horinhas.

Manuel - Sim mais nada. Por isso é que eu digo que passámos a maior parte da noite de núpcias na estação.

Entrevistadora - Mas gostaram da aventura?

Manuel - Claro!

Entrevistadora - Normalmente no casamentos, na noite de núpcias os padrinhos ou alguém mais chegado ao casal costuma preparar o quarto.

Manuel - Ninguém preparou nada porque era longe, ninguém sabia.

Entrevistadora - Vocês próprios não preparam assim uma roupinha, uma malinha para trazer.

Manuel - Não, quer dizer a casa já estava alugada já tínhamos vindo cá e tudo isso já estava preparado.

Entrevistadora - Vocês já tinham vindo cá enquanto solteiros mas já vinham sempre acompanhados, sozinhos nunca vieram.

Manuel - Não pois isso era proibido.

Entrevistadora - Então e nessa noite, vocês nunca tinham estado juntos, foi um descobrir, foi uma noite mágica, uma noite especial para vocês?

Manuel - Aquilo foi instintivamente, ao fim ao cabo. Os animais também não aprendem. E agente nesse aspeto também não somos diferentes.

Entrevistadora - Sempre com muito respeito. Então e no dia seguinte voltaram para o sitio do casamento porque?

Manuel - Sobrou muita comida e era sempre dois dias geralmente a não ser algum casamento mais pobre mas geralmente eram sempre dois dias.

Entrevistadora - Que género de alimentos vocês tinham na vossa boda? Como vocês tinham mais posses de certeza que era um casamento mais cheio. Havia leitão, havia porco?

Manuel - Já não faço ideia qual era a comida. Sei que havia camarão, isso então era fino, havia e eu gostava muito, havia sandes, doces e pronto essas coisas e havia comida quente com certeza.

Entrevistadora - Havia fartura.

Manuel - E mesmo em famílias pobres no casamento havia fartura. Uma grande parte dos licores eram caseiros, o meu tio sabia fazer. Uísque devia haver lá uma garrafinha que naquela altura custava dinheiro.

Entrevistadora - Havia uísque? Não havia nenhuma proibição de mandar vir de outros sítios?

Manuel - Sim mas não se comercializava uísque como agora porque não era uma bebida normal mas podia-se comprar em qualquer lado e não havia proibição disso.

Entrevistadora - E quem é que fez a comida, contrataram alguém para a fazer ou foram vocês próprios?

Manuel - Sim foi uma cozinheira lá da terra mesmo.

Entrevistadora - E porque é que o Manuel quis ir de farda?

Manuel - Ela é que quis que eu fosse e eu pronto está bem.

Entrevistadora - Então não gastou dinheiro no fato.

Manuel - Sempre comprei mas para o segundo dia. A farda foi praticamente estriada no casamento. Só não foi porque tive de estriar aqui na apresentação. Eu tinha vindo do Ultramar à pouco tempo e tinha a farda para me apresentar aqui. Era a farda nº 1.

Entrevistadora - Havia quantas fardas?

Manuel - A nº 2 e a nº 3. A farda nº 1 é a farda de cerimónia cinzenta que usam com boné cinzento, a nº 2 era a que se trabalhava nas secretarias e que se saía do quartel e a havia a farda nº 3 que era um género de fato de macaco que era para a ginástica, para o campo etc. As fardas estavam em casa e normalmente usava-se a farda nº 2 mas quando

se sabia que ia haver um serviço qualquer ou íamos a casa buscar a farda ou levava-mos logo connosco.

Entrevistadora - Porque é que quis seguir uma vida militar?

Manuel - Porque não havia outra coisa. É talvez como agora, mas era quase como agora, empregos não havia e eu fui para a tropa, nunca pensei em seguir mas depois quando estava lá abriu concurso para o quadro e eu concorri e fiquei e agora não estou arrependido.

Entrevistadora - Qualquer um podia entrar na tropa?

Manuel - Sim. Havia a inspeção militar para ir à tropa e inclusivamente iam logo alguns com ideias de seguir para voluntários já com 18 anos e depois iam a concurso e entravam.

Entrevistadora - Nunca pensou seguir outra coisa? Por exemplo ser mecânico ou outra coisa que gostasse mas como foi para o exército não pode seguir.

Manuel - Vamos lá ver eu quando fui para a escola, fiz a quarta classe e depois fui para a escola industrial e em Lagos só havia carpintaria, em Silves mecânica e aqui em Faro era carpintaria e eletricidade parece-me mas depois na escola industrial os meus pais quiseram que eu fosse mais fino e puseram-me no colégio e só fiz o segundo ano da escola industrial que era chamado de ciclo preparatório e fiz lá o segundo ano e depois passei para o segundo ano do colégio porque ou fazia um exame de transição da escola industrial para o colégio e esse exame de transição tinha francês que na escola não se dava e então tinha que vir novamente para o segundo ano e fazia depois o exame e pronto depois segui...não dispensei ao exame porque eu nunca fui um bom aluno, era um aluno médio, inclusivamente chumbei no antigo quinto ano que agra seria o 9º tinha duas secções, ciências e letras e eu chumbei na de letras num ano e no outro ainda chumbei com deficiência a história mas pronto ficou feito o 5º ano e fiquei por aí. Portanto naquela altura só teria carpintaria mas como naquela altura passei para o colégio continuei.

Entrevistadora - Lembra-se de peripécias que fazia nas aulas ou com os colegas?

Manuel - Não, eu era bem comportado. Nunca tive assim problemas. Houve lá uma vez que partiram um vidro no colégio e a diretora mandou chamar lá a minha mãe e disse o Manuel não fez nada porque ele não é capaz disso. Brincávamos uns com os outros mas nunca fiz nada.

Entrevistadora - Vocês brincavam no recreio da escola?

Manuel - Na altura aquilo tinha um quintal relativamente pequeno, era jogar à bola, vá futebol de salão porque aquilo não tinha espaço. O próprio colégio tinha bola ou nós arranjávamos uma coisa qualquer e geralmente era daquelas de hóquei em patins que são duras.

Entrevistadora - Só vocês é que tinham acesso à bola ou outras crianças da aldeia também tinham bolas?

Manuel - O colégio já não foi na aldeia, foi em Lagos. Na aldeia era uma bola de trapos que se arranjava ou quando era a matança do porco a bexiga era bem limpa, enchia-se aquilo de ar e dava para um dia ou dois.

Entrevistadora - Vocês compravam a vossa roupa, mandavam fazê-la, como é que funcionava?

Manuel - Mandava-se fazer porque não havia roupa confeccionada. Quase todas as mulheres sabiam costurar e faziam uns calções ou uma camisa, qualquer coisa, agora é que não sabem nada.

Entrevistadora - Na vossa casa faziam a roupa ou mandavam fazer?

Manuel - Um fato ou isso comprava-se a roupa e mandava-se fazer num alfaiate porque de resto a minha mãe fazia.

Entrevistadora - Ainda tem alguma dessa roupa, alguns calções, alguma blusa?

Manuel - Não!

Entrevistadora - Vocês tinham alguma roupa especifica para o dia, depois para levar para a escola?

Manuel - Na escola usava-se um bibe branco e era calções.

Entrevistadora - Vocês tinham educação física, faziam desporto?

Manuel - Tínhamos lá um ginásio mas estava mais vezes vazio que cheio.

Entrevistadora - O Manuel assistiu à II Guerra Mundial?

Manuel - Sim, tinha 5 anos e não me lembro assim de nada por ai além. Lembro-me de ir à mercearia comprar o azeite, o açúcar ou o bacalhau com senhas.

Entrevistadora - Havia o racionamento dos alimentos?

Manuel - Havia mas o pessoal da aldeia nesse aspeto está melhor que o da cidade, o da aldeia desenrasca-se e sim, havia o racionamento do azeite, etc. E nós nunca tivemos dificuldade é como lhe digo, no campo nesse aspeto estamos melhor servidos que os da cidade. Tínhamos horta, tínhamos lavrador que era de quinto, quatro partes para nós e uma parte para ele.

Entrevistadora - Vocês tinham empregadas em casa?

Manuel - Empregadas por assim dizer, a minha mãe tinha uma mulher que quando era necessário ia lá fazer algum serviço, uma limpeza, lavava a roupa agora empregada propriamente dita a tempo inteiro não tínhamos. Nós naquela altura também não podíamos dizer que erámos pessoas muito ricas, tinha realmente, quer dizer, só tínhamos dinheiro quando se vendiam os produtos. Mas tínhamos porque eu fui estudar para Lagos e a minha mãe comprou-me uma casa lá portanto estávamos mais ou menos agora dizer que erámos ricos, ricos, não era essa riqueza por ai além.

Entrevistadora - Os bens foram passando de geração em geração ou foram os seus pais que construíram de raiz?

Manuel - Não, foram passando de geração em geração.

Entrevistadora - Lembra-se dos seus avôs?

Manuel - Não, uma avó tinha eu três anos quando ela morreu por isso não me lembro e não tenho fotografias deles. Contam-me uma história engraçada que quando a minha

avô morreu estava no caixão e quando ela se foi embora eu disse: então aquela coisa bonita já se foi embora? (RISOS) Geralmente o caixão tem aquela roupa e eu achei bonito naquela altura.

Entrevistadora - Voltando à conversa do casamento e do segundo dia de festa. Vocês depois desse segundo dia de festa voltaram para Faro, ficaram em Almádena algum tempo?

Manuel - Devemos ter ficado por lá porque eu tinha alguns dias de férias e depois é que viemos para Faro.

Entrevistadora - Essa casa era vossa?

Manuel - Não, era alugada. Já estava lá a morar um colega meu, que já morreu, e a outra parte da casa estava vazia e fomos para lá morar. Mas ficámos lá pouco tempo porque o meu colega depois foi para Lagos e nós fomos morar para a penha numa casa nossa que pagávamos renda, na altura 750 contos.

Entrevistadora - Essa primeira casa pagavam a renda ao Exército?

Manuel - Não, era particular.

Entrevistadora - Depois de vocês se casarem o Manuel ficou cá por Faro ou foi cumprir serviço noutra sitio?

Manuel - Eu casei em Abril e em Julho fui nomeado para ir para Tomar e tive lá 3 meses e depois fui para Santa Margarida e depois fomos para as manobras luso espanholas na fronteira. Isto durou tudo até Outubro e depois dão-me ordem que estava mobilizado para ir para o Ultramar. Já tinha vindo do Ultramar em Janeiro de 1966 mas depois em Dezembro tinha de me apresentar em Évora para formar batalhão para depois embarcar para o Ultramar. Nessa altura estava a minha mulher grávida e não foi comigo, ficou na aldeia e depois tivemos uma filha já morta e depois fui para a Guiné em Abril.

Entrevistadora - Foi mas com saudades do que deixava cá.

Manuel - Ora nem mais.

Entrevistadora - Tiveram tão pouco tempo a viver a vida de casados e teve de ir logo.

Manuel - Enquanto o Manuel estava no Ultramar, sabendo que a sua esposa ficou cá, nunca pensou, nunca lhe passou pela cabeça que ela poderia ter outro companheiro ter outra pessoa?

Entrevistadora - Naquela altura não se passava isso, não quer dizer que não havia mas eu tinha confiança nela, não tinha nada para desconfiar e também não era normal essas coisas. Pronto era assim.

Entrevistadora - O Manuel reformou-se com quantos anos?

Manuel - Passei à reserva com 47 anos e faz de conta que passei à reforma, na altura chamava-se reserva e era até aos 70 anos e depois era a reforma. Mas eles alteraram aquilo e só tive 7 anos na reserva e passei logo à reforma.

Entrevistadora - Com quantos anos?

Manuel - À reserva passei com 47 anos.

Entrevistadora - E autorizaram?

Manuel - Na altura autorizavam mas também passado um ano ou dois alteraram e não deixam ninguém passar à reserva.

Entrevistadora - E porque é que saiu do serviço militar?

Manuel - Houve vaga aqui em Faro e eu pedi para vir, aguardei a oportunidade e eu estava em Lisboa na Direção de Serviço Pessoal e deu-se uma segunda vaga e não me colocaram e eu fui lá estar com o chefe o Sr. Brigadeiro e ele disse que eu fazia falta no serviço e não podia sair. Eu como não podia sair dali meti requerimento e sai e acabou. Não estou arrependido por isso só estou contra o que me fizeram, não me deixarem vir para aqui, para Faro.

Entrevistadora - Não lhe custou tomar essa decisão?

Manuel - Custou mas quer dizer não me deixavam vir e eu ir continuar sempre lá em Lisboa e como Major muito menos vinha para aqui. Eu com casa aqui não podia vir e

tinha cá os filhos. E sai e disseram-me logo, quer trabalhar numa firma? E eu disse já agora espere lá um mês ou dois e depois eu logo vou trabalhar. Foi um compadre meu que me convidou para trabalhar num escritório de construção civil e ainda tive lá 10 anos em Almancil, organizava a contabilidade e depois o contabilista fazia, pagava aos funcionários e mais coisas e dei-me lá bem até que ele um dia desconfiou de mim e eu vim-me embora. Graças a Deus não precisa muito daquele dinheiro porque tinha a reforma mas dava jeito e para estar a trabalhar com chatices, não queria, vim-me embora.

Entrevistadora - Há quantos anos está sem ter uma atividade profissional?

Manuel - À 15 anos mas estou bem. Tenho a minha reforma, infelizmente não é uma grande reforma e ainda falam que me querem tirar porque dizem que a gente não descontou tudo. Enfim, são políticas.

Entrevistadora - Há mais alguma coisa que o Manuel queira dizer, que se recorde?

Manuel - Fui ferido no Ultramar por uma mina e parti o pé esquerdo. Não era uma mina era uma armadilha. Mas pronto ficou tudo bem.

Entrevistadora - Não há mais nada que se lembre e que gostava de partilhar?

Manuel - Não, pois não me lembro, eu era muito calminho, era bem comportado, não fazia nada.

Entrevistadora - Então da minha parte é tudo e mais uma vez obrigada por este bocadinho.

ANEXO XVI - Transcrição da 3ª entrevista do Manuel

Entrevistado: Manuel

Entrevistadora: Ana Catarina Gabadinho

Data da entrevista: 19/06/2013

Entrevistadora - Boa tarde Manuel, gostaria que me destaca-se acontecimentos da sua vida, sejam eles bons ou maus, mas que o tenham marcado.

Manuel - Acontecimentos, sei lá, pois o ferimento no Ultramar, na Guiné.

Entrevistadora - Tinha quantos anos?

Manuel - Voltando agora um pouco atrás, tinha 28 anos. Parti o pé esquerdo com uma armadilha, estava lá e arrebitou.

Entrevistadora - Que outros acontecimentos pode destacar que tenham sido importantes para si?

Manuel - O nascimento dos filhos, o casamento...

Entrevistadora - Tinha quantos anos quando a sua primeira filha, a que morreu, nasceu?

Manuel - Tinha 26 anos.

Entrevistadora - Casou-se com quantos anos?

Manuel - Casei-me com 25 anos. Depois o nascimento da segunda filha que foi em 1970 e depois do filho em 1982 e a minha mulher 40 anos. Acho que levei uma vida normal, não tenho assim grandes acontecimentos, não sei, o ir para a tropa em 1961, tinha eu 20 anos e como não haviam empregos na altura fui para a tropa. Pronto e segui a carreira militar, nunca tinha pensado nisso assim mas segui.

Entrevistadora - Foi uma oportunidade que surgiu.

Manuel - É como agora ou pior, pior vamos lá ver, na altura ainda íamos caminhando mesmo com as dificuldades todas, o pessoal já estava um bocadinho assim em cima e caírem era um bocado... na generalidade. Na minha altura não haviam empregos, em relação ao que há agora.

Entrevistadora - Quando foi trabalhar para Almancil, foi para que empresa?

Manuel - Isso foi quando sai da tropa, fui para a Sanalgar, saneamentos do Algarve.

Entrevistadora - Tinha quantos anos quando saiu da tropa e foi para essa empresa?

Manuel - Quando fui para ai tinha 48 anos e sai da tropa com 47.

Entrevistadora - Teve direito a umas férias.

Manuel - Quando sai da tropa não tinha previsto nada, sai porque não me deixaram vir aqui para Faro porque estava em Lisboa, sai em Agosto de 1988, vésperas de fazer os 48 anos e depois fui para Almancil, portanto já com os 48 anos. Estive lá cerca de 10 anos, não chegou bem aos 10 anos mas estive lá cerca disso, sempre com o mesmo patrão. Demo-nos sempre bem até ao último dia.

Entrevistadora - Em que ano entrou aqui na UATI?

Manuel - Em 1999, salvo erro.

Entrevistadora - Tinha quantos anos?

Manuel - Tinha 59 anos.

Entrevistadora - De que forma é que estes acontecimentos ou outros se refletiram em si e na sua esposa, enquanto casal?

Manuel - Portanto o Ultramar foi uma separação ao fim ao cabo porque nós casámos em 1966, logo de seguida fui nomeado para as manobras luso espanholas, houve um bocado de separação mas ela esteve comigo em Tomar e pronto não foi propriamente separação. Acabei as manobras luso espanholas ainda em 1966 e já estava nomeado para ir novamente para o Ultramar, na Guiné em 1967 e ai a separação foi de 2 anos e meio. Foi o tempo que estive lá com o interregno de dois meses.

Entrevistadora - Vinha dois meses a Portugal.

Manuel - Primeiro um mês e depois outro. Um mês em cada ano. Eram as férias anuais, as férias disciplinares. Na altura se houvessem castigos não podíamos ter férias.

Entrevistadora - Eram apenas uns dias de castigo ou logo o mês inteiro?

Manuel - Era o mês inteiro, quer dizer, se fosse um castigo pequenino não fazia mal mas se fossem 10 dias de detenção, já era um bocado pesado e não tinha direito a férias no ano seguinte.

Entrevistadora - E o que era preciso fazer para não ter direito a férias?

Manuel - Qualquer motivo disciplinar em especial...

Entrevistadora - O chegar atrasado por exemplo?

Manuel - Podia ser! O chegar atrasado a uma formatura, quer dizer às vezes a coisa não corria bem e pronto, às vezes dependia dos superiores mas eu nunca tive nenhuns problemas, agora vários colegas meus tiveram e era mesmo chamado de licença disciplinar e tinha que meter requerimento no início do ano para ter direito, sermos autorizados a nova licença e nessa altura se já tivesse o castigo não era deferido o requerimento mas se acontecesse automaticamente era recusado e já não podia ir de férias.

Entrevistadora - Quantas vezes esteve no Ultramar?

Manuel - Três vezes. Na primeira ainda não era casado. Portanto passei a passagem de ano de 1965 para 1966 em alto mar no Vera Cruz e depois casámos em Abril de 1966, portanto já tinha a primeira comissão feita.

Entrevistadora - Depois a segunda comissão também foi no Ultramar na Guiné?

Manuel - Também... Estive lá 30 meses. Foi assim, a primeira comissão foi em Angola de Setembro de 1963 a Dezembro de 1965, a segunda comissão foi no Ultramar na Guiné de Abril de 1967 a Outubro de 1969, 30 meses e a terceira comissão foi em Angola de Abril de 1971 a Abril de 1973.

Entrevistadora - Nesta terceira comissão a esposa foi consigo?

Manuel - Sim foi comigo, quer dizer foi para lá passado em dois meses. Eu fui em Abril e ela foi em Junho.

Entrevistadora - Em qual das comissões a sua esposa não foi consigo?

Manuel - Nas outras. Na primeira era solteiro e na segunda embora fossemos casados ela não me acompanhou e na terceira foi comigo.

Entrevistadora - Nesta segunda vez, que a sua esposa não o acompanhou como é que namoravam?

Manuel - Aerogramas, nem telefone havia. Quer dizer onde eu estava com ligação direta não havia.

Entrevistadora - Havia facilidade em enviar os aerogramas, chegavam dentro do tempo previsto?

Manuel - Quer dizer às vezes levavam uns diazinhos.

Entrevistadora - Diga-me uma coisa, vocês para além de estarem a cumprir missão também tinha tempo de lazer?

Manuel - Tínhamos. À noite e de dia quer dizer, eu não estive nos piores lugares da guerra, em especial na Guiné, talvez até tenha estado nos melhores independentemente de termos tido um ataque ao quartel, mas de resto quer dizer, a guerra que nós passámos, ninguém faz ideia dos sacrifícios que nós passávamos lá. Havia fome, mas isso era fácil de resolver o problema, tirava-se uma bolacha da reserva da ração e comia-se, mas não a conseguíamos engolir. Era natural, a garganta apertava-se à medida que o tempo passava, e quando há dois dias apenas se comiam bolachas era possível que elas não se apresentassem como um manjar apetitoso. Água boa? Talvez no próximo charco agente conseguisse encontrar alguma, suja, nojenta, mesmo assim refrescava. Primeiro bebíamos e só depois nos lembrávamos que devíamos ter posto os comprimidos para a esterilizar. O cantil já estava seco há muito, paciência. Ninguém falava, apenas se ouvia o ritmo compassado das botas percorrendo o trilho sinuoso através da selva. Andávamos sempre em frente. Alguns soldados perdiam-se em sonhos de futuro. Ai, quando voltar à

terra hei de fazer isto e aquilo. Ilusões. A maioria não pensava em nada, naquela situação também não interessava, tudo perdia qualquer significado, só importava continuar até ao fim. Havia uns que se apoiavam nas espingardas como se fossem bordões, sempre ajudava um pouco. Às vezes só apetecia deitar fora toda a tralha que se levava às costas e que constituía um peso infernal para as poucas forças que nos restavam. No mato quando caia a noite a manta fazia sempre muito jeito e sabia bem o aconchego. Tantas vezes que a nossa cama civil, nos era lembrada, mas o que nos esperava era um pouco de capim. As barbas ficavam enormes, caras sujas, olhos encovados pelo cansaço... e pronto eram assim quase todos os dias. É assim, quer dizer, tínhamos dias de sacrifício, de marchas, de serviço, ataques, qualquer coisa mas depois também haviam dias que não fazíamos nada. Por isso é que digo, o pessoal que fica cá não faz ideia dos sacrifícios que muitas vezes fazíamos. Portanto as pessoas não fazem ideia dos sacrifícios que realmente se passa, mas pensam que realmente passámos mais sacrifícios do que se passava, pronto haviam exceções...

Entrevistadora - Nestes sítios haviam cafés, locais onde se podiam juntar todos?

Manuel - Depende dos lugares, na primeira comissão em Angola, próximo do quartel havia uma sanzala, uma localização, agora cafés e restaurantes não haviam. Tínhamos a nossa cantina que era mais barato do que ir lá fora e estávamos mais seguros. Depois na segunda parte da primeira comissão, era só para trabalhar não havia lá ninguém, nem preto nem branco, homens eram os tropas e mulheres não haviam nenhuma. Estivemos lá um ano.

Entrevistadora - Vocês foram a essa sanzala?

Manuel - Sim, íamos.

Entrevistadora - Haviam lá mulheres?

Manuel - Claro.

Entrevistadora - Os seus colegas tinham relações com as mulheres?

Manuel - Havia. Uns si, outros não, mas sim havia. Quer dizer quando tive nessa segunda parte da primeira comissão, estávamos completamente isolados, tínhamos uma

coluna que fazia de abastecimento, íamos buscar as coisas a Nambuogongo, que era muito conhecido era uma das principais terras, mas quando íamos lá portanto haviam colunas que passavam por outro quartel que era em Quixico e havia uma fazenda em que tinha trabalhadores, homens e mulheres e haviam bichas para serem servidos.

Entrevistadora - Uma mulher para vários homens?

Manuel - Pois. Era como digo, faziam fila.

Entrevistadora - Haviam homens casados que recorriam a essas mulheres?

Manuel - Sim casados e solteiros que recorriam a essas mulheres. Eu nunca lá fui!

Entrevistadora - Aqueles que iam, teve conhecimento de alguém que tenha apanhado alguma doença?

Manuel - Não. Havia esse medo mas não tenho conhecimento disso.

Entrevistadora - Existe a possibilidade de eles terem filhos lá?

Manuel - Nessa comissão talvez não mas quando estive na Guiné, haviam mais populações junto dos quartéis e enquanto nós lá tivemos não nasceram mas sim havia.

Entrevistadora - Muitos adultos que estão lá têm o pai português cá.

Manuel - Sim e muitos preferem dizer que têm filhos portugueses do que cubanos.

Entrevistadora - Vocês tinham acesso a revistas pornográficas?

Manuel - Sim apareciam. Apareciam porque as famílias mandavam ou amigos porque lá não haviam, não dava para comprar.

Entrevistadora - Teve acesso a essas revistas?

Manuel - Então quando apareciam via-se.

Entrevistadora - Mas via só de ver ou via e...

Manuel - Então via para ver claro.

Entrevistadora - Masturbava-se?

Manuel - Bem claro! Mas isso com revista ou sem revista...

Entrevistadora - Não me chegou a responder, de que forma é que estes acontecimentos, não só estes, entre vocês casal, seja o falecimento da filha, ou a doença da segundo se refletiu em vós enquanto casal?

Manuel - Fomos ultrapassando, os maus fomos ultrapassando, faz parte da vida mas nunca tivemos problemas de culpar um ou outro por qualquer coisa, nunca tivemos problemas, felizmente damo-nos bastante bem, zangar por zangar não, problemas que houveram foram para resolver.

Entrevistadora - Nunca sentiram a necessidade de se afastarem para resolver os problemas?

Manuel - Não.

Entrevistadora - Descreva-me como foi ser pai aos 42 anos.

Manuel - Foi bom, então. Calhou assim e ela teve um pouco mais de dificuldade em aceitar que estava grávida mas não houve problemas mesmo com a outra filha que já tinha 12 anos. Primeiro não queria ter irmãos porque o que os pais tinham tinha de ser dividido para dois e se fosse ela sozinha já não tinha. Mas depois aceitou e foi ela mesmo que conversou com a mãe e lhe deu mais coragem e foi a partir dai que ela aceitou a gravidez. Depois dai para a frente aceitou melhor.

Entrevistadora - O facto de ter sido pai já mais tarde, aos 42 anos, fez com que fosse um pai mais protetor, meticoloso?

Manuel - Não, sempre me dei bem com os meus filhos e nem faço diferença entre um e o outro. Não gosto de um mais que o outro.

Entrevistadora - Como é que soube que o problema que tem é disfunção erétil?

Manuel - Porque foi faltando e cada vez tinha menos.

Entrevistadora - Como é que soube que era este o termo?

Manuel - Ah isso já sabia, é normal. São coisas, vamos lá ver os animais também ninguém lhes ensina, não sabem é os nomes mas sabem tudo como a gente, ao fim ao cabo ninguém nos ensinava a fazer os atos. É por conta própria.

Entrevistadora - Sabendo que era este o problema que tinha e sabendo que há tratamento porque é que recorreu a um médico para tratar?

Manuel - Acho que não valia a pena, aceitei, é normal da idade, não me preocupei com isso.

Entrevistadora - Chegou a existir algum momento em que o Manuel quisesse ter uma relação sexual mas pelo facto do pénis não ter uma ereção o ter deixado triste, aborrecido?

Manuel - Pois não é com satisfação mas aceita-se.

Entrevistadora - Como é que a sua esposa encarou o momento de a sua esposa estar apta para fazer e depois o Manuel não conseguir das resposta?

Manuel - Ela até certo ponto já tem menos desejo que eu e então talvez aceita-se melhor não haver, pronto.

Entrevistadora - E para si, enquanto homem, que consequências é que trouxe a disfunção erétil?

Manuel - Nenhuma, só o facto de não ter prazer pronto mas assim consequências de maior não. Já sabe que com a idade as coisas vão alterando, todo o nosso sistema vai alterando.

Entrevistadora - Independentemente de não conseguir ter uma ereção, presentemente ainda gostava de ter relações sexuais?

Manuel - Sim, desejo tenho, agora não vai.

Entrevistadora - Como é que combate o desejo?

Manuel - Com abraços, beijinhos e não sei quantos.

Entrevistadora - Sente-se realizado, sente-se satisfeito ou sentir-se-ia mais satisfeito se tivesse uma relação sexual?

Manuel - Com certeza sentir-me-ia mais satisfeito mas pronto, não há. Não me sinto mal, ao fim ao cabo.

Entrevistadora - Durante as gravidezes da sua esposa, vocês tinham relações sexuais?

Manuel - Não propriamente quando estava grávida, quer dizer no principio sim mas quando a barriga estava maior não.

Entrevistadora - Sentiram necessidade de adaptar a posição?

Manuel - Sim, conforme fosse a maneira mais fácil de fazer.

Entrevistadora - Durante as gravidezes da sua esposa, como é que foi o desejo sexual, foi aumentando, foi diminuindo?

Manuel - Quer dizer, como havia mais espaço aumentava o desejo.

Entrevistadora - Espaço maior, como assim?

Manuel - Entre cada sessão.

Entrevistadora - Chegaram a recorrer a lubrificantes já depois da menopausa/andropausa?

Manuel - Não.

Entrevistadora - Atualmente como é que vocês namoram?

Manuel - Pois namoramos os dois, com as carícias, conversando, mexendo pronto.

Entrevistadora - Quando fala em carícias, são de que índole?

Manuel - Sexuais.

Entrevistadora - Existe estimulação genital?

Manuel - Sim um bocadinho.

Entrevistadora - Bem da minha parte é tudo, há alguma coisa que gostaria de acrescentar?

Manuel - Não, pois já disse tudo, obrigada eu.

ANEXO XVII - Transcrição da 4ª entrevista do Manuel

Entrevistado: Manuel

Entrevistadora: Ana Catarina Gabadinho

Data da entrevista: 1/07/2013

Entrevistadora - Gostaria que o Manuel me falasse dos seus pais, como é que os caracteriza.

Manuel - A minha mãe era uma pessoa carinhosa e bastante trabalhadora. O meu pai era analfabeto e a minha mãe tinha a terceira classe que na altura era muito e para a aldeia ainda era mais. Eram agricultores, a minha mãe era doméstica, fazia o serviço da casa e o meu pai tinha uma profissão que já não existe, era proprietário, pagava as suas contribuições, não eram pobres, pode-se dizer que os irmãos tanto da minha mãe como do meu pai todos viviam bem, não tinham dificuldades, pode-se considerar que viviam bem. Rica sem grandes fortunas e pronto foram bons pais.

Entrevistadora - Eles já faleceram?

Manuel - Sim, o meu pai faleceu em 1971 e a minha mãe em 1976.

Entrevistadora - Por doença?

Manuel - Pronto, o meu pai faleceu tinha 81 anos, era diabético mas pronto pode-se dizer que morreu por velhice ainda que não se considerasse muito velho e a minha mãe também, ela faleceu 5 anos depois do meu pai e tinham 9, 10 anos de diferença. Ela faleceu com 75 anos. Pronto.

Entrevistadora - Como era a relação com os seus pais?

Manuel - Era muito boa.

Entrevistadora - Dava-se melhor com o pai, com a mãe, com ambos.

Manuel - Nunca tive problemas. Fui único sempre, dei-me sempre bem com eles, num meio atrasado como era na aldeia eu tinha o privilégio de ter os meus pais sempre para

tudo, que era um grande escândalo na altura porque eu tratava-os por tu mas sempre tive muito respeito por eles. Agora não, os pais inclusivamente tratam os meninos por senhor, quer dizer é um bocadinho a mais.

Entrevistadora - Quando o Manuel soube da imposição da mãe da sua esposa relativamente ao vosso namoro, qual a sua reação?

Manuel - Foi aguentar. Nunca recuámos com o namoro, continuámos e ainda bem para mim e para ela.

Entrevistadora - Notava que o trato da mãe para com vocês não era igual?

Manuel - Para mim nunca foi um grande trato, nunca deixou de haver, não era costume andar na casa um do outro, ah quer dizer eu propriamente não tenho nada que dizer da minha sogra mas sei que ela depois, mesmo antes e depois de casados sacrifica a filha por tudo e por nada quando eu não estou ao pé. Ela agora também vai envelhecendo e eu agora também tenho sido um bocadinho mais forte ultimamente para ela, não posso dizer que me dou mal com ela.

Entrevistadora - A sua sogra ainda agora fala consigo, como é a vossa relação?

Manuel - É compadre, comadre, mais nada.

Entrevistadora - Nada de muito afeto?

Manuel - Não pois ela também para as filhas nunca teve muito afeto. Tanto com uma como com a outra mas menos para esta. O meu sogro não, o meu sogro era amigo mesmo das pessoas, não só meu mas das pessoa no geral, as crianças para ele eram uma maravilha. Ele encontrava 25 tostões e depois dizia que perdia e depois os moços tinham que andar à procura e ele depois encontrava e aquilo era uma festa sempre.

Entrevistadora - Gostaria que o Manuel me falasse do falecimento da sua filha e de que forma este acontecimento o marcou.

Manuel - Pois custa, estamos à espera do 1º filho e depois faltou, pois enfim... o médico disse que a ciência estava avançada mas que ainda não estava o suficiente. Pronto,

tivemos de superar a falta, não sabíamos, mas tínhamos a alegria e a esperança de o ter e depois não tivemos.

Entrevistadora - E o facto de ter ido para a segunda comissão, ter deixado a sua esposa aqui depois desse acontecimento menos bom, o facto de ter ido para a Guiné e ter deixado a sua esposa cá, como é que lidou com isso?

Manuel - Tínhamos de aguentar, pronto eram as saudades, era dor que ambos sentíamos e sozinhos seria pior mas pronto, era a vida. Isto aconteceu em Fevereiro e eu fui depois para a Guiné em Abril.

Entrevistadora - Como é que os dias iam passando? Passavam mas sempre pensando no que tinha acontecido cá?

Manuel - Pois, tínhamos de pensar lá e cá. Tudo passa...

Entrevistadora - Como é que o Manuel encarou o facto da Maria não o acompanhar na 1ª comissão enquanto solteiros e na 2ª já casados?

Manuel - As coisas têm de ser e têm muita força, primeiro pois erámos solteiros, ela não podia ir, a segunda erámos casados e para a Guiné também não podia ir a não ser que ficássemos em Bissau e havia 1% das possibilidades de ficar em Bissau por isso era impossível ela ir, não havia hipóteses, era o que tinha de ser.

Entrevistadora - Como é que vocês combatiam as saudades?

Manuel - Escrevíamos aerogramas todos os dias ou quase todos os dias, não sei falhavam alguns dias e depois vinham todos juntos.

Entrevistadora - Falavam do que? De como estava a ser a guerra, como é que ela estava em Portugal?

Manuel - Pois, lá perguntava-se o que se passava cá e lá o que se passava aqui. Tinha de ser assim. Agora é que, embora quanto a mim acho que é uma causa pior os nossos soldados irem para os outros países fazer a guerra, na nossa altura acho que era uma causa mais plausível do que agora os soldados terem de ir fazer a guerra, embora seja um contexto mais ampliado mas enfim... pronto aguentava-se e ia-se e vinha-se, tudo

bem, mas custava porque nós ficávamos 2 anos e eles agora ficam 6 meses e dizem ai Jesus que estou 6 meses fora. O tempo lá às vezes passava rápido, outras vezes não. Fazíamos um mapa com cruzinhas e púnhamos lá os 365 ou os 600 e tal dias e íamos cortando. É claro que os últimos dias eram sempre os piores, os mais compridos. Mas quase todos tínhamos lá um mapazito, soldados, sargentos, oficiais...

Entrevistadora - Ainda que o Manuel não tenha procurado uma solução ou um tratamento para a disfunção erétil, quando foi ao médico de família, por outra razão qualquer, chegou a colocar alguma questão sobre o problema, chegou a falar sobre isso?

Manuel - Não falei pronto.

Entrevistadora - Não procurou porque não quis?

Manuel - Não procurei porque não quis e acho que os medicamentos para isso, embora sejam bons por um lado são prejudiciais para outro, para a hipertensão arterial e eu sou hipertenso.

Entrevistadora - Não chegou a ter aconselhamento nesse aspeto?

Manuel - Não, não.

Entrevistadora - Procurou na internet informação?

Manuel - Não, eu mais ou menos estou informado e eu sei que não havia grande conveniência disso.

Entrevistadora - Nunca sentiu pressão por parte da sua esposa para conseguir ter uma ereção?

Manuel - Não, nada disso.

Entrevistadora - Se o Manuel presentemente conseguisse ter uma ereção e consequente penetração sentir-se-ia mais realizado?

Manuel - Talvez, não posso dizer que sim, já lá vai tanto tempo e está tudo bem.

Entrevistadora - Ainda tem a preocupação de se arranjar ou pôr mais bonito em determinadas alturas para a sua esposa?

Manuel - Não, nunca me preocupei com isso, sou o que sou. Quer dizer, não gosto de andar mal arranjado mas ter vaidade...qualquer coisa serve. Ela às vezes é que diz, olha não vistas isso que não fica bem e eu pronto faço a vontade.

Entrevistadora - Vestir de propósito para a agradar não?

Manuel - Não, eu sou boa figura. (RISOS)

Entrevistadora - Gostaria que a sua esposa utilizasse uma lingerie diferente?

Manuel - Não. É tudo à vontade dela. Ela também não é de exageros de roupas e a não ser que fosse assim uma coisa que desse muito nas vistas... mas não, nunca tive problemas em que ela mostra-se mais um bocadinho a perna ou menos um bocadinho, não tenho esses ciúmes desse aspeto, se calhar tenho os ciúmes naturais do amor, mais nada.

Entrevistadora - Já sei que fizeram as bodas de prata, conte-me como foi.

Manuel - Fomos à igreja da Sé e foi o Padre Henrique que nos pôs as alianças e foram os meus filhos. Já foi há tanto tempo que não me lembro. Devemos ter partido um bolo e demos uma prenda a cada um, é o que costumamos fazer nos anos, no natal, assim em ocasiões mais especiais porque nós já temos tantas coisas que não é preciso mais nada.

Entrevistadora - Manuel da minha parte é tudo e muito obrigada por este bocadinho.

Manuel - Obrigada eu, se precisar de alguma coisa esteja à vontade.

ANEXO XVIII - Diários de campo

Diário de campo nº 1

Data: 19 de setembro de 2012

Local: Universidade do Algarve para a Terceira Idade

1ª visita à Universidade do Algarve para a Terceira Idade

No dia 19 de setembro de 2012 (quarta-feira) pelas 10 horas e 15 minutos dirigi-me à Universidade do Algarve para a 3ª idade (UATI). A sede da UATI situa-se na Praceta Sagueiro Maia, Bloco J – r/c, perto do Hospital Distrital de Faro.

Aquando da minha chegada às instalações da Universidade aguardei um pouco até que alguém me atendesse. Posteriormente a secretária da instituição veio ter comigo e apresentei-me. Referi que era aluna da Universidade do Algarve, do 2º ano do Mestrado em Educação Social, que estava a desenvolver uma investigação intitulada de Sexualidade na Terceira idade – Um Estudo de Caso e que com este trabalho de investigação propunha contribuir de alguma forma, para um melhor conhecimento e compreensão da vivência e expressão da sexualidade da população idosa e pretendia responder à questão: Como é vivenciada a sexualidade nos homens e nas mulheres com idade igual ou superior a 65 anos?

Deste modo, foi comunicado que numa primeira parte da dissertação de mestrado, na revisão da literatura, sob a ótica de diversos autores seria efetuada uma evolução do conceito de envelhecimento. Posteriormente e, considerando que a investigação proposta segue uma metodologia no quadro do paradigma de investigação interpretativo, numa segunda parte da dissertação, na metodologia de investigação seriam apresentadas as características deste paradigma. Seguidamente seria feita uma abordagem teórica à investigação qualitativa, incidindo particularmente no método: estudo de caso e seria efetuada uma descrição dos participantes da investigação e dos procedimentos éticos que iriam ser adotados. Foi ainda mencionado que o trabalho de campo iniciar-se-ia com as notas de campo, passando pela realização de entrevistas exploratórias. Posteriormente, depois de analisado o conteúdo das respetivas entrevistas seria elaborada uma narrativa biográfica com os episódios mais significativos.

Após a explicação expressei o desejo de utilizar como público para a minha investigação um casal aluno da UATI. Com uma disponibilidade e simpatia extraordinária, a secretária da instituição proferiu que iria expor o caso à direção e que à partida não haveria qualquer problema em desenvolver a minha investigação em parceria com a UATI.

Disponibilizei-me a esclarecer qualquer dúvida que eventualmente pudesse surgir. Não considerei pertinente marcar mais nenhuma sessão visto que me encontrava na fase inicial do trabalho.

Para um primeiro contacto não é possível dizer como está a decorrer a investigação, apenas posso exprimir o desejo de que tudo corra pelo melhor. Com força de vontade e trabalho espero atingir os objetivos delineados.

Diário de campo nº 2

Data: 22 de novembro de 2012

Local: Universidade do Algarve para a Terceira Idade

Marcação de encontro com os participantes

Com o propósito de marcar um encontro com o casal utente da Universidade do Algarve para a Terceira Idade, na data de 22 de novembro do ano de 2012 (quinta-feira), pelas 17 horas e 35 minutos dirigi-me à referida instituição. A secretária recebeu-me com amabilidade e disponibilizou-me um horário escolar que foi analisado em conjunto. Considerando que o casal tem aulas às terças e quartas-feiras achei melhor agendar o encontro para uma quarta-feira. Em última instância foi-me referido que entrariam em contacto comigo a fim de confirmar a reunião.

Sem mais a acrescentar, disponibilizei-me desde logo a responder a qualquer dúvida que surgisse.

Diário de campo nº3

Data: 28 de novembro de 2012

Local: Universidade do Algarve para a Terceira Idade

Primeiro encontro informal com os participantes

Na data de 28 de Novembro do ano de 2012 (quarta-feira) e com o propósito de conhecer o casal utente da Universidade do Algarve para a Terceira Idade, pelas 16 horas e 30 minutos desloquei-me à instituição supramencionada.

Realce-se, em primeira instância, que este encontro revelou-se fundamental para dar a conhecer a entrevistadora, apresentar o objeto de estudo, solicitar autorização para gravar a entrevista, garantindo deste modo o anonimato dos entrevistadores, e referir que a informação recolhida através das entrevistas seria disponibilizada à posteriori.

Permitiu igualmente que o casal tomasse conhecimento e assinasse o protocolo de consentimento informado. Neste sentido, o casal compreendeu que a sua participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para os mesmos. Perceberam, ainda, que toda a informação obtida neste estudo é estritamente confidencial e que as suas identidades nunca serão reveladas em qualquer outro trabalho, ou a qualquer pessoa não relacionada diretamente com este estudo, a menos que o autorizem por escrito. Deste modo, com uma disponibilidade e simpatia extraordinárias, o casal considerou a temática da investigação muito interessante e aceitou participar no estudo.

Assim, após realizadas as apresentações e findado o encontro, deu-se por concluída a minha visita à Universidade do Algarve para a Terceira Idade.

Entre boa disposição e seriedade, ficou o compromisso de agendar um encontro com o intuito de recolher a informação necessária à prossecução do trabalho de investigação.

Diário de campo nº 4

Data: 14 de fevereiro de 2013

Local: Universidade do Algarve para a Terceira Idade

1ª entrevista efetuada ao Manuel

Dirigi-me à Universidade do Algarve para a Terceira Idade na data de 14 de fevereiro de 2013 pelas 15 horas e 30 minutos com o objetivo de recolher a informação necessária à evolução do trabalho de investigação. Considerando que o Manuel desempenha funções na instituição quando cheguei ele já se encontrava no local. Terminadas as saudações iniciais avançámos para o escritório do entrevistado e depois de instalados pedi autorização para gravar a entrevista, tendo o mesmo respondido afirmativamente. De seguida e já com a conversa a ser gravada foram explicitados os objetivos da investigação destacando desde logo que o contributo do entrevistado era de extrema importância. Ainda que, no primeiro encontro efetuado com os participantes, já tenha sido realizada a apresentação da entrevistadora, considerei pertinente fazê-la uma vez mais. De seguida e à medida que a conversa assim o permitia foram sendo introduzidas as questões previamente definidas no guião de entrevista exploratória e novas questões permitindo deste modo que o entrevistado tivesse uma melhor compreensão de alguns assuntos que estavam a ser mencionados.

Notou-se naturalidade e abertura para falar nas questões relativas à sexualidade na terceira idade.

Finalizada a entrevista foi agradecida a disponibilidade e ficou a promessa de marcar um encontro ou enviar por mensagem eletrónica a transcrição da entrevista.

Diário de campo nº 5

Data: 18 de fevereiro de 2013

Local: Universidade do Algarve para a Terceira Idade

1ª entrevista efetuada à Maria

Na data de 18 de fevereiro de 2013 e com o objetivo de recolher a informação necessária à evolução do trabalho de investigação, pelas 15 horas e 30 minutos desloquei-me às instalações da Universidade do Algarve para a Terceira Idade. A Maria já se encontrava no local recebendo-me de forma bastante agradável. Findadas as saudações iniciais avançámos para uma sala contígua e depois de bem instaladas foi feita uma primeira questão à entrevistada, se a conversa poderia ser gravada, tendo a mesma respondido afirmativamente. Posteriormente e já com a conversa a ser gravada foram explicitados os objetivos da investigação salientando desde logo que o contributo da entrevistada era de elevadíssima importância. Depois de ter sido feita uma breve apresentação da entrevistadora e à medida que a conversa assim o permitia foram sendo introduzidas as questões previamente definidas no guião de entrevista exploratória e novas questões permitindo deste modo que a entrevistadora tivesse uma melhor compreensão de alguns assuntos que estavam a ser mencionados.

Destaque-se que a postura da entrevistada pautou-se pela boa disposição, foram soltados bastante risos durante o tempo que decorreu a entrevista, colaboração e acima de tudo naturalidade e abertura para falar de determinados assuntos que à partida poderiam suscitar algum desconforto, nomeadamente sobre a Sexualidade na Terceira idade.

Finalizada a entrevista foi agradecida a disponibilidade e ficou a promessa de marcar um encontro ou enviar por mensagem eletrónica a transcrição da entrevista.

Diário de campo nº 6

Data: 9 de maio de 2013

Local: Universidade do Algarve para a Terceira Idade

2ª entrevista efetuada à Maria

Encontrei-me com a Maria, a entrevistada, nas instalações da Universidade do Algarve para a Terceira idade no dia 9 de maio de 2013 às 16h00. Quando lá cheguei, aguardei a sua presença na sala de espera da UATI. Comigo levei um gravador e um bloco de notas para registar algumas observações que permitiam complementar a entrevista gravada. Aguardei alguns instantes até que Maria chegasse. A Maria chegou alguns minutos depois, sentou-se e descansou um pouco pois tinha vindo a pé do seu local de residência. Antes de procedermos à entrevista ficámos um pouco na conversa e dado o avançar da hora decidimos dar início a entrevista. Anteriormente, por via telefónica, tinha-lhe pedido que levasse objetos que de alguma forma tenham marcado o seu crescimento, desde álbuns de fotografias, cartas, diários, entre outros. Apenas trouxe um álbum, por sua vez, bastante antigo e a partir daí desenrolou-se a entrevista. Ao longo da entrevista, procurei colocar algumas questões abertas, às quais a Maria foi respondendo de forma livre e sem qualquer constrangimento. A entrevistada mostrou-se muito disponível e comunicativa, descrevendo alguns acontecimentos ao pormenor incluindo sobre a sua sexualidade.

No final da entrevista fomos novamente para a sala de espera onde ficámos a conversar durante mais uns instantes, nomeadamente sobre as próximas entrevistas.

Diário de campo nº 7

Data: 13 de maio de 2013

Local: Universidade do Algarve para a Terceira Idade

2ª entrevista efetuada ao Manuel

No dia 13 de maio de 2013 encontrei-me com o Manuel às 16h00 para efetuar a entrevista. Quando cheguei às instalações da UATI ele já se encontrava no local. De igual modo, por via telefónica, tinha-lhe solicitado que levasse objetos que de alguma forma tenham marcado o seu crescimento, desde álbuns de fotografias, cartas, diários, entre outros. Importa sublinhar que o entrevistado mostrou-se muito disponível contudo, uma das dificuldades com as quais me deparei ao longo desta entrevista, foi o facto de o Manuel não ter levado nenhum objeto e ter um discurso pouco articulado e muito pausado, o que levou a que o conteúdo da entrevista fosse, por vezes, algo repetitivo. Após o término da entrevista ficámos mais alguns minutos na conversa até que a sua esposa chegou e foram ambos para casa.

Diário de campo nº 8

Data: 19 de junho de 2013

Local: Universidade do Algarve para a Terceira Idade

3ª entrevista efetuada à Maria - Questões de aprofundamento

Encontrei-me com a Maria, a entrevistada, para proceder à 3ª entrevista, na Universidade do Algarve para a Terceira Idade no dia 19 de junho pelas 15 horas. Cheguei sensivelmente 20 minutos antes da hora marcada e enquanto esperava pela entrevistada considerei pertinente analisar uma vez mais o guião de entrevista e estabelecer mentalmente outras questões que pudessem vir a ser pertinentes. Este encontro serviu essencialmente para recolher informações, mais detalhadas, que embora já tivessem sido abordadas em encontros anteriores viriam a ser fundamentais para a prossecução do trabalho de investigação. Aquando da chegada da Maria cumprimentamo-nos e sem mais demoras passámos à entrevista visto que a mesma ainda ia fazer voluntariado ao hospital. Verificou-se que a Maria demonstrou algum desconforto quando foram colocadas algumas questões sobre a mãe, sendo bastante breve e desviando o assunto sempre que podia. Findada a entrevista ficou logo agendado um novo encontro, no mesmo local, para proceder à apresentação do quadro cronológico de acontecimentos e consequente análise e atribuição de um valor, numa escala de satisfação de 1 a 5.

Diário de campo nº 9

Data: 19 de junho de 2013

Local: Universidade do Algarve para a Terceira Idade

3ª entrevista ao Manuel - Questões de aprofundamento

Encontrei-me com o Manuel, o entrevistado, para proceder à 3ª entrevista, na Universidade do Algarve para a Terceira Idade no dia 19 de junho pelas 17 horas e 40 minutos. Como o entrevistado já se encontrava na instituição desloquei-me até ao seu escritório e iniciámos a entrevista. Com bastante à-vontade, o Manuel respondeu a tudo o que lhe foi pedido, juntando um pouco de humor à conversa. Esta sessão deu para clarificar e aprofundar alguns assuntos que nas sessões anteriores não haviam ficado suficientemente perceptíveis. Terminada a entrevista agendou-se um novo encontro para proceder à apresentação do quadro cronológico de acontecimentos e consequente análise e atribuição de um valor, numa escala de satisfação de 1 a 5.

Diário de campo nº 10

Data: 1 de julho de 2013

Local: Universidade do Algarve para a Terceira Idade

4ª entrevista efetuada à Maria - apresentação do quadro cronológico de eventos e respetiva classificação.

No dia 1 de julho de 2013 pelas 15h00 fui até à Universidade do Algarve para a Terceira Idade com o objetivo de efetuar questões de aprofundamento sobre o tema da sexualidade na Terceira idade e apresentar um quadro cronológico de eventos, resultado da análise das outras entrevistas efetuadas à Maria. Com este quadro pretendia-se que a entrevistada numa escala de 1 a 5, de Muito Mau a Muito bom classifica-se os eventos. Depois de mostrado o quadro, procedeu-se à correção de algumas datas e consequentes idades que a Maria teria nos eventos. De seguida foram explicados os eventos um por um e verificou-se que a entrevistada compreendeu-os bem. Foi explicado que a partir do quadro cronológico e consequente classificação dos eventos se iria proceder à elaboração de um biograma.

Terminada a sessão ficou o compromisso de nos encontrarmos novamente para que pudesse ser entregue à Maria o quadro cronológico de eventos e respetivo biograma.

Diário de campo nº 11

Data: 1 de julho de 2013

Local: Universidade do Algarve para a Terceira Idade

4ª entrevista efetuada ao Manuel - apresentação do quadro cronológico de eventos e respetiva classificação.

No dia 1 de julho de 2013 pelas 15h40 encontrei-me com o Manuel com o objetivo de efetuar questões de aprofundamento sobre o tema da investigação e apresentar um quadro cronológico de eventos, resultado da análise das outras entrevistas efetuadas ao entrevistado. Com este quadro pretendia-se que o Manuel numa escala de 1 a 5, de Muito Mau a Muito bom classifica-se os eventos. Depois de mostrado o quadro, procedeu-se à correção de algumas datas e consequente idade que o Manuel teria nos eventos. De seguida foram explicados os eventos um por um e verificou-se que o entrevistado compreendeu-os bem. Foi explicado que a partir do quadro cronológico e consequente classificação dos eventos se iria proceder à elaboração de um biograma. Atente-se que o Manuel ficou um pouco triste quando lhe foi pedido que classifica-se o evento, falecimento da 1ª filha.

Terminada a sessão ficou o compromisso de nos encontrarmos novamente para que pudesse ser entregue ao Manuel o quadro cronológico de eventos e respetivo biograma.